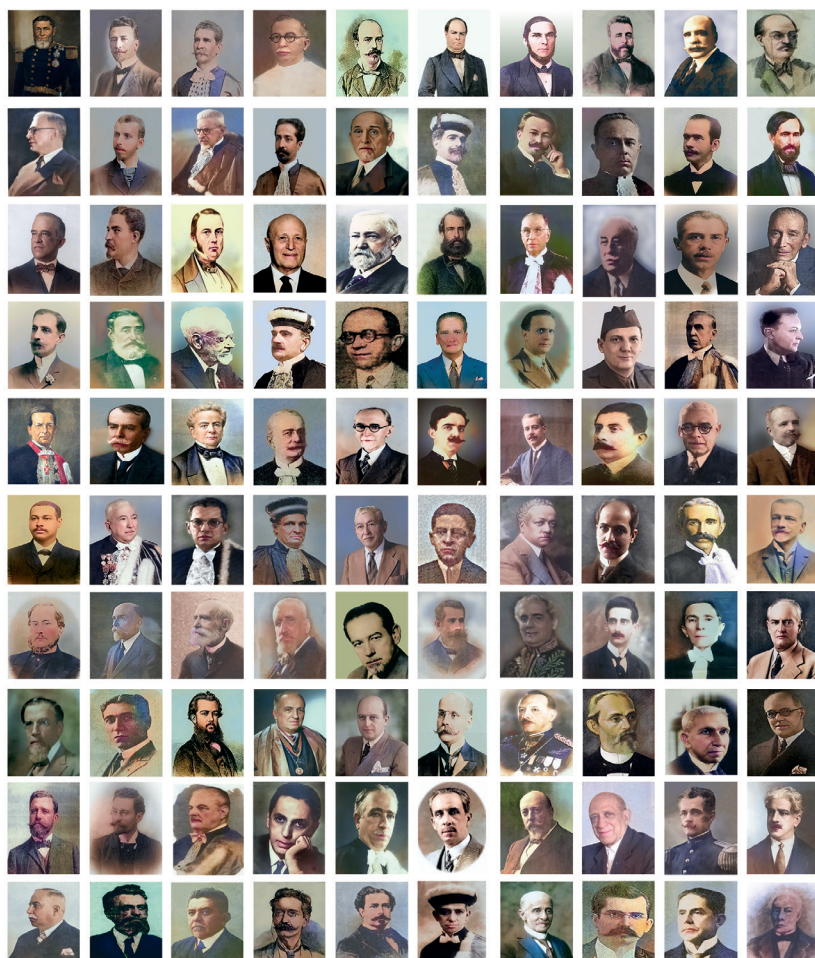




Os Patronos

da Academia Nacional de Medicina



Acadêmico
Francisco J.B. Sampaio

A história da Academia Nacional de Medicina confunde-se com a história da Medicina no Brasil, e é parte integrante e atuante na evolução da prática médica país. Fundada sob o reinado do imperador D. Pedro-I, em 30 de junho de 1829, sob o título de Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro. Por decreto da Regência Imperial de 1835 foi adotada pelo governo para instituto oficial com o nome de Academia Imperial de Medicina, com a finalidade de responder às perguntas do governo sobre tudo o que interessar à saúde pública, e contribuir para o desenvolvimento e progresso em geral da Medicina e Ciências Correlatas.

Com a maioria do Imperador D. Pedro II, este tornou-se o maior patrono da Casa, e durante 50 anos frequentou as suas Sessões e presidiu as solenidades da Academia. A cadeira na qual se sentava existe até hoje em nosso Salão Nobre. Com enfermidade já avançada, no dia 30 de julho de 1889, presidiu pela última vez a Sessão de Aniversário da Academia. Com o advento da República, a Casa recebeu o título de “Academia Nacional de Medicina”.

A Academia é constituída de Membros votantes Titulares e Eméritos que ocupam 100 Cadeiras, possui ainda Membros Honorários e Membros Correspondentes. Desde sua criação, há 194 anos, existiram cerca de 684 Membros-Titulares.

Desde a sua fundação, seus membros se reúnem toda quinta-feira para discutir assuntos médicos da atualidade, numa sessão aberta ao público. Esta reunião faz da Academia Nacional de Medicina a mais antiga e única entidade científica dedicada à saúde a reunir-se regular e ininterruptamente por tanto tempo. A Academia também promove congressos nacionais e internacionais, cursos de extensão e atualização e, anualmente, durante a sessão de aniversário e distribui prêmios para médicos e pesquisadores não pertencentes aos seus quadros.



Os Patronos

da Academia Nacional de Medicina

Acadêmico
Francisco J.B. Sampaio

Copyright © - 2023 - Academia Nacional de Medicina (ANM)

ISBN 978-65-87646-02-2 (Impresso)

ISBN 978-65-87646-03-9 (Digital)

S192p

Sampaio, Francisco José Barcellos

Os Patronos da Academia Nacional de Medicina; [Orgs.: Francisco José Barcellos Sampaio; Joana Rocha Niemeyer de Lavôr, Paula Padilha Cerqueira, Roberta Lima, Rosana Cristina Azevedo de Almeida, Sandra Abreu de Castro e Carla Braga Mano Gallo]. Rio de Janeiro, RJ: Academia Nacional de Medicina, 2023. 315 p.; il.; fotos

ISBN 978-65-87646-02-2

1. Médicos 2. Personagens Históricos 3. Medicina 4. Patronos da Academia Nacional de Medicina

I. Título

CDD 981

Editor

Acadêmico Francisco José Barcellos Sampaio
Presidente ANM (2015-2017 e 2022-2023)

Colaboradores

Joana Rocha Niemeyer de Lavôr
Paula Padilha Cerqueira
Roberta Lima
Rosana Cristina Azevedo de Almeida
Sandra Abreu de Castro
Carla Braga Mano Gallo

Capa e Projeto Gráfico

Carla Braga Mano Gallo

Fotocomposição, Editoração & Tratamento de Imagens

MG Consultoria e Editoração Ltda.

Impressão

Athalaia Gráfica e Editora Ltda.

ACADEMIA NACIONAL DE MEDICINA

Av. General Justo, 365 - 8º andar, Centro, Rio de Janeiro, RJ

Tel.: (21) 3970-8150, e-mail: secretariageral@anm.org.br

www.anm.org.br

*Esta contribuição é dedicada à Academia Nacional de Medicina,
e a todos os seus membros; passados, presentes e futuros,
com a expectativa de preservar a memória da nossa amada
Casa da medicina brasileira.*

*“A diferença entre um estadista e um demagogo
é que este decide pensando nas próximas eleições,
enquanto aquele decide pensando nas próximas gerações.”*

Sir Winston Churchill

A Academia Nacional de Medicina completou 194 anos de existência, sendo assim, a Instituição Científico Cultural mais antiga do país, em funcionamento regular. Foi fundada em 30 de junho de 1829, sob o título de Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro, por um grupo de médicos, entre os quais destacamos Joaquim Cândido Soares de Meirelles, Luiz Vicente De Simoni, José Francisco Xavier Sigaud, João Maurício Faivre e José Martins da Cruz Jobim, com o intuito de promover reuniões para aperfeiçoar os conhecimentos médicos.

Em 8 de maio de 1835, por decreto da Regência Imperial, foi adotada pelo governo para instituto oficial com o nome de Academia Imperial de Medicina, com a finalidade de responder às perguntas do governo sobre tudo que interessar à saúde pública e contribuir para o desenvolvimento e progresso em geral da Medicina e Ciências Correlatas. A primeira sessão após o decreto teve como presidente o então príncipe D. Pedro-II, na ocasião com 9 anos de idade. Com a maioria do Imperador D. Pedro-II, este se tornou o maior patrono da Casa, e durante 50 anos frequentou as suas sessões e presidiu as solenidades da Academia. A cadeira na qual se sentava existe até hoje perfeitamente conservada no salão nobre da Academia. Com enfermidade já avançada, no dia 30 de julho de 1889, presidiu pela última vez a Sessão de Aniversário da Academia. Com o advento da República, em 21 de novembro de 1889, através do decreto nº. 9 do Governo Provisório, a instituição recebeu seu nome atual, de Academia Nacional de Medicina.

Desde nossa primeira gestão, em 2015 - 2017, começamos a colocar em prática vários Projetos para preservar a Memória da Academia Nacional de Medicina, tendo começado com o retorno do Acervo do Museu, da Biblioteca, e do Arquivo e mobiliário antigo, que estavam encaixotados em um depósito no subúrbio carioca, desde o início das obras de reforma do prédio sede e da construção do grande prédio anexo. Com isso, iniciamos as obras do Centro da Memória Médica, fizemos o inventário de nosso acervo e desencaixotamos todo material, e assim, começamos, paralelamente à construção do Centro da Memória Médica, a recuperação de nosso Acervo. Verificamos que além de levantar o acervo da ANM, era imperativo restaurar diversas obras de arte e mobiliário, recuperar o que fosse necessário, e resguardar a memória de nossa história e desses objetos acumulados ao longo dos anos.

Decidimos iniciar pelos quadros, muitos dos quais foram restaurados. Identificamos os quadros, os autores e os personagens, e aproveitamos para fazer algo mais do que um mero catálogo de exposição, e produzimos o livro “Os Quadros da Academia Nacional de Medicina e suas Histórias”. O livro serviu como levantamento e recuperação das pinturas mais importantes de nosso acervo, além de reverenciar, em diversos capítulos, a memória de médicos, políticos e outros personagens importantes que foram retratados.

Paralelamente, criamos no Salão Nobre de nossa Academia o “Espaço Imperador Pedro-II”. Este espaço foi idealizado para reverenciar a memória de D. Pedro-II, que foi o maior Patrono da Academia Nacional de Medicina. Neste espaço juntamos alguns objetos que pertenceram e foram utilizados pelo próprio Imperador, bem como outros que fazem referência à sua memória, muitos dos quais foram restaurados, e além do espaço físico, produzimos um folheto explicativo e de homenagem ao Imperador.

A Academia possuía uma importante coleção de Óculos, que foram sendo acumulados durante muitos anos. Entretanto, nas diversas mobilizações necessárias durante as obras de reforma, a estante com a Coleção de Óculos da ANM foi muito danificada, bem como os próprios óculos, muitos dos quais já necessitavam restauro. Os óculos estavam misturados, de tal maneira que sobrou um amontoado de “restos de óculos”, a maioria muito danificada e sem identificação, dentro da estante. O cenário era desanimador e parecia sem solução, mas decidimos vencer o desafio de recuperar essa importante coleção. Chamamos a museóloga Katia Costa e Silva, que já havia trabalhado conosco, e a Sandra Abreu, secretária da presidência, e fomos a campo para essa missão. Após muito trabalho, com todos os óculos identificados, muitos dos quais quebrados em vários pedaços, acionamos os restauradores do Museu Histórico Nacional, que já estavam trabalhando conosco no restauro dos Quadros, Mobiliário, e Esculturas, e lhes demos a difícil missão de restaurar os óculos. Nesse momento, já tínhamos montado no 8º. andar de nosso prédio uma oficina de restauro, sempre com um ou dois restauradores trabalhando todos os dias na recuperação de nosso acervo. Após vários meses de trabalho árduo, tínhamos a estante e todos os óculos identificados e restaurados, e fizemos uma pequena reinauguração da coleção.

À semelhança do que fizemos com os Quadros, decidimos fazer o livro dos Óculos. O trabalho demorou alguns meses e o livro estava 80% pronto, mas por alguma inércia que não sabemos explicar, ficou latente. Durante a Pandemia pelo Coronavírus,

declarada em 11 de março de 2020, finalizamos o livro “Os Óculos da Academia Nacional de Medicina e seus Personagens”, no qual fizemos uma mini biografia de todos os personagens e assim eternizamos os Óculos e reverenciamos a memória das personalidades aos quais pertenceram, como Acadêmicos, Políticos e outros Personagens importantes de nossa história.

A Academia Nacional de Medicina possui 100 Cadeiras de Membros Titulares, distribuídas em três Secções. Cada cadeira de Membro Titular possui um Patrono, que foi instituído a partir de 1963, com a finalidade de honrar os grandes vultos da medicina nacional ou a memória de seus fundadores. Também, em nossa primeira gestão 2015 - 2017, verificamos que existiam biografias de menos de 35 Patronos das Cadeiras, bem como não existiam fotografias de mais de 20 Patronos. Dessa maneira, com nossa equipe (citada nos créditos de colaboradores) fomos a campo para fazer o levantamento bibliográfico e produzir a biografia de todos os Patronos. Entretanto, logo verificamos que a tarefa mais árdua seria conseguir as fotografias dos mesmos. Percorremos todas as fontes disponíveis, tais como Arquivo da ANM, Biblioteca Nacional, Universidades, Institutos de Pesquisa, Instituto Oswaldo Cruz, Instituto Histórico e Geográfico, Senado e Câmara Federal, Hospitais, Santas Casas e Jornais da época, e ao final de mais de 2 anos conseguimos fotografias de todos. Assim, reunimos todos nossos Patronos, da Cadeira No. 1 à Cadeira No. 100, com suas mini biografias e respectivas fotos, nesse livro que lhes apresento. Justifica-se a baixa qualidade de muitas imagens porque foram retiradas de jornais da época, nos quais as fotos já estavam de péssima qualidade. Entretanto, hoje temos a memória e as fotos de todos nossos Patronos, onde antes não tínhamos quase nada.

O trabalho de confeccionar este livro, sempre aos finais de semana, nas poucas horas livres, foi extremamente prazeroso e gratificante, e foi para mim uma oportunidade de grande crescimento cultural e muitas vezes humanístico, por poder aprender mais sobre figuras importantes de nossa história, bem como poder apresentar fatos curiosos, e muitas vezes polêmicos e controversos sobre eles.

Tenho certeza de que a leitura será prazerosa a todos, e poderá ser feita paulatinamente, visto que as biografias são independentes; a leitura sobre cada Patrono é uma descoberta, e muitas vezes uma surpresa.

O trabalho de reverenciar e manter a história de nossa Academia Nacional de Medicina é fundamental e nos engrandece a todos.

Como diz o grande Acadêmico e ex-Presidente Cumplido de Sant'anna, em uma pequena parte de sua "Oração aos Nossos Pares" que fez para os Acadêmicos:

"Quem não trabalha pela Academia quando nela ingressa, é como se deixado houvesse no vestibulo a própria honra.

Quem não se esforça pela Academia quando nela recebido – juntando-lhe um tijolo – trai a sua esperança.

Será um judas que iludiu a sua confiança; atraiçoa aos que fraternalmente o acolheram; roubou a vez a um possível justo, a todos enganando".

Esperamos que essa contribuição sirva para preservar, divulgar e manter viva a memória de diversos personagens ilustres de nossa história.

Rio de Janeiro, setembro de 2023

Acadêmico Francisco J. B. Sampaio

Presidente, Academia Nacional de Medicina

2015-2017; 2022-2023

Sumário

Patrono Cad. 01 - Joaquim Candido Soares de Meirelles	15
Patrono Cad. 02 -Miguel da Silva Pereira	19
Patrono Cad. 03 - Agostinho José de Souza Lima	21
Patrono Cad. 04 - Henrique Dias Duque Estrada	23
Patrono Cad. 05 - Pedro Affonso de Carvalho Franco - (Barão de Pedro Affonso).	25
Patrono Cad. 06 - Manuel de Valladão Pimentel - (Barão de Petrópolis)	28
Patrono Cad. 07 - José Pereira Rego - (Barão do Lavradio)	30
Patrono Cad. 08 - João Vicente Torres Homem - (Barão de Torres Homem)	33
Patrono Cad. 09 - Miguel de Oliveira Couto	36
Patrono Cad. 10 - Pedro Francisco da Costa Alvarenga	41
Patrono Cad. 11 - Antonio Austregésilo Rodrigues Lima	44
Patrono Cad. 12 - Pedro de Almeida Magalhães	48
Patrono Cad. 13 - Benjamin Antônio da Rocha Faria	50
Patrono Cad. 14 - Francisco de Castro	52
Patrono Cad. 15 - Clemente Miguel da Cunha Ferreira	54
Patrono Cad. 16 - Érico Marinho da Gama Coelho	57
Patrono Cad. 17 - Carlos Pinto Seidl	59
Patrono Cad. 18 - Garfield Augusto Perry de Almeida	62
Patrono Cad. 19 - Manoel Vitorino Pereira	64
Patrono Cad. 20 - Francisco de Paula Cândido	67
Patrono Cad. 21 - Fernando Ferreira Vaz	70
Patrono Cad. 22 - Claudio Velho da Motta Maia - (Conde de Motta Maia)	72
Patrono Cad. 23 - Antônio Peregrino Maciel Monteiro - (2º Barão de Itamaracá).	75
Patrono Cad. 24 - Pedro Paulo Paes de Carvalho	78
Patrono Cad. 25 - João Benjamin Ferreira Baptista	81
Patrono Cad. 26 - Francisco Pinheiro Guimarães	84
Patrono Cad. 27 - Augusto Brandão Filho	87
Patrono Cad. 28 - Eduardo Augusto Moscoso	90
Patrono Cad. 29 - Daniel de Oliveira Barros D'Almeida	93
Patrono Cad. 30 - Jorge Soares de Gouvêa	96
Patrono Cad. 31 - Antônio Augusto de Azevedo Sodré	99
Patrono Cad. 32 - Antônio Felix Martins - (Barão de São Felix)	102

Patrono Cad. 33 - Antônio Felício dos Santos	104
Patrono Cad. 34 - Marcos Bezerra Cavalcanti	107
Patrono Cad. 35 - José Thompson Motta	109
Patrono Cad. 36 - Firmino von Doellinger da Graça	111
Patrono Cad. 37 - José Alves Maurity Santos	114
Patrono Cad. 38 - Alfredo Alberto Pereira Monteiro	116
Patrono Cad. 39 - Augusto Paulino Soares de Souza	119
Patrono Cad. 40 - Jayme Poggi de Figueiredo	122
Patrono Cad. 41 - José Martins da Cruz Jobim	125
Patrono Cad. 42 - João Carlos Teixeira Brandão	128
Patrono Cad. 43 - Francisco Freire Allemão de Cisneiros	132
Patrono Cad. 44 - João Pizarro Gabizo	135
Patrono Cad. 45 - Olympio Olinto de Oliveira	138
Patrono Cad. 46 - Júlio Afrânio Peixoto	142
Patrono Cad. 47 - Luiz Pedro Barbosa	146
Patrono Cad. 48 - Márcio Philaphiano Nery	149
Patrono Cad. 49 - Enjolras Vampré	152
Patrono Cad. 50 - Antonio Fernandes Figueira	155
Patrono Cad. 51 - João Paulino Marques	159
Patrono Cad. 52 - Paulo de Figueiredo Parreiras Horta	161
Patrono Cad. 53 - Heitor Pereira Carrilho	164
Patrono Cad. 54 - Manoel Feliciano Pereira de Carvalho	167
Patrono Cad. 55 - José Octávio de Freitas	169
Patrono Cad. 56 - João de Barros Barreto	172
Patrono Cad. 57 - Juliano Moreira	174
Patrono Cad. 58 - Aloysio de Castro	178
Patrono Cad. 59 - Raimundo Nina Rodrigues	181
Patrono Cad. 60 - Nuno Ferreira de Andrade	186
Patrono Cad. 61 - Luiz da Cunha Feijó (Visconde de Santa Isabel)	189
Patrono Cad. 62 - Augusto Brant Paes Leme	191
Patrono Cad. 63 - Vicente Cândido Figueira de Saboia (Visconde de Saboia) ..	193
Patrono Cad. 64 - Henrique Guedes de Mello	196
Patrono Cad. 65 - Agenor Edésio Estelita Lins	198
Patrono Cad. 66 - José Cardoso de Moura Brasil	201

Patrono Cad. 67 - Fernando Augusto Ribeiro de Magalhães	204
Patrono Cad. 68 - Arnaldo Tertuliano de Oliveira Quintella	207
Patrono Cad. 69 - Alberto Ribeiro de Oliveira Motta	210
Patrono Cad. 70 - Antônio Cardoso Fontes	212
Patrono Cad. 71 - José Antônio de Abreu Fialho	215
Patrono Cad. 72 - Belmiro de Lima Valverde	218
Patrono Cad. 73 - Hilário Soares de Gouvêa	223
Patrono Cad. 74 - Arnaldo de Moraes	226
Patrono Cad. 75 - Raul David de Sanson	229
Patrono Cad. 76 - Joaquim Pinto Portella	232
Patrono Cad. 77 - Jesuíno Carlos de Albuquerque	234
Patrono Cad. 78 - Cândido Barata Ribeiro	237
Patrono Cad. 79 - Olympio Arthur Ribeiro da Fonseca	241
Patrono Cad. 80 - Júlio Oscar de Novaes Carvalho	244
Patrono Cad. 81 - Eduardo Chapot-Prévost	246
Patrono Cad. 82 - Antônio Dias de Barros	250
Patrono Cad. 83 - Vital Brazil Mineiro da Campanha	253
Patrono Cad. 84 - Manoel de Abreu	257
Patrono Cad. 85 - Antônio de Barros Terra	260
Patrono Cad. 86 - Carlos Justiniano Ribeiro das Chagas	263
Patrono Cad. 87 - João Baptista de Lacerda	268
Patrono Cad. 88 - Amadeu da Silva Fialho	272
Patrono Cad. 89 - João Moniz Barreto de Aragão	275
Patrono Cad. 90 - Oswaldo Gonçalves Cruz	278
Patrono Cad. 91 - Orlando da Fonseca Rangel	282
Patrono Cad. 92 - Isaac Werneck da Silva Santos	286
Patrono Cad. 93 - Belisário Augusto de Oliveira Penna	288
Patrono Cad. 94 - Benjamin Franklin de Ramiz Galvão (Barão de Ramiz)	292
Patrono Cad. 95 - Joaquim Monteiro Caminhoá	295
Patrono Cad. 96 - Rodolpho Albino Dias da Silva	298
Patrono Cad. 97 - Augusto Cezar Diogo	301
Patrono Cad. 98 - Adolfo Frederico Luna Freire	303
Patrono Cad. 99 - Oscar Frederico de Souza	306
Patrono Cad. 100 - Ezequiel Corrêa dos Santos	308
Sobre o Autor - Francisco J. B. Sampaio	313

Joaquim Candido Soares de Meirelles

Patrono da Cadeira 01

Membro Fundador

Secção de Medicina

Eleito: 28/05/1829 - Posse: 30/06/1829

Presidente da Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro: 1829 a 1830 e 1833 e da Academia Imperial de Medicina: 1835 a 1838 e 1842 a 1848.



Nasceu em Congonhas de Sabará, hoje Nova Lima, município do estado de Minas Gerais, em 5 de novembro de 1797. Filho do cirurgião Manoel Soares de Meirelles e de Anna Joaquina de São José Meirelles, pertencia a uma família que descende do tempo de D. Fernando, em Portugal (1345-1383). Casado com Rita Maria Pereira Reis, filha do cirurgião Paulo Rodrigues Pereira e irmã do Dr. Jacintho Rodrigues Pereira Reis, que foi também Presidente da Academia Imperial de Medicina. Foram seus filhos: o conselheiro Saturnino Soares de Meirelles, médico homeopata, professor da Escola Naval e do Colégio Pedro II e fundador do Instituto Hahnemaniano do Brasil, em 1859; Nicomedes Rodrigues Soares de Meirelles, médico; Jacinto Rodrigues Soares de Meirelles, oficial de marinha e Candido Rodrigues Soares de Meirelles, doutor em Matemática. Casado com Maria Candida Marianna Vahya, em segundas núpcias, teve Luisa Candida Soares de Meirelles.

Liderou, em 1822, a Comissão de Patriotas que influenciou a decisão de D. Pedro I de permanecer no Brasil (dia do Fico). Iniciou sua carreira militar no Exército, onde começou como pensionista praticante, passando depois a Cirurgião-Ajudante no Batalhão de Caçadores, e, por fim, graduado Cirurgião-Mor da Cavalaria de Minas Gerais.

Formou-se em Medicina, no ano de 1822, na então Academia Médico-Cirúrgica do Rio de Janeiro (atual Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ) e por decreto do Governo Imperial, em 1825, foi enviado a Paris para aperfeiçoamento dos estudos médicos. Lá obteve a dúplici coroa de Doutor em Medicina e Cirurgia, com apresentação de duas teses. Na primeira, o tema era *Dissertation sur l'histoire de l'éléphantiasis* (Dissertação sobre a Elefantíase); na segunda, *Dissertation sur les plaies d'armes á feu* (Dissertação sobre as lesões por arma de fogo).

Regressando ao Brasil, pediu demissão do Serviço do Exército, sendo desligado em 1828. Ingressou no Hospital da Misericórdia (atual Hospital Geral da Santa Casa da Misericórdia do Rio de Janeiro), em enfermaria chefiada pelo médico italiano Luiz Vicente De Simoni, onde lançou a ideia da fundação da Sociedade de Medicina, à qual se associaram, além do Dr. De Simoni, os médicos José Martins da Cruz Jobim, José Francisco Xavier Sigaud e Jean Maurice Faivre.

Em 28 de maio de 1829, realizou-se a primeira sessão preparatória da Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro. Em 30 de junho de 1829, Soares de Meirelles foi eleito Presidente da Sociedade, Membro Titular número 1, Membro Fundador e Membro Nato. Aprovada com o apoio do Marquês de Caravelas (José Joaquim Carneiro de Campos), pelo decreto de 15 de janeiro de 1830, a Sociedade foi instalada publicamente em 24 de abril de 1830, no Hospital de São Francisco de Paula. Sob a direção e iniciativa do primeiro Presidente eleito, em novembro de 1833, nasceu a proposta de transformar a Sociedade em Academia. Na sexta sessão aniversária, em 1835, compareceu pela primeira vez o Imperador Pedro II, com 9 anos, e, logo após, em 5 de novembro de 1835, a Sociedade foi elevada à categoria de Academia Imperial de Medicina. Soares de Meirelles presidiu a Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro no período de 1829-1830/1833 e, já elevada à categoria de Academia Imperial de Medicina, de 1835-

1838/1842-1848.

Sua vida foi cheia de aventuras e atividades políticas. Envolveu-se na rebelião dos liberais de Minas Gerais em 1842, foi preso e deportado para Lisboa, onde ficou até o decreto de anistia de 14 de março de 1844. Ao voltar ao Brasil, foram-lhe restituídos todos os títulos e honras. Mudando sua atuação na cena política, foi nomeado Médico da Imperial Câmara e Membro do Conselho de sua Majestade O Imperador; recebeu condecorações como a Comenda Imperial da Ordem da Rosa, a insígnia de Oficial da Ordem do Cruzeiro, o hábito de São Bento de Aviz e a medalha de ouro, comemorativa da Rendição de Uruguaiana. Foi eleito Membro da Assembleia Provincial do Rio de Janeiro, em uma legislatura, e Deputado na Assembleia Geral pela Província de Minas Gerais em 1845, 1847 e 1848. Em 1848, foi agraciado como Gentil Homem da Imperial Câmara e, 1862, recebeu a carta de Brasão das Armas da Nobreza e Fidalguia, que concedia o uso de armas à família dos Soares e dos Meirelles, sendo extensivo a seus descendentes.

Professor de Anatomia e Fisiologia das Paixões na Academia Imperial de Belas Artes, Meirelles foi Sócio Efetivo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Membro da Academia de Medicina de Nápoles, da Sociedade Médica de Louvain e da Sociedade Filomática de Paris. Atuou como Redator da Revista Médica Fluminense no seu primeiro ano de publicação. Foi nomeado Cirurgião-Mor da Armada no posto de Capitão de Mar e Guerra, promovido a Chefe de divisão Graduado da Armada Nacional e Imperial, e primeiro Diretor de Saúde Naval. Em 10 de julho de 1865, partiu para Uruguaiana acompanhando D. Pedro II ao teatro da guerra com o Paraguai. Lá, participou da rendição paraguaia em Uruguaiana. Nessa viagem, atacado pelo tifo, foi transferido, moribundo, para Alegrete, de onde regressou à Corte em 2 de maio de 1866 com a saúde já comprometida.

Faleceu em de 13 de julho de 1868, no Rio de Janeiro.

Em de 3 de outubro de 1963, na Academia Nacional de Medicina, foi escolhido Patrono da cadeira 1; sua dedicação à Instituição ficou eternizada na forma de busto em bronze. É, também, o Patrono da cadeira 28 da Academia Brasileira de Medicina Militar.

Patrono do Corpo de Saúde da Marinha de Guerra, por decreto federal de 25 de novembro de 1968, sua data de nascimento é considerada dia

festivo para todas as organizações de saúde da Marinha Brasileira.

Referências

<https://www.anm.org.br/joaquim-candido-soares-de-meirelles/>

<https://dichistoriasaude.coc.fiocruz.br/iah/pt/verbetes/meirejocaso.htm>

https://pt.wikipedia.org/wiki/Joaquim_C%C3%A2ndido_Soares_de_Meireles

<https://ihgb.org.br/perfil/userprofile/JCSMeireles.html>

<https://abpnrevista.org.br/site/article/view/968/842> - Joaquim Candido Soares de Meirelles: Um Médico Negro na Corte Imperial (1797-1868)

[https://www.encontro2018.rj.anpuh.org/resources/anais/8/1521380482_ARQUIVO_AmedicinadeSoaresdeMeirelles,Cirurgiao-MordaArmada\(1849-1868\).pdf](https://www.encontro2018.rj.anpuh.org/resources/anais/8/1521380482_ARQUIVO_AmedicinadeSoaresdeMeirelles,Cirurgiao-MordaArmada(1849-1868).pdf)

Miguel da Silva Pereira

Patrono da Cadeira 02

Membro Titular

Secção de Medicina

Eleito: 23/12/1897 - Posse: 30/12/1897

Saudado por: Antonio José Pereira da Silva Araújo

Presidente da Academia Nacional de Medicina - 1910 a 1911



O Dr. Miguel da Silva Pereira nasceu em São José do Barreiro, no Estado de São Paulo, no dia 2 de julho de 1871, filho de Virgílio Pereira e de Porcina Magalhães Pereira.

Doutorou-se em Medicina pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro (atual UFRJ) em 1896 defendendo tese de doutoramento intitulada "Hematologia Tropical", considerada obra notável.

Foi eleito Membro Titular da Academia Nacional de Medicina no dia 30 de dezembro 1897, apresentando memória para admissão intitulada "Anemia Tropical". Foi Presidente da Academia entre 1910 e 1911. É o Patrono da Cadeira 2.

Filho e neto de lavradores, foi criado na fazenda do Campinho, lugar de São José do Barreiro. Aprendeu a ler em casa e, aos 12 anos, entrou no Colégio Pedro Segundo, no Rio de Janeiro, como interno. Ali redigia um

jornal de estudante, A Refrega, e fazia propaganda republicana dentro do colégio. Aos 19 anos entrou para a Faculdade de Medicina, na Rua Santa Luzia. Abandonou as aulas em 1893, na revolta de Floriano Peixoto, quando foi lutar em Niterói, e depois quando uma epidemia de cólera aconteceu no vale do Paraíba.

O Dr. Miguel da Silva Pereira começou a vida profissional como médico visitador da Associação dos Empregados do Comércio. Foi Professor Catedrático de Patologia Médica e depois de Clínica Médica da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro (atual UFRJ). Chefe de Serviço da Santa Casa da Misericórdia do Rio de Janeiro.

Deu início, anos depois, à maior campanha de saneamento do Brasil, dois anos de luta até que, em 1918, no governo de Venceslau Brás, tenha início o saneamento do país.

Foi grande propagador das qualidades do clima das atuais cidades de Miguel Pereira e Paty do Alferes e da criação nesta região de sanatórios para o tratamento de doentes de tuberculose.

Produziu uma obra capital que lhe absorvera anos de trabalho e observação, o “Tratado de Clínica Médica”. Não chegou a ser impressa, posto que queimou os originais em protesto contra a moléstia não identificada que o abateu em plena maturidade. Faleceu muito moço, no dia 23 de dezembro de 1918, com apenas quarenta e sete anos de idade, ficando famoso por sua luta pela higiene no Rio de Janeiro e por sua extensa clínica particular.

O distrito de Estiva, então pertencente ao município de Vassouras, foi rebatizado com seu nome em 1955. Hoje é a cidade de Miguel Pereira.

Referências

<https://www.anm.org.br/miguel-da-silva-pereira/>

https://pt.wikipedia.org/wiki/Miguel_da_Silva_Pereira

<https://oswaldocruz.fiocruz.br/index.php/acervos/correspondencias/correspondencia-cientifica/miguel-pereira>

<http://www.jornalregional.rio/jornalregional2/noticia/buscarNoticia?id=4741>

Agostinho José de Souza Lima

Patrono da Cadeira 03

Membro Titular

Secção de Medicina

Eleito: 15/09/1879 - Posse: 15/09/1879

Presidente da Academia Imperial de Medicina – 1883 a 1889 e da Academia Nacional de Medicina – 1896 a 1897 e 1900 a 1901



Nasceu em 11 de março de 1842, em Cuiabá, estado do Mato Grosso, filho do coronel Severo José de Souza Lima e de Nympha Symphronia de Araujo Lima.

Doutorou-se pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, em 1864, defendendo a tese intitulada "Qual a natureza e o tratamento das urinas vulgarmente chamadas leitosas ou quilúria?".

Foi Professor Catedrático de Medicina Legal e Toxicologia na mesma faculdade, entre 1877 e 1912 e, de 1902 a 1916, Professor de Medicina Pública na Faculdade de Direito do Rio de Janeiro.

Médico da Escola de Tiro do Realengo, e depois nomeado Tenente Cirurgião do 7º Batalhão da Guarda Nacional, exerceu a função de Cirurgião-Mor da Polícia. Em 1877, em conjunto com seu assistente, Borges da Costa, foi nomeado consultor da polícia e, em 1879, foi autorizado a

ministrar um curso prático de Tanatologia Forense no necrotério oficial, estudando a morte e seus problemas médico-legais.

A partir de 1891, a disciplina de Medicina Legal passou a constar como obrigatória nos cursos de Direito do país.

Souza Lima foi proclamado “Primaz da Medicina Legal no Brasil” por organizar de maneira científica a medicina forense em nossa Pátria.

Foi Membro Titular da Academia Imperial de Medicina, hoje Academia Nacional de Medicina, apresentando Memória intitulada: “Da Cremação dos Cadáveres”, foi empossado em 15 de setembro de 1879, e por proposta de vários Acadêmicos foi transferido para a Classe dos Membros Honorários, em abril de 1909. Souza Lima foi Presidente da Academia Imperial de Medicina no período de 1883 a 1889 e da Academia Nacional de Medicina em 1896/97 e de 1900 a 1901. Em sessão de 3 de outubro de 1963, foi escolhido Patrono da Cadeira 3.

Diretor de Higiene e da Assistência Pública Municipal, em 1894, enriqueceu a literatura médica nacional com trabalhos de grande merecimento, salientando-se, dentre eles, o “Tratado de Psicologia”, o “Manual de Química Legal” e a obra clássica, de incontestável valor: “Tratado de Medicina Legal”, reproduzida em diversas edições. Foi Presidente de honra da Sociedade Eugênica que se organizou em São Paulo, em 1916.

A Rua Souza Lima, criada pela lei n. 7, de 26 de maio de 1902, situada no bairro de Copacabana - Rio de Janeiro, é uma homenagem ao dr. Agostinho José de Souza Lima.

Faleceu na cidade de Petrópolis, em 28 de dezembro de 1921.

Referências

<https://www.anm.org.br/agostinho-jose-de-souza-lima/>

<https://hpcs.bvsalud.org/wp-content/uploads/2018/07/Lima-Souza-perfeito-2.pdf>

https://pt.wikipedia.org/wiki/Agostinho_Jos%C3%A9_de_Sousa_Lima

Henrique Dias Duque Estrada

Patrono da Cadeira 04

Membro Emérito

Secção de Medicina

Membro Titular da Cadeira 08

Eleito: 22/09/1904 - Posse: 22/09/1904 - Emérito: 19/10/1933



Nascido a 27 de junho de 1871, em Magé (RJ) e faleceu a 27 de agosto de 1951, no Rio de Janeiro. Era filho de Luiz Dias Duque Estrada e de D. Joaquina Caminha da Veiga.

Bacharel em Ciências e Letras pelo Colégio Pedro II, graduou-se em Medicina pela Faculdade do Rio de Janeiro (Faculdade Nacional de Medicina e atual UFRJ), em 29 de janeiro de 1898, apresentando a tese intitulada "Tratamento do pé torto varus equinos congênito na infância".

O Dr. Henrique Dias Duque Estrada foi, durante muitos anos, assistente do Prof. Miguel Couto, na célebre 7ª Enfermaria da Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro, ao lado de Oswaldo de Oliveira e Aloysio de Castro. Foi Livre-Docente da cadeira de Clínica Médica da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro.

Sua cultura ímpar e imensa prática médica o autorizavam a ambicionar uma Cátedra na Faculdade de Medicina, mas sua timidez, seu tempera-

mento humilde e nervoso, não o ajudavam. Com grande mágoa para o Mestre Miguel Couto, desistiu desse sonho.

Henrique Dias deixou publicados vários trabalhos sobre temas diversos de Clínica Médica, destacando-se: "Poliorominite", "Astasia-abasia", "Tetania", "Pneumotorax artificial", "Diagnóstico funcional do coração", "Neurotabes periférica", "Lues da veias e dos linfáticos", "O fígado da uncinariose", "Punção do baço no diagnóstico da malária" e muitos outros que abrangem a patologia cardíaca, respiratória, digestiva e neurovegetativa.

Como dicionarista, em colaboração com Dr. Alex Hauer, editou o Dicionário Alemão-Português de Termos Médicos. Este dicionário foi publicado em 1911, contendo 237 páginas, acrescidas de várias indicações sobre Universidades na Alemanha, revistas médicas alemãs e estações balneárias e climáticas mais citadas na literatura alemã.

Na Academia Nacional de Medicina, foi 2º Secretário nos períodos de: 1913-1914; 1914-1915; 1915-1916.

Para o livro que a Academia Nacional de Medicina publicou, por ocasião do centenário do ensino médico no Brasil, Henrique Dias Duque Estrada escreveu um minucioso estudo sobre a bibliografia da hematologia do beribéri.

Faleceu a 27 de agosto de 1951, no Rio de Janeiro.

Referências

<https://www.anm.org.br/?s=Henrique+Dias+Duque+Estrada>

https://pt.wikipedia.org/wiki/Henrique_Dias_Duque_Estrada

Pedro Affonso de Carvalho Franco

(Barão de Pedro Affonso)

Patrono da Cadeira 05

Membro Honorário Nacional

Secção de Medicina

Eleito: 30/06/1889



Nascido a 21 de fevereiro de 1845, filho de Pedro Affonso de Carvalho e Luísa Helena de Carvalho, o carioca Pedro Affonso de Carvalho Franco formou-se em Medicina pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro (1869) e pela Universidade de Paris (1871).

O título de Barão de Pedro Affonso lhe foi dado pelo imperador Pedro II em 31 de agosto de 1889, dois meses e meio antes da queda da monarquia. Foi também condecorado Oficial da Ordem da Rosa.

Foi Professor do Colégio Pedro II e de Patologia Cirúrgica na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro (Faculdade Nacional de Medicina, atual UFRJ).

Em 15 de setembro de 1894, o Dr. Pedro Affonso de Carvalho Franco foi Fundador e Diretor do Instituto Soroterápico do Rio de Janeiro, mais tarde oficializado pela prefeitura do Rio de Janeiro como Instituto Vacínico Municipal do Rio, e que depois se fundiu com a Fundação Oswaldo Cruz, em 1922. O Instituto foi criado pelo decreto nº 105, com o objeti-

vo de desenvolver o serviço de vacinação contra a varíola na cidade. O Barão de Pedro Affonso foi Diretor do Instituto até sua morte, em 1920.

Desde 1878, o Dr. Pedro Affonso de Carvalho Franco, então diretor do Hospital Geral da Santa Casa da Misericórdia do Rio de Janeiro, tentava reproduzir a vacina animal utilizada no combate da varíola. O sucesso foi alcançado somente em 1887, a partir da inoculação de vitelos com a polpa glicerizada vinda do instituto vacínico de Paris, o Instituto Chambon.

Em 1888, o Dr. Pedro Affonso de Carvalho Franco foi incumbido da vacinação animal no Rio de Janeiro, realizada na própria Inspetoria Geral de Higiene, recebendo subvenção do governo. No mesmo ano, o Governo Federal se comprometeu a custear a montagem de um instituto vacinogênico, o qual seria organizado e dirigido pelo Dr. Pedro Affonso. A entidade foi instalada numa chácara na Rua do Bom Retiro, onde funcionou até 1890, quando foi transferido para a Rua Marquês de Abrantes. Na ocasião, foram enviados representantes da Inspetoria às províncias do Norte e do Centro-Oeste, no intuito de ensinar a cultura e administração da vacina animal, recomendando-se aos órgãos locais a criação de estabelecimentos semelhantes. Desta iniciativa originou-se o Instituto Vacínico de São Paulo e instituições congêneres na Bahia, Pernambuco e em outros estados.

De acordo com o Aviso de 14 de maio de 1890, o Dr. Pedro Affonso de Carvalho Franco, que em 31 de agosto do ano anterior havia adquirido o título de Barão, ficava comprometido a abastecer a Inspetoria, mensalmente, com mil tubos de vacina e dez vitelos vacinados. Em 15 de setembro de 1891, o Barão de Pedro Affonso assinou um contrato com o Ministério do Interior, por meio do qual era oficialmente incumbido de todo serviço de vacinação de vitelo a braço na cidade do Rio de Janeiro, ficando diretamente sob a fiscalização da Inspetoria Geral de Higiene. Porém, a função de médico vacinador, encarregado da vacinação de braço a braço, ainda seria mantida.

Pelo contrato firmado entre o Barão de Pedro Affonso e o Ministério do Interior, vigente até a criação do Instituto Vacínico Municipal em 1894, o serviço de vacinação animal seria realizado no próprio edifício da Inspetoria em duas sessões semanais, às quintas e sextas-feiras. Além disso, era também de sua responsabilidade a vacinação em quaisquer lugares da cidade onde fossem registrados indícios de casos de varíola.

Ele aplicava as vacinas gratuitamente e se comprometeu a estabelecer no Instituto Vacinogênico, de sua propriedade, um serviço de vacinação que atendesse diariamente a todas as pessoas que a ele recorressem.

Com emprego de verbas federais e utilização de recursos físicos municipais, foi instalado na fazenda Manguinhos, pelo Dr. Pedro Affonso, o Instituto Soroterápico Federal, cujo primeiro diretor foi o próprio Dr. Pedro Affonso, de sua fundação, em maio de 1900, a março de 1903, quando assumiu a diretoria o Dr. Oswaldo Cruz, com o qual tivera divergências a respeito de questões técnicas e administrativas. O nome do Instituto foi mantido até 1907 quando passou a se chamar Instituto de Patologia Federal. Em 1908, finalmente passou a se chamar Instituto Oswaldo Cruz, ano em que seu diretor obteve uma importante premiação na Exposição de Demografia e Higiene de Berlim.

O Instituto Vacínico Municipal deixou de existir em 1920, quando a produção de vacina antivariólica passou a ser atribuição do Instituto Oswaldo Cruz.

O Barão de Pedro Affonso faleceu a 5 de novembro de 1920, no Rio de Janeiro.

Referências

<https://www.anm.org.br/pedro-affonso-de-carvalho-franco/>

<https://dicionariobiobibliografico.iciet.fiocruz.br/pedro-affonso-de-carvalho-franco>

https://pt.wikipedia.org/wiki/Pedro_Afonso_Franco

<https://books.scielo.org/id/pd6q9/pdf/fernandes-9786557080955-03.pdf>

Manuel de Valladão Pimentel

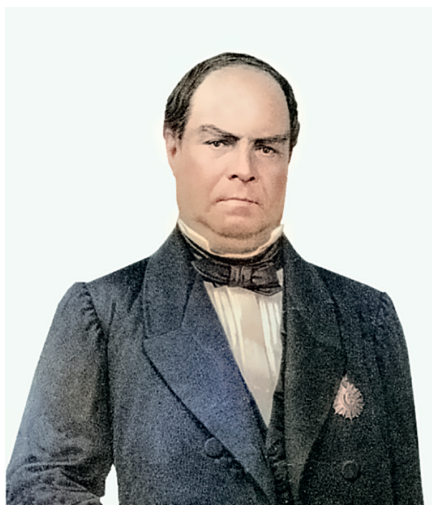
(Barão de Petrópolis)

Patrono da Cadeira 06

Membro Titular

Secção de Medicina

Eleito: 26/05/1832 - Posse: 26/05/1832



Manuel de Valladão Pimentel, primeiro e único Barão de Petrópolis, nasceu em 4 de março de 1812, em Cachoeiras de Macacu (RJ) e faleceu em Paquetá (RJ), em 30 de novembro de 1882. Era filho de um modesto emigrante português agricultor e de Ana Francisca do Amaral. Casou-se com Inês de Valadão Pimentel.

Formou-se na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro apresentando tese de doutoramento sobre a origem natureza e o desenvolvimento dos tubérculos pulmonares. Foi Professor da mesma instituição de ensino, além de Diretor, no período entre 1839 e 1842.

Recebeu o título de Barão, Comendador da Imperial Ordem de Cristo e Oficial da Imperial Ordem da Rosa.

Foi eleito Membro Titular da Academia Nacional de Medicina em 1832, apresentando Memória intitulada "Observações sobre um caso de perfuração ulcerosa de uma das válvulas sigmóides e da origem da aorta no ponto correspondente, com derramamento na cavidade do pericárdio".

Era membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, desde 1840 até a sua morte.

Foi um dos maiores clínicos e um dos mais importantes professores do seu tempo, tendo durante a vida elevado o exercício da medicina e a função de mestre. Sua obra escrita foi pequena em relação ao muito que poderia ter legado de sua experiência médica, como figura exponencial da medicina brasileira.

Por outro lado, sua influência foi absoluta sobre os seus discípulos. Teve como dileto discípulo e sucessor, João Vicente de Torres Homem. Valladão era amigo do pai de João Vicente, Joaquim Vicente de Torres Homem, que foi professor de clínica médica na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, e presidente da então Academia Imperial de Medicina. João Vicente começou as relações com o mestre Valladão em 1857, quando cursava o quinto ano médico, e com quem começou a trabalhar em 1858 na Enfermaria de Nossa Senhora da Conceição, então a cargo do eminente professor Valladão. João Vicente de Torres Homem, em sua extensa obra, tem sempre que contar alguma coisa das opiniões do Barão de Petrópolis, seu mestre, quer tratando de patologia, de técnica diagnóstica ou de terapêutica.

Melhor que seus escritos, atesta o valor do Barão de Petrópolis, o fato dele ter conseguido ser a maior influência sentida por João Vicente de Torres Homem, que foi uma das mais vigorosas e completas formações intelectuais da cultura brasileira.

O Barão de Petrópolis faleceu em Paquetá, Rio de Janeiro, em 30 de novembro de 1882.

Referências

<https://www.anm.org.br/manoel-de-valladao-pimentel-barao-de-petropolis/>

https://pt.wikipedia.org/wiki/Manuel_de_Valad%C3%A3o_Pimentel

<https://www.facebook.com/BrazilImperiu/posts/2537227856607416/>

<https://www.parentesco.com.br/index.php?apg=arvore&idp=33532&ver=por>

José Pereira Rego

(Barão do Lavradio)

Patrono da Cadeira 07

Membro Titular

Secção de Medicina

Eleito: 12/03/1840 - Posse: 26/03/1840

Presidente da Academia Imperial de Medicina - 1855 a 1857 e 1864 a 1883



José Pereira Rego nasceu em 24 de agosto de 1816, na cidade do Rio de Janeiro, aonde veio a falecer em 22 de novembro de 1892. Era filho do capitão Manoel José Pereira Rego e de Anna Fausta de Almeida Rego. Seu filho, o também médico José Pereira Rego Filho (1845-1929), foi Membro Titular da Academia Nacional de Medicina.

Formou-se em Medicina pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, em 1838, defendendo a tese de doutorado intitulada: "Fenômenos obtidos pelos diversos métodos de exploração do coração e aplicação dos mesmos fenômenos ao diagnóstico de algumas afecções do mesmo órgão mais frequentes", que era uma síntese dos mais avançados estudos sobre a semiologia do coração e serviu, mais tarde, de compêndio de estudo para os alunos de Clínica Médica.

Foi eleito Membro Titular da Academia Imperial de Medicina, em 1840, apresentando memória sobre "Disenterias", e foi empossado em 26 de março de 1840.

Foi Presidente nos períodos de 1855/1857 e 1864/1883. Em 9 de outubro de 1883, foi aclamado Presidente Perpétuo da Academia Imperial de Medicina, hoje Academia Nacional de Medicina, onde é Patrono da Cadeira 7; sua dedicação à Instituição ficou eternizada na forma de busto em bronze.

Foi o primeiro cirurgião a indicar a ergotina e o centeio espigado no tratamento das hemorragias uterinas puerperais. Na área da saúde pública, foi membro da Junta Central de Higiene Pública e prestou atendimento às vítimas da primeira eclosão da cólera-morbo que ocorreu no Rio de Janeiro, em 1855. Em razão do falecimento de Francisco de Paula Cândido, então Presidente da Junta, foi nomeado Presidente efetivo e a chefou de 1864 a 1881. A segunda eclosão da enfermidade aconteceu em 1867 e Pereira Rego relatou, detalhadamente, a incidência e a difusão da cólera-morbo e da febre amarela; nesses relatórios, propôs ao Governo Imperial a reorganização dos serviços sanitários terrestre e marítimo, e a adoção de medidas para melhoria das condições sanitárias da cidade. Passou a acumular este cargo com o de Inspetor de Saúde do Porto do Rio de Janeiro (1865) e o de Inspetor Geral do Instituto Vacínico (1873).

Desentendendo-se com o Imperador Pedro II, demitiu-se dos três cargos públicos, em 1881. Passou, então, a dedicar-se à Pediatria, exercendo suas atividades no Hospital Geral da Santa Casa da Misericórdia do Rio de Janeiro. Exercendo suas atividades neste hospital, conseguiu material significativo para o estudo da patologia infantil e dos problemas sociais da criança e escreveu um "Formulário de moléstias de crianças".

Foi Vereador da Câmara Municipal do Rio de Janeiro de 1865 a 1868.

Recebeu do Rei de Portugal, em 1870, o título de Comendador da Real Ordem Militar Portuguesa da Nossa Senhora da Conceição de Vila Viçosa. Foi agraciado, também, com os títulos de Comendador das Ordens de Nosso Senhor Jesus Cristo, Imperial da Rosa e da Ordem de Francisco José da Áustria.

Médico Honorário da Imperial Câmara recebeu o título de Barão do Lavradio no ano de 1874, em função do intenso trabalho que desenvolveu

no planejamento e coordenação das medidas sanitárias contra a grave epidemia de febre amarela que ocorreu no Rio de Janeiro. Em 1877, a Princesa Isabel elevou esse título à honra de grandeza.

José Pereira Rego foi Sócio do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Membro do Conselho Fiscal do Imperial Instituto Fluminense de Agricultura e da Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional, Sócio Benemérito e Consultor da Sociedade Amante da Instrução, presidindo-a por seis anos, e um dos Sócios Fundadores do Instituto Homeopático do Brasil. Foi, ainda, Membro Correspondente da Real Academia Médica de Ciências de Lisboa, da Sociétés Française de Hygiène e da Reale Accademia di Medicina di Torino.

Faleceu em 22 de novembro de 1892, na cidade do Rio de Janeiro, de caquexia secundária a "úlceras do esôfago".

Referências

<https://www.anm.org.br/jose-pereira-rego-barao-do-lavradio/>

<https://dichistoriasaude.coc.fiocruz.br/iah/pt/verbetes/regojope.htm>

https://pt.wikipedia.org/wiki/Jos%C3%A9_Pereira_Rego

<https://www.geneaminas.com.br/genealogia-mineira/restrita/enlace.asp?codenlace=1301628>

João Vicente Torres Homem

(Barão de Torres Homem)

Patrono da Cadeira 08

Membro Titular

Secção de Medicina

Eleito: 07/12/1863 - Posse: 21/12/1863

Saudado por: Antônio Félix Martins (Barão de São Félix)



João Vicente Torres Homem, primeiro e único barão com grandeza de Torres Homem, nasceu a 23 de novembro de 1837, na cidade do Rio de Janeiro, onde faleceu em 4 de novembro de 1887.

Era filho de Joaquim Vicente Torres Homem, Médico da Corte, Professor da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e Membro da Academia Imperial de Medicina, e de D. Bernarda Angélica dos Santos Torres.

Graduou-se em Medicina pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, em 1858, apresentando a tese intitulada "Raiva ou hidrofobia", pouco antes da morte de seu pai.

O Dr. João Vicente de Torres Homem foi discípulo do Dr. Manoel de Valla-dão Pimentel, o Barão de Petrópolis, com quem começou as relações em 1857, quando cursava o quinto ano de medicina, e com quem começou a trabalhar, em 1858. Foi interno residente do Hospital Militar da Corte e médico adjunto da Santa Casa de Misericórdia.

Na ocasião de sua eleição para a Academia Imperial de Medicina, em 1863, apresentou memória intitulada "Qual o papel que representa o baço na economia animal".

Em 1866, para concorrer à cadeira de Clínica Interna da Faculdade Nacional de Medicina, apresentou tese àquela época considerada de grande atualidade, intitulada "Das sangrias em geral e em particular na pneumonia e na apoplexia cerebral".

Foi um dos fundadores da Gazeta Médica do Rio de Janeiro, uma das poucas publicações especializadas na época, em 1862, da qual foi também redator até o seu último número, em junho de 1864. Do mesmo modo, colaborou com a fundação do Brasil Médico, em 1887, que chegou a ser o órgão oficial do Serviço de Reumatologia da Policlínica Geral do Rio de Janeiro.

Discorria sobre toda a patologia; indo com segurança, da cardiologia – que foi sempre tema da predileção dos clínicos brasileiros – às encefalopatias, e sempre defendendo pontos de vista pessoais. Suas lições neurológicas ocupam-se largamente dos estados vasculares – congestões, afasia, hemorragia, trombose, embolia – das meningites, de tumores intracranianos, de diagnóstico de sede, em termos e em entendimento patológico da linguagem diagnóstica atual.

Estudou as febres endêmicas e epidêmicas; assinalou a existência da esteatose do fígado na febre amarela; entreviu a vigência clínica no reumatismo sob a forma visceral e o enfarte do miocárdio, ao tratar da morte súbita, na referência à "isquemia do coração por obliteração das artérias coronárias".

Quanto ao diabetes, estava convencido de que a causa primordial, inicial, originária e fundamental da desordem funcional que determina a glicemia, tem a sua sede nos centros nervosos; aí é que devemos procurar o primeiro elo da cadeia que representa todo o processo mórbido da "diabete sacarina".

Na biografia de Torres Homem há de tudo – desde higiene até pediatria. Publicou três volumes "Lições de Clínica Médica", entre 1867 e 1887, os quais revelam sua grande capacidade diagnóstica e de observação, à altura dos grandes mestres universais. Nessa importante obra encontram-se capítulos que demonstram seu interesse por temas reumato-

lógicos e justificam o título que recebeu de Patrono da Reumatologia Brasileira.

Descreveu minuciosamente a pneumonia, os abscessos do fígado, os aneurismas aórticos e angina do peito. A estenose cardioventricular direita, mais tarde conhecida como "Síndrome de Bernheim", está descrita em seus textos, com todas as características.

Conservou-se sempre fiel ao princípio hipocrático, de que o escopo fundamental da Medicina é a cura ou o alívio dos doentes. Na arte de ensinar, Torres Homem foi professor incomparável.

Por muito tempo, foi médico pessoal do Imperador Dom Pedro II.

Foi agraciado com o título de Barão de Torres Homem por carta-de-mercê de 14 de julho de 1887.

Recebeu ainda o título de Dignitário da Ordem da Rosa e foi membro do Conselho do Imperador e Grande do Império.

A atividade científica de Torres Homem vai de 1857 a 1887.

Faleceu na cidade do Rio de Janeiro, em 4 de novembro de 1887.

Referências

<https://www.anm.org.br/joao-vicente-torres-homem-barao-de-torres-homem/>
https://pt.wikipedia.org/wiki/Jo%C3%A3o_Vicente_Torres_Homem
<https://dichistoriasaude.coc.fiocruz.br/iah/pt/verbetes/hojovito.htm>

Miguel de Oliveira Couto

Patrono da Cadeira 09

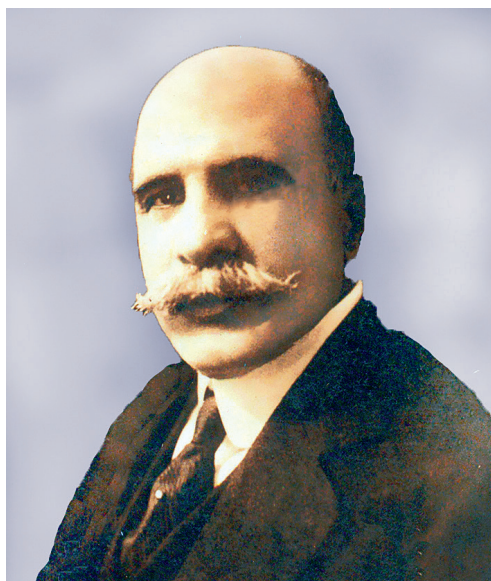
Membro Emérito

Secção de Medicina

Eleito: 10/12/1896 - Posse: 01/04/1897 - Emérito: 01/09/1927

Saudado por: Agostinho José de Souza Lima

Presidente da Academia Nacional de Medicina de 1913 a 1934



O Dr. Miguel de Oliveira Couto nasceu no Rio de Janeiro, no dia 1º de maio de 1865 e faleceu no Rio de Janeiro, a 6 de junho de 1934, foi um médico clínico geral, político e professor brasileiro. Era, filho de Francisco de Oliveira Couto e de Maria Rosa do Espírito Santo.

Miguel Couto formou-se pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, em 1885, defendendo a tese "Da etiologia parasitária em relação às doenças infecciosas". Durante o curso médico, trabalhou sob a direção do professor José Pereira Rego e foi interno, por concurso, da Clínica Médica do Dr. João Vicente Torres Homem.

Em 1892, convidado por Azevedo Sodré, ingressa no Hospital Geral da Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro e trabalha, também, no Hospital de São Sebastião, onde desenvolveu importantes estudos sobre a febre amarela.

Eleito Membro Titular da Academia Nacional de Medicina, apresentando memória intitulada "O pneumogástrico na influenza", foi empossado no dia 1º de abril de 1897. Ocupou vários cargos em diretorias e tornou-se seu Presidente, de 1913 até 1915, porém, foi reeleito seguidamente. Tornou-se Emérito, em 1929, e foi aclamado Presidente Perpétuo da Academia Nacional de Medicina em 11 de julho de 1929. Presidiu a ANM até 1934, quando faleceu. É o Patrono da Cadeira 9.

Foi Professor de Propedêutica, substituindo a Francisco de Castro, e, mais tarde, Catedrático de Clínica Médica da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro (atual UFRJ) e Chefe da 18ª Enfermaria do Hospital Geral da Santa Casa da Misericórdia do Rio de Janeiro, onde estabeleceu memorável serviço no qual foram realizadas inúmeras teses e memórias cobrindo toda a Clínica Médica e onde orientou inúmeros clínicos de escola, além de ter instalado na 7ª Enfermaria, que também chefiou, o primeiro aparelho de Raios-X do Brasil. Foi o pioneiro da Medicina de Aviação.

O Dr. Miguel Couto também foi Membro da Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro e da Paraíba, Membro e Vice-Presidente da Sociedade Médica dos Hospitais do Rio de Janeiro e Membro do Conselho Técnico-Administrativo da Faculdade de Medicina da Universidade do Rio de Janeiro, do Conselho Superior de Ensino e da Sociedade de Medicina de São Paulo, além de Sócio Benfeitor da Policlínica Geral do Rio de Janeiro.

Atuou como Membro Correspondente da "Société de Pathologie Exotique" de Paris, da Academia de Medicina de Havana, da Academia de Medicina da Colômbia, da Sociedade Médico-cirúrgica do Equador, da Sociedade de Ciências Médicas de Lisboa, da Sociedade Médica dos Hospitais de Paris, Membro Honorário da Sociedade de Medicina e Cirurgia de Niterói, da Academia Nacional de Medicina da França, da Academia de Medicina de Buenos Aires, da Academia de Medicina de Berlim, da Real Academia Médica de Roma, da Associação Médica Argentina e do Instituto Brasileiro de Estomatologia. Fundou e integrou a Sociedade de Neurologia, Psiquiatria e Medicina Legal.

Além disso, destacou-se como Professor "Honoris Causa" da Universidade de Buenos Aires e da Universidade de Lima (Peru) e recebeu a Medalha da Instrução Pública da Venezuela e da Coroa da Bélgica.

Deixou vasta obra, destacando-se: "Dos espasmos nas afecções dos centros nervosos", "A gangrena gasosa fulminante", "Patogenias das icterícias" (com o Dr. Azevedo Sodré), "Diagnóstico Precoce da Febre Amarela pelo Exame Espectroscópico da Urina" e "Lições de Clínica Médica".

Sua atividade não ficou limitada ao campo da medicina, tendo ocupado posição de relevo nas letras e na política. Era poliglota e profundo conhecedor da língua portuguesa.

Foi Membro Titular da Academia de Letras do Estado do Rio de Janeiro, sendo eleito em 1916.

Na Associação Brasileira de Educação, a 2 de julho de 1927, proferiu uma conferência em que apresentava um projeto sobre educação, largamente distribuído em todas as escolas normais e institutos profissionais da então Capital Federal. Era sugerida, nesse documento, a criação do Ministério da Educação, com dois departamentos: o do ensino e o da higiene. Em 14 de novembro de 1930, um decreto do Chefe do Governo Provisório da República criava uma Secretaria de Estado, com a denominação de Ministério da Educação e Saúde Pública.

Em 1933, foi eleito Deputado Constituinte pelo Distrito Federal (Rio de Janeiro).

Um de seus filhos foi o Acadêmico Miguel Couto Filho, médico ilustre, Ministro da Saúde (1953-1954), Governador do Estado do Rio de Janeiro (1955-1958) e Senador (1959-1967).

O Anfiteatro da Academia Nacional de Medicina leva o seu nome e, também em sua homenagem, foram nomeados o famoso Hospital Municipal Miguel Couto, no bairro da Gávea, na cidade do Rio de Janeiro, e o bairro de Miguel Couto, na cidade de Nova Iguaçu, além de ruas e praças espalhadas pelo país.

Faleceu no dia 6 de junho de 1934, aos 69 anos, na sua cidade natal, Rio de Janeiro, vítima de um ataque fulminante de "angina pectoris".

- O Miguel Couto contraditório

Miguel Couto foi um indivíduo, e um médico excepcional, entretanto foi também uma figura polêmica, tendo em conta algumas de suas ideias, que hoje têm características nitidamente racistas e segregacionistas.

Miguel Couto teve destacada participação, como médico, em defesa de teorias eugênicas. Contudo, a Eugenia, como outras teorias polêmicas, eram defendidas por muitos intelectuais, médicos, advogados, engenheiros, etc.

Como Deputado Constituinte de 1934, Miguel Couto, preocupado com o expansionismo japonês na época, defendeu a restrição da imigração japonesa no Brasil. Apresentou uma emenda constitucional com a participação de inúmeros constituintes, e que foi aprovada por larga maioria, que estabelecia cotas de imigração, e que proibia a concentração populacional de imigrantes. Segundo o texto, o Brasil só poderia receber, por ano, no máximo dois por cento do total de imigrantes da cada nacionalidade, que havia ocorrido nos últimos cinquenta anos. Como havia um crescente número de imigrantes japoneses, a aplicação da emenda afetou a estes em especial.

Na Assembleia Constituinte, ele proferiu um discurso em 25 de maio de 1934, para encaminhar a votação do artigo sobre a imigração no Brasil, durante o qual disse: "Nosso problema geral da imigração se contém múltiplos subproblemas que dizem respeito do lado dos imigrados, não só às suas qualidades físicas e mentais – o são e o doente, o morigerado e turbulento, o abstinêcio e ébrio, o trabalhador e o mendigo, o pacífico e o guerreiro, os que pelos seus antecedentes chegam com a justa ambição do trabalho e os que trazem o ânimo oculto da conquista, como também à sua quantidade, tal às vezes que transforme a imigração em migração. Salta aos olhos o perigo desta ocorrência, que corresponde a uma guerra invasiva sem ao menos a glória da derrota e equivale a uma ocupação branca, qualquer que seja a cor dos ocupantes. Para evitar esta conjuntura, pensa Chestes Rowell, da Califórnia, só um caminho reto: suspendê-la antes de começar".

A votação em relação à restrição da entrada de imigrantes no Brasil foi aprovada e o artigo 121, parágrafo 7º. A intolerância ao asiático era ainda mais forte em alguns setores da sociedade brasileira. O imigrante poderia trazer doenças e características negativas que poderiam penetrar

na sociedade e levar à degeneração da população brasileira. Segundo Miguel Couto, este era exatamente parte do plano dos japoneses, que sofriam com a alta densidade demográfica em seu território e por isso precisavam expandir para outras partes do mundo. O Brasil seria o país ideal, pois tinha um enorme território desabitado e um exército fraco.

Referências

<https://www.anm.org.br/miguel-de-oliveira-couto/>

https://pt.wikipedia.org/wiki/Miguel_Couto

<https://www.revistas.uneb.br/index.php/rbpab/article/view/8092/pdf>

<https://qridos.com.br/queridos/item/72-miguel-couto>

<https://cursodeespiritismo.blogspot.com/2016/03/miguel-de-oliveira-couto.html>

http://www.encontro2014.rj.anpuh.org/resources/anais/28/1400205580_ARQUIVO_TextoparaaANPUH-RJ-AlineCotrim.pdf

<https://www.scielo.br/j/rbh/a/TLsppHZdSyVtfKjZbRx9qXK/>

<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs2004200804.htm>

Pedro Francisco da Costa Alvarenga

Patrono da Cadeira 10

Membro Correspondente Nacional

Secção de Medicina

Eleito: 03/04/1865



O Dr. Pedro Francisco da Costa Alvarenga nasceu em Oeiras, Piauí, em 1826 e faleceu em Lisboa, Portugal, em 14 de julho de 1883. Era neto do português Francisco José da Costa Alvarenga, homem culto e inteligente que, embora sem as láureas acadêmicas, fazia as vezes de médico na província.

Em 1834, deixou Oeiras, então capital do Piauí (capital de 1759 a 1852), com apenas 8 anos de idade, mudando-se com toda a família para Portugal e nunca mais retornou à sua terra natal.

Em Lisboa, ainda adolescente, cursou Matemática na Escola Politécnica e Zoologia na Academia de Ciências. Em 1845 matriculou-se no curso de Medicina da Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa, concluindo-o com louvor em 1850. Depois de formado, rumou para a Bélgica, doutorando-se com brilhantismo pela conceituada Universidade de Bruxelas, em 1852.

De retorno a Portugal, iniciou o trabalho de atendimento clínico, tornando-se médico efetivo do Hospital de São José, da Santa Casa de Misericórdia, subdelegado de saúde e médico honorário da Câmara de Sua Majestade Fidelíssima. Foi, entretanto, inexcedível em sua luta de amparo aos enfermos durante as duas grandes epidemias de “chole-
ra morbus” e de febre amarela, que assolaram a capital portuguesa (1853 - 1856), assumindo a direção de vários hospitais especialmente montados naquela oportunidade. Por esse tempo adquiriu grande reputação, sendo chamado a toda parte. Era o médico de Lisboa. Segundo a imprensa da época, se não bastasse a sua profícua produção acadêmica, bastava ouvi-lo “para se reconhecer o médico que sabe fazer o diagnóstico das doenças de peito com precisão quase matemática. A auscultação, a percussão, a mensuração, assim como os demais meios de descobrir as doenças, têm no Sr. Alvarenga um apaixonado cultor”. E mais, “em tão breves anos não é fácil adquirir neste país maior soma de conhecimentos teóricos e práticos do que possui o Sr. Dr. Alvarenga” (A Revolução de setembro, nº 6045, de 8.7.1862; A crença, de 9.7.1862).

Concomitantemente ao atendimento clínico, dedicou-se com afinho e denodo ao ensino e à pesquisa, encetando vitoriosa carreira acadêmica. Em 1862, depois de consagrada aprovação em concurso público, assumiu a Livre-Docência de Matéria Médica da Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa, onde se formara doze anos antes.

Em 1853, fundou e tornou-se o principal redator da Gazeta Médica de Lisboa, conceituada revista que circulou até o ano de 1875, de onde vários artigos foram traduzidos e divulgados em outras importantes publicações científicas europeias. Dada à sua notoriedade acadêmica, ingressou como sócio efetivo na Academia Real de Ciências e Correspondente na Imperial Academia de Medicina do Rio de Janeiro, além de mais de trinta associações de ciências e letras da Europa. Foi agraciado com títulos e comendas em diversos países.

Realizou inúmeras descobertas científicas. Porém, o que mais notabilizou o seu nome foi a descoberta, em 1856, do sinal do duplo sopro crural da Insuficiência Aórtica, também conhecido como “Sinal Alvarenga-Duroziez”. Ocorre que aquele conhecido cardiologista francês observara o mesmo sinal seis anos depois e então estava sendo ensinado na escola francesa com o nome exclusivo deste. Entretanto, Costa Alvarenga reivindicou seus direitos e a Academia de Paris, passou a denominá-lo homenageando os dois cientistas. Entretanto, alguns tratadistas, entre

os quais o italiano Castellino e o brasileiro Miguel Couto, reconhecem apenas a primazia do luso-brasileiro denominando-o apenas por “Sinal de Alvarenga”.

Em 1872, permaneceu no Rio de Janeiro participando dos debates na Academia Imperial de Medicina, que resultaram na publicação de um livro em 1873. Quando Regressou a Portugal, Costa Alvarenga passou pela Bahia, oportunidade em que medicou o jovem Rui Barbosa, diagnosticando anemia cerebral e subnutrição.

Quando faleceu, rico e famoso, em 1883, em Lisboa, o Dr. Pedro Francisco da Costa Alvarenga era um respeitadíssimo médico e cientista em dimensão Europeia.

Em um de seus legados, destinou uma quantia à Província do Piauí para a construção de uma Escola em Oeiras. Quando a “Corte Imperial” fez a mudança da capital, em 1852, de Oeiras para Teresina, fez também, a mudança de suas duas escolas para a nova capital, deixando Oeiras sem nenhuma; assim, pode-se avaliar a importância do gesto do cientista para com a sua terra natal, ao consignar o legado. E não diminui em nada o valor da intenção o fato de o governo piauiense ter usado o dinheiro e postergado, por cerca de quarenta anos, a criação do “Grupo Escolar Costa Alvarenga”. Provando, também, nunca ter renegado suas raízes piauienses, o cientista instituiu, com sua herança, o “Prêmio Alvarenga do Piauí” para as Academias de Medicina de Paris, Lisboa, Bruxelas, Viena, Berlim, Filadélfia, Estocolmo e Rio de Janeiro.

O Dr. Costa Alvarenga faleceu em 14 de julho de 1883, em Lisboa, vítima de lesão aórtica fulminante, o mal que estudara por grande parte de sua vida. Possuía apenas 57 anos de idade e já era um dos mais respeitados cientistas da Europa.

Referências

<https://www.anm.org.br/pedro-francisco-da-costa-alvarenga/>

https://pt.wikipedia.org/wiki/Pedro_Francisco_da_Costa_Alvarenga

<https://www.artesanatopiauiense.pi.gov.br/2022/05/24/pedro-francisco-da-costa-alvarenga/>

<https://www.geni.com/people/Pedro-Francisco-da-Costa-Alvarenga/6000000179648835824>

Antonio Austregésilo Rodrigues Lima

Patrono da Cadeira 11

Membro Emérito

Secção de Medicina

Eleito: 04/09/1903 - Posse: 10/09/1903 - Emérito: 22/08/1929

Saudado por: Carlos Pinto Seidl

Presidente da Academia Nacional de Medicina: 1934 a 1937, 1945 a 1947 e 1949 a 1951.



O Acadêmico Antônio Austregésilo Rodrigues Lima nasceu em Recife, Pernambuco, em 21 de abril de 1876 e faleceu na cidade do Rio de Janeiro, em 23 de dezembro de 1960.

Era filho de José Austregésilo Rodrigues de Lima e de Maria Adelaide Feitosa Lima.

De origem humilde, mulato e portador de tartamudez, Antônio Austregésilo apresentou ainda tiques na infância. Sempre se dedicou muito aos estudos, tendo ele próprio descrito na sua maturidade que “estudou como um escravo”.

Aos 16 anos, mudou-se para o Rio de Janeiro, onde se doutorou em Medicina, em 1899, pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro (Faculdade Nacional de Medicina, atual UFRJ), defendendo tese intitulada “Estudo Clínico do Delírio”.

Ainda estudante, serviu como auxiliar na comissão médica que combateu a epidemia de cólera no Vale do Paraíba, em 1896. Frequentou, como interno, a enfermaria chefiada pelo Prof. Francisco de Castro e, em 1901, trabalhou com o Dr. Miguel Couto. O Acadêmico Francisco de Castro (Patrono da Cadeira No. 14 da ANM) foi o mestre que mais exerceu influência sobre ele.

Foi eleito Membro Titular da Academia Nacional de Medicina em 4 de setembro de 1903. Ocupou vários cargos na diretoria e tornou-se Emérito em 22 de agosto de 1929. Foi Vice-Presidente entre 1933 e 1934 e Presidente nos biênios 1935/37, 1945/47 e 1949/51.

Em sua primeira viagem à Europa, frequentou, na França, os serviços de Vidal, Babinski e Dejerine, e, na Alemanha, os de Krause e Oppenheim. Posteriormente, já como professor consagrado de Neurologia no Brasil, visitou outros serviços de Neurologia e Neurocirurgia, particularmente nos Estados Unidos da América.

Em 1909, foi designado Professor substituto de Clínica Médica, Patologia Interna e Clínica Propedêutica e, em 1912, Professor Catedrático da recém-criada Cadeira de Neurologia da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro (atual UFRJ). Foi, ainda, Professor Honorário da Faculdade de Medicina de Pernambuco.

O Dr. Austregésilo foi Chefe da Seção Pinel do Hospício Nacional, onde criou e desenvolveu notável núcleo de estudos e ensino médico. Instalou a Clínica Neurológica na 20ª enfermaria do Hospital Geral da Santa Casa da Misericórdia do Rio de Janeiro, ficando esse serviço clínico dividido em dois setores: Clínica Médica e Neurologia. Juntamente com os médicos Aduino Botelho, Pernambuco Filho e Ulysses Viana, fundou o Sanatório Botafogo. Foi também médico da Policlínica de Botafogo.

É considerado o pioneiro da Neurologia e do estudo dos distúrbios do movimento no Brasil. Uma das contribuições mais lembradas de Antônio Austregésilo é o sinal semiológico que leva o seu nome e o do médico Faustino Esposel. O sinal de Austregésilo-Esposel é considerado um dos substitutos do sinal de Babinski (reflexo plantar) e foi publicado em 1912, no periódico "L'Encéphale".

Austregésilo foi o introdutor e divulgador no Brasil de dois tratamentos para a síndrome parkinsoniana: o uso de escopolamina e a fórmula

criada por Roemer, com o uso de sulfato de atropina. Este tratamento foi sugerido no artigo intitulado: "O tratamento atropínico da síndrome parkinsoniana" publicado em 1945.

Dirigiu o Instituto de Neuropatologia da Assistência a Psicopatas e os "Arquivos Brasileiros de Neurologia e Psiquiatria". Foi Membro da Sociedade Brasileira de Neurologia, Psiquiatria e Medicina legal e da Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro, Membro da Sociedade Brasileira de Dermatologia e Sifilografia, da Sociedade Brasileira de Criminologia, da Sociedade Brasileira de Educação, da Sociedade de Neurologia de Paris, da Sociedade Médica de Lisboa, da Sociedade de Psiquiatria de Paris e da Sociedade de Neurologistas da Alemanha.

Além disso, foi Membro Honorário da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, da Sociedade Médica de Pernambuco, da Sociedade de Medicina do Rio Grande do Sul, da Sociedade de Medicina de Niterói e da Academia de Medicina de Buenos Aires. Representou o Brasil em vários Congressos Internacionais de Medicina, de Neurologia e de Psiquiatria. Foi condecorado com a Medalha da Ordem de Santiago da Torre e Espada de Portugal, a Medalha da Ordem da Coroa da Romênia e a Medalha da Legião de Honra da França.

Em 1928, após retornar de viagem aos Estados Unidos, impressionado com a resolução diagnóstica e os resultados obtidos nos Serviços de Neurocirurgia de Harvey Cushing e Charles Frazier, designou, inicialmente, o cirurgião Augusto Brandão Filho, denominado "príncipe dos cirurgiões" e, logo depois, Alfredo Alberto Pereira Monteiro e seu assistente, José Ribeiro Portugal, a iniciarem oficialmente o que veio a ser a Escola de Neurocirurgia Brasileira. Deve-se ressaltar seu dileto discípulo que o acompanhou até o final, o Dr. Antonio Rodrigues de Mello.

Desde cedo trazia o pendor para a literatura. Ainda em sua terra natal, participou, precocemente, do movimento literário e artístico da Escola de Recife.

Ingressou na Academia Brasileira de Letras, em 1914, tendo sido seu Presidente, em 1939.

Na política, foi Deputado Federal por Pernambuco, de 1922 até 1930.

Autor de várias obras, não só científicas, mas também de caráter literário, foi colaborador efetivo do periódico "Brasil Médico" e das revistas "A Noite", "Revista Médica de São Paulo" e da "Revista de Medicina". Publicou, também, muitos trabalhos em jornais médicos brasileiros, franceses, alemães, americanos, espanhóis e argentinos.

Faleceu na cidade do Rio de Janeiro, aos 84 anos, no dia 23 de dezembro de 1960.

O Salão Nobre da ANM leva o seu nome.

Referências

<https://www.anm.org.br/antonio-austregesilo-rodrigues-lima/>

https://pt.wikipedia.org/wiki/Ant%C3%B4nio_Austreg%C3%A9silo

<https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/LIMA,%20Ant%C3%B4nio%20Austreg%C3%A9silo%20Rodrigues%20de.pdf>

<https://www.scielo.br/j/anp/a/WjQKtJW8n4g9vT9WSG3hnhv/?lang=pt>

Pedro de Almeida Magalhães

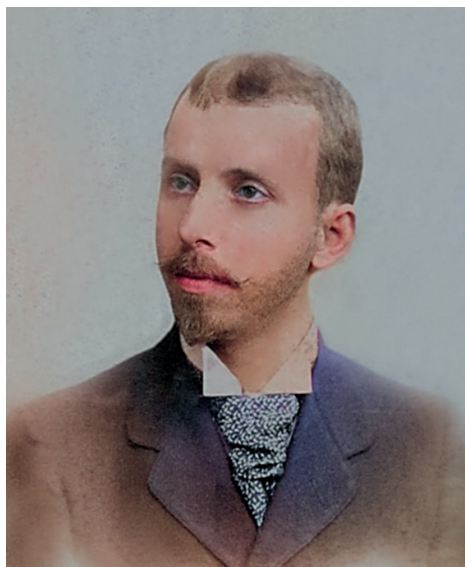
Patrono da Cadeira 12

Membro Titular

Secção de Medicina

Eleito: 17/11/1898 - Posse: 06/04/1899

Saudado por: Antônio José Pereira da Silva Araújo



O Dr. Pedro de Almeida Magalhães nasceu em Vassouras, Rio de Janeiro, em dia 27 de novembro de 1864, filho de João Paulo de Magalhães e de Lucilla Eugênia Teixeira de Magalhães. Fez seus estudos preparatórios no Colégio Ateneu Fluminense, naquela cidade.

Matriculou-se na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 1882, onde doutorou-se em Medicina em 1887, defendendo tese sobre "Amiotrofias de origem periférica". No ano seguinte, partiu para a Europa para completar seus estudos, onde permaneceu por três anos.

O Dr. Pedro de Almeida Magalhães candidatou-se a Membro Titular da Academia Nacional de Medicina em 15 de setembro de 1898, apresentando a memória intitulada: "Ruídos de sopros cardíacos no decurso da arterioesclerose generalizada".

Médico e Cientista, foi Professor de Patologia Interna e de Clínica Médica da Faculdade Nacional de Medicina. Fez o primeiro concurso para a Fa-

culdade em 1902, sendo dispensado do segundo concurso pelas obras de mérito que apresentava.

Travou célebre polêmica com Miguel Couto sobre a natureza do sopro na insuficiência aórtica, elevando a auscultação cardíaca às maiores minúcias.

Publicou vários trabalhos, dentre eles "Estudos de Clínica Médica", "Valor da percussão no diagnóstico dos aneurismas aórticos", "O fígado e o baço na anquilostomíase", e "Da revolução na terapêutica antiflogística".

Merece especial menção a monografia "O coração no beribéri", ainda hoje considerada obra mestra da bibliografia nacional.

Foi colaborador dos periódicos *Brasil Médico*, do Rio de Janeiro, e *Revista Médica*, de São Paulo.

A percussão da fosseta de Mohrenheim (Trígono Deltoclavipeitoral) para o diagnóstico precoce da tuberculose, problema crítico premente na época, foi por ele estudado com afincio, tendo inspirado mais tarde a tese de um de seus discípulos, o Dr. Rodrigues Machado, intitulada "Sinal de Almeida Magalhães".

O Acadêmico Pedro de Almeida Magalhães faleceu aos 44 anos, na cidade de Benjamim Constant, em Minas Gerais, no dia 13 de fevereiro de 1909.

Referências

<https://www.anm.org.br/pedro-de-almeida-magalhaes/>

https://pt.wikipedia.org/wiki/Pedro_de_Almeida_Magalh%C3%A3es

<http://alemparaibahistoria.blogspot.com/2011/09/fazenda-ouro-fino-e-familia-almeida.html>

Benjamin Antônio da Rocha Faria

Patrono da Cadeira 13

Membro Titular

Secção de Medicina

Eleito: 18/11/1897 - Posse: 25/11/1897

Saudado por: Antonio José Pereira da Silva Araújo



Nascido Benjamin Antônio da Rocha Faria Júnior, em 09 de abril de 1853, natural do estado do Rio Grande do Sul, filho de Benjamin Antonio da Rocha Faria e D. Josefa Paranhos da Rocha Faria.

Fez seus preparatórios no Externato Aquino, no Rio de Janeiro. Graduou-se em Medicina em 1875 e defendeu tese de doutoramento intitulada "Lesões Traumáticas do Encéfalo".

O Dr. Rocha Faria começou clinicando nos subúrbios, e depois abriu a Clínica Urbana na Rua Direita. Em 1885, obteve por concurso o cargo de Professor Adjunto de Higiene e História da Medicina, tornando-se Professor Catedrático em 1888, após a transferência do titular, Nuno de Andrade, para a primeira cadeira de Clínica Médica. Em dezembro, foi nomeado inspetor-geral de Higiene Pública, onde permaneceu até 1890.

Enquanto erguia o Hospital São Sebastião, iniciava a construção de desinfetórios periféricos. Em abril de 1889, reorganizou o laboratório de

higiene da Faculdade de Medicina, destacando dele o serviço de análise de bebidas e alimentos que, na República, tornou-se o Laboratório Nacional de Análises.

Ainda em 1889, foi agraciado com a comenda da Ordem de N. S. de Jesus Cristo.

Em 1896 foi presidente do Conselho Municipal de Higiene e Assistência Pública.

Foi eleito Membro Titular da Academia Nacional de Medicina, em 1897, e transferiu-se para a categoria de Honorário em 01/09/1927. Foi Presidente da Secção de Medicina entre 1900e 1902.

Em 1916, passou a cátedra de higiene a Afrânio Peixoto, mas chefiou a enfermaria da Santa Casa de Misericórdia até 1932, quando completou 33 anos de serviço. Trabalhou, ainda, no Hospital da Beneficência Portuguesa.

Faleceu a 26 de janeiro de 1936, na cidade do Rio de Janeiro.

O nome do Hospital Estadual Rocha Faria, localizado na Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro, foi escolhido em sua homenagem, em 1940.

Referências

<https://www.anm.org.br/benjamin-antonio-da-rocha-faria/>

https://pt.wikipedia.org/wiki/Benjamim_Antonio_da_Rocha_Faria

<http://memoriascampogrande.blogspot.com/2017/07/homenagem-rocha-faria.html>

Francisco de Castro

Patrono da Cadeira 14

Membro Titular

Secção de Medicina

Eleito: 26/07/1881 - Posse: 26/07/1881



O Dr. Francisco de Castro nasceu em Salvador, em 17 de setembro de 1857, filho de Joaquim de Castro Guimarães e de Maria Heloísa de Matos Castro.

Logo cedo ficou órfão de mãe, e o pai, negociante, empenhou-se em lhe dar esmerada educação, e encaminhou-o para o Ateneu Baiano, após o que ingressou na Faculdade de Medicina da Bahia em março de 1874, transferindo-se depois para a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, entretanto, diplomou-se na Faculdade de Medicina da Bahia em 1879. Durante o curso acadêmico, deixou-se atrair pelo convívio literário, tendo, entre seus companheiros, Guilherme de Castro Alves, irmão de Castro Alves. A admiração pelo Poeta dos Escravos exerceu decisiva influência na sua poesia, emprestando-lhe a sua feição condoreira (parte de uma escola literária da poesia brasileira, a terceira fase romântica, marcada pela temática social e a defesa de ideias igualitárias).

Destacou-se desde cedo por sua notável inteligência. Foi filósofo, poeta, clínico, cientista e orador.

Fez parte do corpo médico do Exército, no período de 1887 a 1889, servindo no Hospital Militar da Guarnição da Corte. Conhecedor de várias línguas, foi encarregado de um curso de alemão aos oficiais, quando em 1888 foi criada para eles a Escola Superior de Guerra.

Candidatou-se à Academia Imperial de Medicina com a memória "Centros Córticos e Psicogênicos" tomando posse em 1881.

Foi professor da cadeira de Clínica Propedêutica e, em 1901, diretor da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Paralelamente, ia exercendo a atividade de escritor em livros de assuntos médicos e proferindo discursos publicados depois de sua morte. Poeta, ainda inspirado no Romantismo, publicou versos também sob o pseudônimo Luciano de Mendazza. Reuniu-os num volume, ao qual deu o título de "Harmonias Errantes", livro que mereceu uma introdução de seu amigo Machado de Assis.

Francisco de Castro deixou uma tradição de bondade extrema, e seu grande exemplo foi lembrado por gerações sucessivas de médicos. Muitos o chamavam "o divino Mestre", conservando o culto de sua figura, que ficou sendo uma espécie de patrono deles todos.

Foi eleito para a Cadeira No. 13 da Academia Brasileira de Letras, em 10 de agosto de 1899, na sucessão do Visconde de Taunay, não chegou a tomar posse. Deveria ser saudado pelo acadêmico Rui Barbosa.

Segundo a Academia Brasileira de Letras, Rui Barbosa se expressou: "Era Castro, em nossa terra, a mais peregrina expressão de cultura intelectual que jamais conheci. Tenho encontrado, em nossos naturais, aliás raramente, artistas e sábios. Mas nele se me deparou, entre brasileiros, o primeiro exemplo e único até hoje, a meu parecer, de um sábio num artista. Em Francisco de Castro brilhava a mesma vocação consumada nas Letras e na Medicina".

Era pai do também Acadêmico Aloysio de Castro, da Academia Brasileira de Letras e da Academia Nacional de Medicina.

Faleceu em 11 de outubro de 1901, no Rio de Janeiro.

Referências

<https://www.anm.org.br/francisco-de-castro/>

[https://pt.wikipedia.org/wiki/Francisco_de_Castro_\(acad%C3%AAmico\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Francisco_de_Castro_(acad%C3%AAmico))

<https://www.academia.org.br/academicos/francisco-de-castro/biografia>

<https://dichistoriasaude.coc.fiocruz.br/iah/pt/verbetes/castfran.htm>

Clemente Miguel da Cunha Ferreira

Patrono da Cadeira 15

Membro Titular

Secção de Medicina

Membro Titular da Cadeira 04

Eleito: 29/05/1890 - Posse: 29/05/1890



Nascido a 29 de setembro de 1857, em Resende (RJ), filho de José da Cunha Ferreira, português, e de Maria Neves da Cunha Ferreira, brasileira.

Graduou-se pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 1880, defendendo tese de doutoramento intitulada "Tísica Pulmonar".

Estudou e combateu por 67 anos, com pertinácia e consciência, a tuberculose no Brasil. Desde sua tese de doutoramento até o seu último artigo sobre a "Diazona e a Streptomicina", publicado no "Estado de São Paulo" de 07 de agosto de 1947, é evidente em toda a produção científica de Clemente Ferreira, o pendor fervoroso para doutrinar e esclarecer, sob o ponto de vista sanitário, as questões palpitantes da terapêutica e da profilaxia da peste branca.

Durante seis anos foi diretor da Santa Casa de Misericórdia de Resende, no período de 1881 a 1887. A seguir, no Rio, passou a chefiar a Clínica

de Moléstias de Crianças. Médico Sanitarista, atuou em vários campos da Saúde Pública no Rio de Janeiro, e depois em Campinas e Rio Claro, onde foi designado para participar, em 1889, da luta contra a febre amarela que assolava essas duas cidades paulistas.

Seu trabalho foi tão notável que ele foi homenageado com a medalha de ouro da Câmara Municipal, como gratidão do povo paulista. Recebeu também a Comenda de Oficial da Ordem da Rosa, concedida pelo Imperador D. Pedro II.

Em 13 de janeiro de 1885 foi admitido como Membro Correspondente na Academia Nacional de Medicina. Em 29 de maio de 1890, tendo fixado residência na cidade do Rio de Janeiro, solicitou passagem a Membro Titular, tendo sido aceito. Foi Vice-Presidente da Secção de Terapêutica (1895-1896), Secretário da Secção Médica (1891-1892; 1892-1893) e 2º Secretário (1890-1891).

Em julho de 1899, funda em São Paulo a "Associação Paulista de Sanatórios Populares para Tuberculosos", depois chamada de "Liga Paulista contra a Tuberculose" e a partir daí passa a dedicar-se exclusivamente à Tuberculose. Em 1902, fundou a revista "Defesa contra a Tísica" da Associação Paulista de Sanatórios Populares e através dela começou sua luta para conscientizar a população e as autoridades sanitárias sobre a magnitude da tuberculose.

Homem de ação, de ideias objetivas, fundou o "Preventório Infantil de Bragança" e o "Hospital Abrigo Clemente Ferreira", este último destinado a tuberculosos incuráveis, instalado em 1937.

Clemente Ferreira sofreu decisiva influência do grande clínico Dr. João Vicente Torres Homem. Tratando de doentes, escrevendo conferências e artigos para jornais, participando de congressos médicos, mostrava-se dia-a-dia mais ardoroso no desejo de obter meios eficientes para diminuir o tributo que se pagava à tuberculose. Estava sempre atento ao movimento antituberculoso do mundo e do país, onde ele procurava aplaudir com entusiasmo as melhorias sanitárias tomadas pela administração pública.

Adepto das ideias de Calmette, acolheu desde logo o emprego do B.C.G. para a prevenção da doença, preparando a receptividade em nosso meio.

Em 1943 publicou o livro "Estudos e Conferências" (Temas da Tisiologia Médico-Social). Em 1944, em artigo na "Revista Paulista de Tisiologia", traça a importância dos centros e institutos de pesquisa na solução do problema tisiológico.

Recebeu também o título de Doutor honoris causa pela Escola Paulista de Medicina.

Durante o restante de sua jornada na luta contra a Tuberculose recebeu várias homenagens de autoridades ilustres como do Presidente da República Eurico Gaspar Dutra, dois anos após sua morte.

Faleceu aos 06 de agosto de 1947, em São Paulo.

Referências

<https://www.anm.org.br/clemente-miguel-da-cunha-ferreira/>

https://pt.wikipedia.org/wiki/Clemente_da_Cunha_Ferreira

<https://www.facebook.com/ardhisresende/posts/1781656618604415/>

<https://sbhm.webnode.com.br/news/clemente-ferreira/>

<https://www.camposdojordaocultura.com.br/oclima.asp>

Érico Marinho da Gama Coelho

Patrono da Cadeira 16

Membro Titular

Secção de Medicina

Eleito: 25/05/1886 - Posse: 01/06/1886



Nascido a 07 de março de 1849, em Cabo Frio (RJ), filho de Jacinto José Coelho e D. Engrácia da Gama Coelho. Seu pai foi um dos fundadores do Instituto da Ordem dos Advogados no Rio de Janeiro, então capital do Império.

Graduou-se pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 1870, defendendo tese de doutoramento intitulada "Diagnóstico diferencial dos tumores do seio".

Maçom, foi também seguidor da Igreja Evangélica Brasileira, fundada em setembro de 1879 por Miguel Vieira Ferreira, e reconhecida pelo governo imperial brasileiro.

Especializando-se desde logo em obstetrícia e ginecologia, e clinicou como parteiro em São Fidélis, em cuja vida calma e tranquila se aprofundou nos estudos, apresentando-se alguns anos mais tarde candidato para Professor de Obstetrícia e Ginecologia na Faculdade de Medicina.

Seu concurso tornou-se memorável por vários motivos, entre eles: tratava-se de um moço republicano que, pelas colunas do Jornal "O Povo", fazia a mais ardosa propaganda antimonárquica.

Lente catedrático de Clínica Obstétrica e Ginecológica em 1883, nomeado pelo próprio imperador Dom Pedro II, e diretor da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 1889.

As responsabilidades de ardoso propagandista, o seu feitio combativo e naturais pendores à luta encaminharam-no à política. Exerceu a função de Promotor Público no município de Piraí e em seguida fora promovido ao cargo de Juiz Municipal na cidade de Cabo Frio. Foi, durante cerca de vinte anos, deputado e, mais tarde, elegeu-se Senador pelo estado do Rio de Janeiro. No Senado, foi Membro das Comissões de Saúde, Estatística e Colonização e Finanças. Publicou uma série de discursos feitos da tribuna em defesa do divórcio. Além deste fato, era apologista da emancipação social e política do sexo feminino.

Em 1920, reassumiu a cátedra de Obstetrícia da Faculdade de Medicina e, por esse motivo, a direção da Maternidade de Laranjeiras.

Precursor da medicina sugestiva no Brasil, afirmando por fatos experimentais a sugestão mental, na época em que o célebre Charcot negava a realidade desse fenômeno psíquico.

Na ocasião de sua posse na Academia Nacional de Medicina, apresentou memória intitulada "Algumas observações do beribéri examinadas do ponto de vista psicológico". Na instituição, escreveu "Mola hidatiforme" (1883); "Aula inaugural da cadeira de clínica obstetrícia" (1884); "Reforma da Faculdade de Medicina" (1886); "Influência mental da mulher sobre o feto" (1887); "Biblioteca Republicana" (1888); "Reforma da Faculdade de Medicina" (1890); "Pornografia contra pornografia" (1892); "Tratamento da febre amarela pela cloroformização permanente" (1918); "O determinismo da função mamária independe do estímulo ovariano" (1918) e "Tratamento da gripe pelo extrato tonsilar" (1918).

Faleceu no Rio de Janeiro, a 26 de novembro de 1922.

Referências

<https://www.anm.org.br/erico-marinho-da-gama-coelho/>

https://pt.wikipedia.org/wiki/%C3%89rico_Coelho

<https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/COELHO,%20%C3%89rico%20Marinho%20da%20Gama.pdf>

Carlos Pinto Seidl

Patrono da Cadeira 17

Membro Emérito

Secção de Medicina

Eleito: 28/11/1895 - Posse: 05/12/1895 – Emérito: 01/09/1927

Presidente da Academia Nacional de Medicina - 1911 a 1913



O Dr. Carlos Pinto Seidl nasceu no dia 24 de novembro de 1867, em Belém, no Estado do Pará, filho do austríaco, humanista e eminente Professor das Letras Clássicas Carlos Seidl e de D. Raymunda Pinto Seidl. Nos dizeres do Prof. Olympio Oliveira Ribeiro da Fonseca, Carlos Seidl foi um homem privilegiado por ter nascido em família letrada com amplas tradições de estudos. Era neto materno do Cirurgião-Mor José Antônio Teixeira Pinto.

Fez parte de sua educação no Ginásio Paraense, posteriormente, denominado Colégio Estadual Paes de Carvalho, e seguiu para um seminário católico na França. Percebendo não ter vocação eclesiástica, retornou ao Brasil e se diplomou em Medicina pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro (atual UFRJ), em 1892, apresentando a tese intitulada "Da etiologia perante o diagnóstico, a terapêutica e a higiene". Em 1890, ainda estudante, integrou a comissão médica do Rio de Janeiro que assistiu à população de Campinas no surto de febre amarela.

Logo depois de formado, foi nomeado Diretor do Hospital São Sebastião, onde permaneceu durante 37 anos, de 1892 a 1929, transformando-o num centro de pesquisas para o estudo das doenças tropicais e infecciosas.

Foi eleito Membro Titular da Academia Nacional de Medicina, no dia 28 de novembro de 1895, apresentando memória intitulada "Do isolamento nosocomial - contribuição para o estudo da profilaxia defensiva no Rio de Janeiro", e empossado em 5 de dezembro de 1895. Foi Presidente da Academia Nacional de Medicina no período de 1910 a 1913 e tornou-se Membro Emérito em 1927.

Foi do Dr. Carlos Seidl um dos primeiros artigos sobre o uso dos raios-X na medicina, em 1896.

Considerado um dos mais eminentes sanitaristas brasileiros, ocupou o cargo de Diretor Geral de Saúde Pública, equivalente, hoje, ao de Ministro da Saúde, entre 1912 e 1918, pedindo demissão do cargo por ocasião da gripe espanhola e substituído por Carlos Chagas. No livro "A propósito da pandemia de 1918: fatos e argumentos irrespondíveis", publicado em 1919, o Dr. Carlos Seidl narra suas experiências pessoais e desventuras ao longo deste evento, expondo opiniões e rebatendo as críticas por sua atuação na Diretoria Geral de Saúde Pública, além de discussões acadêmicas e manifestações de apoio diante dos profundos ataques a sua figura pública.

Em 1915, presidiu a Comissão de Profilaxia da Lepra, que contava com a participação de importantes sociedades médicas, além de médicos e cientistas, com o objetivo de estudar os temas relacionados à transmissão e profilaxia da lepra. Ao final dos estudos e debates, em 1919, a comissão aprovou as conclusões necessárias para servir de base a um projeto de lei de combate à doença.

O Dr. Carlos Seidl também fez parte do Conselho Deliberativo da Liga Brasileira Contra o Analfabetismo, fundada no Rio de Janeiro, em 1915, visando o combate ao analfabetismo em todo o Brasil. As atividades da Liga foram encerradas em 1940, após realizações empreendidas pelo presidente Getúlio Vargas no campo da educação.

Foi Professor Catedrático de Medicina Pública da Faculdade de Direito do Rio de Janeiro, em 1916.

Jornalista e publicitário, o Dr. Carlos Seidl deixou extensa bibliografia abordando os mais diversos assuntos na seara médica. Colaborou na imprensa no "O País", "Jornal do Commercio" e "A Tribuna" e foi diretor da "Revista Médico-Cirúrgica do Brasil" durante anos. Um dos fundadores e o primeiro Presidente do Sindicato Médico Brasileiro em 1927.

Foi um dos fundadores e Presidente da Liga Brasileira Contra a Tuberculose, criada em 1900, e do Sindicato Médico Brasileiro, em 1927; fundou a Sociedade Brasileira de Neurologia, Psiquiatria e Medicina Legal, em 1907, juntamente com um grupo de 40 médicos, dentre ele Miguel Couto, Juliano Moreira, Fernandes Figueira, Carlos Eiras, Afrânio Peixoto e Miguel Pereira; e presidiu a Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro, em 1912-1913.

Recebeu a Medalha da Coroa da Itália e a Comenda de Oficial da Legião de Honra da França e manteve intercâmbio cultural, social e científico com altas especialidades médicas internacionais. Membro da Sociedade de Higiene de Paris, e um dos mais notáveis higienistas de sua época, foi, também, Membro do Círculo Médico Argentino, da Sociedade de Ciências Médicas de Lisboa, da Real Academia Hispano-Americana de Ciências e Artes de Cadiz e da Associação Internacional contra a Tuberculose de Berlim.

Em sua homenagem, no bairro do Caju, na cidade do Rio de Janeiro, uma rua foi batizada com seu nome (Rua Carlos Seidl).

Faleceu na cidade do Rio de Janeiro, no dia 19 de outubro de 1929.

Referências

<https://www.anm.org.br/carlos-pinto-seidl/>

http://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1434416026_ARQUIVO_TrabalhoparaaAnpuh--2015.pdf

<http://www.ohomemeadoenca.com.br/biograf/Biocarlosseidl.html>

Garfield Augusto Perry de Almeida

Patrono da Cadeira 18

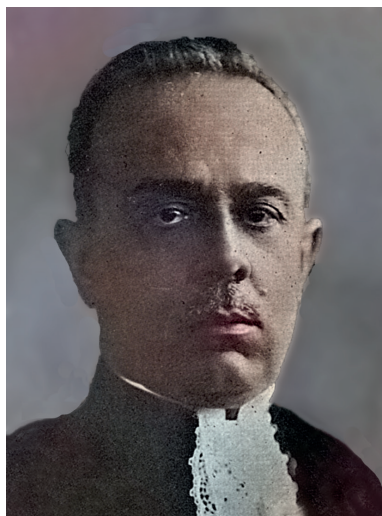
Membro Titular

Secção de Medicina

Eleito: 07/08/1913 - Posse: 21/08/1913

Saudado por: Carlos Pinto Seidl

Antecessor: Antonio José da Silva Rabello



O Dr. Garfield Augusto Perry de Almeida nasceu no dia 2 de março de 1883, na cidade do Rio de Janeiro, filho de Alfredo Augusto de Almeida e de D. Clotilde Perry de Almeida.

Iniciou seus estudos no Colégio Anglo-Americano, em Petrópolis e doutorou-se pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, em 1903, defendendo tese intitulada "Fisiologia do sono".

Foi interno da clínica do Professor Rocha Faria e, mais tarde, seu assistente, quando de regresso a sua viagem à Europa, conquistando, por concurso, o lugar de Inspetor Sanitário da Diretoria Geral de Saúde Pública. Foi ainda Diretor do Hospital de São Sebastião e Secretário do Diretor Geral de Saúde Pública quando era diretor o Professor Carlos Seidl.

Sanitarista emérito, clínico por vocação, o Dr. Perry de Almeida tornou-se conhecido principalmente pelas lições que proferiu no domínio das doenças infecciosas e parasitárias. No Rio de Janeiro, tomou ações e

medidas de conscientização essenciais em relação ao combate da cólera, por exemplo.

Em 1913 foi eleito Membro Titular da Academia Nacional de Medicina, apresentando a memória intitulada "Da anacloridria permanente". Entre 1916 e 1921 foi Secretário da ANM e entre 1922 e 1925 foi Orador oficial. Além disso, conquistou o Prêmio Alvarenga com o seu trabalho "Fisionomia clínica da peste".

Foi diretor da Faculdade Hahnemanniana de maio de 1923 a maio de 1927. No período de sua gestão, em 1924, foi aberta uma comissão de inquérito pelo Conselho Superior de Ensino para fiscalização da Faculdade. Alegando irregularidades, aquela comissão chegou a propor a anulação de diplomas de médicos e de farmacêuticos, cassação de matrículas e transferências. Contudo, estas disposições reunidas no Aviso de 18 de setembro de 1924, do Ministro da Justiça João Luiz Alves, acabaram sendo anuladas, exceto a exigência da mudança do nome da Faculdade, que passou a ser chamada de Escola de Medicina e Cirurgia do Instituto Hahnemanniano.

Trabalhou por muitos anos lecionando no Hospital São Francisco de Assis, do Rio de Janeiro, onde foi seu Diretor; exerceu o cargo de Diretor do Serviço de Assistência Domiciliar, fundada pela Liga Brasileira Contra a Tuberculose; e foi Chefe de Clínica do Hospital do Socorro, mantido pela Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro. O Acadêmico Aloysio de Castro se referiu a ele, certa vez, como um médico modelo por sua sabedoria e compreensão.

Foi um grande conhecedor das doenças infecciosas, sobretudo a peste, e dedicou-se fortemente a resolver esta zoonose no norte do país e a deixar muitos documentos médicos publicados, de forma que ficou conhecido como um grande sanitarista que enriqueceu as letras médicas do país.

Dentre seus trabalhos científicos, destacam-se os compêndios sobre "Moléstias contagiosas" e "Lições de Clínica Médica".

O Dr. Perry de Almeida faleceu no Rio de Janeiro em 1º de julho de 1942.

Referências

<https://www.anm.org.br/garfield-augusto-perry-de-almeida/>

https://pt.wikipedia.org/wiki/Garfield_Augusto_Perry_de_Almeida

Manoel Vitorino Pereira

Patrono da Cadeira 19

Membro Honorário Nacional

Secção de Medicina

Eleito: 13/11/1899 - Posse: 16/11/1899

Saudado por: Fernando Francisco Costa Ferraz



Dr. Manoel Vitorino Pereira, médico, jornalista, escritor, professor e político brasileiro, nasceu em Salvador, em 30 de janeiro de 1853, filho do português Vitorino José Pereira e de Dona Carolina Maria Franco Pereira.

Nasceu no mesmo prédio onde funcionava a oficina de marcenaria de seu pai, na Rua da Preguiça, que hoje leva seu nome. Manoel Vitorino teve uma infância pobre. Ajudou o pai na oficina, e após o expediente dedicava-se a estudar à luz de candeeiro de querosene. Começou a frequentar aulas particulares noturnas com professores que preparavam candidatos à Faculdade de Medicina.

Em dois anos, estava apto a prestar os exames. Aos 15 anos, tendo adquirido com muito esforço e dedicação um preparo preliminar, fez os exames gerais preparatórios, de série integral, no Ginásio da Bahia. Aprovado com distinção, conseguiu matricular-se, em 1871, na Faculdade de Medicina daquela Província, onde formou-se médico em 1876.

Em seguida, viajou para a Europa, onde realizou estágios e cursos de aperfeiçoamento nos hospitais de Paris, Viena, Berlim e Londres. Em 1885, submeteu-se a concurso para professor catedrático da 2ª cadeira de Clínica Cirúrgica, sendo aprovado com brilhantismo.

O Dr. Manoel Vitorino publicou várias obras, a maioria no campo da medicina, dentre elas "Moléstias parasitárias mais frequentes nos climas tropicais", "Alcoóis poliatômicos", "Saneamento do Rio de Janeiro" e "Higiene das escolas e a filária de medicina para a América pelas negras africanas".

Orador de grandes recursos, culto e austero, encontrou na imprensa campo fértil para sua pregação, ajudando a fundar o "Correio da Manhã".

Consagrado como professor de medicina, o Dr. Manoel Vitorino foi da carreira médica à política, à qual se deixou atrair, aos estímulos de seu espírito público e interesse pelos problemas sociais. Foi governador da Bahia e depois foi vice-presidente da República no mandato de Prudente de Moraes.

Na condição de vice-presidente, acumulou a presidência do Senado, conforme estabelecia a Constituição da época. Em 1896, Manuel Vitorino assume interinamente o cargo de Presidente da República, quando Prudente de Moraes se licencia do cargo por quatro meses por motivo de doença. Ligado aos partidários de Floriano Peixoto, os chamados jacobinos, Manuel Vitorino não mantinha boa relação com o presidente afastado, Prudente de Moraes. Colocou em prática suas próprias ideias e interesses políticos.

Durante sua interinidade na presidência da república, transferiu a sede do governo, do Palácio Itamaraty para o Palácio do Catete, que ele adquirira.

Em 4 de março de 1897, sem qualquer aviso, Prudente de Moraes apresentou-se para reassumir o cargo. Retornando à condição de vice-presidente, e assim Manuel Vitorino aliou-se à oposição.

A carreira política de Manuel Vitorino sofreu um grave abalo quando do atentado sofrido por Prudente de Moraes. Em 5 de novembro de 1897 Prudente de Moraes foi recepcionar os militares vitoriosos em Canudos; acabou sendo alvo de um atentado contra a sua vida. O soldado Marcelino Bispo de Melo não conseguiu atingir o presidente, mas acabou matando,

a punhaladas, o marechal Carlos Machado Bittencourt, ministro da Guerra.

O vice-presidente Manuel Vitorino foi indiciado no inquérito sobre o atentado, acusado de envolvimento no ato criminoso. Respondeu com um Manifesto em que proclamava inocência. Seu nome não foi incluído no despacho final do processo, mas sua carreira política arruinou-se. Findo o mandato, passou a atuar no jornalismo, publicando críticas ao novo presidente Campos Sales, sucessor de Prudente de Moraes, no jornal *Correio da Manhã*.

Nessa época, provavelmente como represália, o governo vetou a prorrogação de sua licença da Faculdade de Medicina da Bahia, o que inviabilizava sua permanência no Rio de Janeiro. Adoeceu subitamente de colibacilose intestinal quando preparava seu retorno a Salvador.

Faleceu quatro dias depois, aos 49 anos, no dia 9 de novembro de 1902, no Rio de Janeiro.

Manoel Vitorino Pereira, era cirurgião geral e foi Membro Honorário da Academia Nacional de Medicina

Em 1962, deu nome a um município criado na Bahia.

Referências

<https://www.anm.org.br/manoel-vitorino-pereira/>

https://pt.wikipedia.org/wiki/Manuel_Vitorino

<https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/VITORINO,%20Manuel.pdf>

<https://educacao.uol.com.br/biografias/manoel-vitorino-pereira.htm>

<https://manoelvitorino.ba.gov.br/>

Francisco de Paula Cândido

Patrono da Cadeira 20

Membro Titular

Secção de Medicina

Eleito: 30/01/1833 - Posse: 30/01/1833

Presidente da Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro – 1º e 2º trimestres de 1834 e da Academia Imperial de Medicina – 1840 a 1842 e 1852 a 1855 (atual Academia Nacional de Medicina)



Nasceu em 2 de abril de 1805, na Fazenda do Macuco, freguesia da Piranga, Comarca de Mariana, Estado de Minas Gerais filho do fazendeiro Antonio Gomes Cândido e de Anna Rosa Umbelina de Jesus Gomes Cândido. Era genro de Manoel Ignacio de Andrade Souto Maior Pinto Coelho (Marquês de Itanhaém), Senador do Império que sucedeu a José Bonifácio de Andrada e Silva, como tutor do Imperador D. Pedro II.

Entrou para o seminário de Mariana com oito anos de idade, quando iniciou sua carreira na vida religiosa e, mais tarde, a abandonou em função da rígida disciplina de clausura do seminário. Ingressou na carreira militar, em 1821, e, posteriormente, cursou a Academia Militar da Corte, no Rio de Janeiro, por três anos. Em 1825, Paula Cândido partiu para a Europa e se matriculou na Faculdade de Medicina de Paris (Universidade de Sorbonne). Entre 1825 e 1832, frequentou os institutos e cursos superiores em Paris, obtendo, em 1829, o grau de bacharel em Letras e, pouco tempo depois, o de bacharel em Ciências Médicas.

Foi médico voluntário da “legião sanitária” organizada pelo governo francês, em razão da epidemia de cólera-mobus e recebeu a Grande Medalha de Ouro em reconhecimento aos serviços prestados. Em 31 de agosto de 1832, doutorou-se pela Faculté de Médecine de Paris, com a tese *Sur l'électricité animale*, apresentada também na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, onde obteve por concurso a cadeira de Física Médica da qual tomou posse, em março de 1833, e a ocupou por 30 anos.

Eleito Membro Titular da Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro, apresentando memória intitulada: “Observações sobre a febre tifoide”, foi empossado em 30 de janeiro de 1833 e eleito por três vezes presidente: no 1º e 2º trimestres de 1834, da Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro; de 1840 a 1842 e de 1852 a 1855, da Academia Imperial de Medicina, hoje Academia Nacional de Medicina, onde é Patrono da Cadeira 20.

Deputado pela Província de Minas Gerais, eleito em 1838, desempenhou seu mandato por quatro legislaturas, de 1838 a 1845 e de 1849 a 1856.

Médico efetivo da Imperial Câmara, nomeado em 14 de agosto de 1840, e Conselheiro do Império, foi agraciado com o Hábito e a Comenda de Cristo e a grande dignatária da Rosa, pelo Imperador D. Pedro II e condecorado com a Comenda da Real Ordem de Izabel a Católica, pela Rainha da Espanha.

Redator dos *Annaes de Medicina Brasiliense*, dirigiu o *Diário da Saúde* e o jornal literário *Brasil Ilustrado*, que circulavam na Corte.

Francisco de Paula Cândido foi o primeiro presidente da Junta Central de Higiene Pública, criada pelo decreto n. 598, de 14 de setembro de 1850, com o objetivo de conservar a salubridade nas cidades, fiscalizar o exercício das artes de curar e inspecionar a saúde pública (funcionava como um órgão consultor do Governo Imperial em matéria de política de saúde pública), e exerceu a presidência até o ano de 1864. Sua atuação foi destacada pelo combate à epidemia de cólera-morbus e pelo controle do surto de febre amarela endêmica em várias regiões do Brasil. Paula Cândido procurava elevar e moralizar o exercício da farmácia no Brasil e prestigiava a Sociedade Farmacêutica fundada, no país, em março de 1851 e presidida por Ezequiel Corrêa dos Santos. O seu presidente, assim como outros sócios farmacêuticos, como Manoel Francisco Peixoto

e os franceses João Maria Soullié e João Francisco Blanc, já vinham atuando na Secção de Farmácia da Academia Imperial de Medicina.

Foi sócio do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Honorário da Academia de Belas Artes, Membro de l'Académie Diplomatique (Paris), da Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa e Patrono Titular da cadeira 16 da Academia Mineira de Letras.

O município de Paula Cândido, no estado de Minas Gerais, foi assim denominado em homenagem ao médico sanitarista, em 1953.

Faleceu em Paris, no dia 5 de abril de 1864, com 58 anos de idade, sendo sepultado no Cemitério de Montmartre.

Referências

<https://www.anm.org.br/francisco-de-paula-candido/>

<https://dichistoriasaude.coc.fiocruz.br/iah/pt/verbetes/canfranpa.htm>

Fernando Ferreira Vaz

Patrono da Cadeira 21

Membro Titular

Secção de Cirurgia

Membro Titular da Cadeira 25

Eleito: 05/11/1903 - Posse: 19/11/1903

Saudado por: Fernando Augusto Ribeiro de Magalhães



Nasceu na cidade do Rio de Janeiro, em 21 de dezembro de 1876, filho de Francisco Ferreira Vaz e Maria José da Veiga Vaz.

Doutorou-se em medicina pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, em 1901, defendendo a tese intitulada "A cystocele e especialmente a sua patogenia".

Foi nomeado medico-adjunto do Hospital Geral da Misericórdia do Rio de Janeiro, em 1902, ano em que ingressou também no Hospital da Ordem do Carmo e no Hospital da Ordem da Penitência. Nesta última associação passou a ocupar, em 1906, o cargo de Chefe de Serviço de Clínica Cirúrgica, tendo sua atuação nessa organização hospitalar se revestido de grande brilho e projeção.

Fez uma longa viagem aos Estados Unidos da América, percorrendo os grandes centros, inclusive a Clínica dos Irmãos Mayo, o que o inspirou

na sua formidável atuação na construção do novo Hospital da Ordem de Penitência. Pode-se dizer, sem diminuição de ninguém, que essa grandiosa construção hospitalar é obra sua.

Atuou como Vice-Diretor da Maternidade do Rio de Janeiro (1915) e também Vice-Diretor do Hospital Pró-Matre (1919). Em 1922, foi nomeado Chefe do Serviço de Cirurgia Geral de Mulheres do Hospital de São Francisco de Assis, cargo que ocupou até o seu falecimento.

Membro Titular da Academia Nacional de Medicina, onde atuou como 1º Secretário (1913 a 1916), Redator dos Anais (1916 a 1923), Presidente da Secção de Cirurgia (1926 a 1929).

Foi também Membro Fundador do Colégio Brasileiro de Cirurgiões, Vice-Presidente da Sociedade de Obstetrícia e Ginecologia do Rio de Janeiro, em 1926, Membro do "American College of Surgeons", sendo Presidente do seu "committee" no Rio de Janeiro, Membro da Associação Internacional de Cirurgia, Sócio da Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro, além de outros cargos e títulos que atestavam sua carreira.

O Dr. Fernando Ferreira Vaz foi, na sua época, um cirurgião prático de grande sucesso clínico, e deixou dois filhos e um genro médicos.

Fernando Ferreira Vaz é avô dos Acadêmicos Fernando Pires Vaz (urologista) e Octávio Pires Vaz (cirurgião geral).

Faleceu no Rio de Janeiro em 8 de junho de 1939.

Referências

<https://www.anm.org.br/fernando-ferreira-vaz/>

https://pt.wikipedia.org/wiki/Fernando_Ferreira_Vaz

Cláudio Velho da Motta Maia (Conde de Motta Maia)

Patrono da Cadeira 22

Secção de Cirurgia



O Dr. Cláudio Velho da Motta Maia foi um importante médico brasileiro, Barão, Visconde e Conde de Motta Maia. Nasceu em Itaguaí, no Município do Rio de Janeiro, em 14 de abril de 1843, filho de Manuel Domingos Maia e D. Maria Isabel Velho da Motta Maia.

Estudou no Colégio Pedro II e graduou-se em medicina pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, em 1866, apresentando a tese de doutoramento sobre o tema "Ovariectomia em geral", com as proposições "Distinção entre a morte real e aparente", "Da anestesia cirúrgica", e "Febre intermitente biliosa dos países intertropicais".

Após a conclusão de seu curso, iniciou sua clínica domiciliar nas adjacências da Rua da Misericórdia, manifestando desde cedo seu espírito altruísta, pois atendia, sem perceber qualquer remuneração, com o maior carinho, os que não podiam pagar.

Neste sentido, é interessante lembrar que por ocasião de uma terrível epidemia que se abateu sobre o Rio de Janeiro, foi grande a sua dedicação no combate ao contágio da moléstia. Sua atuação no combate à

doença foi tão expressiva que os moradores da Freguesia de São José lhe ofereceram, em sinal de gratidão, um retrato a óleo em tamanho natural, pintado por Poluceno (Poluceno Pereira da Silva Manuel), bem como uma série de litografias também com o seu retrato, acompanhadas de extensa dedicatória.

Foi Lente Substituto da Seção de Ciências Cirúrgicas, Professor de Medicina Operatória, de Anatomia Topográfica, Operações e Aparelhos, e Chefe do Gabinete de Ciências Anátomo Patológicas na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e Professor de Anatomia e Fisiologia na Academia de Belas Artes.

Em 1868, o Imperador D. Pedro II concedeu-lhe o foro de Fidalgo Cavaleiro e logo em seguida promoveu-o a "Moço Fidalgo com exercício na Casa Imperial".

Recebeu do Governo Imperial, em 1875, uma bolsa para a Faculdade de Medicina de Paris, tendo estudado no "Collège de France" com o Professor Raunier, um dos maiores especialistas em Histologia, tornando-se um profundo conhecedor do assunto.

Foi um dos encarregados da reforma do ensino de Medicina, em 1878, que adotou o modelo germânico em substituição ao francês, propondo o ensino prático e livre, favorecendo o ensino farmacêutico.

Em 1880, foi nomeado médico da Casa Imperial.

Foi amigo pessoal de D. Pedro II, a quem, após a Proclamação da República, acompanhou no exílio até a morte do imperador, em Paris. Motta Maia foi um dos três médicos que assinaram o Atestado de Óbito do Imperador D. Pedro II, juntamente com Charles Bouchard (considerado o maior patologista de Paris) e Jean-Martin Charcot (professor de Freud, quando este foi completar seus estudos em Paris no hospital da Salpêtrière, em 1885). O original do Atestado de Óbito de D. Pedro II encontra-se em perfeito estado na Academia Nacional de Medicina.

Agraciado Barão em 6 de fevereiro de 1886, Visconde, em 20 de junho de 1887 e Conde em 8 de agosto de 1888, era comendador da Imperial Ordem de Cristo.

Os documentos por ele reunidos estão hoje no Museu Imperial em Petrópolis, sob o título de Coleção Mota Maia.

A casa de Motta Maia, construída por ele no século XIX, em estilo eclético, ainda existe na Av. Koeller, no. 21, na cidade de Petrópolis. O terreno foi comprado pelo Imperador e doado a Motta Maia como reconhecimento pelos serviços prestados.

Dentre suas obras mais famosas estão: "Tratamento cirúrgico do estrangulamento intestinal interno" (1871), "Note sur la structure et la signification morphologique des glandes estomacales de la cistule" (1876), "Breves apontamentos para o estudo do ensino médico em Paris" (1876), "Contribuição para o estudo dos progressos da Histologia na França" (1877), "Estudo sobre o ensino médico na Áustria e Alemanha" (1877) e "Memória histórica da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, relativa ao ano letivo de 1878" (1878).

Faleceu em Juiz de Fora, Estado de Minas Gerais, no dia 7 de novembro de 1897 e seus restos mortais foram trasladados e estão sepultados no cemitério municipal de Petrópolis, RJ.

- Sobre a amizade e proximidade com D. Pedro II

Obeso e sofrendo de diabetes, a saúde de Dom Pedro II estava cada vez mais frágil e dependente de ajuda médica, sua capacidade de governar era cada vez mais contestada. Em 1888 um Deputado liberal mineiro, fazendo oposição ao Gabinete conservador do conselheiro João Alfredo; declarava à Câmara: "Sua Majestade reina mas não governa, nem administra como fazia antes: administram por ele, governam por ele. Isto é o que está na consciência de todos e é a voz pública. Pela enfermidade que o persegue. Diz-se e eu tenho a coragem de repetir sob a minha responsabilidade, que o Imperador de fato é o Sr. conde de Motta-Maia ! Sua Majestade move-se ao aceno do Sr. Motta-Maia, a quem obedece como uma criança docil e bem educada. Se o Sr. conde de Motta-Maia diz que Sua Majestade saia, Sua Majestade sai; se diz que fique, Sua Majestade fica".

Referências

<https://www.anm.org.br/claudio-velho-da-motta-maia-conde-de-motta-maia/>

https://pt.wikipedia.org/wiki/Cl%C3%A1udio_Velho_da_Mota_Maia

<https://www.facebook.com/BrazilImperiu/posts/2217708278559377/>

<https://ihgb.org.br/perfil/userprofile/cvdmotamaia.html>

Antônio Peregrino Maciel Monteiro **(2º Barão de Itamaracá)**

Patrono da Cadeira 23

Membro Correspondente Nacional

Secção de Cirurgia

Eleito: 25/08/1830 - Posse: 25/08/1830



O Dr. Antônio Peregrino Maciel Monteiro, médico, jornalista, diplomata, político, orador e poeta, nasceu no dia 30 de abril de 1804, na cidade do Recife, em Pernambuco. Foi o 2º Barão de Itamaracá, filho do bacharel Manoel Francisco Maciel Monteiro e de D. Manoela Lins de Mello.

Depois de estudar Humanidades em Olinda, partiu para a França e, cursando a Universidade de Paris, recebeu o grau de bacharel em Letras, em 1824, o de bacharel em Ciências, em 1826, e o de doutor em Medicina, em 1829. Sua tese de doutoramento é uma dissertação acerca da "Natureza e sintomas da aracnoidite e sua relação com os processos de encefalite".

Ainda em Paris recebeu as primeiras e diretas influências do Romantismo. Diz-se que se tornou um homem das letras, participando de diversos cursos literários na França e no Brasil. Voltou ao Recife em 1829, onde começou a clinicar.

Logo após o seu retorno ao Brasil, iniciou sua ampla atividade profissional e, em 1830, foi eleito Membro Correspondente da Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro, depois Academia Nacional de Medicina, onde é o Patrono da Cadeira 23. Fundou, em Recife, a Sociedade de Medicina de Pernambuco.

Representou sua província (Pernambuco) como deputado, com pequenas interrupções, nas seguintes legislaturas: 3ª – de 3/5/1834 a 15/10/1834; 4ª – de 3/5/1838 a 21/11/1841; 5ª – 1º/1/1843 a 24/5/1844; 8ª – de 1º/1/1850 a 4/9/1852; 9ª – de 3/5/1853 a 4/9/1853. Nessa última legislatura foi presidente da Câmara dos Deputados (1852 e 1853).

Fez parte do 1º Gabinete do Regente do Império, organizado a 19 de setembro de 1837, ocupando a Secretaria dos Negócios Estrangeiros no período de 19/9/1837 a 15/4/1839, quando discutiu a questão do Oiapoque com a França. Deixando o ministério em 1839, foi nomeado Diretor do Curso Jurídico de Olinda (hoje a Faculdade de Direito do Recife) e exerceu diversos cargos, como o de Vereador da Câmara Municipal, Diretor do Teatro Público, Provedor da Saúde do Porto, Membro da Junta de Higiene e Diretor Geral da Instrução Pública de Pernambuco. Finalmente, ingressa na carreira diplomática como Ministro Plenipotenciário do Brasil junto à Corte de Portugal, em cujo cargo veio a falecer (1868). Teve boa atuação diplomática e tornou-se notório pelos serviços contra os moedeiros falsos de Lisboa no Brasil, o que lhe valeu o título de 2º Barão de Itamaracá. Era do Conselho de Sua Majestade o Imperador, grande dignitário da Ordem da Rosa, Oficial da Ordem do Cruzeiro, Grã-Cruz de diversas ordens da Itália, de Roma e de Portugal, Membro da Arcadia de Roma e de outras associações literárias, nacionais e estrangeiras.

É, também o Patrono da Cadeira 27 da Academia Brasileira de Letras, por escolha do fundador Joaquim Nabuco.

A sua formação cultural na Europa, o contato com o Romantismo francês e posteriormente com o Romantismo português determinaram a feição romântica da sua obra, antes mesmo do Romantismo se achar definido no Brasil. Como poeta, consagrou-se com poesias de ocasião, sendo a mais famosa o soneto "Formosa, qual Pincel em Tela Fina".

No parlamento, em 10 de junho de 1851, se pronunciou sobre a abolição do tráfico negreiro (Lei Eusébio de Queirós foi aprovada em setembro

de 1850): “sempre detestei a escravidão; a minha natureza como que se revolta à sombra de qualquer jugo”; “sempre me reputei abolicionista”, e isso revelou seu aspecto abolicionista, que era pouco conhecido. Entretanto, o tráfico negreiro deixou de existir efetivamente a partir de 1856, após alguns anos de medidas de repressão.

O Dr. Antônio Peregrino Maciel Monteiro faleceu em Lisboa, no dia 05 de janeiro de 1868.

Referências

<https://www.anm.org.br/antonio-peregrino-maciel-monteiro/>

https://www2.camara.leg.br/a-camara/conheca/presidentes/antonio_monteiro.html

https://pt.wikipedia.org/wiki/Maciel_Monteiro

https://pt.wikipedia.org/wiki/Maciel_Monteiro

<http://apoesiadobrasil.blogspot.com/2012/09/maciel-monteiro-1804-1968.html>

<https://www.consciencia.org/antonio-peregrino-maciel-monteiro-2.%C2%BA-barao-de-itamaraca>

<http://mapa.an.gov.br/index.php/menu-de-categorias-2/288-lei-euzebio-de-queiroz>

Pedro Paulo Paes de Carvalho

Patrono da Cadeira 24

Membro Emérito

Secção de Cirurgia

Eleito: 15/09/1938 - Posse: 03/11/1938 – Emérito: 05/10/1972

Saudado por: Roberto da Silva Freire

Antecessor: José Alves Maurity Santos



Nasceu em Belém, estado do Pará, em 31 de julho de 1890, filho de José Paes de Carvalho e de D. Angela Paes de Carvalho. Formado no ano de 1918, pela Faculdade de Medicina de Paris, França, fez defesa de tese de doutoramento sobre "Extirpação dos fibromas uterinos complicados de lesões anexais". Revalidou o seu diploma na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, em 1919.

Terminou o seu curso superior no Lycée Louis- Le- Grand, (o antigo e histórico College de Clemont) onde foram educados inúmeros personagens da história de França e onde cursou latim, grego, ciências, línguas vivas e letras com os notáveis professores Rocherolles, Mercier, Plaisant, Dejean de La Bâtie, Durkhein e Malapert, bacharelando-se na tradicional Sorbonne nos três programas (latim-grego, latim-ciências e ciências línguas). Formou-se em Física, Química e História Natural. Matriculou-se na Faculdade de Medicina da Universidade de Paris até o seu Doutorado (retardado pela 1ª Grande Guerra), em 1918, com menção honrosa.

Frequentou, de 1912 a 1918, como estagiário “Externe des Hôpitaux” e foi Interno e Assistente dos professores Widal, Bazy, Legueu, Chauffard e Démelih e ficou responsável pelas enfermarias de feridos militares que chegavam diretamente do “front” (300 leitos de civis e militares, até 1917). Nessa época, fez parte da “Equipe Chirurgical Mobie” sob a chefia do Dr. Thierry de Martel, enviada como reforço a um hospital de sangue mantido por médicas irlandesas durante a famosa Offensiva de Champagne e funcionando na Abba de Royaumont. Nessa oportunidade, foi proposto ao Ministro Barthou pelo Marechal Foch, para Chevallier de La Légion d’Honneur (condecoração francesa de 1ª grandeza) que veio a receber, já de volta ao Brasil, pelas mãos do então Embaixador de França, Sr. Conty. Outras condecorações francesas lhe foram conferidas nessa ocasião: Reconnaissance Française, Médaille des Alliés, Comemorativo de 1ª Guerra, Médailles de La Croix Rouge Française et de La Ville de Paris.

Em consequência de seus serviços na ambulância Franco-Brasileira de Paris, sob a chefia de Paulo do Rio Branco, foi incorporado à Missão Médica Militar, com o posto de Capitão-Médico e enviado a Nantes, com uma turma de seis médicos brasileiros que, chegando em plena epidemia de gripe espanhola, foram designados pelas autoridades francesas para diversos hospitais da cidade, onde prestaram relevantes serviços, sendo-lhe outorgada a Medalha do Pacificador e, finalmente, Comendador da “Ordem do Mérito”.

Foi contratado interinamente para o serviço de urgência do Hospital de Pronto Socorro (Serviço Chapot-Prévost), encarregado da montagem do Hospital Getúlio Vargas, nomeado Chefe de seu grande Serviço de Cirurgia (150 leitos), Diretor Geral da Assistência Hospitalar, durante um ano, Chefe do Ambulatório de Ginecologia do Hospital da Gamboa e encarregado da montagem do Hospital Pedro Ernesto.

Além dos seus serviços técnicos e cirúrgicos, o Dr. Pedro Paulo dedicou-se a Associação de Pais de Família e publicou vários artigos em revistas médicas e jornais diários e outros trabalhos, destacando-se “Tratamento da osteo-artrite tuberculosa do joelho”, “Da apendicite aguda na criança”, “Úlceras gastro-duodenais perfuradas em peritônio livre”, “Megalon (estudo clínico e operatório)” e “Aspectos psico-biológicos do matrimônio”.

Foi eleito Membro Titular da Academia Nacional de Medicina em setembro de 1938, apresentando a memória “Fratura da bacia na mu-

lher – considerações em volta de um caso complexo e seu tratamento”, onde exerceu o cargo de Presidente da Secção de Cirurgia Geral (1945 - 1946), e foi transferido para a classe de Emérito em 5 de outubro de 1972.

Foi, ainda, Membro da Sociedade Internacional de Cirurgia e do American College of Surgeons, Membro Fundador do Colégio Brasileiro de Cirurgiões e Presidente do Sindicato Médico Brasileiro.

Faleceu na cidade do Rio de Janeiro, no dia 8 de junho de 1980.

Referência

<https://www.anm.org.br/pedro-paulo-paes-de-carvalho/>

João Benjamin Ferreira Baptista

Patrono da Cadeira 25

Membro Titular

Secção de Cirurgia

Eleito: 30/09/1897 - Posse: 14/10/1897



O Dr. João Benjamin Ferreira Baptista nasceu na cidade de Niterói, no Rio de Janeiro, no dia 7 de julho de 1864, filho do Capitão do Exército Benjamin Rodrigo Baptista e de Anna Benedicta Ferreira Baptista. Seu pai foi combatente na Guerra do Paraguai, tendo sido ferido em combate e falecido quando João Benjamin Ferreira Baptista tinha dois anos.

Casou-se com Ida Vinelli Baptista, filha de João Baptista Kosuth Vinelli, Catedrático de Fisiologia da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, e de Maria Emília Leal Vinelli, com quem teve dois filhos, Marina Baptista Xavier, e Benjamin Vinelli Baptista, que também se dedicou à anatomia e foi Chefe de Equipe no Hospital Souza Aguiar, no Rio de Janeiro.

Cursou Farmácia na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, titulando-se em 1888, quando passou a trabalhar em sua própria farmácia, localizada no bairro do Fonseca, na cidade de Niterói. Posteriormente, doutorou-se na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, obtendo o grau de médico em 1895, com a tese "Cura radical da hérnia inguinal".

Em 1890, ingressou no internato do Hospital da Santa Casa da Misericórdia do Rio de Janeiro, onde foi promovido a interno de 2ª classe em 1891, e a interno de 1ª classe residente em cirurgia, em 1892. Ainda no Hospital da Santa Casa da Misericórdia do Rio de Janeiro, trabalhou na 14ª Enfermaria, cujo chefe era Marcos Bezerra Cavalcanti e o adjunto era o professor Augusto Brant Paes Leme.

Em 1893, durante a Revolta da Armada, movimento liderado por algumas unidades da Marinha Brasileira, contra o governo do Presidente da República Floriano Peixoto, auxiliou o médico Augusto Brant Paes Leme que então chefiava a 5ª Enfermaria deste hospital, dedicada ao tratamento de doentes militares, o que lhe rendeu a insígnia de 1º Tenente-médico Honorário do Exército.

Tornou-se Cirurgião Chefe em 1895 e tornou-se médico adjunto do Hospital da Santa Casa da Misericórdia do Rio de Janeiro, atuando na 3ª Enfermaria, sob a chefia do médico Joaquim Pinto Portella. Foi preparador, em 1896, e professor interino da cadeira de anatomia descritiva na então Faculdade de Medicina e Farmácia do Rio de Janeiro, cujo catedrático era Ernesto de Freitas Crissiuma. Foi também, preparador da cadeira de anatomia médica cirúrgica, então dirigida por Augusto Brant Paes Leme, e no mesmo ano, passou a acumular esta função com a de preparador na cadeira de histologia.

Foi eleito Membro Titular da Academia Nacional de Medicina em 1897, apresentando memória intitulada "Uma anomalia do nervo músculo cutâneo".

Em 1906, tornou-se Diretor da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, para, juntamente com os médicos Domingos de Góes e Vasconcellos & Chapot Prévost, apresentar um regulamento para o Serviço de Distribuição de Cadáveres destinados ao trabalho de anatomia. Neste período, com autorização da Congregação da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, lecionava Cursos Livres de Anatomia, para o aperfeiçoamento de alunos de medicina e de médicos, cursos esses que tinham grande frequência.

Em 1908, João Benjamin Ferreira Baptista foi Vice-Diretor da Escola Livre de Odontologia do Rio de Janeiro, que havia sido criada em 1902, e no ano seguinte passou a lecionar, na mesma instituição, o curso de histologia dentária. Já diplomado em odontologia, foi nomeado em 1910 professor de anatomia desta escola.

Assumiu, em 1915, como substituto da 3ª seção da cadeira de anatomia descritiva e anatomia médico-cirúrgica, operações e aparelhos, na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Foi responsável pela organização do Museu Anatômico da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, iniciativa considerada notável por colegas de profissão à época.

Foi nomeado, em 1921, professor catedrático de operações e aparelhos da então Faculdade de Medicina da Universidade do Rio de Janeiro, tendo tomado posse no mesmo ano. Esta cadeira sob sua regência, posteriormente, foi denominada como anatomia médico-cirúrgica (1925) e depois, técnica operatória e cirurgia experimental (1931). Foi também Diretor do Instituto de Anatomia da Faculdade de Medicina da Universidade do Rio de Janeiro e presidiu a inauguração do Instituto Anatômico Benjamin Baptista, anexo à Escola de Medicina e Cirurgia do Instituto Hahnemanniano.

Dentre suas obras publicadas destacam-se: "Anomalias supra-aórticas" (1905), "Estudo da topografia cardiorácica" (1907), "Contribuições ao estudo das anomalias renais" (1909), "Anatomia descritiva da cabeça" (1910) e "Manual de Anatomia Humana" (1920, em colaboração com o Professor Alfredo Monteiro).

É Patrono do Colégio Anatômico da Escola de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro, o qual recebeu seu nome, em 1962, tornando-se Centro Acadêmico Benjamin Baptista. Foi, ainda, Membro da Academia Brasileira de Ciências e da Sociedade Anatômica Luso-Hispano-Americana.

Foi considerado o grande impulsionador do ensino de cirurgia experimental, tendo criado, em 1926, o Serviço Modelar de Cirurgia Experimental, considerado o primeiro laboratório de cirurgia experimental no Brasil. Este laboratório tornou-se um verdadeiro centro de pesquisas, que posteriormente recebeu seu nome.

Seu filho, o médico e acadêmico Benjamin Vinelli Baptista, deu continuidade à sua obra.

Faleceu subitamente, em 26 de novembro de 1934, na cidade do Rio de Janeiro.

Referências

<https://www.anm.org.br/joao-benjamin-ferreira-baptista/>

<https://dichistoriasaude.coc.fiocruz.br/iah/pt/verbetes/bapjobefe.htm>

https://pt.wikipedia.org/wiki/Jo%C3%A3o_Benjamin_Ferreira_Baptista

Francisco Pinheiro Guimarães

Patrono da Cadeira 26

Membro Honorário Nacional

Secção de Cirurgia

Eleição: 30/06/1876



O Dr. Francisco Pinheiro Guimarães nasceu no Rio de Janeiro, em 24 de dezembro de 1832, filho do escritor Francisco José Pinheiro Guimarães. Formou-se pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, em 1856, apresentando a tese intitulada "Pântanos do aterrado e sua influência sobre a saúde dos vizinhos".

Entre 1855 e 1865 integrou um grupo de rapazes devotados ao teatro, na tentativa de nacionalizar a arte. Foi um dos redatores, de 1862 e 1864, juntamente com Matheus de Andrade, Antônio Souza Costa e João Vicente de Torres Homem, do periódico "Gazeta Médica" do Rio de Janeiro. Também foi poeta, jornalista e dramaturgo. Atuou como deputado pela província do Rio de Janeiro e pelo Município Neutro (O Município Neutro foi uma unidade administrativa criada no Império do Brasil, que existiu no território correspondente à atual localização do município do Rio de Janeiro entre 12 de agosto de 1834 [quando foi proclamado o Ato Adicional à Constituição de 1824] e 15 de novembro de 1889, quando foi proclamada a república). Foi colaborador do Comércio Mercantil e do Jornal do Comércio, escrevendo crítica teatral.

Foi médico substituto da Seção Médica e Chefe da Clínica Médica, em 1859 e 1860 respectivamente, e lente catedrático de Fisiologia em 1870, da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro.

Divulgou amplo comentário sobre a febre amarela em Lisboa, em 1862, e participou da polêmica travada no seio da então Academia Imperial de Medicina sobre urinas leitosas.

Foi 1º Cirurgião da Armada Nacional e quando o Paraguai declarou guerra ao Brasil, se ofereceu como oficial combatente, alistando-se voluntariamente no posto de 2º Tenente, chegando até o posto de Coronel, enquanto na ativa, e a Brigadeiro Honorário do Exército depois de reformado. Debelou a epidemia de cólera que atacara suas tropas e foi o inventor de alguns instrumentos cirúrgicos. Tomou parte de inúmeros combates, sendo ferido na Batalha de Tuiuti, em 24 de maio de 1866, de cujas consequências veio a falecer mais tarde. Recebeu várias condecorações, dentre elas a de Oficial da Ordem do Cruzeiro Dignatário da Ordem da Rosa, além das Medalhas de Rendição de Uruguaiana e de Mérito e Bravura do Exército em Operações.

Escreveu diversos editoriais e publicou várias obras, tanto na área cultural quanto na médica, como "Quais os preceitos que devem presidir a relação das certidões, atestados e consultas médico-legais?" (1856), "Algumas palavras sobre a epilepsia" (1859), "Urinas Leitosas" (1863), "Mapa feito segundo informações dos passados e dos prisioneiros" (1869, da campanha da Guerra do Paraguai) e "Funções do fígado" (1871).

Era conhecido nas rodas literárias como Chico Guimarães. A peça História de Uma Moça Rica, que estreou em 04/10/1861, de sua autoria, fez um retumbante sucesso de público e crítica. Era amigo de juventude de Machado de Assis.

Foi Membro Honorário da Academia Nacional de Medicina e Patrono da cadeira 26.

Era pai do também médico Francisco Pinheiro Guimarães e avô dos médicos Silvio Pinheiro Guimarães e Luiz Pinheiro Guimarães, ambos professores da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, além de Ugo Pinheiro Guimarães, Membro Titular da Academia Nacional de Medicina.

O Dr. Francisco Pinheiro Guimarães faleceu na cidade do Rio de Janeiro, em 5 de outubro de 1877, poucos meses antes de completar 45 anos.

Sua morte foi lamentada por Machado de Assis em sua coluna História de Quinze Dias de 15 de outubro de 1877 na revista Ilustração Brasileira: "A morte o colheu no meio da vida, aos 44 anos, quando suas nobres ambições deviam estar, e estavam, tão resolutas como no primeiro dia".

Referências

<https://www.anm.org.br/francisco-pinheiro-guimaraes/>

https://pt.wikipedia.org/wiki/Francisco_Pinheiro_Guimar%C3%A3es

<https://www.cafehistoria.com.br/glossary/francisco-pinheiro-guimaraes/>

<https://www.google.com/search?q=Munic%C3%ADpio+Neutro&oq=Munic%C3%ADpio+Neutro&aqs=chrome..69i57.2050865477j0j15&sourceid=chrome&ie=UTF-8>

Augusto Brandão Filho

Patrono da Cadeira 27

Membro Emérito

Secção de Cirurgia

Membro Titular da Cadeira 78

Eleito: 01/06/1922 - Posse: 08/06/1923 - Emérito: 05/09/1957

Antecessor: Álvaro Porfírio de Andrade Ramos



O Dr. Augusto Brandão Filho nasceu na cidade de Cantagalo, no Estado do Rio de Janeiro, em 19 de maio de 1881, filho de Augusto de Souza Brandão, médico ilustre, e Leocádia Freire de Faria Salgado Brandão, sendo neto do Barão de Cantagalo.

Formou-se em Farmácia, em 1900, e em Medicina, em 1903, pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, apresentando a tese intitulada "Hérnia perineal posterior".

Professor da Clínica Ginecológica, por concurso, assistente interino, docente livre da Clínica Cirúrgica da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, em 1914, assistente efetivo, em 1919, assumiu a cátedra, em 1920, como professor substituto de Pedro Severiano de Magalhães, passando a catedrático em 1925, por efeito de reforma do ensino médico.

Foi cirurgião do Hospital da Misericórdia do Rio de Janeiro, onde dirigiu, por muitos anos, a 17ª e a 23ª enfermarias, que era visitada por cirur-

giões de vários países, sendo o Dr. Brandão Filho considerado um dos maiores cirurgiões do mundo. Também a anestesia brasileira se iniciou nesta enfermaria e de lá foi difundida por todo o país pelo Dr. Mario d'Almeida. Todas as cirurgias lá praticadas foram catalogadas num arquivo modelarmente iniciado por Daniel de D'Almeida, em 1903, depois continuado por Álvaro Ramos, Brandão Filho e Xavier Lopes. Sob a orientação de Brandão Filho, este tradicional centro médico tomou maiores proporções, principalmente quando seu chefe conquistou a Cátedra de Cirurgia da Faculdade de Medicina. A esse tempo, São Paulo rivalizava com a então capital do país no progresso da medicina, com Arnaldo Vieira de Carvalho e Benedito Montenegro, que foram os chefes da Escola Cirúrgica de São Paulo.

Foi eleito Membro Titular da Academia Nacional de Medicina em 1922, tomando posse em 1923, onde é o Patrono da Cadeira 27.

Em seu apogeu profissional, por volta de 1926, era apontado como o "Príncipe dos cirurgiões brasileiros". Homens públicos ilustres foram por eles operados, tais como Washington Luiz, Oswaldo Aranha, João Neves de Fontoura, Juracy Magalhães e muitos outros.

Foi catedrático por mais de 30 anos e durante meio século serviu à Medicina. Direta ou indiretamente, influenciou na formação de inúmeros cirurgiões que trabalharam como professores ou chefes de serviço, espalhados pelo país.

Foi um dos fundadores do Colégio Brasileiro de Cirurgiões, onde foi presidente ente 1929 e 1931, e membro de um grande número de entidades científicas nacionais e internacionais, tais como a Sociedade Internacional de Cirurgia e o American College of Surgeons.

Embora doente, o Dr. Brandão Filho era um dos maiores entusiastas da construção da Cidade Universitária, na Ilha do Fundão, sendo representante do Conselho Universitário da Universidade do Brasil junto ao órgão encarregado se sua feitura. Entre os trabalhos que liderou, a construção do Hospital das Clínicas foi um dos seus grandes.

É autor de vários trabalhos publicados, destacando-se: "Sondas de demora ureterais" (1911), "Sobre uma questão de técnica do cateterismo dos ureteres" (1913), "Raquiagnelsia geral" (1914), "Um caso de cálculo renal" (1915), "Flebectomia" (1916) "Estudo médico cirúrgico do

fleimão perinéfrico na infância” (1918) e “Tumores do encéfalo – Algumas observações comentadas” (1927).

Além de um dos fundadores da escola cirúrgica brasileira, Brandão Filho foi pioneiro no tratamento cirúrgico dos tumores cerebrais, na ventriculografia e no uso da angiografia cerebral, além dos exames neuro-radiológicos no Brasil.

Faleceu em sua residência, na cidade do Rio de Janeiro, em 18 de setembro de 1957.

Referências

<https://www.anm.org.br/augusto-brandao-filho/>

https://pt.wikipedia.org/wiki/Augusto_Brand%C3%A3o_Filho

<https://jornaldaregiao.com/augusto-brandao-filho-um-principe-cantagalense-por-celso-frauches/>

<https://www.scielo.br/j/rcbc/a/747MRnxzQsqTbbX8WXTH9PQ/?lang=pt>

Eduardo Augusto Moscoso

Patrono da Cadeira 28

Membro Emérito

Secção de Cirurgia

Eleito: 09/11/1905 - Posse: 19/04/1906 – Emérito: 18/04/1940

Saudado por: Antonio Austregésilo Rodrigues Lima



O Dr. Eduardo Augusto Moscoso nasceu no dia 18 de novembro de 1863, no Rio de Janeiro, filho de João Ferreira Moscoso e de D. Alexandrina Guimarães Moscoso.

Fez o curso de instrução secundária no Colégio Pedro II. Doutorou-se pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro (atual UFRJ) em 1886, defendendo a tese intitulada "Das causas das gangrenas dos membros inferiores, suas indicações terapêuticas e cirúrgicas".

Pouco depois de se formar, foi convidado a ser assistente de Clínica Cirúrgica, cadeira regida pelo Prof. Oscar Bulhões. Exerceu este cargo e trabalhou na 17ª Enfermaria da Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro por muitos anos, ao lado dos médicos Lima e Castro, Marcos Cavalcanti e Pedro Severino Magalhães.

Em 1907 tornou-se Livre-Docente da mesma instituição apresentando a tese "Dois casos de Esofagectomia externa". Foi também Livre-Docente

de Patologia Cirúrgica, apresentando um opúsculo com os temas "Questões de patologia cirúrgica de abdome (abcessos subfrênicos)", "Oclusões intestinais por hérnia do hiato de Winslow" e "Oclusões intestinais pelo divertículo de Meckel".

Trabalhou intensamente neste cargo, até que resolveu ampliar seus estudos ainda mais e viajou para a Europa, visitando hospitais na França, na Inglaterra, na Alemanha, na Áustria, na Suíça e na Itália, em 1910 e 1911. Nestes países, qualificou-se com alguns cursos, como: "Operações sobre o tubo digestivo e anexos", "Operações de urgência", "Técnica de clínica cirúrgica", "Cirurgia das vias urinárias", "Técnica cirúrgica dos ossos (luxações e fraturas)", "Cirurgia vascular" e "Técnica e cuidados de recuperação pós-operatório".

Adepto da anestesia pelo éter, ao retornar da Europa, trouxe para o Brasil a máscara de anestesia de Ombredanne. E, junto a introdução de seu uso, ele implementou também a utilização da "ósteo-síntese" pelas placas e parafusos de Lambotte - tendo trazido, de suas viagens, todo o material necessário para a experimentação.

Fundou e dirigiu o Instituto Policlínico de Socorros Médicos e fundou também a Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro - ambas as instituições tinham por objetivo a geração de debates mais profundos de temas médicos, bem como a análise crítica de problemas da medicina e das ciências correlacionadas. Organizou a Sociedade Médica do Hospital da Misericórdia, onde foi secretário.

Foi eleito Membro Titular da Academia Nacional de Medicina em 1905, apresentando a memória intitulada "A cura radical da hidrocele vaginal", e tornou-se Emérito em 1940. Exerceu também o cargo de Secretário da ANM.

Foi, também, membro da Sociedade Médica de Lisboa e da Sociedade de Medicina e Cirurgia de Paris.

Além disso, o Dr. Moscoso trabalhou como médico do então Presidente da República, o Marechal Floriano Peixoto, acompanhando-o até Alagoas, tendo à sua disposição um enfermeiro militar. Foi, também, Chefe de Cirurgia durante muitos anos no Hospital Nossa Senhora das Dores.

Escreveu diversos livros sobre temas médicos, dentre eles a obra "Gastroenterostomia" (1907), e manteve uma coluna no Jornal do Brasil

sobre a História da Medicina, cujo nome era “Na Poeira dos Alfarrábios”. Foi também redator e colaborador efetivo da “Revista de Medicina e Cirurgia do Brasil” e do periódico “Brasil Médico”. Colaborou ainda no “Correio da Manhã”, com as “Efemérides Médicas”.

O Dr. Moscoso faleceu no dia 2 de julho de 1942, no Rio de Janeiro.

Referências

<https://www.anm.org.br/eduardo-augusto-moscoso/>

https://pt.wikipedia.org/wiki/Eduardo_Augusto_Moscoso

<http://memoria.bn.br/DocReader/Hotpage/HotpageBN.aspx?bib=313394&pagfis=42319&url=http://memoria.bn.br/docreader>

Daniel de Oliveira Barros D’Almeida

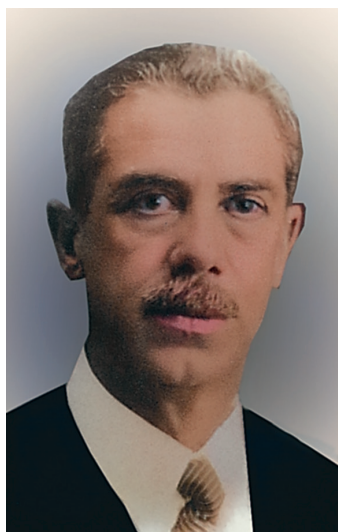
Patrono da Cadeira 29

Membro Titular

Secção de Cirurgia

Eleito: 01/08/1901 - Posse: 16/08/1901

Saudado por: Nuno Ferreira de Andrade



O Dr. Daniel de Oliveira Barros D’Almeida nasceu no dia 6 de abril de 1858, em Recife, no Estado de Pernambuco, filho do médico Rufino Augusto D’Almeida e de D. Emerentina Oliveira Barros D’Almeida.

Doutorou-se pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 1880, defendendo tese intitulada “A patologia da placenta”. Sua tese foi amplamente aclamada dentro do corpo acadêmico da época e foi então convidado, aos 22 anos de idade, a ser Diretor do Asilo de Menores Desvalidos, depois Instituto Profissional. Ele permaneceu nesta posição até optar por se dedicar de forma mais empreendedora aos estudos de cirurgia.

Em agosto de 1882, foi convidado a ser Regente da Cadeira de Clínica Obstétrica da faculdade onde se formou, mas recusou o convite, alegando ser apto apenas para ser assistente. Neste mesmo ano, foi encarregado pelo governo Imperial de montar e dirigir o Hospital de Santa Bárbara, destinado ao tratamento dos pacientes acometidos por varíola.

O Dr. Daniel D’Almeida, como exilado político no final do século XIX, vai para Elvas, em Portugal, porque ficava próximo da fronteira espanhola, para no caso do governo português ceder às exigências do então Presidente Floriano Peixoto para a entrega dos exilados políticos, ele poderia facilmente atravessá-la.

Durante a Revolução Federativa do Sul do Brasil, atuou como médico, atendendo pacientes dos dois lados do front. Atuou, também, na Guerra de Canudos, na Bahia, entre os anos de 1896 e 1897 o que lhe rendeu agradecimento do presidente da República.

Como anestesista, teve sua atuação reconhecida como Grande Mestre da Anestesiologia do Brasil, tendo conseguido reformular a raquianestesia.

Foi interno e médico adjunto da Santa Casa de Misericórdia e, por duas vezes, ocupou, interinamente, a regência da cadeira de Clínica Obstétrica e Ginecológica da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro.

A sua atuação como grande comunicador da medicina e estudioso, fez com que fosse reconhecido à época por seus pares e por Marshall McLuhan (o chamado “papa da comunicação”) como um grande mestre da anestesiologia do Brasil, sobretudo por ter aberto um grande debate científico e conseguido reformular a raqui-anestesia. Além disso, foi o médico cirurgião que introduziu a utilização do éter como anestésico no Brasil.

Foi eleito Membro Titular da Academia Nacional de Medicina em 1901, apresentando Memória intitulada “A peste antiga e a peste moderna”.

Segundo Jorge Moutinho Dória, seu sucessor na ANM, desfrutava do julgamento exato e rápido, produto preciso da experiência e da lúcida intuição. Ninguém até então havia conseguido aliar, com maior sabedoria, o bom senso ao tino clínico. Teve a dádiva de possuir, como ninguém, a intuição da coisa cirúrgica. E foi por essa razão, que diante de um quadro clínico alarmante, declarava, sem receio, o termo cunhado por ele e que ficou muito conhecido à época: “É um operoma, a situação é de urgência, a intervenção se impõe, não percamos tempo”.

Foi vice-presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro.

Em 1902, assumiu a 24ª Enfermaria, posteriormente 23ª, da Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro. Foram seus assistentes, os mais tarde famosos médicos Álvaro Ramos, Brandão Filho, Fernando Ferreira Vaz, Jorge Gouvêa e muitos outros.

Foi colaborador do periódico "Brasil Médico" e da "Gazeta Clínica" de São Paulo. Dentre seus trabalhos publicados destacam-se: "Ação tóxica da Cocaína" (1879), "Do éter como anestésico em cirurgia" (1896), "Analgesia pelas injeções subaracnoideanas lombares da cocaína – processo Tiffier" (1900), "Um acidente produzido pela tropocaína" (1901), "A escopolamina como anestésico geral" (1905) e "Anestesia e analgesia na prática cirúrgica" (1905).

O Dr. Barros D'Almeida faleceu no Rio de Janeiro, no dia 14 de janeiro de 1919.

Referências

<https://www.anm.org.br/daniel-de-oliveira-barros-dalmeida/>

https://pt.wikipedia.org/wiki/Daniel_de_Oliveira_Barros_D%27Almeida

http://www.incor.usp.br/news/artigos/2015/destaques-07-2015/2015_Julho_Destaques_Discurso_Homenagem_Prof_Fabio_Jatene_Fabio_Jatene.pdf

Jorge Soares de Gouvêa

Patrono da Cadeira 30

Membro Honorário Nacional

Secção de Cirurgia

Eleito: 28/06/1928 - Posse: 11/10/1928



O Dr. Jorge Soares de Gouvêa nasceu no dia 27 de junho de 1883, na Fazenda Santa Isabel, em Águas Claras (atual São José do Vale do Rio Preto), Petrópolis, Estado do Rio de Janeiro. Seu pai, Francisco Soares de Gouvêa, tinha 34 anos e sua mãe, Isabel da Silva, tinha 25 anos. Jorge de Gouvêa casou-se com Maria Clarisse de Almeida Magalhães Nobrega em 8 de dezembro de 1911, no Rio de Janeiro e tiveram pelo menos 7 filhos e 2 filhas.

Concluiu o seu curso secundário no Colégio dos Jesuítas, em Nova Friburgo, e doutorou-se pela Faculdade Nacional de Medicina, em 1906, apresentando a tese intitulada "Tratamento Racional da Uretrites Crônicas". Foi interno do Hospital da Marinha, na Ilha das Cobras, onde permaneceu de 1904 a 1906.

Começou seus estudos cirúrgicos em hospitais públicos de Friburgo e, adiante, conquistou grande clientela em sua clínica particular no Rio de Janeiro.

Em sua primeira viagem à Europa, acompanhou e assistiu grandes professores da época na Alemanha, na Áustria e na França. O Professor Koener, da Alemanha, orientou-lhe nos primeiros passos da patologia e da cirurgia geral, dando lições notáveis sobre tudo que dizia respeito à medicina moderna da época.

Recém-chegado da Europa, o Dr. Jorge de Gouvêa foi projetado como cirurgião por Miguel Pereira e Fernandes Figueira, assim como por Queiroz de Barros, notável ginecologista e obstetra, que o convidava para ajudar em suas cirurgias. Cooperou, também, durante anos, com o atendimento cirúrgico na Casa de Saúde Doutor Eiras.

Foi assistente do Dr. Daniel D'Almeida na 24ª Enfermaria da Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro, onde permaneceu de 1909 a 1917, fazendo parte do grupo que deu realce à cirurgia nacional, dentre eles, Brandão Filho e Arnaldo Quintela.

Foi eleito Membro Honorário da Academia Nacional de Medicina, em 1928, sob a Presidência de Miguel de Oliveira Couto.

Cirurgião dos mais afamados, o Dr. Jorge Gouvêa criou em nosso país a especialidade das vias urinárias (Urologia).

Em 1918, foi chefe do Serviço de Cirurgia da Policlínica de Botafogo e, em 1922, foi escolhido por Carlos Chagas para chefiar o Serviço de Urologia de homens e mulheres na 4ª e 9ª Enfermarias do Hospital São Francisco de Assis, onde contribuiu para o preparo de novas gerações no campo da medicina, da cirurgia e da urologia.

A família Gouvêa, na antiga capital da República, teve mais dois grandes representantes na medicina nacional: seu tio Hilário de Gouvêa que, após retornar do exílio em Paris, criou uma escola de oftalmologia e otorrinolaringologia; e seu filho Gustavo de Gouvêa, grande cirurgião e professor de urologia na Faculdade Fluminense de Medicina, e Membro Titular Membro da Academia Nacional de Medicina, que faleceu prematuramente e precipitou a morte do Dr. Jorge de Gouvêa.

O Dr. Jorge Soares de Gouvêa faleceu no Rio de Janeiro, no dia 9 de maio de 1961.

Referências

<https://www.anm.org.br/jorge-soares-de-gouvea/>

<https://ancestors.familysearch.org/pt/LB9C-DZ6/jorge-soares-de-gouvea-1883-1961>

<http://nccsrio.blogspot.com/2013/03/a-historia-do-dr-jorge-soares-de-gouvea.html>

Antônio Augusto de Azevedo Sodré

Patrono da Cadeira 31

Membro Titular

Secção de Cirurgia

Membro Titular da Cadeira 14 – Secção de Medicina

Eleito: 21/07/1898 - Posse: 28/07/1898

Saudado por: Antonio José Pereira da Silva Araújo

Presidente da Academia Nacional de Medicina - 1905 a 1907



Nasceu na Fazenda Caboclo, em Maricá, Estado do Rio de Janeiro, no dia 13 de dezembro de 1864, descendente das mais tradicionais famílias do Rio de Janeiro, como eram as de Álvares de Azevedo e Ribeiro de Almeida. O Doutor Azevedo Sodré era filho de José Paulo de Azevedo Sodré, fazendeiro coronel, e de Cândida Ribeiro de Almeida Sodré.

Formou-se em Medicina pela Faculdade Nacional de Medicina da Universidade do Brasil (atual UFRJ), em 1885, aos 21 anos de idade, defendendo tese de doutorado sobre “Estudos comparativos dos diferentes métodos de tratamento da sífilis”. Embora recém-formado, não hesitou em se inscrever para ser Professor da Faculdade e, mesmo classificado em 1º lugar, não foi nomeado pelo Imperador devido à sua pouca idade. Um ano depois, aos 22 anos, prestou novo concurso obtendo mais uma

vez o 1º lugar, sendo nomeado Professor para a Cadeira de Clínica Médica, que regeu por 39 anos.

Em 1886 passou a trabalhar no Hospital da Beneficência Portuguesa. Em 1887, dois anos após a formatura, tornou-se Médico-adjunto do Hospital da Misericórdia e fundou a revista "Brasil Médico", revista semanal de Medicina e Cirurgia, que durante muitos anos foi o principal periódico médico do país, e que Azevedo Sodré dirigiu até a morte, durante quarenta e dois anos.

Em 1889, casou-se com D. Luzia Sales, neta do Visconde de Mauá e do Barão de Irapuá.

Atuou como preparador interino de matéria Médico-Terapêutica, interno de Clínica de Doenças Cutâneas e Sifilíticas e preparador de Terapêutica Experimental. Imaginou e promoveu a criação da Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro, chamando para seu Presidente o Professor Hilário Soares de Gouvêa e ocupando a Vice-Presidência da Instituição. Em 1894 conquistou a Cátedra de Patologia Interna e depois de Clínica Médica da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, da qual foi Diretor em 1911-1912. Assumiu a chefia da Comissão Sanitária Federal, incumbido de combater a epidemia de cólera, que conseguiu impedir que ultrapassasse o Vale do Paraíba fluminense e, depois, extinguiu a doença totalmente. Foi Delegado do governo brasileiro, juntamente com o médico sanitarista Oswaldo Gonçalves Cruz, com a missão de negociar a Convenção Sanitária com os governos da Argentina, Paraguai e Uruguai.

Tornou-se, ainda, Professor de Medicina Pública da Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais do Rio de Janeiro e fundou a Companhia de Seguros de Vida Equitativa dos Estados Unidos do Brasil, a maior empresa no gênero de seu tempo em todo o território nacional.

Foi eleito Membro Titular da Academia Nacional de Medicina apresentando a memória "Beribéri", e foi empossado em 28 de julho de 1898, tendo presidido a instituição de 1905 a 1907.

Em 1915, Azevedo Sodré tornou-se Diretor da Instrução Pública, no Distrito Federal, e fundou duas escolas, criou o Serviço Médico Escolar, a merenda nas escolas, as Associações de Pais e Professores e reformulou o currículo da Escola Normal, empreendendo uma modificação nas normas internas, possibilitando às futuras docentes um contato maior com

a prática em sala de aula. Durante a presidência de Wenceslau Braz foi indicado Prefeito do Rio de Janeiro (6 de maio de 1916 a 15 de janeiro de 1917) e, neste cargo, resolveu o problema da comercialização da carne, instituiu as feiras livres, projetou a criação de um imposto único territorial e inaugurou a avenida Niemeyer, ligando o bairro do Leblon ao de São Conrado. Renunciou ao cargo de Prefeito quando não foi aceito o orçamento municipal que propusera.

Eleito Deputado Federal, pelo Estado do Rio de Janeiro, foi vulto eminente do partido chefiado pelo estadista Nilo Peçanha e destacou-se na Câmara. em duas legislaturas. como membro das comissões de instrução e de higiene públicas.

Entre as numerosas obras científicas, destacam-se “Lições de Patologia Intertropical”, “Saneamento no Brasil” e suas contribuições sobre beribéri e difteria, para a “Grande Enciclopédia Médica Norte-Americana” e sobre febre amarela – com a colaboração de Miguel de Oliveira Couto – para a “Enciclopédia Nothnagel” de Berlim, e para o “Tratado de Medicina de Roger Vidal e Teissier” de Paris.

No ano de 1925, doou um imóvel de sua propriedade ao Distrito Federal para que nele se instalasse uma escola que deveria ser batizada com o seu nome. Assim, o Doutor Antônio Augusto de Azevedo Sodré tornou-se Patrono da Escola Municipal Azevedo Sodré, localizada no bairro da Praça da Bandeira, na cidade do Rio de Janeiro.

Faleceu aos 64 anos, em sua Fazenda da Quitandinha (onde hoje é localizado o palácio hotel Quitandinha), na cidade de Petrópolis, Rio de Janeiro, no dia 1º de fevereiro de 1929.

Foi enterrado no Cemitério São João Batista, em Botafogo, no Rio de Janeiro.

Referências

<https://www.anm.org.br/antonio-augusto-de-azevedo-sodre/>

<http://expagcrj.rio.rj.gov.br/azevedo-sodre-antonio-augusto-de/>

https://pt.wikipedia.org/wiki/Ant%C3%B4nio_Augusto_de_Azevedo_Sodr%C3%A9

<https://www.bvsalut3.coc.fiocruz.br/html/pt/20080502/static/correspondencia1306/azevedo.htm>

Antonio Felix Martins (Barão de São Felix)

Patrono da Cadeira 32

Membro Titular

Secção de Cirurgia

Eleito: 15/10/1835 - Posse: 15/10/1835

Presidente da Academia Imperial de Medicina - 1861 a 1864



Nasceu em 20 de novembro de 1812, em Inhaúma, Rio de Janeiro, filho do Cirurgião-Mor José Antonio Martins e de Rita Angélica de Jesus, e casou-se em 1834 com Ana Carolina Pinto.

Diplomado médico e doutor pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro (atual UFRJ), em 1833, foi Professor de Patologia Geral nesta mesma instituição.

Médico efetivo da Imperial Câmara e Cirurgião da Guarda Nacional, foi Membro da Comissão Central de Saúde Pública, Inspetor do Hospital Marítimo de Santa Isabel de Jurujuba, Presidente da Junta Central de Higiene Pública, da Caixa Municipal de Socorros Públicos e do Montepio Geral dos servidores do Estado. Foi também Provedor da Inspeção de Saúde do Porto, nomeado pelo decreto n. 268 de 29 de janeiro de 1843, tendo neste cargo atuação decisiva nas epidemias de cólera-morbus e febre amarela, que assolaram o Rio de Janeiro na segunda metade do

século XIX. Recebeu da Sociedade de Medicina de Liège o título de Sócio Correspondente, em atenção aos serviços prestados à ciência.

Eleito Membro Titular da Academia Imperial de Medicina (atual Academia Nacional de Medicina), foi empossado em 15 de outubro de 1835 e a presidiu de 1861 a 1864.

Em sessão de 3 de outubro de 1963, foi escolhido Patrono da Cadeira 32.

Na política, foi Vereador, em 1844, suplente, de 1847 a 1848, e Presidente da Câmara Municipal do Rio de Janeiro, de 1851 a 1852.

Nomeado Conselheiro Imperial, por decreto de 11 de dezembro de 1875, recebeu o título de Barão de São Felix, por carta-mercê, em 11 de dezembro de 1875, sendo, também, condecorado Comendador da Imperial Ordem da Rosa e Cavaleiro da Imperial Ordem de Cristo. Membro integrante e participante da Instituição Maçônica, exerceu o cargo de Grão-mestre do Grande Oriente Unido do Brasil Foi ainda Sócio do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

Acometido de uma infecção palustre perniciosa (malária), faleceu na cidade do Rio de Janeiro, em 18 de fevereiro de 1892, aos 79 anos de idade.

Em homenagem ao Doutor Antonio Felix Martins, Barão de São Felix, a Rua Princesa dos Cajueiros, onde residiu, no centro da cidade do Rio de Janeiro, passou a ser chamada Rua Barão de São Felix (decreto n. 1165, de 31 de outubro de 1917).

Referências

<https://www.anm.org.br/antonio-felix-martins-barao-de-sao-felix/>

<https://www.anm.org.br/antonio-felix-martins-barao-de-sao-felix/>

https://pt.wikipedia.org/wiki/Ant%C3%B4nio_F%C3%A9lix_Martins

<https://dichistoriasaude.coc.fiocruz.br/iah/pt/verbetes/marantfel.htm>

<https://ihgb.org.br/perfil/userprofile/afmartins.html>

<http://www.ohomemeadoenca.com.br/biograf/Biofelixmartinstrop.html>

Antônio Felício dos Santos

Patrono da Cadeira 33

Membro Honorário Nacional

Secção de Cirurgia

Eleito: 03/09/1903 - Posse: 03/09/1903



O Dr. Antônio Felício dos Santos, médico, político, conferencista, jornalista, escritor e industrial, descendente de uma das famílias mais tradicionais do Estado de Minas Gerais, nasceu no dia 8 de janeiro de 1843, na cidade Diamantina, filho do Major Antônio Felício dos Santos e de D. Mariana Fernandes dos Santos.

Doutorou-se pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro (atual UFRJ) em 1863, apresentando a tese intitulada "Hypoemia intertropical" e, após a formatura, retornou a Minas Gerais para exercer Clínica particular.

Nesta fase, toma contato com o positivismo, e logo ingressa na carreira política. Em 1867, foi eleito Deputado Geral por Minas Gerais, pelo Partido Liberal, e depois elegeu-se para a Câmara dos Deputados, onde permaneceu de 1878 até 1885.

Em 1877, quando sua família inaugurava a Fábrica de Fiação e Tecidos do Biribiry, o Dr. Antônio Felício dos Santos comprava as terras da

Fazenda do Pau Grande. Esta compra foi feita com dois sócios e tinha como objetivo o estabelecimento de uma fábrica de tecidos de algodão. Forma-se, então, a Santos & Cia, que construiu a Fábrica Pau Grande, na Província do Rio de Janeiro.

Atuou no movimento pela proclamação da República e participou do primeiro governo republicano, sendo designado pelo Governo Provisório (1889/1891) a estabelecer o novo regime em Minas Gerais, na cidade de Ouro Preto, então capital do Estado e, em 1891, é nomeado Presidente do Banco do Brasil, a convite de Rui Barbosa, então Ministro da Fazenda. O Imperador D. Pedro-II havia lhe conferido o título de Conselheiro de Estado, que, entretanto, foi recusado pelo Dr. Antônio Felício dos Santos, dada as suas reconhecidas convicções republicanas.

Contrário ao federalismo, teve crescentes divergências com a liderança do novo regime, se afastando, então, da vida pública. Voltou a se dedicar à prática da medicina e, em 1897, converte-se ao catolicismo, devotando-se desde então ao jornalismo. Por sua atuação nesse mister, ao completar 80 anos, em 1923, foi agraciado pelo Vaticano, recebendo uma medalha com a efígie papal.

Dentre as suas publicações na área médica, destacam-se: "Da acção abortiva do sulfato de quinino" (1874); "O beribéri na província de Minas Gerais" (1874); "Appliação do galvano-caustico à cura radical da hydrocele. Rio de Janeiro" (1874); "Da dismenorrhéa expoliativa: hypothesis, apontamentos e observações" (1876) e "A eucaristia e a medicina" (1922).

Na Academia Nacional de Medicina foi eleito Membro Honorário em 1903, e instituiu um prêmio anual para o melhor estudo sobre plantas medicinais da flora brasileira.

Foi uma figura ilustre entre os colegas fundadores da Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro. Em 1924 foi um dos fundadores da Academia Brasileira de Ciências.

O Dr. Antônio Felício dos Santos faleceu na cidade do Rio de Janeiro, no dia 6 de setembro de 1931.

Referências

<https://www.anm.org.br/antonio-felicio-dos-santos/>

http://memoria.bn.br/pdf/765880/per765880_1943_01595.pdf

<https://atom.senado.leg.br/index.php/ant-nio-fel-cio-dos-santos>

<https://www.geneaminas.com.br/genealogia-mineira/restrita/pessoa.asp?codpessoa=346000>

Marcos Bezerra Cavalcanti

Patrono da Cadeira 34

Membro Emérito

Secção de Cirurgia

Eleito: 27/08/1903 - Posse: 04/09/1903 – Emérito: 21/06/1928

Saudado por: Theóphilo de Almeida Torres

Antecessor: Henrique Alexandre Monat

Presidente da Academia Nacional de Medicina - 1909 a 1910



O Dr. Marcos Bezerra Cavalcanti nasceu em Natal, no Rio Grande do Norte, no dia 22 de outubro de 1854. Foi filho de Manuel Bezerra Cavalcanti e Josefa Lourenço Cavalcanti.

Transferiu-se para o Rio de Janeiro aos 16 anos de idade, estudou no Mosteiro de São Bento e, depois, matriculou-se na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, onde formou-se em Medicina, em 1878, defendendo tese sob o título "Do Hematocele". Ainda estudante, recebeu a primeira condecoração: Cavaleiro da Ordem da Rosa, por serviços prestados durante a grande epidemia de febre amarela ocorrida em 1876.

Depois de formado, clinicou durante dois anos na cidade de Jundiaí, em São Paulo.

Foi eleito Membro Titular da Academia Nacional de Medicina, sendo empossado no dia 27 de agosto de 1903. Tornou-se Presidente em 1909 e Emérito em 1928.

O Dr. Bezerra Cavalcanti foi Lente e Catedrático de Operações e depois de Clínica Cirúrgica da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro (atual UFRJ) e Cirurgião, e Chefe de Serviço do Hospital da Santa Casa da Misericórdia e da Beneficência Portuguesa.

Foi, também, um dos fundadores da Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro, juntamente com os médicos Lucas Antônio de Oliveira Catta Preta, Hilário Soares de Gouvêa e Henrique Alexandre Monat, tendo sido seu Presidente em 1894. Foi também Membro do Conselho Superior de Ensino e representante do Brasil no Congresso Internacional de Medicina de Lisboa e de Londres, e no Congresso do Câncer em Paris.

Dentre suas obras destacam-se “Colotomia lombar e colotomia ilíaca”, “Osteossarcoma no maxilar superior”, “Cura Radical da hérnia”, “Ferida acidental do cotovelo” e “Da frequência do cancro no Brasil”.

De Marcos Cavalcanti, disse Câmara Cascudo: “A maior lição desse primeiro norte-rio-grandense que chegou a Professor Catedrático numa Faculdade de Medicina é a sua própria existência, a vitória da inteligência e da força de vontade” (A República, coluna Acta Diurna, edição de 16.10.1943).

Aposentado, Marcos Cavalcanti faleceu na cidade do Rio de Janeiro, às vésperas de completar 78 anos, no dia 16 de outubro de 1932.

Referências

<https://www.anm.org.br/marcos-bezerra-cavalcanti/>

http://adcon.rn.gov.br/ACERVO/secretaria_extraordinaria_de_cultura/DOC/DOC000000000115602.PDF

José Thompson Motta

Patrono da Cadeira 35

Membro Honorário Nacional

Secção de Cirurgia

Eleito: 25/06/1936 - Posse: 22/05/1938

Saudado por: Arthur Moses



O Dr. José Thompson Motta nasceu no dia 14 de fevereiro de 1881, em Fortaleza, no Estado do Ceará, filho de Miguel Joaquim da Motta e de D. Maria Cavalcanti da Motta.

Doutorou-se pela Faculdade Nacional de Medicina em 1906, apresentando a tese intitulada "Contribuições ao estudo do valor semiológico do sinal de Westphal". E logo após a formatura começou a clinicar.

Foi eleito Membro Honorário Nacional da Academia Nacional de Medicina em 1936.

O Dr. José Thompson Motta foi Diretor do Hospital São Francisco de Assis, Presidente da Assistência Hospitalar do Brasil, Administrador de Higiene e Assistência Pública do Distrito Federal, Preparador da Cadeira de Tisiologia da Faculdade de Medicina e Assistente da mesma Cadeira.

Além disso, foi Chefe do Serviço de Fiscalização de Gêneros alimentícios do Departamento Nacional de Saúde Pública, Professor das Cadeiras de

Patologia e de Doenças Tropicais da Escola Ana Nery, Secretário Geral do Departamento Nacional de Saúde Pública, Assistente do Curso de Clínica Médica regido por Carlos Chagas, Assistente Técnico do Serviço Nacional de Assistência Hospitalar, Chefe de Serviço e Diretor da Fundação Gaffrée Guinle.

Muito antes do começo oficial das atividades do Hospital São Francisco de Assis, em 1922, já se prestava assistência a um pequeno grupo de crianças transferidas do Hospital São Zacarias, demolido com o desmonte do Morro do Castelo. Dentre os médicos que prestavam esses serviços estavam, além do Dr. José Thompson Motta, o Dr. Jorge de Gouvêa e o Dr. Raul Batista.

Ante a precariedade das instalações do Hospital São Francisco de Assis e a necessidade de expansão do Serviço de Obstetrícia, o então Diretor, Dr. Thompson Motta, com a participação do Professor João Marinho, consegue obter recursos para a construção de um novo edifício, cujo nome veio honrar a fachada da nova unidade, denominada Maternidade Thompson Motta.

Como delegado brasileiro, permaneceu na Europa e América do Norte, em 1927, para estruturar o grande plano de Organização Nacional de Assistência Hospitalar. Na campanha contra a febre amarela, em 1928, foi destacada figura do Departamento Nacional de Saúde Pública, ao lado de Clementino Fraga.

Além da sua tese de doutoramento, outra obra importante publicada é "Princípios essenciais de fiscalização sanitária de gêneros alimentícios".

A Rua Doutor Thompson Motta, localizada no bairro de Marechal Hermes, na cidade do Rio de Janeiro, é uma homenagem a este dedicado e entusiasta símbolo da medicina brasileira.

O Dr. José Thompson Motta faleceu na cidade do Rio de Janeiro, aos 63 anos, no dia 29 de agosto de 1944.

Referências

<https://www.anm.org.br/jose-thompson-motta/>

http://memoria.bn.br/DocReader/Hotpage/HotpageBN.aspx?bib=089842_05&pagfis=27493&url=http://memoria.bn.br/docreader#

https://ppghcs.coc.fiocruz.br/images/dissertacoes/dissertacao_Harumi_matsumoto.pdf

Firmino von Doellinger da Graça

Patrono da Cadeira 36

Membro Emérito

Secção de Cirurgia

Eleito: 21/07/1921 - Posse: 31/08/1922 – Emérito: 29/05/1957

Antecessor: Ernesto de Freitas Crissiúma Filho



Firmino von Doellinger da Graça, nascido em 12 de fevereiro de 1879, no Rio de Janeiro, filho de João Cordeiro da Graça e D. Júlia Monteiro da Graça, possuía sólidos princípios morais vindos da infância e adolescência, que alicerçaram o seu caráter e seu sentimento, para mais tarde granjear o justo e merecido conceito de várias gerações. Estudou no Colégio Militar e a sua cultura, iniciada desde os bancos escolares, onde recebeu esmerado curso de humanidade, foi a base para o seu posterior progresso no caminho da ciência.

Dedicou-se ao estudo do latim, não só para conhecer os fundamentos do nosso idioma, como também com o desejo de ler o original dos clássicos romanos. Esta tendência, demonstrada desde a mocidade é uma expressão própria dos espíritos vigorosos que buscam nas fontes as razões filosóficas da vida. Era seu hábito citar os clássicos.

Doutorou-se pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, em 1901.

Foi interno de Lima e Castro e de Benício de Abreu, no Hospital da Santa Casa de Misericórdia, e logo após de sua formatura, ingressou nas

atividades clínicas, na época em que a varíola e a febre amarela assolavam a cidade.

Em 03 de outubro de 1906, quando ainda jovem médico, ingressou no Corpo de Saúde da Armada como 1º Tenente Cirurgião, cargo conquistado por concurso, no qual obteve o primeiro lugar. Em razão das suas novas funções, realizou uma viagem à volta do mundo, que lhe permitiu observar as condições de vida, hábitos e higiene dos homens do mar, proporcionando-lhe o ensejo de escrever o seu primeiro trabalho científico intitulado: "O beribéri na Marinha de Guerra". Ensaiou também estudos sobre o emprego da punção lombar no beribéri.

Sempre operoso e aspirando engrandecer seu cabedal científico, o Dr. Doellinger da Graça fez, em 1909, um curso de aperfeiçoamento em Cirurgia e Anatomia Patológica na Universidade de Berlim. Retornando ao Brasil, transbordando de entusiasmo e pleno de novos conhecimentos, ingressou no quadro de cirurgiões do Corpo de Bombeiros, em brilhante concurso.

Logo depois foi aceito no serviço de José Mendonça, como cirurgião adjunto. Despontava na época o valor dos raios-X no diagnóstico de doenças. Dedicou-se então ao estudo da Radiologia, tendo fundado e dirigido o primeiro Serviço de Raios-X na Beneficência Portuguesa e, posteriormente, no Hospital São João Baptista da Lagoa, Nossa Senhora das Dores, Nossa Senhora da Saúde e Nossa Senhora do Socorro.

A idealização do Hospital Mathilde von Doellinger da Graça, o Instituto Brasileiro de Oncologia, na Praça Santo Cristo, no bairro da Gamboa, foi um projeto destinado a receber os pacientes acometidos de câncer, necessitados de assistência radioterápica. Hoje, é o atual Hospital do Câncer II, do INCA.

Dentre seus trabalhos, destacam-se: "Da cabeça: considerações nos domínios de arte e antropologia", tese apresentada no concurso de Professor Catedrático da Escola Nacional de Belas Artes, e "Câncer, enfermidade", além de vários artigos em revistas médicas, focalizando temas sobre doenças malignas. Em 1951, publicou um livro de colaboração: "O ABC do câncer: um manual prático de clínica e de tratamento".

Além de suas publicações científicas, o Dr. Doellinger da Graça sempre esteve integrado em várias atividades educativas de caráter universitário.

Eleito em 1921, foi recebido na Academia Nacional de Medicina, em 1922, como Titular da Secção de Cirurgia Geral, atual Secção de Cirurgia. Naquela época, o bisturi era seu instrumento de trabalho. A memória apresentada para sua admissão foi "Câncer do reto". Foi transferido para a classe de Emérito em 1957.

Faleceu em 28 de janeiro de 1962.

Referências

<https://www.anm.org.br/firmino-von-doellinger-da-graca/>

https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/resenha_luta_contra_cancer.pdf

José Alves Maurity Santos

Patrono da Cadeira 37

Membro Titular

Secção de Cirurgia

Eleito: 23/08/1934 - Posse: 13/09/1934

Saudado por: Antonio Austregésilo Rodrigues Lima

Antecessor: João Pedro Leão de Aquino



Nasceu no dia 9 de maio de 1889, na cidade do Rio de Janeiro, filho de Antônio da Silva Santos, catedrático de Anatomia da Faculdade Nacional de Medicina, e de Dona Maria Eulália Maurity Santos.

Formado em medicina pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, em 1910, apresentando a tese intitulada "Terapêutica científica e charlatanismo".

Desde o início dedicou-se à cirurgia e às especialidades de Ginecologia e Obstetrícia. Foi interno do Serviço de Cirurgia do Dr. Daniel D'Almeida e de Clínica Obstétrica e Ginecológica da Faculdade, médico adjunto e depois chefe do serviço de Puericultura Intrauterina do Instituto de Proteção à Infância do Rio de Janeiro. Em 1914 conquistou a livre-docência da cadeira de Ginecologia pela Faculdade Nacional de Medicina.

Seguiu para a França, onde frequentou, no Hospital Cochin, o famoso Serviço de Ginecologia do professor Jean Louis Faure. Regressando ao

Brasil, trabalhou inicialmente na Maternidade da Santa Casa, como assistente e chefe de Clínica da cadeira de Ginecologia da Faculdade Nacional de Medicina até 1922.

De 1922 a 1926 exerceu intensa atividade clínica. Foi cirurgião do Hospital Nossa Senhora da Saúde (Gamboa), na qualidade de chefe de clínica do Serviço de Ginecologia e Cirurgia do Hospital de Gamboa, onde fez escola das mais famosas e conhecidas. Entre seus numerosos discípulos, destacam-se Clovis Salgado, Waldemar Paixão, Volta Batista Franco, Salomão Kaiser e muitos outros.

Foi eleito membro Titular da Academia Nacional de Medicina, em 1934, onde é o Patrono da Cadeira 37.

Foi presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro, vice-presidente da Sociedade de Obstetrícia e Ginecologia do Brasil, membro fundador do Colégio Brasileiro de Cirurgiões, membro honorário da Sociedade Brasileira de Pediatria e da Sociedade Fluminense de Medicina e Cirurgia e sócio correspondente de várias sociedades médicas no exterior.

Desde de sua tese, publicou ao todo 33 trabalhos, grande parte sobre os temas de Ginecologia e Obstetrícia, destacando-se: "Do segmento inferior do útero e seu papel patogênico em ginecologia" (1914, tese de livre docência), "O problema da assistência à mãe pobre do Brasil, medidas práticas para resolvê-lo" (1918), "Puericultura intrauterina" (1922), "A litíase urinária (uretral e vesical) na mulher como complicação do prolapso genital" (1926), "Prolapsos útero-vaginais complexos e seu tratamento cirúrgico" (1930) e "Indicações e técnica da paratidectomia total" (1932).

A primeira cirurgia de Schauta (histerectomia radical vagina) realizada no Brasil, foi feita por José Alves Maurity Santos, no Rio de Janeiro, em 1932.

Em 1935, regeu interinamente a cadeira de Ginecologia da Faculdade Nacional de Medicina

Faleceu no Rio de Janeiro, aos 47 anos, em 6 de outubro de 1937.

Referências

<https://www.anm.org.br/jose-alves-maurity-santos/>

<https://brasilianafotografica.bn.gov.br/brasilliana/handle/20.500.12156.1/10322>

https://www.sobracil.org.br/revista/jv040404/bjvs040404_202.pdf

Alfredo Alberto Pereira Monteiro

Patrono da Cadeira 38

Membro Titular

Secção de Cirurgia

Eleito: 04/10/1934 - Posse: 18/10/1934

Saudado por: Antonio Benevides Barbosa Vianna



Nasceu na cidade do Rio de Janeiro, em 15 de maio de 1891, filho de Maximiano Pereira Monteiro e de D. Maria Adelaide Xavier Monteiro.

Formado em medicina pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, em 1913, apresentando a tese intitulada "Nomenclatura miológica do homem e dos mamíferos domésticos, com o fim de uniformizá-la". Dedicou-se desde os tempos escolares ao estudo de Anatomia, tendo sido auxiliar voluntário e, depois, monitor de Anatomia Descritiva.

Já em 1914, concorria à docência livre com a tese: "Duas anomalias musculares do membro abdominal". Em 1920 publicava, em colaboração com seu mestre, o professor Benjamim Baptista, o 1º volume de um "Manual de Anatomia Humana (esqueleto e músculo)".

Integrou, sob a chefia de Nabuco de Gouvêa, a Missão Médica Especial, de caráter militar, criada para auxiliar os serviços de saúde dos aliados na Primeira Guerra Mundial e enviada em agosto de 1918, ingressando no posto de Capitão e servindo nos hospitais de Paris.

Em 1922 candidatou-se a professor substituto da Secção de Anatomia e Medicina Operatória na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Ao longo de sua carreira, pode lecionar as seguintes disciplinas: Anatomia Humana e Clínica Neurocirúrgica, Anatomia Comparada dos Animais Domésticos na Escola de Veterinária do Ministério da Agricultura, Clínica Cirúrgica no Hospital da Cruz Vermelha e Clínica Cirúrgica Infantil e Ortopedia na Faculdade Fluminense de Medicina.

Em 1928, Antônio Austregésilo convoca-o a iniciar a neurocirurgia no Brasil. No mesmo ano, juntamente com seu assistente José Ribeiro Portugal, inicia esta especialidade, realizando os procedimentos cirúrgicos na Santa Casa do Rio de Janeiro. Em 1932, é investido na recém criada Cátedra de Neurocirurgia da Faculdade Nacional de Medicina do Rio de Janeiro. Em 1935, abandona a especialidade e se transfere para a Cátedra de Técnica Operatória e de Cirurgia Experimental. Apesar de abandonar a especialidade, Alfredo Monteiro foi o primeiro professor de neurocirurgia no Brasil e deu impulso à especialidade, publicando vários trabalhos sobre o assunto. No seu tratado de Técnica Cirúrgica, em três volumes, deu importância destacada às técnicas neurocirúrgicas. Merece, juntamente com Brandão Filho, o título de precursor da neurocirurgia brasileira.

Foi eleito Membro Titular da Academia Nacional de Medicina, em 1934, apresentando a memória intitulada "Crânio-faringiomas", onde foi Vice-Presidente (1944-1945).

Durante os dois anos de mandato de Alfredo Alberto Pereira Monteiro como presidente do Colégio Brasileiro de Cirurgiões (1937 – 1939) foram realizados o primeiro Congresso Brasileiro e o Congresso Americano de Cirurgia, no Rio de Janeiro, na sede da Academia Nacional de Medicina.

Em 1943, incorporou-se à Força Expedicionária Brasileira (FEB) e seguiu para o teatro de operações bélicas na Itália, retornando, mais uma vez, ileso à sua pátria, depois de haver, pela segunda vez, cumprido lealmente e seu dever.

Fez parte das seguintes instituições científicas: Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro, Sociedade de Neurologia e Psiquiatria, Colégio Brasileiro de Cirurgiões, Associação dos Anatomistas da França, Sociedade de Anatomia Normal e Patologia da Argentina e Academia Argentina de Cirurgia.

Foi autor de muitos artigos de colaboração em revistas e apresentou valiosas comunicações às diversas instituições científicas, além de teses, destacando-se: "Músculos de função apagada ou nula e sua representação em alguns animais" (1920/1921), "O segmento ceco-apendicular" e "Anatomia do mediastino posterior, via de acesso" (1922), "Anatomia dos timos" e "O espaço látero-pélvico-vascular" (1925), "Técnica operatória" (1932) e "Técnica operatória esquematizada" (1933).

Faleceu no Rio de Janeiro no dia 9 de fevereiro de 1961.

Referências

<https://www.anm.org.br/alfredo-alberto-pereira-monteiro/>

<https://cbc.org.br/o-cbc/a-historia/galeria-dos-ex-presidentes/alfredo-alberto-pereira-monteiro/>

Gusmão SS, de Souza JG: O nascimento da neurocirurgia brasileira. Arq Bras Neurocir 2000; 19: 92-96

Gusmão SS: História da neurocirurgia no Rio de Janeiro. Arq Neuropsiquiatr 2002; 60: 333-337.

Augusto Paulino Soares de Souza

Patrono da Cadeira 39

Membro Emérito

Secção de Cirurgia

Eleito: 27/05/1909 - Posse: 08/07/1909 – Emérito: 04/11/1943

Saudado por: Fernando Augusto Ribeiro de Magalhães



O Dr. Augusto Paulino Soares de Souza nasceu em 4 de setembro de 1877, no Rio de Janeiro, era neto do Visconde do Uruguai e filho do Conselheiro Paulino José Soares de Souza, último presidente do Senado do Império e D. Maria Amélia da Silva Soares de Souza.

Formou-se em medicina pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, em 1899, apresentando a tese intitulada "Cirurgia da pleura e do pulmão". Durante o curso médico, acompanhou, na Anatomia Médico Cirúrgica e na Clínica Cirúrgica, o ilustre Professor Augusto Brant Paes Leme, de quem se tornou discípulo favorito, adquirindo dele os dotes de exímio desenhista, além de anatomista. Prova disto é a sua tese de doutoramento, assunto que, à época, era ainda muito pouco explorado na literatura médica.

Foi nomeado, no ano seguinte, cirurgião efetivo da Santa Casa de Misericórdia e da Associação dos Empregados do Comércio, tendo exercido, nesta última, durante muitos anos, o cargo de Diretor dos Serviços Clínicos.

Foi um pioneiro em várias modalidades cirúrgicas. Operou, em 1902, a primeira apendicite aguda no Rio de Janeiro.

Foi eleito Membro Titular da Academia Nacional de Medicina, em 1909, apresentando a memória intitulada "Do valor das localizações em cirurgia cerebral", trabalho pioneiro em neurocirurgia à época. Na ANM exerceu vários cargos, inclusive o de Vice-Presidente, em 1934. Foi transferido para a classe de Emérito, em 1943, e é o Patrono da Cadeira 39.

Em 1916, foi designado Professor Catedrático de Clínica Cirúrgica, sucedendo seu mestre Paes Leme, por dois terços da congregação da Faculdade de Medicina. Tomou posse em 1911 como Chefe da 15ª Enfermaria da Santa Casa de Misericórdia, chefiando esta, ocupada mais tarde por seu filho, Prof. Augusto Paulino Filho, também acadêmico da ANM.

Ensinou, na Santa Casa e na Faculdade de Medicina, de 1910 a 1945, quando foi jubulado, por limite de idade, da cadeira de Clínica Cirúrgica da então Universidade do Brasil, tornando-se Professor Emérito algum tempo depois.

Em 1932, foi nomeado por concurso Professor de Clínica Cirúrgica da Escola de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro, aposentando-se em 1949. Foi Diretor da referida Escola, de 1946 a 1948.

Foi Membro Fundador do Colégio Brasileiro de Cirurgias e da Sociedade Brasileira de Urologia, tendo sido seu Presidente. Entre outras sociedades de que foi membro, podemos citar o Colégio Americano de Cirurgias, o Colégio Internacional de Cirurgias, Honorário da Academia Brasileira de Medicina Militar, onde é o Patrono da Cadeira 79, e Honorário da Sociedade Brasileira da História da Medicina. É ainda o Patrono da Cadeira 28 da Academia de Medicina do Estado do Rio de Janeiro.

Formou uma escola de cirurgia com assistentes ilustres em todo o Brasil. Foram membros da Academia Nacional de Medicina os cirurgiões Sylvio d'Ávila, Paulo Niemeyer, Fernando Paulino (seu filho), Augusto Paulino Netto (seu neto), Lucio Galvão, e outros.

Em sua vasta bibliografia, citam-se: "Lições de anatomia médico-cirúrgica da boca", "Lições de clínica cirúrgica", "Urologia", "A propósito de duas craniectomias", "O problema da amputação imediata", "Anestesia cirúrgica", "O exame do doente e do diagnóstico em cirurgia", "Patologia cirúrgica" (3 volumes), "Clínica cirúrgica" (2 volumes), "O humanismo médico", entre vários outros.

Introduziu no ensino médico no Brasil, o método audiovisual. Desenhava no quadro negro, com giz colorido, ou em vidro fosco, com tinta guache,

a anatomia, os planos cirúrgicos, com todos os detalhes vasculares, nervosos, musculares, necessários à compreensão da perfeita técnica cirúrgica. São famosas as suas chamadas “mentiras pedagógicas” com que tentava inculcar nos alunos ensinamentos que depois se tornariam inesquecíveis.

Como exemplo, conta-se que, certa vez, citou em aula um paciente, com abscesso de fossa supra-clavicular esquerda, que ao ser incisado, revelou-se uma apendicite aguda supurada. Ao notar a incredulidade dos alunos, explicou: “É a melhor maneira de ensinar, em um só paciente, a apendicite aguda, a hérnia diafragmática congênita e a mal-rotação do colon...”.

As palavras proferidas pelo Acadêmico Augusto Paulino, em 1942, são cada vez mais verdadeiras hoje: “A máquina nos possibilita facilidade de diagnóstico e tratamento, mas não transmite a bondade e o carinho, exercitando somente a atenção para que nós médicos analisemos com inteligência suas informações. E a atenção deve ser dirigida aos nossos pacientes, e não somente à máquina...”

Augusto Paulino Soares de Souza teve três filhos com Maria Amelia Almeida Soares de Souza: Augusta, mãe do cirurgião Aluizio Soares de Souza Rodrigues e de Augusto Paulino Filho, seu sucessor na chefia da 15ª Enfermaria da Santa Casa da Misericórdia, e pai de Augusto Paulino Netto (também Acadêmico que ocupou a Cadeira 39 e foi Presidente da ANM), e avô de Augusto Paulino Soares de Souza, cirurgião ortopedista no Rio de Janeiro. Fernando Paulino, seu terceiro filho, cirurgião de renome nacional e internacional, chefe de uma escola cirúrgica com ramificações em todo nosso país, tem dois netos médicos, Roberto Paulino, psiquiatra, e Rodrigo Paulino, radiologista, ambos bisnetos do professor Augusto Paulino.

Augusto Paulino Soares de Souza faleceu no Rio de Janeiro em 8 de março de 1962, assistido por seu neto, o Acadêmico Augusto Paulino Soares de Souza Netto.

Referências

<https://www.anm.org.br/augusto-paulino-soares-de-souza/>

<http://www.actamedica.org.br/publico/noticia.php?codigo=30>

<https://sbhm.webnode.com.br/news/augusto-paulino-soares-de-souza/>

<https://www.scielo.br/j/rcbc/a/cf3LxDX646StYhshLyTDrRp/>

Jayme Poggi de Figueiredo

Patrono da Cadeira 40

Membro Titular

Secção de Cirurgia

Eleito: 25/06/1934 - Posse: 30/08/1934

Antecessor: Octávio do Rêgo Lopes



Renomado cirurgião brasileiro, o Dr. Jayme Poggi de Figueiredo nasceu em Vitória, no Estado do Espírito Santo, em 14 de outubro de 1888, filho de João Francisco Poggi de Figueiredo e Amélia Higino Duarte Poggi de Figueiredo.

Viveu muitos anos de sua mocidade do Rio Grande do Sul. De início pretendia ser militar, tendo cursado a Escola do Rio Pardo, onde foi contemporâneo dos ex-presidentes Getúlio Vargas e Eurico Gaspar Dutra. Sua inclinação para medicina levou-o a desistir da carreira das armas, ingressando, então, na Faculdade de Medicina de Porto Alegre. Aí cursou os três primeiros anos, completando o curso na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, diplomando-se em 1909. Defendeu sua tese sobre "O tratamento do câncer cirúrgico do útero pelo processo Wertheim-Bumm".

Voltando ao Rio Grande do Sul, foi trabalhar em Santa Vitória do Palmar e, depois, em Pelotas.

Desejando aperfeiçoar seus conhecimentos em cirurgia, partiu em 1913 para a Europa e Estados Unidos. Regressando, fixou-se no Rio de Janeiro. Eudorico da Rocha Junior, com quem tinha estreitos laços familiares, assinala que Jayme Poggi revelou o seu pioneirismo pelo trabalho médico em equipe, com a organização da Casa de Saúde que teve seu nome. Trabalhador infatigável, não lhe foi difícil o êxito e logo foi convidado para dirigir o Serviço Cirúrgico do Hospital São João Batista, da Lagoa. Com atuação brilhante e eficiente, foi levado para o Hospital Geral da Santa Casa, como titular do Serviço de Cirurgia e Ginecologia.

Na 10ª enfermaria, que o idealismo de Jayme Poggi transformou em Cátedra, praticou-se sempre medicina de alto padrão. Fundou, com outros abnegados colegas, a Faculdade de Ciências Médicas, no Rio de Janeiro, tendo sido o primeiro na Cátedra de Clínica Cirúrgica.

Foi eleito Membro Titular da Academia Nacional de Medicina, em 1934, apresentando a memória intitulada "Anestesia raquidiana", e enriqueceu os seus Anais com comunicações de mais alta originalidade.

Preocupou-se, também, com os problemas sociais da Medicina, reivindicando renumeração justa e condizente para o médico, "contra a exploração avaliante por parte de associações, na maioria alienígenas, que fazem da nossa classe o seu porta-estandarte promocional".

Jayme Poggi esteve sempre presente como fundador, como libertador, como incentivador da maior parte das entidades médicas do País. Exímio operador, com técnicas que criou e outras que aperfeiçoou, o seu renome como cirurgião foi dos mais justificados.

Foi fundador e Presidente do Colégio Brasileiro de Cirurgiões, além de Presidente do Sindicato dos Médicos do Rio de Janeiro.

Publicou vários trabalhos sobre cirurgia geral e ginecologia. De sua autoria deixou, também, o livro "Discursos, Conferências e Lutas Profissionais", que é todo ele um vivo documentário de sua brilhante carreira dedicada à Medicina. Destacam-se seus trabalhos sobre anestesia endovenosa, arteriografia, cirurgia plástica e histeropexias.

Faleceu na cidade do Rio de Janeiro, no dia 24 de janeiro de 1962.

Referências

<https://www.anm.org.br/jayme-poggi-de-figueiredo/>

<https://ancestors.familysearch.org/en/M8LZ-5FL/jayme-poggi-de-figueiredo-1888-1962>

José Martins da Cruz Jobim

Patrono da Cadeira 41

Membro Fundador

Secção de Medicina

Eleito: 28/05/1829 - Posse: 30/06/1829

Presidente da Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro - 3º trimestre de 1831 e 3º e 4º trimestres de 1834 e da Academia Imperial de Medicina - 1839-1840 e 1848-1851.



Nasceu em 26 de fevereiro de 1802, natural de Rio Pardo, província de São Pedro do Sul, no Rio Grande do Sul, filho mais velho do tenente português José Martins da Cruz Jobim e de sua primeira esposa Eugenia Rosa Fortes. Entre seus irmãos estava Antônio Martins da Cruz Jobim, o Barão de Cambaí.

Bacharel em Ciências Físicas, em 1826, e Doutor em Medicina, em 1828, pela Faculté de Médecine de Paris, Cruz Jobim, ao retornar ao Brasil, foi nomeado Médico do Hospital da Misericórdia (atual Hospital Geral da Santa Casa da Misericórdia do Rio de Janeiro), onde chefiou uma de suas enfermarias. No ano de 1860, lhe foi concedido o título de primeiro e único Médico Honorário do referido Hospital.

Membro Titular da Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro (posteriormente denominada Academia Imperial de Medicina, atual Academia Nacional de Medicina), empossado em 30 de junho de 1829, foi um de

seus fundadores, juntamente com Joaquim Candido Soares de Meirelles, Luiz Vicente De Simoni, José Francisco Xavier Sigaud e Jean Maurice Faivre, e a presidiu no 3º trimestre de 1831, 3º e 4º trimestres de 1834, em 1839 - 1840 e 1848 - 1851.

Em sessão de 3 de outubro de 1963, foi escolhido Patrono da Cadeira 41.

Luiza Marcondes Jobim, uma de suas filhas, casou-se com Vicente Cândido Figueira Saboia, posteriormente, Visconde de Saboia, que foi Presidente da Academia Nacional de Medicina de 1891 a 1892.

Nomeado Médico do Paço, por José Bonifácio de Andrada e Silva, em 1831, tornou-se Médico da Imperial Câmara e, nesse mesmo ano, escreveu "Insânia loquaz", o primeiro texto sobre doença mental no Brasil, baseado em dados clínicos e patológicos compatíveis com meningite tuberculosa.

Um dos pioneiros da Psiquiatria no Brasil, Jobim denunciou, no ano de 1835, em discurso na Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro (atual Academia Nacional de Medicina), a insalubridade dos porões da Santa Casa da Misericórdia e as péssimas condições em que viviam os loucos na cidade.

Em novembro de 1842 foi o primeiro médico a ser nomeado pela Mesa Administrativa do Hospício de Pedro II, fundado em 1841, com a atribuição de visitar, prescrever e formular o tratamento aos alienados recolhidos. Entre os anos de 1847 e 1851 integrou o quadro de médicos do Hospício de Pedro II, juntamente com Luís Vicente de Simoni, Manoel Feliciano Pereira de Carvalho, Luiz Bompani, Augusto Cezar de Souza, e Antonio José Pereira das Neves.

Cruz Jobim foi o orador da solenidade de transformação, por decreto imperial, da Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro em Academia Imperial de Medicina. A solenidade ocorreu sob a presidência de honra do Marquês de Caravelas, Ministro do Império. Jobim pronunciou, na ocasião, o discurso sobre "As doenças que mais afligem as classes pobres do Rio de Janeiro" no qual descreve a doença por ele designada 'Hipoe-mia Intertropical' (Ancilostomose).

Na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro foi nomeado por concurso, Lente de Medicina Legal e Toxicologia (1833 - 1854) e Diretor (1842

- 1872). Em 1854, o mais antigo catedrático de Medicina Legal da Faculdade Médica do Rio de Janeiro, o Conselheiro José Martins da Cruz Jobim, foi imbuído, pelo Ministro da Justiça, da missão de coordenar comissão para uniformizar a prática dos exames médico-legais, organizando uma tabela prognóstica das lesões corporais. Alcançando a compulsória, em 1872, foi aposentado como Diretor, após trinta anos ininterruptos de exercício no cargo.

Conselheiro do Imperador, Membro Correspondente da Real Academia de Ciências de Nápoles e de Lisboa, Editor dos Anais Brasilienses de Medicina e da Revista Médica Fluminense. Foi agraciado com as Comendas da Ordem da Rosa e de Cristo, e da Imperial Ordem de São Estanislau (Rússia).

Na política, Cruz Jobim foi Deputado Geral, nas 7ª e 8ª legislaturas, pelo partido conservador, na pela província do Rio Grande do Sul (1849-1851), e Senador do Império pela província do Espírito Santo (01/03/1851), nas 8ª, 9ª, 10ª, 11ª, 12ª, 13ª, 14ª, 15ª, 16ª e 17ª Legislaturas, cargo este que assumiu em 6 de maio de 1851 e onde permaneceu até a data de sua morte, em 1878.

Entre as homenagens prestadas a José Martins da Cruz Jobim, destacam-se a emissão de selo comemorativo por ocasião do 150º aniversário de seu nascimento, pelo Departamento dos Correios e Telégrafos e a mudança do nome da Rua Constantino Alves, situada no bairro de Irajá, no Rio de Janeiro, para Rua Cruz Jobim.

Faleceu aos 76 anos, em 23 de agosto de 1878, no Rio de Janeiro.

Referências

<https://www.anm.org.br/jose-martins-da-cruz-jobim/>

https://pt.wikipedia.org/wiki/Jos%C3%A9_Martins_da_Cruz_Jobim

<https://dichistoriasaude.coc.fiocruz.br/iah/pt/verbetes/jobimjmcr.htm>

<http://www.ohomemeadoenca.com.br/biograf/Biocruzjobimtrop.html>

<https://atom.senado.leg.br/index.php/jos-martins-da-cruz-jobim>

João Carlos Teixeira Brandão

Patrono da Cadeira 42

Membro Emérito

Secção de Medicina

Membro Titular da Cadeira 01 – Secção de Medicina

Eleito: 31/08/1886 - Posse: 28/09/1886 - Emérito: 10/10/1918



João Carlos Teixeira Brandão, filho de Felício Viriato Brandão e Dona Maria Flora Teixeira Brandão, nasceu em São João Marcos, na freguesia do Arraial de São Sebastião, na então província do Rio de Janeiro, a 28 de dezembro de 1854.

Bacharelou-se em Ciências e Letras no Colégio Pedro II e graduou-se em Medicina pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro (atual UFRJ), em 1877, defendendo a tese "Operações reclamadas pelo estreitamento da uretra".

Depois de diplomado, seguiu para a cidade de Barra Mansa (RJ), onde durante os anos de 1878 e 1880, dedicou-se à Clínica Médica. A atividade clínica em que se empenhara quando egresso da Faculdade, permitiu a continuação dos estudos, tendo predileção pelas doenças mentais.

Posteriormente, por sugestão de João Vicente Torres Homem, professor da 1ª Cadeira de Clínica Médica de Adultos da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, de quem era amigo e discípulo, viajou para a Europa,

mais especificamente para a França, Alemanha e Itália, para estudar psiquiatria.

Tornou-se Professor Catedrático da cadeira de Clínica Psiquiátrica e Moléstias Nervosas em 1880. A disciplina, até então inexistente, exigiu do docente dedicação máxima. É considerado o fundador da Psiquiatria Brasileira.

Foi um dos fundadores da Policlínica Geral do Rio de Janeiro, em 1881, e fez parte do primeiro corpo clínico desta instituição como médico do serviço de moléstias do sistema nervoso.

Em 1884, foi nomeado alienista do antigo Hospício Pedro II, sendo em 1887 seu Diretor Interino e efetivando-se no cargo a 31 de janeiro de 1888. Começou então a lutar por uma reforma dos serviços, o que conseguiu do Governo Provisório. A 15 de fevereiro de 1890 foi nomeado Diretor Geral da Assistência Médico-Legal dos Alienados. Passados sete anos a reforma urgia, sendo então decretada e executada, passando o Dr. Teixeira Brandão a exercer o cargo de Inspetor Geral da mesma Assistência, cargo que manteve até 1899, quando foi suspenso.

Os estudos da especialidade, realizados pelo psiquiatra, tiveram larga divulgação, coincidindo por muitas faces com outros depois vindos à luz e partidos de grandes centros psiquiátricos europeus. Em 1883 Teixeira Brandão tornou-se membro da "Société Medicinale-Psichologique" de Paris.

Em 1892, chegou a Bruxelas como Delegado do Brasil no 3º Congresso de Antropologia Criminal.

Fundou, junto com Júlio Rodrigues de Moura, Lourenço da Cunha e Felício dos Santos, a Casa de São Sebastião, obtendo por esse tempo a separação dos Serviços dos alienados e do Hospício de D. Pedro II, da Santa Casa de Misericórdia, datando desse tempo a mudança de seu nome para Hospício dos Alienados.

Foi agraciado com a patente de Coronel Honorário do Exército Brasileiro, concedida pelo Marechal Floriano Peixoto, então Presidente da República, por serviços prestados durante a Revolta da Armada (Rio de Janeiro, 1893).

Nos anos em que fez parte do Parlamento Brasileiro, é possível destacar o projeto relatado com Rodrigues Lima, no Governo Rodrigues Alves, sobre a Reforma da Assistência a Alienados, o Projeto de Vacinação e Revacinação Obrigatórias, e a Lei que criou o atual Departamento Nacional de Saúde Pública.

Foi Presidente de Honra da Sociedade de Neurologia, Psiquiatria e Medicina Legal.

Na ocasião de sua candidatura à Academia Nacional de Medicina, apresentou memória intitulada "Ideias fixas, gênese e classificação nosológica". Na instituição passou à categoria de Emérito a 10 de outubro de 1918.

Teixeira Brandão foi ainda político, tendo ingressado pelas mãos de Nilo Peçanha, e reconhecido por suas medidas em prol da assistência aos alienados, e em seu primeiro ano de mandato trabalhou pela publicação do Decreto nº 1.132, de 22 de dezembro de 1903, considerado a primeira lei geral sobre a jurisprudentia e a assistência aos alienados no país. estabelecendo normas para internação dos alienados. A legislação foi baseada na legislação francesa e inspirada nos preceitos defendidos por Jean-Etienne Dominique Esquirol, psiquiatra francês, discípulo de Pinel, e que defendia a ideia de que a relação com o médico desempenha um papel importante na cura, e de quem Teixeira Brandão foi fiel seguidor.

Proibiu-se manter alienados em cadeias públicas ou entre criminosos. O artigo deixava explícito que, enquanto os Estados não possuíam manicômios criminais, os alienados delinquentes e os condenados alienados somente poderiam permanecer em asilos públicos, nos pavilhões especialmente reservados a eles.

Teixeira Brandão dedicou grande parte de sua trajetória à luta em prol dos alienados, especialmente à necessidade da criação de manicômios judiciais, que ocorreria somente em 1921. A criação de manicômios jurídicos visava a observação dos acusados suspeitos de alienação mental no Hospício Nacional de Alienados.

Depois de 1903, foi ainda eleito deputado por seu Estado, ainda em outras legislaturas, nos anos de 1906, 1909, 1912, 1915 e 1918.

Faleceu na cidade do Rio de Janeiro, a 03 de setembro de 1921.

Referências

<https://www.anm.org.br/joao-carlos-teixeira-brandao/>

<https://dichistoriasaude.coc.fiocruz.br/iah/pt/verbetes/branjcteix.htm>

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-69762009000100007

<https://hpcs.bvsalud.org/wp-content/uploads/2018/07/Brand%C3%A3o-Teixeira-perfeito-1.pdf>

<https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/BRAND%C3%83O,%20Teixeira.pdf>

<https://www.scielo.br/j/rlpf/a/wdZ8NCsDnBst4Nq3jZjgBMb/?format=pdf&lang=pt>

Francisco Freire Allemão de Cisneiros

Patrono da Cadeira 43

Membro Titular

Secção de Medicina

Eleito: 19/05/1832 - Posse: 19/05/1832

Presidente da Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro – 3º trimestre de 1832 e da Academia Imperial de Medicina – 1838 a 1839



Nasceu em 24 de julho de 1797, na freguesia de Nossa Senhora do Desterro de Campo Grande, Engenho do Mendanha, Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro, filho dos lavradores João Freire Allemão e Feliciano Angélica do Espírito Santo.

Iniciou sua carreira na vida religiosa, tornando-se sacristão, por não possuir os recursos financeiros necessários para dedicar-se à carreira científica. Na convivência com o padre Luis Pereira Duarte, aprendeu a gramática latina e outras disciplinas como francês, inglês, espanhol, hebraico e latim, mas decidiu abandonar a carreira sacerdotal e ministrar aulas particulares, das quais retirava seu meio de sustento. Seu irmão mais velho, Antônio Freire Allemão de Cisneiros, que cursava o segundo ano da Academia Médico-Cirúrgica do Rio de Janeiro, ofereceu-lhe ajuda financeira e no ano de 1822, Francisco Freire Allemão lá ingressou, onde se diplomou como cirurgião, em 1827. Frequentou a Universidade de Paris a convite do governo francês, quando foi aluno do químico Jean Baptiste Dumas e do naturalista Georges Léopold Chrétien Frédéric Dagobert, o Barão Cuvier.

Obteve seu doutorado na Universidade de Paris, em 1831, defendendo a tese: "Dissertation sur le goitre". Regressando ao Brasil, foi aprovado Catedrático de disciplina na cadeira de Botânica e Elementos de Zoologia, em 1833.

Eleito Membro Titular da Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro (atual Academia Nacional de Medicina), em 1832, foi empossado no mesmo ano. Freire Allemão foi presidente da Sociedade no 3º trimestre de 1832 e da Academia Imperial de Medicina de 1838 a 1839. Sua memória para a Academia Imperial de Medicina versava sobre o "Uso das preparações de sódio na cura do bócio", assunto pioneiro na época.

Nomeado médico da Imperial Câmara, em 1840, Freire Allemão conseguiu curar o Imperador Pedro II de uma ameaça de congestão cerebral. Em 1843 participou da comitiva imperial incumbida de acompanhar a vinda da então princesa D. Teresa Cristina, irmã de Dom Fernando (rei das Duas Sicílias), noiva do Imperador Pedro II, de Nápoles ao Rio de Janeiro. Mais tarde, foi Professor de Botânica das Princesas Isabel e Leopoldina.

Membro do Conselho de Sua Majestade, Comendador da Ordem da Rosa, Comendador da Ordem de Cristo e Comendador da Ordem de Francisco I do Reino de Nápoles, foi Lente de Botânica e Zoologia Médicas, de 1833 a 1853, na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. De 1858 a 1866 foi Lente da Secção de Ciências Físicas e Naturais na Escola Central. Participou de diversas associações profissionais e sociedades médicas; foi Sócio do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, da Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional e da Sociedade Philomatica e Membro Honorário do Imperial Instituto Médico Fluminense.

Fundou e presidiu a Sociedade Velosiana de Ciências Naturais do Rio de Janeiro para estudos da Botânica. Em 1874, presidiu a comissão de Botânica e Zoologia do Instituto Farmacêutico do Rio de Janeiro. Após descrever muitas plantas e identificar numerosos gêneros, tornou-se um dos naturalistas e botânicos mais conhecidos no Brasil do século XIX. Em 1866, foi nomeado Diretor do Museu Imperial e Nacional, cargo que ocupou até o ano de 1870, embora problemas de saúde o tenham afastado desta função em alguns momentos.

Faleceu no dia 11 de novembro de 1874, aos 77 anos, na antiga propriedade de seus pais, bairro de Campo Grande, Rio de Janeiro.

Referências

<https://www.anm.org.br/francisco-freire-allem-ao-de-cisneiros/>

<https://dichistoriasaude.coc.fiocruz.br/iah/pt/verbetes/cisfranfrei.htm>

https://pt.wikipedia.org/wiki/Francisco_Freire_Alem%C3%A3o

<https://www.muham.org.br/biografiasmedicas/biografia/1664>

João Pizarro Gabizo

Patrono da Cadeira 44

Membro Honorário Nacional

Secção de Medicina

Eleito: 03/11/1903 - Posse: 03/11/1903



Nascido em 20 de outubro de 1845, na cidade do Rio de Janeiro, filho do General Antônio Fernandes Pizarro Gabizo e de Dona Jesuina Torres Gabizo.

Fez o curso de humanidades no Colégio Victorio e no Mosteiro de São Bento e graduou-se em Medicina pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro (atual UFRJ), em 5 de dezembro de 1867, após defesa da tese intitulada "Do prolapso do cordão como causa da distocia".

O Dr. João Pizarro Gabizo cursava o 5º ano quando foi declarada a Guerra do Paraguai, para onde seguiu como 2º cirurgião da Armada, recebendo do governo imperial, ao regressar, a Imperial Ordem da Rosa. Dessa época, até fins de 1879 exerceu no Rio de Janeiro a clínica geral.

Era defensor da Higiene Escolar e Educação Física, e afirmava, em conferência de 27 de fevereiro de 1876 "Eu vou me ocupar da higiene escolar, isto é, da aplicação sábia e metódica dos meios que a ciência aconselha, a fim de promover e garantir nas escolas a educação

física da infância". Para Gabizo, o alvo da higiene era escolar, uma vez que a ignorância corrompia não só ao homem como a toda uma sociedade.

Em 1880, partiu para a Europa em viagem de estudos, tendo seguido para Viena, na Áustria, onde permaneceu por um espaço de quase dois anos. Matriculou-se no curso de Dermato-sifilografia e Laringologia a cargo do Prof. Schrötter, acompanhando também o serviço do Prof. Politzer. Foi, porém, à Dermato-sifilografia que se dedicou com mais afinco e grande entusiasmo, tornando-se, mais tarde, autoridade incontestável em tais assuntos.

Em 1883, quando se fez a reforma das Faculdades de Medicina, foi criada a cadeira de "Clínica de Moléstias Cutâneas e Sifilíticas", para qual Gabizo foi nomeado o primeiro Professor, por decreto de 14 de abril de 1883. Em 1894 foi nomeado pelo governo de Marechal Floriano, Vice-Diretor da Faculdade de Medicina, cargo que ocupou por pouco tempo.

Em 1890, foi indicado para presidir o Comitê Brasileiro da "Société Internationale de Phophylaxie Sanitaire et Morale".

Em 1896, foi convidado pela Irmandade do S. S. da Candelária para desempenhar as funções de Diretor Clínico do Hospital dos Lázaros, nelas se mantendo até a data de seu falecimento.

Com a fundação da Universidade Popular Livre, em 1902, chamou atenção pela primeira vez, nas suas conferências, contra o perigo das doenças venéreas, e a inutilidade da regulamentação da prostituição e a falsa virtude de considerar a sífilis como doença vergonhosa.

O Dr. João Pizarro Gabizo foi eleito Membro Honorário da Academia Nacional de Medicina na sessão do dia 3 de novembro de 1903.

Faleceu no Rio de Janeiro, a 16 de maio de 1904.

A Travessa de São Salvador era o principal acesso ao "Hyppódromo Nacional", fundado em 1889, no local da atual Praça Afonso Pena, na Tijuca, Rio de Janeiro. Durante anos, esse trecho ficou popularmente conhecido como a Travessa do Hipódromo.

No início do século XX, a Travessa de São Salvador passou a se chamar rua Professor Gabizo em homenagem à João Pizarro Gabizo, de acordo com o decreto municipal nº 1.165, de 31 de outubro de 1917.

Referências

<https://www.anm.org.br/joao-pizarro-gabizo/>

https://www.facebook.com/atijucadeantigamente/posts/4530065970385481/?locale=hi_IN

<https://soutijuca.com.br/ruas-tijucanas/rua-professor-gabizo/>

Olympio Olinto de Oliveira

Patrono da Cadeira 45

Membro Honorário Nacional

Secção de Medicina

Eleito: 13/11/1902 - Posse: 13/11/1902



Olympio Olinto de Oliveira nasceu na cidade de Porto Alegre, no Estado do Rio Grande do Sul, em 5 de janeiro de 1866, filho de João Olinto de Oliveira e de Matilde das Chagas Oliveira.

Graduou-se em 12 de janeiro de 1887 pela Faculdade Nacional de Medicina (atual UFRJ), onde foi discípulo de Carlos Arthur Moncorvo de Figueiredo.

Assim que se formou, com 21 anos de idade, voltou a residir em Porto Alegre.

A 13 de setembro de 1892, junto com as mais importantes lideranças médicas da época, comandadas por Rodrigo Azambuja Villanova, funda a Sociedade de Medicina de Porto Alegre da qual foi o primeiro Secretário e, poucos anos após, seu Presidente. Esta Sociedade foi a primeira congregação formal das forças médicas do Rio Grande em defesa da medicina acadêmica e em contraposição ao regime de liberdade profissional que, por inspiração positivista, adotada pelo governo do Rio Grande, imperava no Estado.

Aparentemente, a Sociedade de Medicina funcionou como um núcleo condutor à fundação, em 1898, da Faculdade de Medicina de Porto Alegre, com a participação de Olinto de Oliveira e de outros colegas, da qual foi seu Diretor de 1910 a 1913. Essa foi a terceira Faculdade de Medicina do país, visto que à época só havia as Faculdades de Medicina da Bahia e do Rio de Janeiro.

Olympio Olinto de Oliveira lecionou química, biologia, anatomia, fisiologia, anatomia patológica, clínica médica, ortopedia pediátrica e clínica pediátrica. Na oportunidade criou o Instituto Pasteur – para tratamento preventivo da raiva, que teve vida curta.

Dedicou-se com obstinação e pioneirismo à formação de pediatras e à implementação de políticas públicas de proteção da criança. Em 1890 fundou o dispensário de crianças da Santa Casa da Misericórdia onde clinicava no Serviço de Crianças. Como muitos médicos do século XIX, percebia sua prática profissional como uma arte, sujeita ao subjetivismo e à sensibilidade humana.

No Rio de Janeiro, participou com Antônio Fernandes Figueira da fundação da Sociedade Brasileira de Pediatria, em 1910.

Homem de cultura vasta e diversificada, ajudou a organizar a Academia Rio-Grandense de Letras (1901), onde chegou a ocupar a cadeira 26 (1944). Além disso, colaborou com a criação do Instituto Livre de Belas Artes, em Porto Alegre, que presidiu em 1918. Tinha, ainda, uma coluna no “Correio do Povo” de Porto Alegre, com o pseudônimo de Maurício Bohn.

Em 1918 transferiu-se para o Rio de Janeiro, dando início, junto com outros colegas de faculdade, entre os quais Fernandes Figueira, à intensa atividade em favor da criança, sobretudo no Hospital Artur Bernardes, hoje Instituto Fernandes Figueira, onde atendia crianças e formava pediatras.

No final dos anos 20, criou com Américo Augusto, o periódico “Arquivos de Pediatria”, que chegou a ter uma circulação mensal, tratando de temas relacionados com a clínica, a higiene infantil e a puericultura em geral. Sua visão sobre a importância da divulgação científica pediátrica pode ser bem identificada quando afirmou, em um dos Arquivos de Pediatria: “É tempo de se irem agrupando (os pediatras brasileiros) em torno do ideal comum, de se conhecerem e auxiliarem, e de cons-

tituírem a grande família da Pediatria Nacional. Que se congreguem as sociedades pediátricas, que se publiquem trabalhos, observações e contribuições, que se reúnam em sessões conjuntas os grupos vizinhos, até que tenhamos, enfim, o nosso Congresso Nacional da especialidade”.

Com a morte de Fernandes Figueira (1928), Olinto de Oliveira assumiu a presidência da Sociedade Brasileira de Pediatria. Na oportunidade, fez a reforma do estatuto da Sociedade e dinamizou o “Jornal de Pediatria” – órgão oficial da entidade.

A Era Vargas trouxe Olinto de Oliveira para a cúpula do poder público referente à assistência à criança. Foi Chefe da Inspetoria de Higiene Infantil e, em 1933, convocou e presidiu a “Conferência Nacional de Proteção e Assistência à Infância”, quando os pediatras e sanitaristas brasileiros presentes fizeram sugestões ao governo em relação à saúde infantil. No ano seguinte, esta inspetoria foi transformada na Diretoria de Proteção e Assistência à Infância.

Com o Estado Novo (1937 - 1945), as políticas públicas em favor da criança assumiram uma centralidade inédita na História do Brasil. Em 1940, Olinto de Oliveira criou e dirigiu o Departamento Nacional da Criança. Seu objetivo era normatizar nacionalmente o atendimento ao binômio mãe-filho e combater a mortalidade infantil. Projetou para este departamento representações nos diversos estados da federação, os Departamentos Estaduais da Criança. Além disso, organizou os Cursos de Puericultura e Administração, destinados à formação de puericultores nos serviços regionais, para que estes, ao retornarem aos estados de origem, assumissem coordenações ou chefias dos Postos de Puericultura. Este curso era ministrado no Hospital Artur Bernardes, atual Instituto Fernandes Figueira, que foi, nesta mesma época, remodelado por Olinto de Oliveira, vinculando-o ao próprio “Departamento Nacional da Criança”.

Sua produção científica reúne mais de cem artigos sobre pediatria, higiene e assistência à infância em periódicos científicos brasileiros, franceses e italianos, que traduzem sua interlocução internacional.

Foi também membro da Academia Americana de Pediatria e da Sociedade de Pediatria de Paris.

Foi casado com Maria Emília Pereira, com quem teve os filhos Ester, Carlos, Silvio, Jorge, Paulo, Mário e Décio. Seu filho, Mario Olinto de Olivei-

ra, seguiu seus passos: foi pediatra e presidente da Sociedade Brasileira de Pediatria e Membro Titular da Academia Nacional de Medicina.

A contribuição de Olympio Olinto de Oliveira à medicina brasileira fez com que seu nome fosse inscrito, em 1953, no Livro de Mérito dos Grandes Vultos Nacionais.

Olympio Olinto de Oliveira faleceu no Rio de Janeiro, no dia 31 de maio de 1956.

Referências

<https://www.anm.org.br/olympio-olinto-de-oliveira/>

<https://www.sbp.com.br/academia-brasileira-de-pediatria/patronos-e-titulares/olympio-olinto-de-oliveira/>

https://pt.wikipedia.org/wiki/Olinto_de_Oliveira

<https://academiademedicinars.com.br/cadeiras/olympio-olinto-de-oliveira/>

<https://www.nexojornal.com.br/externo/2021/01/18/O-in%C3%ADcio-da-pediatria>

Júlio Afrânio Peixoto

Patrono da Cadeira 46

Membro Titular

Secção de Medicina

Eleito: 29/10/1903 - Posse: 05/11/1903

Saudado por: Carlos Pinto Seidl



O Dr. Júlio Afrânio Peixoto nasceu no dia 17 de dezembro de 1876, em Lençóis, no Estado da Bahia, filho do capitão Afrânio Peixoto e de D. Virgínia de Moraes Peixoto. O Dr. Afrânio Peixoto foi médico legista, político, professor, romancista e historiador.

Doutorou-se na Faculdade de Medicina da Bahia em 1897, defendendo tese intitulada "Epilepsia e crime".

Ao se mudar para o Rio de Janeiro, começou a lecionar aulas de Higiene na Faculdade Nacional de Medicina (atual UFRJ) e aulas sobre Medicina Legal na Faculdade de Direito do Rio de Janeiro.

Em seguida, foi convidado a atuar como médico do Hospital Nacional de Alienados e logo se tornou braço direito do Acadêmico Juliano Moreira, grande reformista que introduziu no Brasil os modernos métodos psiquiátricos.

Em 1903, foi nomeado inspetor sanitário, tornou-se Diretor do Hospital Nacional de Alienados, cargo desempenhado até 1905, e Catedrático

de Higiene da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro (atual UFRJ). Foi ainda Diretor do Serviço Médico Legal da Polícia nos anos de 1907, 1908 e 1911

Foi eleito Membro Titular da Academia Nacional de Medicina em 1903 e Membro Honorário em 31 de maio de 1928.

Afrânio Peixoto criou uma polêmica com Carlos Chagas, em relação à descoberta da "Tripanossomíase Americana" (doença de Chagas), manifestada publicamente quando proferiu o discurso de saudação a Henrique Figueiredo de Vasconcellos, em 30 de novembro de 1922, como membro Honorário na Academia Nacional de Medicina. Neste discurso, ao referir-se aos serviços prestados por Figueiredo de Vasconcellos, colega de Carlos Chagas, no então Instituto Oswaldo Cruz, acabou por questionar a existência e a importância da doença de Chagas. O livro de Atas das Sessões da Academia Nacional de Medicina, nas páginas 723 e 724, registra o seguinte trecho do discurso de Afrânio Peixoto: "Podereis ter achado alguns mosquitos, inventado uma doença rara e desconhecida, doença de que se falasse muito, mas quase ninguém conhecesse os doentes, encantoada lá num viveiro sertanejo de vossa província, que magnanimamente distribuireis por alguns milhões de vossos patrícios, acusados de cretinos. E a Academia Nacional de Medicina tornou-se, então, o palco desta grande controvérsia.

Autor de várias obras científicas na área de Medicina Legal e Higiene, defendia, por exemplo, que doenças tropicais não existem, mas que precárias condições sanitárias, existentes em vários países tropicais, podem causar doenças, um ponto de vista inovador, na época. Foi um grande combatente do alcoolismo, sobretudo em sua atuação no Hospital dos Alienados, onde desempenhava um amplo trabalho em prol da higiene mental.

Foi professor de História da Educação do Instituto de Educação do Rio de Janeiro, em 1932, e o primeiro reitor da Universidade do Distrito Federal, em 1935.

Como político, Afrânio Peixoto foi Deputado Federal pela Bahia, de 1924 a 1930.

- Afrânio Peixoto escritor:

Em 1900, Afrânio Peixoto iniciou a carreira literatura, dentro da atmosfera do Simbolismo, com o drama "Rosa Mística". Nesse mesmo ano publicou a novela "Lufada Sinistra".

Em 1910, Afrânio Peixoto foi eleito para a Cadeira No. 7 da Academia Brasileira de Letras, na sucessão de Euclides da Cunha e tomou posse em 14 de agosto de 1911. Foi presidente da Casa de Machado de Assis em 1923.

O sucesso literário chegou com o romance A Esfinge (1911). Seguiu-se Maria Bonita (1914), Fruta do Mato (1920), Bugrinha (1922), As Razões do Coração (1925), Uma Mulher como as Outras (1928) e Sinhazinha (1929). Ele foi conhecido como um escritor atuante também, deixando diversos romances, ensaios sociológicos, críticas literárias e relatos históricos antigos publicados.

Como ensaísta escreveu importantes estudos sobre Camões, Castro Alves e Euclides da Cunha.

Em 1923, criou a Biblioteca de Cultura Nacional. Como historiador, escreveu "História do Brasil" (1940), "Camões e o Brasil", "Os judeus na história do Brasil" (1936), "O breviário da Bahia" (1945), entre outras obras.

Foi um dos fundadores da Academia Brasileira de Filologia, em 1944.

Em 31 de dezembro de 1949, o antigo Instituto Médico-Legal do Rio de Janeiro, localizado na Rua dos Inválidos, na cidade do Rio de Janeiro, passou a denominar-se Instituto Médico-Legal Afrânio Peixoto, em sua homenagem.

Em 1966 foi fundado um hospital com seu nome na cidade de Vitória da Conquista, no Estado da Bahia.

A cidade de Salvador homenageou-o dando seu nome a uma de suas avenidas, em 1970.

A Prefeitura Municipal de Lençóis, com o apoio do Conselho Federal de Cultura e do Governo do Estado da Bahia, inaugurou em 17 de dezem-

bro de 1970, a Casa de Cultura Afrânio Peixoto, atualmente “Casa Afrânio Peixoto - Memorial”.

Em 9 de janeiro 1971 foi fundada, na cidade de Viana do Castelo (Portugal), a Biblioteca Afrânio Peixoto, que integra uma rede portuguesa de bibliotecas.

O Dr. Afrânio Peixoto faleceu no Rio de Janeiro, aos 70 anos, no dia 12 de abril de 1947.

Referências

<https://www.anm.org.br/julio-afranio-peixoto/>

https://pt.wikipedia.org/wiki/Afr%C3%A2nio_Peixoto

<https://www.academia.org.br/academicos/afranio-peixoto/biografia>

<https://dichistoriasaude.coc.fiocruz.br/iah/pt/verbetes/julafpeix.htm>

https://www.ebiografia.com/afranio_peixoto/

<https://www.historia-brasil.com/bibliografia/afranio-peixoto.htm>

Luiz Pedro Barbosa

Patrono da Cadeira 47

Membro Honorário Nacional

Secção de Medicina

Eleito: 15/07/1915 - Posse: 15/07/1915

Saudado por: Alfredo Nascimento Silva



Luiz Pedro Barbosa nasceu a 11 de abril de 1870, em Pernambuco. Estudou no Colégio Pedro-II e graduou-se em medicina pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, em 1891, onde apresentou a tese intitulada "Desordens catameniaes".

Os campos de atuação do Dr. Luiz Pedro Barbosa foram Saúde Pública, Clínica Médica, Magistério, Puericultura e Pediatria.

O Professor Luiz Barbosa foi nomeado para suceder o Professor Nascimento Gurgel na Cátedra de Clínica de Crianças da Faculdade do Rio de Janeiro, em 1898. Dispondo de uma larga clientela coube-lhe a iniciativa da fundação da Policlínica de Botafogo, obra meritória a que muito devem a classe médica e a os pacientes menos favorecidos. Remodelada e instalada em prédio novo, essa instituição constituiu escola admirável de aperfeiçoamento clínico, tendo na direção das especialidades profissionais de grande saber e apurados sentimentos filantrópicos.

Em 1904, trabalhou com Oswaldo Cruz no combate à febre amarela.

Devido a uma doença aguda que vitimou sua filha primogênita quando esta tinha seis meses de idade, o Dr. Luiz Pedro Barbosa se sentiu compelido a aprofundar os seus estudos em pediatria. Considerando insuficiente o conhecimento extraído dos livros, assumiu a clínica de crianças da Policlínica de Botafogo. Em 1908, com o objetivo de estudar e formar bons pediatras inaugurou seus primeiros cursos de Clínica Pediátrica Médica e Higiene Infantil. Esses cursos foram organizados também na 25ª. Enfermaria da Santa Casa de Misericórdia, no Hospital São Zacharias, e no Hospital São Francisco de Assis.

O lado de gestor público se manifestou plenamente em 1920. Naquele ano, foi criado o "Departamento Nacional de Saúde Pública" (DNSP), que buscava realizar uma reforma geral nos serviços de saúde do município do Rio de Janeiro. Carlos Sampaio, prefeito do Distrito Federal à época, convidou-o para gerir a "Diretoria de Higiene e Assistência Pública Municipal". Ele deveria remodelar seus serviços. Sua atividade e empreendimento nessa diretoria foram tal que a reformulação dos serviços de saúde ficou conhecida como "Reforma Luiz Barbosa". Dentre suas reformulações, podemos mencionar a criação de serviços de Pronto-Socorro na Praça da República e no Méier, a aquisição de bonde-ambulância e o socorro domiciliar de emergência. Foram criados postos de assistência pública nas regiões da cidade onde se concentravam grandes massas operárias.

Foi autor de inúmeros trabalhos originais sobre Medicina Clínica e sobre Assistência Pública. Em 1914 já havia publicado as suas "Conferências Inaugurais de Pediatria Médica e Higiene Infantil". Foi distinguido com medalha humanitária por serviços relevantes prestados, quando ainda estudante, na epidemia de febre amarela que assolou Campinas em 1889. Ainda nessa cidade exerceu as funções conjugadas de Interno e Farmacêutico da Escola Corrêa de Mello, durante o surto epidêmico.

O Dr. Luiz Barbosa teve ainda a iniciativa de dar nova feição ao ensino da Farmacologia da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro (atual UFRJ), quando foi seu Professor Extraordinário, de 1911 a 1915.

Foi Doutor em Ciências Médico-Cirúrgicas pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Foi também Presidente e Sócio Honorário do Grêmio dos Internos dos Hospitais (1890-1891), sendo redator-fundador da "Revista do Grêmio dos Internos", Foi Médico Vacinador da Inspetoria Geral de Higiene, Comissário de Higiene e Assistência Pública na Prefeitura do

Distrito Federal, Delegado de Saúde na administração Oswaldo Cruz; Diretor do Hospital de São João Baptista da Lagoa, Chefe da Clínica Médica de Crianças do Hospital São Zacharias, Diretor Médico do Hospital de Jesus e Membro Fundador e Vice-Presidente do Hospital Pedro-II.

Foi eleito Membro Honorário da Academia Nacional de Medicina, em 1915, por indicação de Miguel Couto.

Foi ainda Membro Fundador da Sociedade Brasileira de Profilaxia Sanitária e Moral, Membro do Conselho Diretor da Cruzada contra a Tuberculose, Presidente de Honra da Sociedade Médico-Cirúrgica da Assistência Pública Municipal, Diretor Geral do Departamento Municipal de Assistência e Membro Efetivo da Associação Internacional de Pediatria.

Não obstante seu sucesso como médico sanitarista, destacou-se por sua atuação inovadora no ramo da pediatria, ao qual dedicou todos os esforços até o fim da vida, atribuído ao evento trágico em que teve sua primogênita acometida por grave doença que a vitimou aos seis meses de idade.

Foi Presidente da Sociedade Brasileira de Pediatria, em 1931. É reconhecido como um dos mais importantes pediatras da História do Brasil.

Faleceu no Rio de Janeiro, a 20 de dezembro de 1949.

Referências

<https://www.anm.org.br/luiz-pedro-barbosa/>

https://www.sbp.com.br/a-sbp/gestao-atual/pessoas/?tx_cwperson_person%5Buid%5D=230

<https://www.sbp.com.br/academia-brasileira-de-pediatria/patronos-e-titulares/luiz-pedro-barbosa/>

<http://expagcrj.rio.rj.gov.br/barbosa-luiz-pedro/>

Marcio Philaphiano Nery

Patrono da Cadeira 48

Membro Titular

Secção de Medicina

Eleito: 13/09/1900 - Posse: 27/09/1900

Saudado por: Antonio Augusto de Azevedo Sodré



Nascido a 10 de março de 1865, em Manaus (AM), filho de Silvério José Nery e D. Maria Anthony Nery. Fez seus primeiros estudos no Ginásio do Amazonas, obtendo sempre notas distintas, o que o fez granjear uma bolsa de estudos para o Rio de Janeiro. Graduou-se pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 1890, defendendo tese de doutoramento intitulada "Da Influência Exercida pelas Moléstias do Aparelho Circulatório quanto ao Desenvolvimento das Moléstias Mentais".

Após sua formatura, por convite do Dr. Teixeira Brandão, prestou concurso para médico do Hospício de Alienados. No hospício, esforçou-se para implementar uma organização mais moderna, não só fazendo funcionar suas oficinas, como estabelecendo uma banda de música, pela qual ele muito se interessava.

Prestou também concursos para Professor da Escola de Belas Artes e para Professor Substituto da Cadeira de Psiquiatria e Doenças Nervosas. A tese do concurso de Professor Substituto apresentada em 1894 foi intitulada "História e Patogenia da Paranoia".

Segundo informação do Acadêmico José Leme Lopes, Márcio Philaphiano Nery foi o responsável pelo primeiro diagnóstico de demência precoce, de acordo com papeleta da Casa de Saúde Dr. Eiras.

Foi eleito Membro Honorário da Academia Nacional de Medicina em 13/09/1900, tendo tomado posse em 27/09/1900. Foi saudado por Antônio Augusto de Azevedo Sodré, sob a presidência de Agostinho José de Souza Lima.

Transferiu-se para sua terra natal em 1903 a fim de exercer a função de Diretor Geral da Saúde Pública. Depois de permanência de cerca de dois anos em Manaus, transferiu-se para Paris com a família de 1905 a 1907. Regressou em 1907 para o Rio de Janeiro.

Marcio Nery diagnosticou que a umidade natural do solo e suas emissões gasosas provocavam doenças nos moradores daí sendo criada uma lei que obrigava as pessoas a colocarem ladrilhos no piso de suas casas. Daí, os casarões antigos de Manaus possuírem chão de "ladrilhos hidráulicos" com belos desenhos. Quando Manaus se tornou uma cidade rica, entre o final do século 19 e início do 20, devido ao comércio da borracha, os pisos dos casarões e palacetes dos endinheirados passaram a ter esses ladrilhos, bem como cimento, importados da França. Obviamente, os pobres não conseguiam seguir essa lei e utilizavam chão de terra batida.

Em artigo publicado na revista "O Brasil Médico", o Dr. Márcio Philaphiano Nery manifestava-se contrário à criação de estabelecimentos especiais para loucos criminosos, pois "loucura e crime são duas ideias que se repelem e que não devem ser proferidas por lábios de médicos nem de juristas. Ou o indivíduo é louco ou criminoso; não se pode associar ideias antagônicas".

Dentre outros trabalhos publicados destacam-se "Fenômenos de índole epiléptica determinadas pelas bebidas alcoólicas" (1893), "Localização cerebral da sífilis" (1893), "Atetose dupla" (1894), "Afasias sensoriais" (1895), e "A epilepsia sob o ponto de vista médico-legal" (1897).

Marcio Philadelphiano Nery era irmão de Constantino Nery e de Silvério Nery, que foram governadores do Amazonas.

Empresta seu nome a uma escola no bairro de São Francisco, em Manaus: Escola Marcio Nery.

Faleceu em Petrópolis, a 15 de fevereiro de 1911, com apenas 45 anos, para onde havia se transferido por recomendação de seu médico assistente, o Professor Rocha Faria.

Referências

<https://www.anm.org.br/marcio-philaphiano-nery/>

<https://hpcs.bvsalud.org/wp-content/uploads/2018/07/Nery-M%C3%A1rcio.pdf>

<https://www.facebook.com/Manausdeantigamente/photos/a.484520094944787/702690229794438/?type=3>

<https://www.jcam.com.br/noticias/a-historia-de-manaus-contada-por-ladrilhos/>

<https://repositorio.bc.ufg.br/tede/bitstream/tede/12225/3/>

Disserta%C3%A7%C3%A3o%20-%20Ana%20Cl%C3%A1udia%20Costa%20Pereira%20-%202022.pdf

Enjolras Vampré

Patrono da Cadeira 49

Membro Honorário Nacional

Secção de Medicina

Eleito: 25/10/1934 - Posse: 25/10/1934



Nascido em 04 de julho de 1885, em Laranjeiras, estado de Sergipe, filho do Dr. Fabrício Carneiro Tupinambá Vampré e de D. Mathilde de Andrade Vampré.

Enjolras Vampré foi um dos neurologistas pioneiros no Brasil cujo nome é uma homenagem a um dos personagens do livro *Les Misérables* (1862), escrito por Victor Hugo (1802-1885).

Graduou-se em Medicina pela Faculdade de Medicina da Bahia, em 1908. Em 1906 foi nomeado interno do Hospital de Isolamento da peste bubônica, tendo sido designado, em 1907, para chefe da comissão para saneamento da cidade de Alagoinhas. Foi interno da cadeira de Clínica Psiquiátrica e Moléstias Nervosas e defendeu sua tese de doutoramento intitulada "Considerações sobre as Perturbações Nervosas e Mentais na Peste Bubônica", logrando aprovação com louvor. Foi o melhor aluno de sua turma, tendo seu retrato colocado no Panteon da Faculdade de Medicina.

Com o prêmio de viagem à Europa, em 1910, frequentou em Paris os cursos de Babinski, Dejerine, Guillain e Bertrand. Esteve também na Alemanha, em vários serviços especializados.

Retornando ao Brasil, foi para São Paulo, sendo nomeado médico-interno do Hospício de Alienados de Juquerí. Em 1912 foi indicado para Diretor da Secção de Neuropsiquiatria do Instituto Paulista, cargo que ocupou até seu falecimento.

Foi Presidente da Academia de Medicina de São Paulo, foi sócio fundador da Associação Paulista de Medicina e seu Presidente, em 1935.

Em 1925 iniciou suas atividades como professor, sendo regente da cadeira de Psiquiatria e Moléstias Nervosas, na Faculdade de Medicina de São Paulo. Em 1955, desdobrando-se o Departamento, foi contratado para reger a Cadeira de Neurologia. Foi também Inspetor Sanitário do Estado de São Paulo.

Em 1932, a Congregação da Faculdade de Medicina, por decisão unânime, enviou aos poderes competentes longo e documentado memorial, propondo-o para a regência definitiva da Cadeira. O Professor Enjolras Vampré recusou, insistindo para que fosse realizado o concurso. Foi nomeado Professor Catedrático em 24 de dezembro 1935.

Foi fundador da Escola Neurológica Paulista, tendo moldado eficientemente as características profissionais de seus assistentes.

Foi eleito Membro Honorário da Academia Nacional de Medicina em 25 de outubro de 1934.

Publicou numerosos trabalhos, destacando-se: "Considerações sobre alguns casos de esclerose em placas" (1925), "Tratamento da encefalite epidêmica e suas manifestações tardias" (1926), "Esclerose lateral amiotrófica de forma pseudo-polineurítica" (1926), "Síndrome de Hand-Schüller-Christian" (1930), "Tumor da bolsa de Rathke" (1930), "Profilaxia da sífilis nervosa" (1934) e "Perturbações da leitura de origem cerebral e síndromes bulbares: contribuição para o estudo da fisiopatologia do bulbo raquidiano", sendo este último premiado pela Associação Paulista de Medicina, em 1938, com o prêmio Honório Líbero.

O nome das ruas Professor Enjolras Vampré, no bairro de Vila Santa Cândida, na cidade de São José do Rio Preto (SP), e no bairro Jardim da Saúde, na capital paulista, foi dado em sua homenagem.

Faleceu em 17 de maio de 1938, aos 52 anos, durante uma aula que proferia, no auge de suas atividades científico-didáticas, na cidade de São Paulo.

Referências

<https://www.anm.org.br/enjolras-vampre/>

https://pt.wikipedia.org/wiki/Enjolras_Vampr%C3%A9

<https://www.scielo.br/j/anp/a/HRgK9SjtbXbZhb5TTvLLJkP/>

<https://www.revistas.usp.br/revistadc/article/view/51617/55673>

<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/bapp/v29n2/v29n2a02.pdf>

Antônio Fernandes Figueira

Patrono da Cadeira 50

Membro Titular

Secção de Medicina

Eleito: 23/07/1903 - Posse: 23/07/1903

Presidente da Academia Nacional de Medicina - 1907 a 1908



O Dr. Antônio Fernandes Figueira nasceu na cidade do Rio de Janeiro, no dia 13 de junho de 1863, filho de Manoel Fernandes Figueira e D. Genuína da Rocha Figueira. Filho de pais pobres, sua mãe faleceu ao seu nascimento.

Estudou, como aluno gratuito, no Colégio Pedro II, e formou-se em Medicina pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, em 1886, apresentando tese de doutoramento intitulada "Condições patogênicas e modalidades clínicas da histeria". Ainda estudante, frequentou os cursos livres de Pediatria ministrados por Carlos Arthur Moncorvo de Figueiredo, na Policlínica Geral do Rio de Janeiro, e foi assistente de Cândido Barata Ribeiro, Professor Titular da Clínica de Pediatria da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro.

O Dr. Fernandes Figueira estabeleceu-se em Simão Pereira, lugarejo próximo de Juiz de Fora, Minas Gerais, como médico da roça, onde teve oportunidade de atender, estudar, escrever, e publicar seu primeiro livro de Pediatria. Posteriormente retornou à sua cidade natal, dedicando-se à saúde infantil, com ênfase no aleitamento materno, sendo seu públi-

co-alvo, primordialmente, as operárias e as crianças de até um ano de idade.

Em 1895, conquistou o prêmio Visconde de Alvarenga da Academia Nacional de Medicina, apresentando a monografia: "Diagnóstico das cardiopatias infantis".

Na Academia Nacional de Medicina foi eleito Membro Titular, em 23 de julho de 1903, e foi seu Presidente entre 1907 e 1908.

Difundiu seu nome, nacional e internacionalmente, com a obra "Elementos de Semiologia Infantil", publicado em 1903, logo adotado no ensino médico brasileiro e considerada por pediatras europeus o melhor livro do gênero.

O Dr. Fernandes Figueira dirigiu a enfermaria de doenças infecciosas de crianças no Hospital São Sebastião do Rio de Janeiro e a Policlínica das Crianças na Santa Casa da Misericórdia do Rio de Janeiro. Em 1905, dirigiu a Escola Profissional de Enfermeiros e Enfermeiras da Assistência a Alienados, hoje denominada Escola de Enfermagem Alfredo Pinto da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO).

Foi nomeado Membro Consultivo junto à Liga das Nações, nas questões referentes ao problema da proteção e assistência à infância.

Foi Chefe do Serviço de Pediatria da Santa Casa da Misericórdia do Rio de Janeiro e fundador do primeiro hospital de Pediatria da cidade do Rio de Janeiro, a Policlínica das Crianças.

Foi também um dos fundadores da Sociedade Brasileira de Pediatria, da qual foi Presidente de 1910 a 1927, e depois, Presidente Perpétuo.

Foi o verdadeiro iniciador da Pediatria brasileira e o primeiro médico do Brasil a deixar a presença das mães ao lado das crianças nas enfermarias, como forma de auxílio no tratamento.

A convite de Carlos Chagas aceitou a chefia da Inspetoria de Higiene Infantil do Departamento Nacional de Saúde, realizando notável trabalho sobre os planos de assistência à infância, a fim de diminuir o acentuado índice de mortalidade infantil na cidade. Criou postos de higiene infantil,

creches distritais e conseguiu dos industriais a fundação de creches nas fábricas.

Foi o responsável pela instalação do Abrigo-Hospital Arthur Bernardes, hoje Instituto Fernandes Figueira, e também responsável pela Seção de Pediatria (Pavilhão Bourneville) do Hospital Nacional de Alienados, contratado pelo médico Juliano Moreira, cuidando da educação dos menores com deficiência mental, a primeira organização deste gênero na América do Sul.

Fez parte de diversas associações médicas e pediátricas no Brasil e no exterior: Membro do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil, da Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro, das Sociedades de Pediatria do Uruguai, Argentina e Paris, e da Sociedade de Psiquiatria e Neurologia e da Liga de Higiene Mental.

Sua vasta produção é composta, primordialmente, de trabalhos técnico-científicos, onde se destacam: o folheto "Bases científicas da alimentação da criança: suas consequências sociais", publicado em 1905; o "Livro das mães", com a primeira edição em 1910; e "Elementos de patologia infantil", publicado em 1929, após a sua morte. Foi colaborador do periódico "Brasil Médico".

Era também poeta e romancista. Aos 17 anos publicou uma série de poemas intitulados "Adejos". Escreveu ainda uma biografia de Torres Homem e um livro sobre o Padre Antônio Vieira. Foi Orador do Instituto dos Bacharéis em Letras e Membro da Sociedade de Ensaio Literários e do Grêmio Castro Alves.

Em sua homenagem, foram batizados com seu nome o Instituto Nacional de Saúde da Mulher, da Criança e do Adolescente Fernandes Figueira (IFF / Fiocruz), reconhecidamente um centro nacional de referência pelo Ministério da Saúde e pelo Ministério da Educação, no bairro do Flamengo, e o Espaço de Desenvolvimento Infantil Doutor Antonio Fernandes Figueira, no bairro de Bonsucesso, ambos na cidade do Rio de Janeiro.

Faleceu na sua cidade natal, aos 64 anos, em 12 de março de 1928, vítima de um edema pulmonar.

Referências

<https://www.anm.org.br/antonio-fernandes-figueira/>

<https://www.sbp.com.br/academia-brasileira-de-pediatria/institucional/quadro-de-titulares/antonio-fernandes-figueira/>

<http://www.fiocruz.br/biosseguranca/Bis/Biograf/ilustres/antoniofernandes.htm>

<https://hpcs.bvsalud.org/wp-content/uploads/2018/07/Figueira-Antonio.pdf>

João Paulino Marques

Patrono da Cadeira 51

Correspondente Nacional

Secção de Medicina

Eleito: 07/10/1920



Nascido João Paulino Marques Júnior, em 12 de janeiro de 1871, em Recife, no Estado de Pernambuco, filho de João Paulino Marques, fiscal aduaneiro, amante das artes e da literatura, e de Maria Francisca Ferreira Marques.

Doutorou-se em Medicina pela Faculdade de Medicina da Bahia em 1894, com a tese intitulada "Influência da Gravidez sobre o Coração". É considerado o primeiro médico negro de Pernambuco.

Foi chefe de Clínica Médica nos hospitais Pedro II e Português de Beneficência, clínico do Dispensário Otávio de Freitas e da Liga Pernambucana contra a Tuberculose, major cirurgião do Regimento Policial e médico do Instituto Pasteur, no Recife.

Foi Presidente da Sociedade de Medicina de Pernambuco (atual Associação Médica de Pernambuco) por três mandatos (1910, 1921 e 1927), da Associação Médica dos Hospitais do Recife e do Sindicato dos Médicos de Pernambuco, em 1931.

Na Faculdade de Medicina de Pernambuco foi eleito pela congregação Professor Catedrático da primeira cadeira de Clínica Médica. Esta sua investidura foi ratificada em 1920 quando se instalou definitivamente nessa escola. Iniciou suas atividades professorais inaugurando na sala de S. Vicente do Hospital Pedro II, no mês de abril de 1922, as aulas de Clínica Propedêutica Médica, matéria que naquele ano fazia parte de sua cadeira. Nesta ocasião pronunciou uma magistral lição que se acha publicada no Jornal de Medicina de Pernambuco.

O Professor João Paulino Marques foi um dos clínicos mais populares e conceituados de sua época. Era irmão do Professor Arnóbio Marques, Catedrático de Cirurgia, e um dos maiores cirurgiões brasileiros. Ambos fizeram parte do grupo de médicos que fundaram, com Otávio de Freitas, a Faculdade de Medicina do Recife.

Em viagem à Europa, em 1914, frequentou em Paris os principais serviços de Clínica Médica.

Candidatou-se a Membro Correspondente da Academia Nacional de Medicina no dia 13 de setembro de 1920, tendo a sua proposição aprovada na sessão do dia 7 de outubro de 1920.

Publicou vários trabalhos, dentre eles "Insuficiência mitral traumática" (1905), "Causas dos aneurismas aórticos no Recife" (1910), "Encefalite letárgica" (1919), "Febres tíficas e paratíficas no Recife" (1923) e "Câncer primitivo do fígado" (1925).

Deixou três filhos médicos: o Dr. Arnaldo Cavalcanti Marques, o Acadêmico Dr. Ruy João Marques e o Acadêmico Dr. Aluísio Cavalcante Marques.

O Professor João Paulino Marques faleceu em Pernambuco, a 13 de fevereiro de 1936.

Referências

<https://www.anm.org.br/joao-paulino-marques/>

<https://www.araujo.eti.br/familia.asp?numPessoa=46220#inicioCorpo>

http://www.ampe-med.com/site/ex_presidentes.html

Paulo de Figueiredo Parreiras Horta

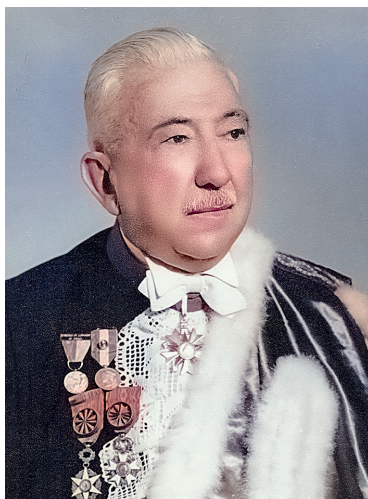
Patrono da Cadeira 52

Membro Emérito

Secção de Medicina

Eleito: 27/06/1918 - Posse: 01/08/1918 – Emérito: 12/09/1945

Antecessor: Alfredo da Graça Couto



Nasceu no Rio de Janeiro, no dia 24 de janeiro de 1884, sendo seus pais José Freire Parreiras Horta e Paula Margarida de Figueiredo Parreiras Horta, sendo neto do Visconde e da Viscondessa de Ouro Preto. Seu avô, o Visconde de Ouro Preto, de nome Afonso Celso de Assis Figueiredo, foi importante político, jurisconsulto e estadista do Império.

Paulo de Figueiredo Parreiras Horta fez os estudos de humanidades em sua cidade natal. O mesmo ocorreu com sua formação superior. Formou-se inicialmente em farmácia, em 1903, pela Faculdade de Farmácia do Rio de Janeiro. Depois, em 1905, concluiu o curso de medicina, na Faculdade de Medicina da mesma cidade, oportunidade em que defendeu sua tese de doutoramento intitulada "Contribuição para o Estudo das Septicemias Hemorrágicas", a qual foi aprovada com distinção. A tese de Parreiras Horta é dividida em três partes: a primeira trata das septicemias hemorrágicas em geral; a segunda aborda a septicemia dos coelhos; a terceira é dedicada à septicemia dos coelhos de Manguinhos.

Ainda estudante, frequentou o Instituto Manguinhos, onde foi discípulo de Oswaldo Cruz e de outros notáveis cientistas da época.

Concluído o curso médico, o Dr. Parreiras Horta seguiu para a Europa, onde durante dois anos (1906 e 1907), estudou Microbiologia no Instituto Pasteur de Paris. De volta ao Brasil, foi nomeado Assistente do Instituto Manguinhos.

A convite de Oswaldo Cruz desenvolveu estudos sobre micoses do couro cabeludo, especialmente sobre um novo tipo de "Piedra negra", causada pelo *Piedraia hortai* (*hortai*, em homenagem a Parreiras Horta - nome proposto por Brumpt, grande parasitologista francês).

Além do *P. hortai*, Parreiras Horta descreveu outras espécies de cogumelos, tais como *Trichosporum flavescens*, *Trichosporum ramosae*, *Cladosporum wernecki* e *Madusella oswaldai* (em homenagem a Oswaldo Cruz).

De março a setembro de 1911 dedicou-se ao estudo de uma epidemia de raiva que acometia os gados bovinos e equinos de Santa Catarina e que ameaçava estender-se por outras unidades da federação. Parreiras Horta combateu a epizootia, controlou a doença e organizou a produção e distribuição de uma vacina, tanto para a raiva humana quanto para a raiva de outros animais.

Em 1917, assumiu a cátedra de Microbiologia e Parasitologia dos Animais Domésticos, na Escola Superior de Agricultura e Medicina Veterinária do Rio de Janeiro.

Com a entrada do Brasil na 1ª Guerra Mundial, Parreiras Horta foi comissionado, com outros professores, no posto de Tenente Coronel para trabalhar no laboratório do Instituto Buisson-Bertrand da Faculdade de Medicina da Universidade de Montpellier, na França.

Regressando ao Brasil em 1919, Parreiras Horta assumiu a direção da Escola Superior de Agricultura e Medicina Veterinária, cargo correspondente ao atual Reitor da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

Foi eleito Membro Titular da Academia Nacional de Medicina apresentando a memória intitulada "Um novo micetoma de grãos negros produzidos pela *Madusella oswaldai*".

No rol de suas relações, Parreiras Horta contava com a amizade de Maurício Graco Cardoso, governador de Sergipe, o qual o convidou para ir a Sergipe e construir em Aracaju um Instituto de Pesquisa capaz de ampliar suas ações no campo da Saúde Pública. Atendendo ao convite,

Parreiras Hortas chegou à capital sergipana no início de 1923, como hóspede oficial, em companhia da esposa e filhos.

Em Aracaju dedicou-se de corpo e alma ao grande empreendimento. O objetivo era a produção de insumos básicos, o combate à raiva e a produção de vacina antivariólica. O Instituto deveria contar com laboratórios de patologia clínica, de bacteriologia e de química, capazes de propiciar a implantação da pesquisa científica no Estado.

O Instituto foi inaugurado em 5 de maio de 1924, com os laboratórios acima referidos e o setor de produtos biológicos (para a produção das vacinas contra a varíola, a raiva e as febres tifoide e paratifoide).

Em dezembro de 1925, Parreiras Horta concluiu sua missão e retornou para o Rio de Janeiro, deixando em seu lugar o Dr. João Firpo Filho. O governo de Sergipe, num ato de justa homenagem, deu ao seu Instituto de Pesquisa o nome de Instituto Parreiras Horta.

Em 1930 foi indicado para dirigir a cadeira de Clínica Dermatológica e Sifilográfica da Faculdade Fluminense de Medicina, cargo que ocupou até 1954, quando completou 70 anos.

Do currículo do Dr. Parreiras Horta constam, dentre outros, os seguintes títulos: Professor Catedrático de Dermatologia e Sifilografia da Faculdade Fluminense de Medicina; Professor Catedrático de Microbiologia e Parasitologia dos Animais Domésticos na Escola Superior de Agricultura e Medicina Veterinária do Rio de Janeiro; Professor Catedrático e Honorário da Escola de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro; Membro efetivo do Conselho Nacional de Educação; e Chefe da Secção Técnica da Diretoria Geral do Serviço de Veterinária do Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio.

O Dr. Parreiras Horta faleceu no Rio de Janeiro, no dia 29 de julho de 1961.

Referências

<https://www.anm.org.br/paulo-de-figueiredo-parreiras-horta/>

<http://www.ohomemeadoenca.com.br/biograf/Bioparreirashorta.html>

<http://www.lacen.se.gov.br/index.php/fsph-institucional/atividadeslacen/quem-foi-parreiras-horta>

Heitor Pereira Carrilho

Patrono da Cadeira 53

Membro Titular

Secção de Medicina

Eleito: 14/11/1929 - Posse: 28/11/1929

Saudado por: Juliano Moreira

Antecessor: Antonio de Moraes Austregésilo



O Dr. Heitor Pereira Carrilho nasceu no dia 21 de março de 1890, em Natal, no Estado do Rio Grande do Norte, filho de José Calistrato Carrilho e de D. Maria Emília Pereira Carrilho.

Doutorou-se em Medicina pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 1913, defendendo tese intitulada "Contribuições ao estudo das formas depressivas da psicose pré-senil". Pouco tempo depois, começou a exercer clínica geral com especialização em Psiquiatria no Hospital de Alienados da Praia Vermelha, onde transformou-se em um grande mestre da Psiquiatria, exercendo grandes cargos junto aos seus companheiros e Acadêmicos Dr. Juliano Moreira e Dr. Austregésilo; foi Interno extranumerário (1909), Interno efetivo (1910), Alienista interino (1917) e Alienista efetivo (1918).

Foi eleito Membro Titular da Academia Nacional de Medicina em 1929, apresentando Memória intitulada "Estudo clínico das epilepsias emotivas". Foi, também, Membro da Sociedade Brasileira de Psiquiatria e Medicina Legal.

O Dr. Carrilho foi médico encarregado do Serviço de Alienados Delinquentes, em 1919, da Assistência e Alienados do Distrito Federal (Seção Lombroso) – lá tornou-se Membro do Conselho Penitenciário do Distrito Federal.

Dedicou sua vida pública ao manicômio judiciário do Rio de Janeiro. Seguindo a orientação de Juliano Moreira, Heitor Carrilho lutou para que fosse inaugurado o Manicômio Judiciário em 1921, tendo sido o seu primeiro diretor. Nessa função, organizou suas diferentes seções, burocráticas, técnicas e científicas, até 1954.

Dedicou-se inteiramente à prática da Clínica Psiquiátrica, mas também cultivou a Psiquiatria Forense e a Psicopatologia Criminal. Seu nome batiza o Hospital de Custódia e Tratamento Psiquiátrico Heitor Carrilho, na rua Frei Caneca, no Rio de Janeiro. Outra homenagem foi feita em sua cidade natal, quando a Clínica Heitor Carrilho foi inaugurada ainda nos anos 1950.

Em 1928, relatou, após intensas pesquisas e várias entrevistas, o célebre laudo pericial, muito moderno para a época, que declarou a inimpugnabilidade penal do famoso criminoso Febrônio Índio do Brasil, o Filho da Luz, inaugurando o Direito Positivo no Brasil.

Com a morte de Juliano Moreira, Heitor Pereira Carrilho o substituiu no Conselho Penitenciário do Rio de Janeiro, em 1930. Nesse período, organizou e chefiou o Serviço de Assistência aos Psicopatas do Estado do Rio de Janeiro.

O Dr. Heitor Pereira Carrilho deixou vários trabalhos publicados, dentre os quais podemos destacar: "A respeito dos intervalos lúcidos da psicose maníaco-depressiva" (1921), "Psicopatologia da paixão amorosa e seu aspecto médico-legal" (1933), "Considerações sobre a periculosidade dos epiléticos" (1934) e "As personalidades psicopáticas em face da legislação penal brasileira" (1951).

Em 1955 o Manicômio Judiciário do Serviço Nacional de Doenças Mentais teve o seu nome alterado por Decreto 37.990 de 27/09/1955, passando a designar-se Hospital de Custódia e Tratamento Psiquiátrico Heitor Carrilho, localizado na rua Frei Caneca, no Rio de Janeiro. Outra homenagem foi feita em sua cidade natal, quando a Clínica Heitor Carrilho foi inaugurada ainda nos anos de 1950. Também foi homenageado com

nome da rua Doutor Heitor Pereira Carrilho, no bairro Freguesia do Ó, em São Paulo.

O Dr. Heitor Pereira Carrilho faleceu no Rio de Janeiro, no dia 20 de maio de 1954.

Referências

<https://www.anm.org.br/heitor-pereira-carrilho/>

https://pt.wikipedia.org/wiki/Heitor_Carrilho

Manoel Feliciano Pereira de Carvalho

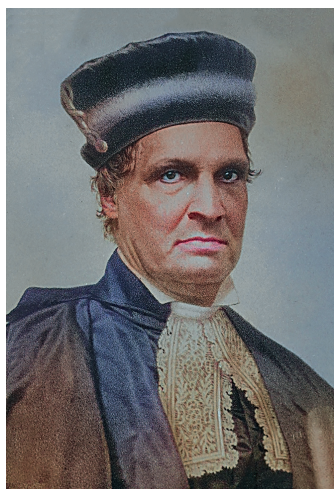
Patrono da Cadeira 54

Membro Titular

Secção de Medicina

Eleito: 04/08/1830 - Posse: 07/08/1830

Presidente da Academia Imperial de Medicina – 1859 a 1861



Nasceu em 8 de junho de 1806, na cidade do Rio de Janeiro, filho do Major de Ordenanças José Pereira de Carvalho e de Thereza Nepomuceno de Carvalho.

Formado pela Academia Médico-Cirúrgica do Rio de Janeiro (atual UFRJ), recebeu a “carta de Cirurgião Formado” em 26 de abril de 1828.

Foi médico e primeiro cirurgião do Hospital Geral da Santa Casa da Misericórdia do Rio de Janeiro, onde empregou, pela primeira vez o clorofórmio em substituição ao éter, na anestesia geral.

Escolhido médico do Paço Imperial, recebeu o Oficialato da Rosa e a respectiva comenda, o Hábito de Cristo, o Oficialato do Cruzeiro e o título de Conselheiro “por seu merecimento e letras”.

Eleito Membro Titular da Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro (1829-1835), depois Academia Imperial de Medicina (1835-1889) e hoje Academia Nacional de Medicina, candidatando-se à admissão com a apre-

sentação da memória: “Aneurismas do Coração”, sendo empossado em 7 de agosto de 1830. Presidiu a ANM de 1859 a 1861.

Foi professor de Clínica Cirúrgica da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, Coronel Cirurgião-Mor e Chefe do Corpo de Saúde do Exército. Em atenção aos serviços militares que prestou à pátria, foi agraciado com a nomeação de Cavaleiro da Ordem de São Bento de Aviz e concedida a graduação de Brigadeiro pelos bons serviços prestados na guerra contra o Paraguai.

Foi Professor do renomado médico espírita Dr. Adolfo Bezerra de Menezes, o “Médico dos Pobres”, e o levou para integrar o quadro de médicos-operadores do Exército Brasileiro, com honras militares, no posto de Cirurgião-Tenente.

Manoel Feliciano Pereira de Carvalho é também o Patrono da cadeira 37 da Academia Brasileira de Medicina Militar.

Faleceu no Rio de Janeiro em 11 de novembro de 1867, aos 61 anos de idade.

Referências

https://pt.wikipedia.org/wiki/Manuel_Feliciano_Pereira_de_Carvalho

<https://www.anm.org.br/manoel-feliciano-pereira-de-carvalho/>

José Octávio de Freitas

Patrono da Cadeira 55

Membro Honorário Nacional

Secção de Medicina

Eleito: 25/10/1934 - Posse: 10/06/1937



Nascido José Octávio de Freitas, a 24 de fevereiro de 1871, em Teresina, Estado do Piauí, filho do desembargador José Manoel de Freitas e Dona Teresa Carolina da Silva Freitas. Foi seu primeiro professor o mestre Antônio, escravo da família.

Aos 9 anos transferiu-se para Recife com os pais e, em decorrência da nomeação do desembargador José Manoel de Freitas para Presidente do Maranhão em 1882, deixou o Recife, indo residir em São Luís, onde iniciou os estudos preparatórios no Colégio do Dr. Rosa, continuando depois no Colégio José Augusto Correia, famoso na capital maranhense. Ali também aprendeu arte gráfica no jornal "O País", dirigido por Temístocles da Graça Aranha. Mais tarde, com a nomeação do pai para governar Pernambuco, retornou ao Recife, concluindo o curso básico no Colégio anexo à Faculdade de Direito do Recife.

Ingressou em seguida na Faculdade de Medicina da Bahia, colando grau na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 15 de janeiro de 1893, com 22 anos.

Espírito aberto às ideias renovadoras, aderiu aos movimentos abolicionista e republicano e, ainda como estudante, fundou com outros colegas o “Clube Republicano da Faculdade de Medicina”.

Foi interno das Clínicas Oftalmológica e Médica, dirigidas, respectivamente, pelos Professores Hilário de Gouveia e Francisco de Castro. Este último convidou-o para seu assistente, sendo que não aceitou, porque desejava voltar a Recife, onde realizou a grande obra que o imortalizou. Tentou inicialmente a clínica, mas a deixou para realizar viagens, embarcando em dezembro de 1893 para a Europa como médico da Mala Real Portuguesa, não tendo êxito, porque, ao chegar em Lisboa, a Companhia estava falida.

Regressou a Recife no começo do ano seguinte, sendo nomeado ajudante do Superintendente da Higiene Municipal e Adjunto da Clínica Médica do Hospital Pedro II, da qual chegou à chefia. Iniciou então estudos demográficos, sendo nomeado, em fins de 1895, demografista da Inspetoria Geral de Higiene. Publicou, logo depois, um boletim com os primeiros estudos sobre demografia sanitária.

Ainda no mesmo ano, começou a publicação do “Anuário de Estatística Demográfico-Sanitária da Cidade do Recife”, que se alongou sem interrupção até 1899, ano em que foi nomeado para Inspetor Geral de Higiene de Pernambuco.

Em Paris, frequentou o Instituto Pasteur, trabalhando sob a orientação dos eminentes Professores Marchoux, Metchnikoff, Laveran e Levaditi. Assistiu o Curso de Microbiologia do Prof. Roger e frequentou o Serviço dos Professores Widal e Chauffard.

Em 1909 sofreu uma dura fatalidade, quando seus dois filhos, Miguel e Octávio, nascidos em 1902 e 1903, respectivamente, morreram no mesmo dia, vítimas de febre amarela. Apesar do ocorrido, continuou trabalhando e produzindo mais do que nunca.

Entre suas atividades, fundou em 1900, a Liga Pernambucana Contra a Tuberculose; reorganizou a Sociedade de Medicina de Pernambuco, em 1902; instalou o primeiro Laboratório de Análise no Recife, em 1907; organizou o Primeiro Congresso Médico em Pernambuco, em 1909; fundou a Faculdade de Medicina do Recife, em 1920, o “Jornal de Medicina de Pernambuco”, em 1925 e o Instituto Pernambucano de História da

Medicina, em 1926; construiu o Dispensário de Tuberculose, inaugurando-o em 1937; presidiu a Liga de Higiene Mental de Pernambuco (1946-1947); e foi um dos fundadores da Sociedade de Higiene de Pernambuco, em 1947.

Solicitou sua inclusão como Membro Correspondente na Academia Nacional de Medicina, em 1913, e foi eleito Membro Honorário, em 25 de outubro de 1934, tomando posse em 10 de junho de 1937. É o Patrono da Cadeira 55.

No plano cultural, deixou uma obra indispensável a todos os pesquisadores da Medicina Médico-Sanitária em Pernambuco, destacando-se: "Os nossos médicos e a nossa medicina", "Problemas médicos", "Meus doentes e meus clientes", "Dietas e remédios", "Higiene rural", "Medicina e costumes do Recife antigo", "Lições de Microbiologia", "Os animais na história e na higiene", "Doenças africanas no Brasil" e "Clima e mortalidade".

Foi Professor de Microbiologia das Faculdades de Farmácia, Odontologia e Medicina, sanitarista, administrador de saúde pública, escritor, jornalista, pesquisador e, certamente, o primeiro bacteriologista em Recife.

Faleceu no Recife, a 26 de janeiro de 1949.

Referências

https://pt.wikipedia.org/wiki/Jos%C3%A9_Oct%C3%A1vio_de_Freitas

https://pt.wikipedia.org/wiki/Jos%C3%A9_Oct%C3%A1vio_de_Freitas

<https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/28093>

<https://jornalmemorialdamedicina.com/index.php/jmm/article/view/2/3>

João de Barros Barreto

Patrono da Cadeira 56

Membro Titular

Secção de Medicina

Eleito: 29/11/1900 - Posse: 20/12/1900



O Dr. João de Barros Barreto nasceu no dia 7 de setembro de 1866, em Recife, no Estado de Pernambuco, filho de Inácio de Barros Barreto e de D. Mariana de Barros Barreto.

Doutorou-se pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 1888, defendendo tese intitulada "Estudo higiênico dos esgotos da cidade do Rio de Janeiro". Foi ajudante de Preparador da Cadeira de Higiene da Faculdade, de 1885 a 1888, e interno da 3ª, 2ª e 1ª Classe do Hospital da Santa Casa da Misericórdia do Rio de Janeiro, ambos mediante concurso.

Ministrou aulas sobre higiene em diversas instituições. Em 1911, assumiu a Livre Docência da cadeira de Higiene e Medicina Legal da atual UFRJ, apresentando dois trabalhos no momento do concurso: "Questões médico-legais relativas à gravidez" e "Ensaio aplicáveis ao estudo higiênico de algumas moléstias alimentares".

Foi revisor do Diário Oficial, Clínico particular desde o seu ingresso na Santa Casa, Clínico da Inspetoria Geral de Higiene, Químico do Laboratório Nacional de Análises, Cirurgião extranumerário da Brigada Policial

da cidade do Rio de Janeiro, Comissário de higiene da Maternidade de Laranjeiras, Médico e Diretor do Instituto Pasteur, Chefe de Clínica de Ginecologia na Policlínica Geral do Rio de Janeiro e Encarregado, pelo governo federal, do Serviço Quarentenário no Estado de Santa Catarina.

Foi eleito Membro Titular da Academia Nacional de Medicina, em 29 de novembro de 1900, apresentando um memorial sobre as suas atividades acadêmicas. É Patrono da Cadeira 56 da Secção de Medicina. Foi, também, sócio da Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro e Membro Correspondente de diversas instituições estrangeiras, como, por exemplo, a Sociedade de Higiene de Paris.

Era pai do também acadêmico Dr. João de Barros Barreto Filho, Membro Titular da Cadeira 56.

O Dr. João de Barros Barreto faleceu no Rio de Janeiro, no dia 5 de maio de 1914.

Referência

<https://www.anm.org.br/joao-de-barros-barreto/>

Juliano Moreira

Patrono da Cadeira 57

Membro Titular

Secção de Medicina

Eleito: 29/10/1903 - Posse: 05/11/1903

Saudado por: Carlos Pinto Seidl



Cientista e médico, nascido em Salvador, no Estado da Bahia, em 6 de janeiro de 1873, filho de Manoel do Carmo Moreira Junior, português, e de Galdina Joaquim do Amaral, que trabalhava como doméstica na residência de Adriano Alves Lima Gordilho, o Barão de Itapuã, médico e professor da Faculdade de Medicina da Bahia. Foi criado pela mãe e reconhecido posteriormente pelo pai, um funcionário municipal, inspetor de iluminação pública.

Juliano Moreira iniciou seus estudos primários no Colégio Pedro II e os concluiu no Liceu Provincial, ambos na cidade de Salvador. Foi um menino prodígio, negro e pobre, que ingressou no curso de medicina em 1886, 2 anos antes da abolição formal da escravidão, com apenas 13 anos, e doutorou-se pela Faculdade de Medicina da Bahia em 1891, com apenas 18 anos, com a tese intitulada "Sífilis Maligna Precoce". Sua tese de formatura ganhou repercussão internacional por propor novas abordagens sobre a sífilis. Mais tarde, foi professor de Clínica Médica desta mesma faculdade.

Com Pacheco Mendes, Nina Rodrigues, Alfredo Brito e outros, fundou a Sociedade de Medicina e Cirurgia, bem como a Sociedade de Medicina Legal, da Bahia.

É interessante assinalar que Juliano Moreira, além de psiquiatra, foi eminente tropicalista, tendo efetuado vários trabalhos sobre o “gundú” (boubá terciária), a leishmaniose tegumentar, a lepra e micetomas. Na Bahia começou a utilizar, pela primeira vez em nosso meio, a punção lombar com fins diagnósticos.

Em 1902, viajou ao Rio de Janeiro para assistir ao embalsamento de seu amigo e mestre Manoel Vitorino Pereira (médico, político e vice-presidente do Brasil no governo de Prudente de Moraes). Eram dias coincidentes com os da posse do Presidente Rodrigues Alves, que teria como Ministro da Justiça e Negócios Interiores o Dr. José Joaquim Seabra. Através de Afrânio Peixoto (médico e político), já então no Rio de Janeiro, estabelece-se a ligação entre J. J. Seabra e Juliano Moreira.

No ano de 1903 recebeu o convite do Ministro J. J. Seabra, para dirigir o Hospício Nacional de Alienados, no Rio de Janeiro. O Hospício torna-se o grande centro de assistência, pesquisa e formação de psiquiatras, de indelével marca na história da medicina brasileira.

O Hospício Pedro II ou Hospital Nacional de Alienados foi inaugurado em 1852, no prédio atualmente ocupado pelo campus da Praia Vermelha da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), na Avenida Pasteur, no 250.

Na década de 1960, o casarão da Avenida Pasteur, no 296, ao lado do hospício, tornou-se sede do Serviço Nacional de Doenças Mentais, conhecido como “Casa de Juliano Moreira”, tendo sido desocupado anos depois. Posteriormente, foi reocupado pela recém-criada UNIRIO em 1980, por ocasião da demolição do prédio da Praia do Flamengo, no 132, que forçou a transferência da Escola de Teatro e do Instituto Villa-Lobos para o novo endereço na Urca. Hoje abriga a Reitoria da UNIRIO. Embora a data exata de construção do edifício seja desconhecida, acredita-se que tenha ocorrido no período em que Juliano Moreira foi Diretor do Hospital dos Alienados, que construiu o casarão anexo ao Hospital para servir como sua residência.

Por iniciativa do Dr. Juliano Moreira foram fundadas as Colônias do Engenho de Dentro e de Jacarepaguá, as Sociedades de Psiquiatria, Neu-

rologia e Medicina Legal, bem como inaugurado o Manicômio Judiciário. Psiquiatra inovador, foi de sua iniciativa a lei de assistência aos alienados, promulgada em 1903 e regulamentada no ano seguinte. Nela amparado, promoveu importante obra de reforma e aparelhamento no Hospital dos Alienados, sob sua direção, e aprimorou a assistência a psicopatas, na instituição pública da qual foi diretor-geral por 28 anos. Aboliu o uso de camisa-de-força, retirou as grades das janelas e separou as enfermarias de adultos das de crianças, criando um ambiente humanizado aos pacientes.

Juliano Moreira introduziu as ideias de Freud no ensino da medicina e foi grande opositor do racismo científico.

Em novembro de 1930, Getúlio Vargas assume a presidência do Brasil e dissolve o congresso nacional, as câmaras, as assembleias estaduais e nomeia interventores nos estados. Em 8 de dezembro de 1930, Juliano Moreira foi destituído da direção do Hospital Nacional de Alienados, onde também morava. Aposentado, foi morar num hotel em Santa Teresa, mantendo algumas atividades médicas e acadêmicas.

Juliano Moreira introduziu uma nova orientação nos estudos de psiquiatria; não se limitou a uma obra material de reformas, tendo libertado o alienado dos meios físicos de repressão, instituindo a sua verdadeira terapêutica. Com seu vasto cabedal científico modificou várias concepções da psiquiatria. Antonio Austregésilo disse que “a personalidade de Juliano Moreira irradiou-se em todas as fórmulas: escolheu pessoas idôneas para amar a ciência e considerar o doente; distribuiu a bondade que é a fórmula mais elementar e eficiente da psicoterapia; fugiu dos corrilhos burocráticos e teve sempre, para o estudioso, a palavra de ânimo, consolo, solicitude e carinho, que foram os segredos da construção da escola científica, além da certitude da orientação, quase criadora, que embalsamou durante vinte anos a atmosfera da assistência aos insanos”.

Considerado como o fundador da psiquiatria científica no Brasil, Juliano Moreira, no campo da literatura médica, escreveu e publicou obras de grande valor, que reúne mais de cem títulos, entre trabalhos científicos e de outra natureza, destacando-se “Assistência aos alienados no Brasil” (1906), “Les maladies mentales au Brésil” (1907) e “A evolução da medicina brasileira” (1908). Fundou em colaboração com outros médicos, os periódicos “Arquivos brasileiros de psiquiatria, neurologia e medicina

legal (1905), "Arquivos brasileiros de medicina" (1911) e "Arquivos do Manicômio Judiciário do Rio de Janeiro" (1930). Foi, ainda, colaborador do periódico "Brasil Médico" e da "Revista Médico-Cirúrgica do Brasil".

Um dos cientistas brasileiros de maior renome, foi membro de inúmeras instituições científicas, como a Antropologische Gesellschaft de Munique, a Société de Médecine de Paris, a MedicoLegal Society de Nova York e a Medico-Psychological Association de Londres. Foi um dos fundadores da Academia Brasileira de Ciências, tendo sido seu presidente de 1926 a 1929.

Na Academia Nacional de Medicina foi eleito Membro Titular, em 1903, e transferido para a classe dos Honorários, em 1930. Foi vice-presidente na gestão do Acadêmico Miguel Couto, no período de 1922 a 1923 e de 1925 a 1933, ano de sua morte.

Padecendo de tuberculose, e com a piora da doença, seu médico, Dr. Miguel Couto, encaminhou-o para o Sanatório de Correias, na serra de Petrópolis, onde veio a falecer aos 61 anos, no dia 02 de maio de 1933. Não deixou filhos.

Referências

<https://brasil.elpais.com/ciencia/2021-01-06/juliano-moreira-o-psiquiatra-negro-que-revolucionou-o-tratamento-das-doencas-mentais-no-brasil.html>

<https://www.instagram.com/p/CJs94u4pcdD/?igshid=1k3x4xpt8hdcc>

<https://www.scielo.br/j/hcsm/a/rjgzmKfq6nCNNGZP5M5R3Mw/?lang=pt>

<https://dichistoriasaude.coc.fiocruz.br/iah/pt/verbetes/morjul.htm>

https://pt.wikipedia.org/wiki/Juliano_Moreira

<https://hospitaldocoracao.com.br/novo/midias-e-artigos/artigos-nomes-da-medicina/quem-foi-juliano-moreira/>

<https://revistagalileu.globo.com/Sociedade/Historia/noticia/2021/01/juliano-moreira-o-psiquiatra-negro-que-inaugurou-disciplina-no-brasil.html>

<https://www.metropoles.com/saude/conheca-juliano-moreira-medico-negro-que-fundou-psiquiatria-no-brasil>

<https://www.abc.org.br/nacional/divulgacao-cientifica/ciencia-gera-desenvolvimento/juliano-moreira/>

Aloysio de Castro

Patrono da Cadeira 58

Membro Emérito

Secção de Medicina

Membro Titular da Cadeira 09 – Secção de Medicina

Eleito: 13/06/1904 - Posse: 21/07/1904 - Emérito: 23/11/1933

Saudado por: Fernando Augusto Ribeiro de Magalhães

Presidente da Academia Nacional de Medicina de 1937 a 1942, e de 1943 a 1945



O Dr. Aloysio de Castro, médico, poeta, poliglota e musicista nasceu em 14 de junho de 1881, na cidade do Rio de Janeiro, filho do Acadêmico Francisco de Castro e de Maria Joana Monteiro Pereira de Castro. A convivência com os médicos que frequentavam a casa de seu pai, como Francisco de Paula Fajardo, Antonio Augusto de Azevedo Sodré, João Paulo de Carvalho, Augusto Brant Paes Leme, Eduardo Chapot-Prévost e Raimundo Nina Rodrigues, entre outros, foi um imperativo na sua decisão pela Medicina.

Tornou-se Doutor em Medicina pela Faculdade do Rio de Janeiro, em 1903, defendendo tese intitulada "Das desordens da marcha e seu valor clínico". Foi interno e assistente de na Cadeira de Clínica Propedêutica, de Miguel Couto, estabelecendo-se entre eles uma relação de "mestre e discípulo".

Foi eleito Membro Titular da Academia Nacional de Medicina com a memória "Sobre o Síndrome de Stokes-Adams", e tomou posse em 21 de

julho de 1904. Tornou-se Emérito em 23 de novembro de 1933 e presidiu a ANM de 1937 a 1942 e de 1943 a 1945. É o Patrono da Cadeira 58. Foi Presidente da Academia Nacional de Medicina de 1937 a 1942, e de 1943 a 1945.

Em 1906, a Congregação da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro conferiu-lhe um prêmio por ter sido o melhor aluno de sua turma, o qual lhe possibilitou uma viagem à Europa para aperfeiçoar-se em semiologia nervosa. Realizou este aperfeiçoamento no Hospital Bicêtre, na França, com o neuropatologista Pierre Marie, considerado à época a maior expressão da neurologia. Frequentou sua enfermaria e laboratório, tornando-se seu assistente assíduo. Frequentou, também, o Hospice de la Salpêtrière, L'Hospice de La Charité e os Hospitais Necker, Beaujon, Saint-Louis, o Hôtel-Dieu e o Val-de-Grâce.

Ao retornar ao Brasil, em 1907, reassumiu seu posto, como assistente de Clínica Propedêutica, na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, e também na 7ª Enfermaria da Santa Casa da Misericórdia do Rio de Janeiro, para o qual havia sido indicado, desde seu doutoramento.

Foi Professor Catedrático de Patologia Médica, de 1909 a 1914, e de Clínica Médica, de 1915 a 1924, além de Diretor, de 1915 a 1925, da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro (atual UFRJ); durante sua gestão, foi inaugurado o novo edifício na Avenida Pasteur e criado o Instituto de Radiologia, inaugurado em 1919 e instalado no Pavilhão "Francisco de Castro", da Santa Casa da Misericórdia do Rio de Janeiro, onde ocupou a 4ª Enfermaria.

O Dr. Aloysio de Castro foi Subcomissário de Higiene e Assistência Pública do Rio de Janeiro, Chefe da 4ª Enfermaria da Santa Casa da Misericórdia e Chefe do serviço de Clínica Médica da Policlínica Geral do Rio de Janeiro, onde empregou a cinematografia de casos observados para ilustração de suas aulas, introduzindo, igualmente, o ensino clínico em ambulatório.

Foi também Membro da Comissão de Cooperação Intelectual da Sociedade da Liga das Nações, Diretor Geral do Departamento Nacional de Ensino e do Instituto Ítalo-Brasileiro de Alta Cultura, Professor Honorário das Faculdades de Medicina de Montevidéu e de Buenos Aires, Membro correspondente da Academia de Medicina de Paris e da Academia de Ciências de Lisboa, Membro da Sociedade de Neurologia, Psiquiatria e

Medicina Legal do Rio de Janeiro e da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, Professor "Honoris causa" da Faculdade de Medicina de Niterói, Professor Emérito da Universidade do Brasil, Membro da Academia Pontifícia de Ciências do Vaticano e da Academia Brasileira de Letras, da qual foi Presidente em 1930 e em 1951.

É considerado o precursor da Neurossemiologia no Brasil e foi agraciado, pelo governo brasileiro, com a Grã-Cruz do Mérito Médico.

Escreveu artigos, ensaios, discursos e livros sobre os mais variados assuntos, além de composições musicais. No campo da Medicina, destacam-se as obras "Notas e observações clínicas" (três volumes), "Distrofia gênito-glandular", em parceria com Oscar de Souza, "Discursos, conferências e escritos vários" e "Tratado de semiótica nervosa".

Colaborou com trabalhos publicados em jornais e revistas nacionais e estrangeiras, tais como: Brasil Médico, Annaes Paulistas de Medicina e Cirurgia, Annaes da Policlínica Geral do Rio de Janeiro, Revista Brasileira de Medicina e Farmacia, Jornal dos Clínicos, Folha Médica, A Patologia Geral, Revue Neurologique, Nouvelle Iconographie de la Salpêtrière, Encephale, Presse Médicale e Neurologische Zentralblatt.

Faleceu na sua cidade natal, no dia 7 de outubro de 1959.

Em 1964, o Instituto de Cardiologia, criado em 1941 pelo Presidente Getúlio Vargas, passou a se chamar Instituto Estadual de Cardiologia Aloysio de Castro (IECAC) em homenagem ao ilustre médico e foi instalado no antigo Hospital dos Radialistas, localizado no bairro do Humaitá, no Rio de Janeiro.

Referências

<https://www.anm.org.br/alloysio-de-castro/>

<https://www.academia.org.br/academicos/alloysio-de-castro/biografia>

<https://dichistoriasaude.coc.fiocruz.br/iah/pt/verbetes/castaloy.htm>

<http://www.neurobarra.com.br/files/Aloysio%20de%20Castro,%20o%20precursor%20da%20neurossemiologia%20no%20Brasil.pdf>

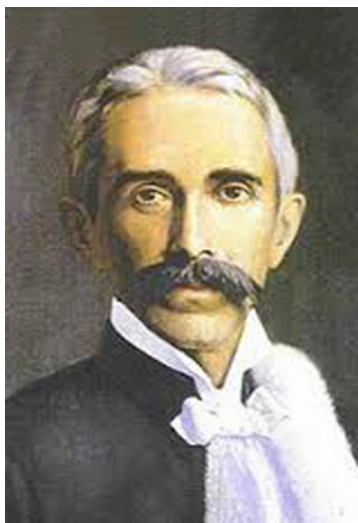
Raimundo Nina Rodrigues

Patrono da Cadeira 59

Membro Honorário Nacional

Secção de Medicina

Eleito: 13/11/1899 - Posse: 13/11/1899



Nasceu em 4 de dezembro de 1862, em Vargem Grande, no Estado do Maranhão, entre os rios Munim e Itapicuru, em uma zona produtora de algodão, frutas e cereais, onde o braço escravo negro era o instrumento de trabalho, filho do coronel Francisco Delano Rodrigues e D. Luiza Rosa Nina Rodrigues. Faleceu em 17 de julho de 1906, antes de completar 44 anos, em Paris, França.

Em 1882, com quase vinte anos, matriculou-se na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, passando Bahia, para voltar no 6º ano ao Rio, onde se formou em fevereiro de 1888. A tese de doutoramento de Nina Rodrigues tem como título "Das Amiotrofias de Origem Periférica".

Em 1889 publicou a monografia "Métissage, Dégénérescence et Crime", apreciando a etnografia criminal, onde demonstrava sua forte tendência como racista / eugenista.

Quando ia se apagando a monarquia no Brasil, fez concurso para o lugar de Adjunto da 2ª Cadeira de Clínica Médica da Faculdade de Medicina da Bahia e foi promovido no mesmo cargo. Com a Reforma Benjamin

Constant, Nina Rodrigues foi nomeado Substituto da 5ª Seção (Higiene e Medicina Legal), passando a Catedrático de Medicina Legal em 1895. Neste mesmo ano escreveu a célebre “Memória Histórica”, criticando, de forma avassaladora e irreverente, o sistema de ensino, sem poupar em sua análise os que o precederam na Cátedra. Foi obra de destruição e, por isso, repelida unanimemente pela Congregação. Travou a batalha pelo aprimoramento do ensino médico, pela criação de uma Escola de Medicina Legal e pelo estudo do negro trazido pela colonização portuguesa.

Nos primeiros anos de sua vida médica, mostrou somente preocupações de clínico, não tendo nunca abandonado o nobre exercício da arte de curar, onde foi sacerdote pela dedicação e desprendimento e sábio pela cultura invulgar. Iniciou-se pela patologia tropical, mas logo a seguir voltou-se para outros temas nacionais, disposto a encará-los e a estudá-los. Estudou, observou e experimentou, no Brasil, coisas brasileiras.

O grande mérito de Nina Rodrigues não está somente na copiosa e frutífera bagagem científica que deixou, excedendo a de todos os mais fecundos cientistas brasileiros; é que, para enaltecer ainda mais os seus valores, aí está a escola médico-legal brasileira que é sua, toda sua, representada por Afrânio Peixoto e Oscar Freire.

Raimundo Nina Rodrigues, o grande mestre da Medicina Legal no Brasil, dominou vários ramos do saber humano, grande pesquisador, homem de ciência cujo trabalho pertinaz e orientado, o levou às alturas de criador e chefe de uma escola científica de projeção mundial.

Antropologista e etnólogo, o negro e o mestiço foram sempre motivos principais de suas indagações. Realizou vários estudos sobre a psiquiatria forense no Brasil, publicando, entre outros, trabalho sobre “O Alienado no Direito Civil Brasileiro”. Entre suas obras devem ser citadas: “Os Mestiços Brasileiros” (1890), “As Raças Humanas e a Responsabilidade Penal no Brasil” (1894), “Epidemia de Loucura Religiosa no Brasil” (1898), dentre outros, muitas com fortes tendências racistas, disfarçadas de ciência.

Com seus estudos e pesquisas, Nina Rodrigues emprestou à Medicina Legal brasileira feição própria, características de autenticidade, traços vivos, afinal, de indiscutível individualidade científica. Estava seu nome vinculado, assim, a um movimento de ideias de grande profundidade e

extensão, consubstanciando na Escola Baiana de Medicina Legal. Fundou, juntamente com o Dr. Juliano Moreira e outros médicos, a Sociedade de Medicina e Cirurgia da Bahia e de Medicina Legal. Foi redator da "Gazeta Médica da Bahia", fundou e manteve a "Revista Médico-Legal" e colaborou com o periódico "Brasil Médico", a "Revista Médica de São Paulo" e outras publicações estrangeiras.

Foi eleito Membro Honorário da Academia Nacional de Medicina na Sessão do dia 13 de novembro de 1899, onde é o Patrono da Cadeira 59. Foi, ainda, sócio efetivo e vice-presidente, no Brasil, da Medico-Legal Society, de Nova York e membro estrangeiro da Société Médico-Psychologique, de Paris.

Viveu até as vésperas de completar 44 anos, vindo a falecer a 17 de julho de 1906, em Paris, França. Seu corpo foi sepultado a 10 de agosto de 1906, na Bahia.

Na Bahia, está imortalizado pelo Instituto Nina Rodrigues de Medicina Legal. Na capital do Maranhão, seu estado natal, foi fundado, em março de 1941, o Hospital Nina Rodrigues e a localidade onde nasceu, se desmembrou de Vargem Grande e passou a se chamar, em 1961, município de Nina Rodrigues.

- Nina Rodrigues e o Eugenismo:

Nina Rodrigues, criador e chefe da Escola, foi um dos homens mais prementes da Medicina Legal de todo o mundo científico.

Entretanto, Nina Rodrigues defendeu ideias que hoje são claramente qualificadas como racistas, mas, à época, eram consideradas científicas e avançadas. Foi o racismo disfarçado de ciência.

Nina Rodrigues foi fortemente influenciado pelas ideias do criminólogo italiano Cesare Lombroso. No ano da abolição da escravatura, escreveu: "A igualdade é falsa, a igualdade só existe nas mãos dos juristas". Em 1894, publicou "Mestiçagem, Degenerescência e Crime" no qual defendeu a tese de que deveriam existir códigos penais diferentes para raças diferentes, e descreve o mestiço e o negro como "naturalmente delinquentes". Com base nisso, ele propôs uma reforma penal que atribuísse penas mais rígidas para africanos e seus descendentes.

Nina Rodrigues também se dedicava ao estudo das culturas e etnias oriundas da África, que ele enxergava como selvagem e intelectualmente subdesenvolvida, e segundo ele, esse atraso tinha motivo científico: era “produto da marcha desigual do desenvolvimento filogenético da humanidade”, escreveu em 1932.

Enquanto Nina Rodrigues liderava o pensamento sobre higiene racial na Bahia, outros estados fundavam associações para refletir sobre o futuro eugênico no Brasil. No Rio, o movimento foi endossado por nomes influentes como Miguel Couto, eleito membro-titular da Academia Nacional de Medicina em 1886, e seu presidente entre 1913 e 1934.

Em 1918, o médico Renato Ferraz Kehl, que também pertenceu à Academia Nacional de Medicina, organizou uma reunião de médicos em São Paulo para discutir a eugenia. Ele era um dos maiores extremistas dessa seara – e um dos poucos que, hoje, são abertamente condenados nos livros de história.

Surgiu desse encontro a Sociedade Eugênica de São Paulo. Entre seus membros ilustres, estavam Arnaldo Vieira de Carvalho (fundador da Faculdade de Medicina de São Paulo), Vital Brazil Mineiro da Campanha (fundador do Instituto Butantan, e também membro da Academia Nacional de Medicina), Arthur Neiva (sanitarista e também nome de rua), Franco da Rocha (psiquiatra e nome de cidade), e Monteiro Lobato. O escritor do Sítio do Pica-Pau Amarelo patrocinou as primeiras publicações do movimento, editando ele próprio os *Annaes de Eugenia*, lançados em 1919.

À época, diante da importância que a eugenia foi adquirindo nos debates acadêmicos, políticos e jurídicos, a Academia Nacional de Medicina resolveu incluir o evento - primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia - no escopo das comemorações de seu centenário (junho de 1929), após a proposta feita por seu presidente, Miguel Couto. Dessa maneira, fica documentado que a própria Academia Nacional de Medicina fez parte do movimento Eugenista no Brasil.

Em 25 de maio de 2023, como uma espécie de “acerto de contas”, o Presidente da Academia Nacional de Medicina, Acadêmico Francisco Sampaio, organizou um simpósio sobre “Equidade, Diversidade e Inclusão Racial na Força de Trabalho Médico” e na palestra intitulada “Eugenia - Racismo Disfarçado de Ciência: Nina Rodrigues” o Prof. Eduardo

Saad-Diniz, da Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, demonstrou claramente que Nina Rodrigues tinha ideias racistas, que foram por ele propagadas, disfarçadas de ciência.

Referências

https://pt.wikipedia.org/wiki/Nina_Rodrigues

<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revispsi/article/view/19431/14023>

<https://revistacontemporartes.com.br/2020/01/10/nina-rodrigues-e-o-pensamento-eugenista-raiz-do-preconceito-etnico-racial-no-pensamento-brasileiro/>

https://www.abfhib.org/FHB/FHB-02/FHB-v02-26-Waldir-Stefano_Marcia-Neves.pdf

<https://www.anm.org.br/raimundo-nina-rodrigues/>

<https://www.scielo.br/j/csp/a/PBYjTV9sPc4XD7V4LGsjwYb/?lang=pt>. A medicina de Nina Rodrigues: análise de uma trajetória científica.

<https://super.abril.com.br/especiais/racismo-disfarcado-de-ciencia-como-foi-a-eugenia-no-brasil>

[https://www.scielo.br/j/tem/a/DcvvfyG5x3B8wwJpgfm38jd/O_primeiro_Congresso_Brasileiro_de_Eugenia_\(1929\):_as_discussões_em_torno_da_eugenia_no_Brasil.](https://www.scielo.br/j/tem/a/DcvvfyG5x3B8wwJpgfm38jd/O_primeiro_Congresso_Brasileiro_de_Eugenia_(1929):_as_discussões_em_torno_da_eugenia_no_Brasil.)

Nuno Ferreira de Andrade

Patrono da Cadeira 60

Membro Emérito

Secção de Medicina

Eleito: 1876 - Posse: 1876 – Emérito: 24/10/1907

Presidente da Academia Nacional de Medicina entre 1901 e 1903



O Dr. Nuno Ferreira de Andrade nasceu na cidade do Rio de Janeiro, no dia 27 de julho de 1851. Era filho de Camillo Ferreira de Andrade.

Tornou-se Doutor em Medicina pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, em 1875, defendendo a tese “Do diagnóstico e do tratamento das nevroses viscerais”.

Foi professor de Filosofia, por concurso, aos 17 anos, de Ciências Médicas, em 1877, da Clínica Psiquiátrica, de 1881 a 1883, Lente de Higiene, de 1884 a 1888, e da 1ª Cadeira de Clínica Médica, em 1888, na qual obteve o primeiro lugar no concurso com a tese “Physiologia dos epithelios”, concorrendo com Júlio Rodrigues de Moura, Cândido Barata Ribeiro, José Benício de Abreu e João Baptista de Lacerda, expressões da Medicina no Brasil.

Foi eleito Membro Titular da Academia Imperial de Medicina, em 1876, apresentando memória intitulada “Da natureza e do diagnóstico da alienação mental”. Foi Presidente da Academia Nacional de Medicina de 1901 a 1903 e tornou-se Emérito em 1907. É o Patrono da Cadeira 60.

Foi autor da Memória Histórica da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, de 1879, relatando os principais fatos ocorridos naquele estabelecimento de ensino, o qual permaneceu manuscrito e restrito ao âmbito da Congregação, sem ser divulgado através do Relatório do Ministro do Império, conforme preconizavam os Estatutos de 1854 daquela instituição. Segundo consta ao final no texto da referida memória, que fora aprovada somente quanto à veracidade dos fatos, e não quanto às apreciações de seu relator. Nuno Ferreira de Andrade ressaltou, em seu relato, a ineficácia das medidas tomadas pelo Governo Imperial em relação ao ensino médico, após o decreto de 19 de abril de 1879 (Reforma Leôncio de Carvalho), e deste fato provavelmente decorreu a sua não publicação.

Foi o primeiro professor de Psiquiatria em Faculdade de Medicina no Brasil e foi o grande incentivador da criação da cadeira de estudos das moléstias mentais na Faculdade de Medicina do Brasil.

Posicionou-se, por documento, contrário à introdução de cadeiras destinadas ao ensino da homeopatia na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, proposta apresentada em 1889 por Joaquim Duarte Murtinho ao Governo, manifestando-se enfaticamente perante à Congregação daquela instituição. Assinaram, também, este documento Hilário Soares de Gouvêa, Pedro Affonso de Carvalho Franco, e Erico Marinho da Gama Coelho, então diretor da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro.

Investido pelo Imperador no Hábito de Cristo e no título de Conselheiro de Sua Majestade, O Dr. Ferreira de Andrade ocupou a direção do serviço sanitário do Hospício de Pedro II, em 1882. Nomeado Inspetor Geral de Saúde dos Portos, ocupou este cargo até 1889. Durante sua atuação na Inspetoria, foi criado, em 1886, o Lazareto da Ilha Grande, instalado na enseada do Abrahão (Ilha Grande - RJ), para executar o regime quarantenário vigente na época, face à epidemia de cólera que grassava em várias cidades da Europa e da Ásia.

Foi o primeiro Diretor Geral da Diretoria Geral de Saúde Pública, estabelecida a partir da fusão das atribuições do Instituto Sanitário Federal e da Inspetoria Geral de Saúde dos Portos, ocupando este cargo de 1897 até 1903.

Após a instauração do governo republicano no Brasil, transferiu-se para a Europa, onde dedicou-se ao estudo da Economia Política, na Sorbonne,

na França e, sem se desligar da Medicina, conviveu com Richet, Leroy Beaulieu e Charcot, o reformador da Neurologia. A partir de 1905, dedicou-se ao jornalismo, participando da redação de "A Ordem", "O Paiz", do "Jornal do Brasil" e do Boletim da Associação Comercial.

O Dr. Ferreira de Andrade faleceu na sua cidade natal, no dia 17 de dezembro de 1922.

Referências

<https://dichistoriasaude.coc.fiocruz.br/iah/pt/verbetes/andnunfer.htm>

<https://hpcs.bvsalud.org/wp-content/uploads/2018/07/Andrade-Nuno.pdf>

<http://www.ohomemeadoenca.com.br/biograf/Bionunoandrade.html>

https://www.15snhct.sbhc.org.br/trabalho/view?ID_TRABALHO=1889

<https://www.abp.org.br/post/orgulho-de-ser-psiquiatra-nuno-de-andrade>

Luiz da Cunha Feijó

(Visconde de Santa Isabel)

Patrono da Cadeira 61

Membro Titular

Secção de Cirurgia

Eleito: 04/06/1846 - Posse: 04/06/1846



O Dr. Luís da Cunha Feijó, foi o 2º Barão e o único Visconde de Santa Isabel, nasceu em 1 de junho de 1817, filho do farmacêutico Tristão da Cunha Feijó e de D. Ana Joaquina da Natividade. Faleceu em 6 de março de 1881, em Petrópolis, RJ, aos 63 anos.

Médico formado em 1839, na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, apresentando a tese intitulada "Aneurismas da aorta". Foi Professor substituto, por concurso, na Seção Cirúrgica, em 1840, Lente de Patologia Interna, em 1851, sendo transferido no mesmo ano para a Cadeira de Partos, e também seu Vice-Diretor, em 1859, e Diretor, em 1881. Considerado por alguns como o primeiro praticante de cesariana no Brasil, foi lente de partos por vinte anos.

Nomeado Médico Honorário da Imperial Câmara, em 13 de junho de 1859, acompanhou a Princesa Isabel em suas viagens à Europa em 1865, 1870 e 1878, e foi médico particular da princesa.

Candidatou-se à vaga de Membro Titular da então Academia Imperial de Medicina, em 19 de maio de 1846, apresentando a memória intitu-

lada "Rutura do útero durante trabalho do parto", sendo eleito em 4 de junho do mesmo ano. Foi transferido para a classe de Membros Honorários em agosto de 1863. É o Patrono da Cadeira 61.

Foi membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, agraciado Grande Dignitário da Imperial Ordem da Rosa e Comendador da Imperial Ordem de Cristo de Portugal e da Ordem Austríaca da Coroa de Ferro.

O Dr. Luiz da Cunha Feijó teve dois filhos. Um deles foi o Professor Luiz da Cunha Feijó Filho, que viria a se tornar obstetra e diretor da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro como o pai, além de Chefe da Maternidade da Santa Casa de Misericórdia, Membro Honorário da Academia Imperial de Medicina e Cavaleiro da Ordem da Rosa. O seu neto, Dr. Gentil Luiz José Feijó, também médico, foi Catedrático de três das maiores Universidades do país: Universidade Federal do Rio de Janeiro, da qual foi Diretor, Universidade do Estado do Rio de Janeiro e Universidade Federal Fluminense.

O Dr. Luiz da Cunha Feijó faleceu em 6 de março de 1881, na cidade de Petrópolis, no Rio de Janeiro, aos 63 anos de idade.

Referências

https://pt.wikipedia.org/wiki/Lu%C3%ADs_da_Cunha_Feij%C3%B3

<https://ihgb.org.br/perfil/userprofile/luisdacfeijo.html>

<http://memoria.bn.br/DocReader/Hotpage/HotpageBN.aspx?bib=442500&pagfis=1229&url=http://memoria.bn.br/docreader#>

<https://diariodeumamonarquista.tumblr.com/post/62501654869/luiz-da-cunha-feij%C3%B3-1817-1882-visconde-de-santa>

Augusto Brant Paes Leme

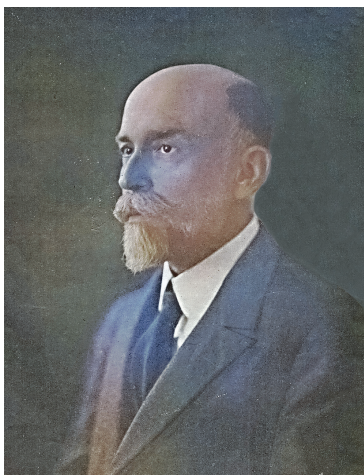
Patrono da Cadeira 62

Membro Titular

Secção de Cirurgia

Eleito: 27/09/1900 - Posse: 11/10/1900

Saudado por: Theóphilo de Almeida Torres



O Dr. Augusto Brant Paes Leme nasceu no dia 28 de janeiro de 1862, na cidade do Rio de Janeiro, filho de Francisco Garcia Paes Leme e de D. Ana Eufrosina Brant.

Fez seus estudos preparatórios no Externato Aquino, no Rio de Janeiro, e doutorou-se em Medicina pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, em 1884, defendendo a tese intitulada "Tratamento das fraturas expostas", o que lhe valeu, não só a aprovação com distinção, como também a Medalha de Ouro – Prêmio Doutor Manoel Feliciano – instituído pelo Barão de Ibituruna, por deliberação unânime da congregação da faculdade.

Cirurgião e Lente da Faculdade de Medicina, da Inspetoria Geral de Higiene (criada pelo Decreto de 03.02.1886) e Delegado de Paróquia Urbana da Inspetoria Geral de Higiene (criada pelo Decreto de 03.02.1886), foi Diretor da Cadeira de Clínica Cirúrgica da 3ª Enfermaria e, posteriormente, da 18ª Enfermaria da Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro. Foi também responsável pela vacinação na freguesia de São José.

Foi eleito Membro Titular da Academia Nacional de Medicina, em 1900, e transferido para a classe de Honorários, em 1918. É o Patrono da Cadeira No. 62. Foi conhecido por ser uma grande referência dentro da Secção de Cirurgia da ANM; diz-se que ele iniciou uma “escola de cirurgia”, cujo principal discípulo foi o Acad. Augusto Paulino Soares de Souza, que destacava no mestre Paes Leme os dotes de exímio desenhista, além de competente anatomista.

Foi redator colaborador do periódico “Brasil Médico”, colaborador da “Revista de Medicina de São Paulo” e sócio correspondente do Instituto do Ceará. Publicou vários trabalhos, destacando-se: “Novo processo de conservação dos cadáveres”, “Estudo clínico sobre o fenômeno das pulsações no ventre: os falsos aneurismas da aorta abdominal”, “As fraturas da rótula e seu tratamento”, “Abscessos cerebrais”, “A cura sangrenta das hemorroidas” e “Tumores pulsáteis da órbita”.

Foi Membro Honorário do Colégio Brasileiro de Cirurgiões, onde foi criado o Prêmio Brant Paes Leme, em 1939, destinado ao melhor trabalho de técnica cirúrgica a ser distribuído anualmente.

O Dr. Paes Leme também foi Professor de Anatomia e Fisiologia Artística da Escola Nacional de Belas Artes.

Em seu livro “História da Medicina no Brasil”, o Acadêmico Pedro Nava coloca que os Acadêmicos Paes Leme, Francisco de Castro, Miguel Couto, Azevedo Sodré, Almeida Magalhães, Miguel Pereira, Augusto Paulino, Augusto Brandão Filho, Luiz da Cunha Feijó Junior, Antônio Rodrigues Lima e Fernando Magalhães se classificavam, para ele, como os internistas, cirurgiões e parteiros responsáveis pela construção do saber moderno da Medicina - todos norteados pelas contribuições do Vicente Cândido Figueira de Saboya, João Vicente Torres Homem e Luiz da Cunha Feijó.

Paes Leme faleceu na sua cidade natal, no dia 04 de março de 1943.

Referências

https://pt.wikipedia.org/wiki/Augusto_Brant_Paes_Leme

<http://dami.museuimperial.museus.gov.br/handle/acervo/7199>

<https://ancestors.familysearch.org/en/KH9L-3TC/augusto-brant-paes-leme-1863-1943>

<https://www.anm.org.br/augusto-brant-paes-leme/>

Vicente Cândido Figueira de Saboia

(Visconde de Saboia)

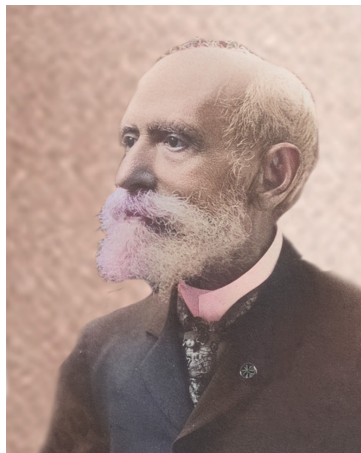
Patrono da Cadeira 63

Membro Emérito

Secção de Cirurgia

Eleito: 04/09/1863 - Posse: 14/09/1863 - Emérito: 10/06/1897

Presidente da Academia Nacional de Medicina – 1891 a 1892



Nasceu em 13 de abril de 1835, na cidade de Sobral, no Ceará, filho do Tenente Coronel da Guarda Nacional José Baltasar Aughery de Saboia e de Joaquina Figueira de Melo Saboia, e neto do farmacêutico Vicente Maria Carlos de Saboia. No ano de 1861, casou-se com Luiza Marcondes Jobim, filha do Senador e Acadêmico José Martins da Cruz Jobim (um dos fundadores da atual Academia Nacional de Medicina) e de Maria Amália Marcondes; o casal teve cinco filhos.

Doutor em Medicina pela Faculdade do Rio de Janeiro, em setembro de 1858, defendendo a tese de doutorado intitulada “Estreitamento da uretra no homem”.

Inscriveu-se na Academia Imperial de Medicina em 1863, apresentando memória intitulada: “Ensaio sobre o tratamento da blenorragia”. Foi empossado em 14 de agosto de 1863 e a presidiu, sob a atual denominação de Academia Nacional de Medicina, no período de 1891 a 1892. Em outubro de 1908, pela comemoração do centenário de fundação do ensino médico no país, a Academia mandou cunhar medalhas comemo-

rativas, de ouro, prata e bronze, com a efígie do cirurgião. Em sessão de 3 de outubro de 1963, foi escolhido para Patrono da Cadeira No. 63.

Professor Catedrático de Clínica Cirúrgica na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro (atual UFRJ), assumiu a Diretoria da mesma instituição, de 1881 a 1889, e, no ano seguinte, tornou-se médico efetivo da Imperial Câmara e Comendador da Imperial Ordem de Cristo.

Distinguido com títulos nobiliários: Barão, Conselheiro e depois, Visconde, Vicente de Saboya foi chefe da 18ª Enfermaria do Hospital Geral da Santa Casa da Misericórdia do Rio de Janeiro e um dos primeiros conselheiros da Ordem Médica Brasileira na mesma cidade. Com Lorde Joseph Lister, de Glasgow, aprendeu e trouxe ao Brasil o método antisséptico, que lhe permitiu praticar como rotina a cirurgia abdominal. Foi o primeiro a usar, no Brasil, a atadura gessada.

Em sua atividade literária, publicou inúmeros trabalhos sobre cirurgia e obstetrícia, dentre os quais destaca-se um "Tratado de Obstetrícia", usado como livro texto nas Faculdades de Medicina de Montpellier e Louvain, em francês; sua obra de maior repercussão foi a "Reforma do Ensino Médico no Brasil". Nos últimos anos de sua vida dedicou-se a uma reflexão mais filosófica, com a obra "Vida Psychica do Homem", na qual tratava do materialismo e espiritualismo.

Foi Membro Titular da Sociedade de Obstetrícia de Londres, e Membro Correspondente da Academia de Sciencias de Lisboa, da Académie de Médecine da França, da Société de Chirurgie de Paris e da Reale Accademia di Medicina di Roma (Itália), por proposta do médico italiano Guido Baccelli.

Colaborador de vários periódicos, como Jornal do Commercio, Gazeta Médica do Rio de Janeiro e da Bahia, sempre defendeu, em seus artigos, uma reforma ampla e radical do ensino da medicina.

Incumbido, pelo governo, de preparar um plano completo de reforma do Ensino Superior, apresentou projeto, amplamente desenvolvido, que serviu de base para o Decreto de 19 de abril de 1879, estabelecendo o ensino livre.

Em sua homenagem, professores e alunos da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro encomendaram ao pintor alemão Karl Ernst Papf (1833-

1910) um retrato seu de corpo inteiro, que foi colocada primeiramente no saguão de entrada do prédio da Universidade do Brasil, antigo Hospício de Pedro II.

Faleceu em 18 de março de 1909, em sua residência, na cidade de Petrópolis, estado do Rio de Janeiro. Como causa de sua morte, o Dr. Joaquim Francisco Moreira registrou uma arteriosclerose cardiorrenal.

Em 1912, foi instituído, pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, o Prêmio Visconde de Saboia, conferido anualmente ao autor da melhor tese de doutorado sobre obstetrícia. No prédio do Curso de Medicina da Universidade Federal do Ceará, campus de Sobral, foi erguida, em 2007, uma estátua de Saboia e, no ano de 2008, o colegiado instituiu a Medalha Visconde de Saboia para homenagear aqueles que prestaram importantes serviços à medicina e à educação médica.

A Rua Visconde de Saboia, no bairro de Cavalcanti, na cidade do Rio de Janeiro, é uma homenagem ao dr. Vicente Cândido Figueira de Saboia.

Referências

https://pt.wikipedia.org/wiki/Vicente_C%C3%A2ndido_Figueira_de_Saboia

<https://dichistoriasaude.coc.fiocruz.br/iah/pt/verbetes/sabvicfig.htm>

<http://mapa.an.gov.br/index.php/publicacoes2/70-biografias/766-vicente-candido-de-figueira-de-saboia-visconde-de-saboia>

<http://coisadecearense.com.br/visconde-de-saboia/>

<https://www.anm.org.br/vicente-candido-figueira-de-saboia-visc-de-saboia/>

Henrique Guedes de Mello

Patrono da Cadeira 64

Membro Titular

Secção de Cirurgia

Eleito: 23/12/1897 - Posse: 23/12/1897

Saudado por: Antonio José Pereira da Silva Araújo



O Dr. Henrique Guedes de Mello nasceu no dia 6 de abril de 1857, em Recife, no Estado de Pernambuco, filho do Comendador Umbelino Guedes de Mello e de D. Aurora Umbelina Gomes de Mello.

Doutorou-se em Medicina pela Faculdade de Medicina da Bahia em 1878, defendendo tese intitulada "Patogenia do diabetes sacarino". Logo após a conclusão do curso, exerceu a clínica em São Paulo e depois foi para a Europa onde, na Clínica Oftalmológica do Prof. Landolt, em Paris, trabalhou durante dois anos como assistente.

No Rio de Janeiro, exerceu por anos a Clínica de Olhos, Ouvidos, Nariz e Garganta. Foi Capitão-de-Corveta e trabalhou 30 anos na Marinha do Brasil, onde exerceu, dentre outros cargos, o de Chefe da Clínica de Oftalmologia e Otorrinolaringologia do Hospital Central da Marinha e Instrutor das mesmas especialidades na Escola Naval.

Era músico, helenista, latinista, filósofo e escritor e deixou diversos livros, artigos e memórias publicados sobre os mais variados assuntos. Escreveu sobre otorrinolaringologia, neuro-oculística, higiene mili-

tar, leprologia, tumores cerebrais, além de publicar monografias sobre aneurismas do seio cavernoso, sobre a patologia da hipófise e sobre tumores da retina.

No ano de 1888 fundou, juntamente com Hilário de Gouveia, José Cardoso de Moura Brazil e Paula Fonseca, a "Revista Brasileira de Oftalmologia" que, embora tenha lançado apenas dois volumes, foi considerada como "o despertar da imprensa oftalmológica em nossa terra".

Foi Chefe e fundador da Clínica de Oftalmologia do Hospital Nacional de Alienados, criador da Clínica de Olhos do Hospital Nacional e da Policlínica de Botafogo, além do Hospital dos Lázaros e da Policlínica de Crianças.

O Dr. Henrique Guedes de Mello foi eleito Membro Titular da Academia Nacional de Medicina, em 1897, onde foi Presidente da Secção de Cirurgia Especializada por vários anos, e foi transferido para a classe de Honorários, em 25 de setembro de 1929. É o Patrono da Cadeira No. 62.

Foi também Presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro e da Sociedade Médica Naval, Membro Fundador da Sociedade de Jurisprudência Médica e Antropologia, Sócio Fundador da Cruz Vermelha Brasileira e da Liga Brasileira Contra a Tuberculose, Membro Correspondente da Societé Française d'Ophtalmologie e das Sociedades de Medicina e Cirurgia de Curitiba e de São Paulo, Sócio Correspondente da Asociacion de la Prensa (Chile), Membro da Sociedade Brasileira de Neurologia, Psiquiatria e Medicina Legal, dentre outros cargos. É o Patrono da Cadeira 21 da Academia Brasileira de Medicina Militar.

Foi tradutor e professor de línguas e recebeu o Prêmio de Erudição da Academia Brasileira de Letras.

Foi o mestre de Abreu Fialho, João Marinho, Penido Burnier, Renato Machado, Edilberto de Campos e de tantos outros a caminho do auge da profissão.

Faleceu na cidade do Rio de Janeiro, no dia 8 de novembro de 1934.

Referências:

https://pt.wikipedia.org/wiki/Henrique_Guedes_de_Mello

<file:///C:/Users/Sampaio/Downloads/v61n4a10.pdf>

<http://oldfiles.bjorl.org/conteudo/acervo/acervo.asp?id=1353>

<http://www.anm.org.br/henrique-guedes-de-mello/>

Agenor Edésio Estelita Lins

Patrono da Cadeira 65

Membro Titular

Secção de Cirurgia

Eleito: 13/06/1929 - Posse: 20/06/1929

Saudado por: Antonio Benevides Barbosa Vianna

Antecessor: Ernani Carlos de Menezes Pinto



O Dr. Agenor Edésio Estelita Lins nasceu no dia 10 de janeiro de 1890, em Recife, no Estado de Pernambuco, filho de Pedro Estelita Carneiro Lins e de D. Francisca Sampaio Lins.

Doutorou-se em Medicina pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, em 1912, defendendo a tese intitulada "Das intervenções cirúrgicas nas supurações da mão". Foi Interno da Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro e realizou estágio docente no Serviço de Oswald S. Lowaloy, em Nova York.

Em sua viagem à Europa para aperfeiçoar seus conhecimentos, frequentou a Faculdade de Paris, tendo seguido os cursos de Delbet, Durval, Pauchet, Gosset, Faure e Papin, de quem foi Assistente, além de Joseph, Licttenberg, Ringleb e Casper, em Berlim.

Foi médico da Assistência Municipal, da Associação de Imprensa e do Aero Club Brasileiro, Chefe de Clínica Cirúrgica da Cruz Vermelha Brasileira e Diretor da casa de Saúde Estelita Lins e do Instituto de Clínica Urológica.

Foi, ainda, Professor da Escola de Enfermeiras da Cruz Vermelha e da Escola de Farmácia e Odontologia do Rio de Janeiro.

Foi eleito Membro Titular da Academia Nacional de Medicina, em 1929, apresentando a memória "Sobre a chilúria", tornando-se Patrono da Cadeira 65 da Secção de Cirurgia, foi Vice-Presidente durante a Presidência do Acadêmico Antonio Austregésilo Rodrigues Lima e, ainda, Diretor do Museu e 1º Secretário.

Ainda em 1929, junto com os Acadêmicos Antônio Benevides Barbosa Vianna e Rolando Monteiro, foi idealizador da fundação do Colégio Brasileiro de Cirurgias. Além disso, foi fundador de algumas casas especializadas em Urologia, uma em Vila Isabel e outra em Laranjeiras, bem como a Sociedade Brasileira de Urologia, tendo sido seu Presidente. O Dr. Estelita Lins também ocupou a Presidência do Sindicato Médico Brasileiro, o atual Sindicato dos Médicos do Rio de Janeiro. Na ocasião da fundação da Confederação Americana de Urologia, o Dr. Estelita Lins foi eleito Secretário-geral.

Era, ainda, Membro da Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro, Secretário Geral e Sócio Benemérito da Cruz Vermelha Brasileira, Sócio Correspondente da Sociedade Fluminense Médico-Cirúrgica, da Sociedade Internacional de Urologia de Paris, da Associação Francesa de Urologia e da Sociedade de Urologia de Berlim.

Durante a segunda guerra mundial, compôs a FEB – Força Expedicionária Brasileira, no posto de Major, contribuindo para o Corpo de Saúde da equipe enviada pelo governo brasileiro.

Segundo o Acadêmico Álvaro Cumplido de Sant'Anna, o Dr. Estelita Lins, seu Patrono, foi um dos mais importantes urologistas brasileiros e realizou diversos grupos de pesquisa em sua casa, no Estado de Santa Catarina, no Espírito Santo e em instituições como a Policlínica Geral do Rio de Janeiro e a Cruz Vermelha. Foi, inclusive, fundador e pesquisador da "Revista de Urologia". Realizou também trabalhos de tradução de documentos e do Tratado de Urologia redigido por Oswald S. Lawaloy, seu mestre e ilustre colega.

Escreveu, também, vários artigos para "O Jornal", "A época", "Correio da Manhã", "O País", "Gazeta de notícias", dentre outros, além de vários trabalhos publicados, onde destacam-se: "O laxativo vesical", "Diagnós-

tico físico pelo cateterismo ureteral cistoscópico”, “Tratamento racional da uretrite gonocócica no homem”, “Enxerto venoso da uretra” e “O adenoma prostático”.

Foi condecorado Comendador da Ordem de São João Baptista de Espanha e Cavaleiro da Ordem do Bem e do Dever da França.

O Dr. Estelita Lins faleceu no Rio de Janeiro, no dia 5 de dezembro de 1946.

Referências

https://pt.wikipedia.org/wiki/Agenor_Ed%C3%A9sio_Estelita_Lins

https://www.wikiwand.com/pt/Agenor_Ed%C3%A9sio_Estelita_Lins

<https://www.anm.org.br/agenor-edesio-estelita-lins/>

José Cardoso de Moura Brasil

Patrono da Cadeira 66

Membro Emérito

Secção de Cirurgia

Membro Titular da Cadeira 61 – Secção de Cirurgia

Eleito: 07/11/1882 - Posse: 07/11/1882 – Emérito: 10/10/1918

Presidente da Academia Imperial de Medicina – 1889 e da Academia Nacional de Medicina – 1889 a 1891



Nasceu em Vila Iracema, no Estado do Ceará, em 10 de fevereiro de 1846, filho do tenente coronel José Cardoso Brasil e de Thereza Maria de Moura Brasil.

Formado pela Faculdade de Medicina da Bahia, doutorou-se em novembro de 1872, defendendo a tese: “Tratamento Cirúrgico da Catarata”. Desde os primeiros estudos acadêmicos dedicou-se à oftalmologia e, terminado o curso, partiu para a Europa para especializar-se. Lá permaneceu cerca de três anos, dois em Paris, nas Clínicas dos eminentes oftalmologistas Wecker, Galezovski e Meyer, tendo sido indicado pelo Professor Ludwig Wecker como seu Chefe de Clínica, cargo que exerceu durante mais de um ano, e, também, nas Clínicas de Londres e Viena a cargo de famosos oftalmologistas, como Bowman, Crickett, Arlt, Jaeger, Fuchs e outros.

Regressou ao Brasil em 1875 e, no Ceará, atendendo na Santa Casa da Misericórdia, prestou grandes serviços à população pobre. Seguiu para o Rio de Janeiro, então a capital do Império, em 1876, onde estabele-

ceu clínica e obteve êxito e reconhecimento, assim como no Ceará, pois agia, também, com caridade para com os necessitados. Em 1882, fundou na cidade do Rio de Janeiro uma Policlínica, e foi seu diretor durante 43 anos, reeleito sucessivamente.

Médico oftalmologista, químico, farmacêutico e pesquisador, foi o criador do centenário colírio que leva seu nome, e que continua a ser produzido por um grande laboratório.

Eleito Membro Titular da então Academia Imperial de Medicina, apresentando memória sob o título: "Tratamento da conjuntivite granulosa aguda pelo abrus precatorius", foi empossado em 7 de novembro de 1882 e a presidiu pela última vez com este nome em 1889; foi o primeiro a presidi-la com o atual nome Academia Nacional de Medicina, até 1891. Em sessão de 3 de outubro de 1963, foi escolhido Patrono da Cadeira 66; sua dedicação à instituição ficou eternizada na forma de busto em bronze.

Moura Brasil publicou interessantes trabalhos, não só sobre assuntos de sua especialidade, como também outros relativos a problemas agrícolas e sociais. Ocupou importantes cargos de governo na área da agricultura e no Ministério do Interior, Higiene e Saúde. Foi Presidente do Liceu de Artes e Ofícios, da Sociedade Nacional de Agricultura e do Centro da Lavoura do Café do Brasil.

Agraciado com os títulos de Comendador da Ordem de Cristo e da Ordem Portuguesa de Nossa Senhora da Conceição de Vila Viçosa, recusou o de Barão, que lhe foi oferecido pelo Conselheiro João Alfredo.

O Dicionário Biobibliográfico Cearense, do Barão de Studart, o denomina "Príncipe da cirurgia oculista no País". O salão nobre da Câmara Municipal de Fortaleza, ostenta seu retrato como cearense benemérito. No centenário de seu nascimento, foi inaugurado um busto em sua homenagem pelo "Centro Médico Cearense", em Fortaleza, no largo do Passeio Público. É Patrono da cadeira 18 da Academia Cearense de Letras e da 34 da Academia Cearense de Ciências.

Faleceu em 31 de dezembro de 1928, na cidade do Rio de Janeiro. Seus descendentes, formadores de verdadeira dinastia, continuam sua obra.

Referências

https://pt.wikipedia.org/wiki/Jos%C3%A9_Cardoso_de_Moura_Brasil

<https://www.recantodasletras.com.br/biografias/4822772>

<https://www.anm.org.br/jose-cardoso-de-moura-brasil/>

<http://odiarioimperial.blogspot.com/2017/12/policlinica-geral-do-rj.html>

Fernando Augusto Ribeiro de Magalhães

Patrono da Cadeira 67

Membro Emérito

Secção de Cirurgia

Membro Titular da Cadeira 70 – Secção de Cirurgia

Eleito: 29/08/1901 - Posse: 12/09/1901 – Emérito: 18/11/1943



O Dr. Fernando Augusto Ribeiro de Magalhães nasceu na cidade do Rio de Janeiro, a 18 de fevereiro de 1878, filho de Antônio Joaquim Ribeiro de Magalhães e D. Deolinda dos Santos Ribeiro de Magalhães.

Fez seus estudos preparatórios no Colégio Pedro II e doutorou-se em Medicina pela Faculdade Nacional de Medicina, em 1899, defendendo a tese intitulada "Indicações nos vícios de conformação da bacia".

Foi Professor catedrático de Clínica Obstétrica, em 1922, Diretor da Faculdade Nacional de Medicina, em 1930, Reitor da Universidade do Rio de Janeiro (1931 a 1934), estabelecimento a partir do qual constituiu-se a Universidade do Brasil.

Participou ativamente do movimento realizado na década de 1920, pela Associação Brasileira de Educação (ABE), em prol da criação da universidade. Depois da Revolução de 1930, teve atuação destacada nas IV e V Conferências Nacionais de Educação, realizadas respectivamente em 1931 e 1932. Em maio de 1933, foi eleito deputado pelo Estado do Rio de Janeiro à Assembleia Nacional Constituinte.

Foi eleito Membro Titular da Academia Nacional de Medicina, em 1901, apresentando a memória intitulada "Expulsão espontânea de um tumor submucoso do útero" e exerceu os cargos de Presidente das Secções de Ginecologia e Cirurgia Especializada. Foi transferido para a classe de Eméritos em 1943. É o Patrono da Cadeira 67.

Exerceu a presidência da Sociedade de Obstetrícia e Ginecologia do Brasil e da Academia Brasileira de Letras, em 1929, 1931 e 1932, era membro do Conselho Nacional de Ensino, da Sociedade de Medicina e Cirurgia, do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, da Liga de Defesa Nacional, da Academia das Ciências de Lisboa, da Société Obstétrique de Paris e de inúmeras outras associações médicas, nacionais e estrangeiras. Doutor honoris causa das universidades de Coimbra e de Lisboa.

Deixou uma vasta obra médica, da qual se destacam os seis volumes de "Clínica obstétrica", "As lições de clínica obstétrica", "A obstetrícia no Brasil", "Síntese obstétrica" "Obstetrícia forense" e mais de 200 trabalhos esparsos sobre assuntos médicos. Foi um ilustre orador.

Uma das conferências mais interessantes do Dr. Fernando de Magalhães foi proferida no Centro Acadêmico Oswaldo Cruz em 1918, tendo como tema "Vocação Médica", referindo que "o que determina o pauperismo profissional é a falta de unção vocativa que obriga o sacrifício, impõe o trabalho e exige a coragem. A indolência e a tibieza preferem abordar-se no tûmulo das grandes coletividades, abrigo dos perturbadores do bom costume e do pensamento puro. Se me ouvirdes, eu apontarei esse caminho como os da dissolução, onde o sacerdócio talvez seja lapidado por anacrônico, decrépito, ridículo ou visionário. No mister da nossa profissão sereis os semeadores da boa palavra e da boa doutrina, dareis vigor ao combalido, força ao inerme, saúde ao doente, alento ao fraco, ensino ao inculto, crença ao insensível, opinião ao inútil, liberdade ao indivíduo, consciência ao cidadão".

Foi Diretor da Maternidade do Rio de Janeiro e o fundador da Pró-Matre, entidade beneficente que ele também dirigiu por muitos anos, com altruísmo, enlevo e dedicação.

Seu filho, Nuno de Andrade Magalhães, seguiu os seus passos, estudando Medicina e se especializando em Obstetrícia, tendo sido Diretor Clínico da Pró-Matre.

O Dr. Fernando de Magalhães possuía várias condecorações, como a Grã-Cruz da Ordem de São Tiago de Portugal, Grande Oficial da Ordem da Instrução de Portugal e da Coroa da Itália, Oficial da Legião de Honra da França e Oficial da Ordem Al Merito do Chile.

Seu nome foi concedido inicialmente à Maternidade Suburbana (concebida pelo Dr. Herculano Pinheiro) localizada no bairro de Cascadura. No ano de 1958, passou a denominar a Maternidade instalada no bairro de São Cristóvão, criada no ano de 1955.

Faleceu na cidade do Rio de Janeiro, no dia 10 de janeiro de 1944, pouco antes de completar 66 anos de idade.

Referências

<https://www.academia.org.br/academicos/fernando-magalhaes/biografia>

<https://www.anm.org.br/fernando-augusto-ribeiro-de-magalhaes/>

https://pt.wikipedia.org/wiki/Fernando_Magalh%C3%A3es

<https://ihgb.org.br/perfil/userprofile/FARMagalhaes.html>

<https://intelectuais.com.br/catolicos/fernando-magalhaes-fernando-augusto-ribeiro-magalhaes/>

<https://biografias.netsaber.com.br/biografia-4854/biografia-de-fernando-magalhaes>

Arnaldo Tertuliano de Oliveira Quintella

Patrono da Cadeira 68

Membro Titular

Secção de Cirurgia

Membro Titular da Cadeira 33 – Secção de Cirurgia

Eleito: 17/11/1910 - Posse: 17/11/1910



Nascido a 27 de abril de 1880, em Recife, Estado de Pernambuco, filho de Teopompo Magno de Oliveira Quintela e D. Ana Josefina Quintela.

Doutorou-se pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, em 1902, com tese intitulada "Da Contribuição ao Estudo da Ectokelostomia", aprovada com distinção.

Foi Interno do Hospital de São João Baptista de Niterói e Auxiliar da 1ª Cadeira de Clínica Cirúrgica. Em 1900, auxiliou o Professor Chapot-Prévost na célebre operação das pacientes xifópagas.

Foi indicado a Professor Extraordinário de Farmacologia, recusando a cadeira para, posteriormente, assumir a Livre Docência de Clínica Obstétrica da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e, como tal, foi o primeiro a fazer curso desta disciplina nos moldes da reforma Rivadavia.

Foi Médico Adjunto da 18ª Enfermaria e Cirurgião na Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro e na Policlínica de Botafogo, Inspetor Sanitário nomeado por Oswaldo Cruz, Médico Auxiliar do Professor Ro-

drigues Lima na Maternidade do Rio de Janeiro e Cirurgião do Serviço de Cirurgia do Hospital da Gamboa, exercendo interinamente sua Chefia por vários anos.

Na ocasião de sua eleição como Membro Titular na Academia Nacional de Medicina, em 1910, o Professor Arnaldo Quintella apresentou duas memórias: um caso de "Hepatopstose Total", contribuição ao estudo da hepatopexia, e "Do Prognóstico nos Operados de Imperfuração Ano-Rectal". Na instituição, foi Presidente da Secção de Cirurgia, eleito para o período de julho de 1921 a junho de 1922.

É o Patrono da cadeira 68.

Foi redator da "Revista de Ginecologia e Obstetrícia" e colaborador da "Revista Siniátrica", dos "Arquivos Brasileiros de Medicina", do "Brasil Médico", da "Revista de Medicina", dos "Annales de Gynecologie et d'Obstétrique" de Paris e da "Revista Argentina de Obstetrícia e Ginecologia", dentre outros periódicos e revistas.

De seus 11 anos e meio de vida acadêmica, é possível destacar a saudação ao Acad. Garfield de Almeida, laureado com o Prêmio Alvarenga em 1913, e os trabalhos "Operações Cesareanas" (1915), "É Lícito ao Médico Provocar o Aborto nas Mulheres Violadas na Guerra?" (1916), "Introdução ao estudo da obstetrícia" (1917), "Ruptura de Prenhez Tubaria com Inundação Peritoneal" (1918), "Sobre Dois Casos de Hidro-apendicitose" (1918), "Considerações Acerca do Aborto Criminoso" (1918), "O Problema do Aborto Criminoso" (1920), "Síndrome depressiva súbita no início do sobreparto" (1920) e "Sobre um caso de Estreitamento de Blenorragia e suas Complicações" (1921).

Ginecologista conhecido, o Dr. Arnaldo Quintella dedicou-se principalmente aos pacientes pobres a quem atendia com carinho e Humanidade. Porém, sempre tinha momentos para cuidar da esposa e filhos que deixou por sua prematura morte. No entanto, seu exemplo como ser humano deixou marcas indeléveis e as recordações para sempre.

Em 1921, o médico atendeu a um chamado em São Cristóvão, onde viviam o capitão de corveta Dyonisio Martins, sua esposa D. Rachel Cesar Martins e seus filhos. A paciente queixava-se de dores, foi medicada, e o Dr. Quintella ainda retornou ao endereço mais duas vezes até fechar o diagnóstico em apendicite. Ele informou que era caso de cirurgia, mas nem a família, nem a doente concordaram com o procedimento. Na

quarta crise, no entanto, convenceram-se de que o médico estava com a razão. D. Rachel foi operada, com sucesso, pelo cirurgião, que precisou extrair os ovários e o útero dela.

No dia 9 de março de 1922, D. Rachel subiu as escadas do sobrado onde ficava o consultório, na rua da Assembleia 28. Na recepção, ela disse que era uma cliente antiga e só queria dar notícias sobre sua saúde. O médico a recebeu, e, passados alguns minutos, ouviram-se dois disparos. A primeira pessoa a entrar no consultório foi o enfermeiro assistente José Nunes de Oliveira. Ele correu para acudir o Dr. Quintella, que jazia no chão. Em seguida, entrou o paciente Luiz de Castro. Ele tentou desarmar D. Rachel, que, no entanto, teve tempo de disparar um tiro contra a própria cabeça. Quando o socorro chegou, o médico já estava morto, mas D. Rachel, gravemente ferida, ainda vivia. Ela foi operada às pressas e sobreviveu. As investigações policiais e o depoimento do marido e de testemunhas levaram à conclusão de que o crime se deu por causa de um transtorno mental evidenciado logo após a cirurgia.

A antiga Rua Polixena, no bairro de Botafogo, hoje leva seu nome, Arnaldo Quintela, em sua homenagem.

Referências

https://pt.wikipedia.org/wiki/Arnaldo_Tertuliano_de_Oliveira_Quintella

<https://curtabotafogo.com.br/o-fim-tragico-do-dr-arnaldo-quintella/>

<https://curtabotafogo.wixsite.com/guia/post/2017/10/02/o-fim-tr%C3%A1gico-do-doutor-arnaldo-quintella>

<https://www.anm.org.br/arnaldo-tertuliano-de-oliveira-quintella/>

Alberto Ribeiro de Oliveira Motta

Patrono da Cadeira 69

Membro Emérito

Secção de Cirurgia

Membro Titular da Cadeira 71 – Secção de Cirurgia

Eleito: 23/07/1908 - Posse: 29/10/1908 – Emérito: 27/09/1945

Saudado por: Joaquim Antonio de Oliveira Botelho

Antecessor: Francisco Furquim Werneck de Almeida



O Dr. Alberto Ribeiro de Oliveira Motta nasceu no dia 13 de maio de 1879, na cidade de Mogy Mirim, no Estado de São Paulo, filho de José Ribeiro de Oliveira Motta e de D. Clementina Cintra de Oliveira Motta.

Realizou uma série de estudos como interno da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro na 2ª Cadeira de Clínica Cirúrgica e na Clínica Obstétrica e Ginecológica, entre 1900 e 1902, e nesta instituição doutorou-se em Medicina em 1903, defendendo a tese intitulada "O Queleno em obstetrícia".

Fez cursos de aperfeiçoamento na Itália, Suíça e França. Foi Chefe da Clínica Obstétrica, Regente interno da Cadeira de Clínica Obstétrica e atuou como Livre Docente diversas vezes, lecionando sobre Obstetrícia. Deu aula e regeu tais cadeiras por mais de 20 anos. E foi, também, Adjunto do Serviço de Ginecologia do Instituto de Assistência e Proteção à Infância do Rio de Janeiro, Cirurgião do Hospital Santa Casa de Misericórdia e Chefe do Serviço de Cirurgia Geral do grande estabelecimento Fábrica de Tecidos Corcovado.

Foi eleito Membro Titular da Academia Nacional de Medicina, em 1908, apresentando a memória intitulada "Três casos de embriotomia cefálica", e tornou-se Emérito em 1945.

Além disso, o Dr. Oliveira Motta atuou em diversas instituições renomadas, foi Membro da Comissão examinadora do Concurso para Cirurgião da Assistência Pública em 1925, Membro e Presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de Rio de Janeiro, Membro e Presidente do Colégio Brasileiro de Cirurgiões, Membro e Presidente da Sociedade de Obstetrícia e Ginecologia do Brasil, sucedendo ao Professor Fernando Magalhães, Membro Correspondente da Sociedade de Ginecologia e Obstetrícia do Uruguai, Membro da Associação Brasileira da Imprensa e Fundador e Diretor da Revista de Ginecologia e Obstetrícia entre 1907 e 1956 – que foi a primeira revista sobre o tema no país.

Na sua longa vida de magistério e de clínico, publicou vários trabalhos, dentre eles "O cloreto de etila em obstetrícia" (1902), "A esterilização da mulher" (tese apresentada na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro para o seu doutoramento, em 1902, mas recusada pela comissão examinadora e publicada mais tarde, em 1906), "Subsídio para a puericultura nacional" (1907), "Radiodiagnose em obstetrícia" (1911), "Inversão uterina tratada pelo processo de Küster Piccoli" (1919), "Luta contra o aborto criminoso" (1923), "Apendicite obliterante" (1945) e "Prenhez ectópica" (1948).

O Dr. Oliveira Motta faleceu na cidade do Rio de Janeiro, no dia 22 de março de 1962.

Referências

<https://brapci.inf.br/index.php/res/download/48157>

https://pt.wikipedia.org/wiki/Alberto_Ribeiro_de_Oliveira_Mota

<https://www.anm.org.br/alberto-ribeiro-de-oliveira-motta/>

Antônio Cardoso Fontes

Patrono da Cadeira 70

Membro Titular

Secção de Cirurgia

Membro Titular da Cadeira 88 - Secção de Ciências Aplicadas à Medicina

Eleito: 24/11/1927 – Posse: 10/05/1928

Saudado por: Belmiro de Lima Valverde



O Dr. Antônio Cardoso Fontes nasceu em Petrópolis, no Estado do Rio de Janeiro, no dia 6 de outubro de 1879, filho de Antônio Cardoso Fontes e D. Maria Cardoso Fontes.

Matriculou-se na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, em 1897, terminando o curso médico, em 1902. matriculou-se na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, concluindo o curso em 1902. Ingressou em Manguinhos em seus primórdios como pesquisador assistente. Defendeu, em 1903, a tese de doutorado, sob a orientação do mestre Oswaldo Cruz, intitulada "Vacinação e soroterapia antipestosas".

Durante o seu curso acadêmico foi interno, adjunto e, posteriormente, efetivo da Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro, no serviço dos Professores Paes Leme, Pereira Guimarães e Barão de Pedro Affonso, além de monitor voluntário dos Cursos de Anatomia Descritiva e Médico-Cirúrgica, sendo Preparador das respectivas cadeiras o Dr. Benjamin Batista.

Logo depois de formado, foi designado pelo Dr. Oswaldo Cruz, então Diretor do Instituto Soroterápico Federal, para exercer, interinamente,

o cargo de Diretor do Laboratório Bacteriológico Federal. Em 1904, assumiu cargo de Inspetor Sanitário dos Serviços de Profilaxia da Febre Amarela, no Serviço de Isolamento e Desinfecção, nas campanhas anti-tamariúca e de profilaxia e erradicação da peste bubônica. Em 1905, organizou e dirigiu o Serviço de Desinfecção das Galerias de Águas Pluviais, por meio do aparelho Clayton, contribuindo para a desratização e a profilaxia anti-larvária. No ano seguinte, foi a vez do Serviço Sanitário do Maranhão, onde debelou um surto de peste bubônica e organizou os serviços sanitários na capital São Luís.

O Dr. Cardoso Fontes, em 1911, fez parte da Comissão que foi representar o Brasil na Exposição Internacional de Higiene em Dresden, Alemanha. Além deste, participou de vários eventos internacionais em Roma (onde obteve o diploma de honra por seus trabalhos originais sobre a biologia do vírus tuberculoso), Budapeste, Viena, Oslo, Paris, Hamburgo, Berlim, Córdoba e Montevideu, apresentando diversos trabalhos sobre a tuberculose, dentre eles: "Tuberculose bovina", "Filtrabilidade do vírus tuberculoso", "Influência dos extratos de gânglios tuberculosos sobre a morfologia do bacilo de Koch e sobre a evolução da respectiva infecção", "Ação exercida pelos lipoides sobre o vírus da tuberculose e seu aproveitamento na tuberculinoterapia", "Sobre a forma filtrável da tuberculose" e o livro "L'Ultravirus tuberculeux", editado em Paris.

Em 1918, tornou-se Diretor de Serviços de Saúde e Assistência Pública do Município de Petrópolis.

Foi eleito Membro Titular da Academia Nacional de Medicina, em 1927, e empossado, em 1928. Foi admitido com apresentação da memória intitulada "Formas filtráveis saprophyticas e acidoresistentes do bacilo de koch: sua importância na pathogenia e prophylaxia da tuberculose".

Foi fundador e primeiro Presidente da Sociedade Brasileira de Tuberculose, Presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia, Presidente Honorário da Sociedade Médica de Petrópolis, Membro do Conselho Consultivo da Liga Brasileira Contra a Tuberculose, Professor "honoris causa" da Faculdade de Medicina da Bahia, Membro da Academia Petropolitana de Letras, Membro Honorário da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo e da Sociedade de Biologia Argentina, Doutor "honoris causa" pela Universidade de Wilno, na Polônia. A ele também foi conferida, por Sua Santidade o Papa Pio XII, a consagração de Membro da Academia Pontifícia de Ciências.

O Dr. Cardoso Fontes notabilizou-se pelos estudos sobre a tuberculose e a forma granular do bacilo, como expressão do seu “dinamismo morbígeno”. Suas experiências foram confirmadas e vários trabalhos realizados pela Escola de Calmette, no Instituto Pasteur, de Paris.

Após participar de diversos congressos e premiações em sua luta contra a tuberculose, foi nomeado, em 1934, Diretor do Instituto Oswaldo Cruz, em substituição a Carlos Chagas, que acabara de falecer.

Além disso, o Dr. Cardoso Fontes, em 1935, colaborou com o Acadêmico Rolando Monteiro na fundação da Faculdade de Ciências Médicas do Rio de Janeiro, da qual foi Professor de Microbiologia e seu primeiro Diretor.

Seu filho, o Dr. Murillo Cardoso Fontes, seguiu os seus passos, tanto na carreira das letras como também se formando em medicina, atuando na Clínica Gaffrée-Guinle, no Hospital São João Batista, da Lagoa, no Sanatório de Curicica o no Instituto Oswaldo Cruz.

O Dr. Cardoso Fontes faleceu na cidade do Rio de Janeiro, no dia 23 de março de 1943.

Tem seu nome imortalizado em diversos lugares do Brasil, como em Petrópolis, sua cidade natal, na Rua Professor Cardoso Fontes, e no Hospital Federal Cardoso Fontes, localizado na Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro.

Referências

<https://www.ioc.fiocruz.br/pages/personalidades/AntonioCardosoFontes.htm>

https://pt.wikipedia.org/wiki/Ant%C3%B4nio_Cardoso_Fontes

<https://www.scielo.br/j/mioc/a/rxv9rHRL6PZmkJmy3YbwFJS/?format=html&lang=pt&stop=previous>

http://www.ial.sp.gov.br/resources/insituto-adolfo-lutz/publicacoes/rial/40/rial-31_1943/a54.pdf

<https://www.anm.org.br/antonio-cardoso-fontes/>

José Antônio de Abreu Fialho

Patrono da Cadeira 71

Membro Titular

Secção de Cirurgia

Membro Titular da Cadeira 27 – Secção de Cirurgia

Eleito: 17/05/1899 - Posse: 17/05/1899



O Dr. José Antônio de Abreu Fialho nasceu no dia 20 de janeiro de 1874, em Aracajú, capital de Sergipe, filho de Tito de Abreu Fialho e de D. Maria José de Abreu Fialho.

Estudou no Colégio Pedro II e matriculou-se na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 1891, onde, até 1896, foi auxiliar do Instituto Vacínico Municipal do Rio de Janeiro e interno do Hospital Geral da Santa Casa, ambos os cargos conquistados por concurso. Doutorou-se em Medicina em 1896, defendendo tese intitulada "A oculística perante a patologia - perturbações oculares nas moléstias cerebrais". Sua tese se tornou um documento muito marcante para a história da oftalmologia brasileira e ela lhe rendeu o convite a ser Diretor da mesma instituição. Nela, publicou diversos trabalhos, como, por exemplo, a tese "Anatomia e fisiologia da nutrição ocular", "Anomalias congênicas do aparelho visual", "Relações entre moléstias dos ouvidos e as dos olhos", "Hérnia do corpo vítreo na câmara anterior", "Afecções oculares por endo-infecção", entre outros.

Dois anos após a formatura, foi nomeado, mediante concurso, professor substituto da Clínica de Moléstias dos olhos da Faculdade de Medicina,

ocasião em que defendeu tese sobre “Estudo físico-clínico da nutrição ocular”.

Na mesma ocasião, foi nomeado médico oftalmologista dos hospitais da Sociedade Portuguesa de Beneficência, da Santa Casa de Misericórdia, da Penitenciária Estadual e do Hospital São Francisco de Paula.

Foi eleito Membro Titular da Academia Nacional de Medicina em 1899, apresentando a memória intitulada “Anomalias congênitas do aparelho visual”, onde exerceu alguns cargos, como o de Presidente da Secção de Cirurgia Especializada. Transferiu-se para a classe de Honorários em 30 de novembro de 1933.

Em 1901 e 1902 permaneceu na Europa, onde frequentou o mais conceituado centro de oftalmologia do velho continente, a Clínica Fuchs, localizada na capital vienense. Ao regressar ao Brasil, foi considerado o mais destacado oftalmologista do país.

Em 22 de novembro de 1906, assumiu a cátedra de Oftalmologia. O Acad. Sylvio de Abreu Fialho, seu filho, em seu livro “Páginas Viradas”, relatou que no concurso a que se submeteu para a conquista da cátedra, surpreendeu os concorrentes favoritos, isto é, “...aqueles cujos nomes granjeavam maior evidência entre as elites. O único trunfo que Abreu Fialho possuía era a enorme confiança no saber acumulado nas vigílias do estudo em que se haviam consumido as melhores horas da sua mocidade”.

Em 1907, retornou à Europa em nova viagem de estudos, frequentando os hospitais de Berlim, Paris, Viena e outros centros científicos.

O Dr. José Antônio de Abreu Fialho fundou e presidiu a Sociedade Brasileira de Oftalmologia, foi Vice-Presidente da Sociedade Brasileira de Cultura Alemã, Membro Honorário da Sociedade de Oftalmologia de Viena, da Associação Médica Argentina e do Instituto Brasileiro de Estomatologia, Membro Titular de várias instituições científicas, tais como o Instituto Histórico do Ceará, o Instituto Histórico de Sergipe, o American College of Surgeons, a Sociedade Brasileira de Psiquiatria e Medicina Legal, onde foi, também Vice-Presidente, e várias outras.

Foi fundador da “Revista de Clínicas” e dos “Anais de Oculística do Rio de Janeiro” e colaborou também com diversos periódicos do Brasil e do

exterior, notadamente nos anais da Academia Nacional de Medicina e da Academia Brasileira de Medicina Militar, onde é o Patrono da Cadeira 30, no "Brasil Médico" e em outras revistas de medicina. É, também, o Patrono da Cadeira 21 da Academia Sergipana de Medicina.

Foi escritor notável, sobretudo de fábulas, pelo que mereceu elogios de Anastácio Bonasucesso e de outros mestres daquele gênero literário. Além das letras vernáculas, incursionou com sucesso na literatura hispânica, sendo, inclusive, vice-presidente da Casa de Cervantes.

Dominando várias línguas, lia autores estrangeiros no original, especialmente alemães, de forma que publicou vários trabalhos no idioma germânico e foi Presidente da Sociedade Brasileira de Cultura Alemã.

O Dr. José Antônio de Abreu Fialho faleceu na cidade do Rio de Janeiro, no dia 17 de março de 1940.

Referências

https://pt.wikipedia.org/wiki/Jos%C3%A9_Ant%C3%B4nio_de_Abreu_Fialho

<https://sbhm.webnode.com.br/news/jose-antonio-de-abreu-fialho/>

<https://www.anm.org.br/jose-antonio-de-abreu-fialho/>

<http://medicosilustresdabahia.blogspot.com/2012/02/181-sergipe-jose-antonio-de-abreu.html>

Belmiro de Lima Valverde

Patrono da Cadeira 72

Membro Emérito

Secção de Cirurgia

Eleito: 16/09/1915 - Posse: 28/10/1915 – Emérito: 27/10/1944

Saudado por: Olympio Arthur Ribeiro da Fonseca

Antecessor: José Chardinal D'Arpenans



O Dr. Belmiro de Lima Valverde nasceu no dia 22 de abril de 1884, em Alagoinhas, no Estado da Bahia, filho de Antônio Henrique de Lima Valverde e de Maria Lima Valverde. Em sua família destacou-se Dom Miguel de Lima Valverde, arcebispo de Olinda e Recife, de 1922 a 1951.

Doutorou-se em Medicina pela Faculdade de Medicina da Bahia em 1906, defendendo a tese "Influência da sífilis na sociedade". Após sua formatura, realizou diversas viagens de estudo em que visitou hospitais e clínicas e conquistou muitos pacientes: clinicou no alto Amazonas e, posteriormente, no interior de São Paulo, transferindo-se depois para o Rio de Janeiro, então Distrito Federal, onde aperfeiçoou seus conhecimentos em clínica urológica.

Adiante, decidiu ampliar seus estudos médicos na França, onde fez um longo estágio com os professores Geordes Luys e Janet, de maneira que se tornou assistente da Clínica Necker, em cuja chefia se encontrava o notável Professor Legeu. Após sua experiência na França, retorna e reside no Rio de Janeiro.

Foi membro Correspondente da Academia Nacional de Medicina, em 1914, foi eleito Membro Titular, em 1915, apresentando memória intitulada "Indicação de curetagem uterina", e foi transferido para a classe de Eméritos, em 1944.

Em 1927, fundou e chefiou o Serviço de Urologia na Policlínica do Rio de Janeiro. Dentro deste setor, ele criou também uma escola de urologia, despertando a atenção para os métodos diagnósticos e terapêuticos das perturbações dos órgãos urogenitais e frisando a necessidade de se encararem os problemas patológicos das vias urinárias, não só sob o ponto de vista cirúrgico, como clínico.

O Dr. Valverde foi Secretário Geral das Jornadas Médicas do Rio de Janeiro e Membro da Academia Paulista de Medicina e da Société Belge d'Urologie.

Na Conferência Americana de Lepra, em 1922, onde era um dos Presidentes Honorários, defrontou-se contra Adolpho Lutz, que defendia que, tal como a malária e a febre amarela, a lepra era transmitida por mosquitos. Valverde admitia a intervenção de insetos em certas doenças, mas tinha argumentos fortes contra a teoria de Adolpho Lutz: o Amazonas era o Estado mais infetados por mosquitos no país, mas era onde haveria baixa ocorrência de lepra.

É autor de vários trabalhos, destacando-se: "Oclusão intestinal, intervenção cirúrgica e cura" (1912), "Contribuição ao estudo dos aneurismas da aorta abdominal" (1913), "Profilaxia e tratamento da lepra" (1913), "A quilúria na sífilis vesical" (1929), "Sobre a vesiculografia e a lavagem das vesículas pelos canais ejaculadores" (1933) e "Sífilis hereditária tardia do rim" (1934).

Seu nome começou a aparecer no noticiário político nacional em 1924, quando combateu o governo de Artur Bernardes, tendo por isso de exilar-se na Europa, retornando ao Brasil, em 1928. Em 1932, apoiou a Revolução Constitucionalista.

No início de 1933, o Dr. Valverde aderiu à Ação Integralista Brasileira (AIB), organização fundada em outubro do ano anterior por Plínio Salgado. No mês de maio participou de um desfile de cerca de quatro mil integralistas no Rio de Janeiro e, em setembro, de uma outra passeata que levou perto de mil manifestantes às ruas de Niterói. Compareceu

também ao I Congresso da Província do Rio de Janeiro, realizado de 17 a 19 de novembro de 1934, e ao I Congresso da Província da Guanabara, entre 4 e 12 de julho do ano seguinte. Foi chefe do departamento nacional de finanças da AIB entre março de 1934 e junho de 1936, organizou diversas campanhas destinadas a angariar fundos para a organização, tais como as da "Taxa do Sigma", "Pelo bem do Brasil" e "Campanha do Ouro". Esta última foi efetuada em todo o território nacional durante o ano de 1936 e levantou recursos considerados à época substanciais.

O Dr. Valverde tornou-se membro do Conselho Supremo da AIB e, quando da invasão da sede na Bahia, foi detido no Rio e teve seu consultório revistado, sendo nele apreendidas armas e munições. Após ser interrogado, foi posto em liberdade.

Em 1937, estando a AIB dividida, o Dr. Valverde ligou-se ao grupo de sindicalistas. Em novembro, participou da maior manifestação pública até então realizada pelos integralistas no país, figurando entre os dez mil "camisas-verdes" que, em passo militar, desfilaram pelas principais ruas do Rio de Janeiro.

Após a decretação do Estado Novo, em 10 de novembro de 1937, e a extinção dos partidos políticos, inclusive da AIB, os integralistas passaram a conspirar visando à derrubada de Getúlio Vargas. Iniciada a conspiração, o comando dos integralistas no Rio de Janeiro caberia a Belmiro Valverde, tendo este primeiro movimento sido esmagado mesmo antes de iniciar-se.

Quanto a Plínio Salgado, coordenaria, através de emissários, os demais estados, articulando ainda outras forças políticas não integralistas, mas contrárias à ditadura. A Zona da Mata, em Minas Gerais, ficaria sob responsabilidade militar de Olbiano de Melo, e a Plínio Salgado caberia, como chefe supremo do movimento, determinar a data do levante em todo o país. Essa data foi fixada em 11 de março de 1938.

Nesse dia, um grupo de milicianos chefiados por Jair Tavares e pelo tenente Francisco de Assis Holanda Loiola aproximou-se da Rádio Mayrink Veiga, no Rio de Janeiro, com o objetivo de tomá-la de assalto e daí transmitir a ordem do levante geral para todo o interior do país. Como a polícia política já estivesse a par da conspiração, o movimento foi esmagado antes mesmo de iniciar-se. Inúmeras prisões foram então efetuadas e apreenderam-se armamentos e munições, além de mapas

que indicavam a distribuição de órgãos técnicos do governo. Devido ao malogro do levante, Plínio Salgado refugiou-se em São Paulo.

A conspiração, entretanto, continuou. No Rio de Janeiro, o planejamento e a coordenação material do movimento — incluindo a obtenção de armas, a fabricação de explosivos e a arrecadação de fundos — ficaram sob responsabilidade de Belmiro Valverde, que designou Severo Fournier, um jovem oficial do Exército que participara do lado paulista da Revolução de 1932, para a execução dessas tarefas. O plano estava articulado com o general reformado João Cândido Pereira de Castro Júnior e com o grupo civil constituído por Armando de Sales Oliveira, Júlio de Mesquita Filho, José Antônio Flores da Cunha e Otávio Mangabeira, tendo como elemento de ligação José Paranhos do Rio Branco.

Os objetivos do novo plano eram a tomada do palácio Guanabara, a prisão dos ministros da Guerra e da Marinha, a ocupação da sede da Polícia Civil e órgãos de direção e o controle de todos os meios de comunicação, incluindo as ligações telefônicas e telegráficas. No dia 5 de maio, em duas casas alugadas pelos conspiradores, realizou-se uma reunião destinada a marcar a data do início do movimento, tendo seus participantes insistido em que o ataque ao palácio fosse efetuado pelos “camisas-verdes”, como o exigira Plínio Salgado numa reunião celebrada em sua residência no dia 21 de janeiro daquele ano.

O levante em que o Dr. Valverde participaria junto com o tenente Fournier acabou sendo debelado em poucas horas, apesar da debilidade da resistência legalista. Além do palácio Guanabara, foram atacadas algumas residências de autoridades e o Ministério da Marinha. Apenas uma prisão foi efetuada pelos integralistas, a do coronel Canrobert Pereira da Costa. Embora o Dr. Valverde não tivesse participado de nenhuma ação armada, com o fracasso do movimento decidiu refugiar-se no interior do país.

O Dr. Belmiro Valverde foi condenado a 16 anos e meio de prisão pelo Tribunal de Segurança Nacional, dos quais cumpriu apenas sete, parte na ilha de Fernando de Noronha e parte na Ilha Grande. Foi posto em liberdade em 19 de abril de 1945, quando da decretação da anistia política no país, fato que antecedeu a queda de Vargas, no dia 29 de outubro do mesmo ano. Depois de libertado, Valverde não mais retornou às atividades políticas, dedicando-se exclusivamente ao seu consultório. Faleceu na cidade do Rio de Janeiro, no dia 21 de maio de 1963.

Referências

<https://www.anm.org.br/belmiro-de-lima-valverde/>

https://pt.wikipedia.org/wiki/Belmiro_de_Lima_Valverde

https://www.bvsalutz.coc.fiocruz.br/html/pt/20080502/static/trajetoria/novos_estudos/comissao_belmiro.htm

http://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1434060817_ARQUIVO_ANPUH.pdf

<https://books.scielo.org/id/74ph9/pdf/benchimol-9788575412367-03.pdf>

Hilário Soares de Gouvêa

Patrono da Cadeira 73

Membro Titular

Secção de Cirurgia

Eleito: 19/11/1899 - Posse: 19/11/1899



O Dr. Hilário Soares de Gouvêa nasceu na cidade de Caeté, em Minas Gerais, no dia 23 de setembro de 1843. Era filho de Lucas Soares de Gouvêa e Inácia Carolina Soares de Gouvêa. Casou-se com Rita de Cássia Nabuco de Araújo, irmã do diplomata e político Joaquim Nabuco.

Doutorou-se pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, em 1866, com a tese intitulada "Do glaucoma: dos sucos digestivos, estudo químico-pharmacológico sobre a strychnina, veratrina e brucina, operações reclamadas pelos tumores hemorroidaes".

Após formar-se em medicina, morou um ano em Paris e quatro em Heidelberg, na Alemanha, em cuja Universidade revalidou seu diploma. Realizou estudos especiais sobre as moléstias dos olhos, foi estagiário, chefe de clínica e conviveu com Friedrich Wilhelm Ernst Albrecht von Graefe (1828-1870), oftalmologista alemão considerado o fundador da oftalmologia científica.

Ao retornar ao Brasil, em 1870, passou a se dedicar à clínica na área de oftalmologia e de otorrinolaringologia. Realizou consultas e operações

em seu consultório particular, denominado Consultório Oculístico do Dr. Hilário de Gouvêa, onde também funcionava o curso público de moléstias de olhos no seu Instituto Oftalmológico. Observou diversos distúrbios e enfermidades relacionadas à visão e registrou, em 1869, seu primeiro caso de xerosis conjuntivae bulbi de desfecho fatal, enfermidade esta anteriormente denominada por Manoel da Gama Lobo de oftalmia brasileira, ao relacioná-la com o clima.

Foi designado, em 5 de julho de 1881, para reger, a título provisório, a recém-criada Cadeira de Clínica Oftalmológica na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Em fevereiro de 1883, prestou concurso para a mesma disciplina e foi nomeado Lente proprietário, ocupando-o até 1895.

Integrou a primeira Comissão Redatora da Revista dos Cursos Práticos e Teóricos, revista bimestral da faculdade. No ano de 1888, fundou a Revista Brasileira de Oftalmologia.

Em 1893, Hilário de Gouvêa organizou, seguindo o modelo de assistência a feridos de guerra da Cruz Vermelha, uma comissão que prestou socorros médicos durante a Revolta da Armada (1893-1894) e a Revolução Federalista do Rio Grande do Sul (1893-1895). Devido a sua participação nestes eventos e a sua posição contrária à do Presidente da República Floriano Peixoto, foi acusado de prestar auxílio aos rebeldes, sendo encarcerado na Casa de Correção e depois removido para um prédio improvisado como prisão de presos políticos, na rua do Catete, no Rio de Janeiro. Conseguiu fugir da prisão, solicitou asilo ao Encarregado de Negócios da França, tendo seu pedido deferido, e, assim, rumou para a Europa com a família.

Chegou à Paris em 1º de dezembro de 1893, onde prestou exame em algumas matérias do curso médico, como condição para poder clinicar, defendendo, em 1895, uma tese intitulada "La distomose pulmonaire par la douve du foie". Lá fez um curso no Instituto Pasteur e um outro de otorrinolaringologia, que se tornaria sua especialidade.

Ao retornar ao Brasil, em 1899, solicitou sua recondução ao cargo de Catedrático de Clínica Oftalmológica, na então Faculdade de Medicina e Farmácia do Rio de Janeiro.

Alguns amigos, aproveitando seu retorno da Europa, promoveram um banquete em sua homenagem. Nesta ocasião, Cypriano de Souza Freitas, Lente de Anatomia Patológica na Faculdade de Medicina do Rio de

Janeiro, ressaltou o quadro grave de tuberculose na cidade e a necessidade de um órgão específico para cuidar do seu combate. Atendendo ao apelo do colega, Hilário de Gouvêa organizou uma reunião na Academia Nacional de Medicina, na qual a proposta foi apresentada e aprovada, e foi constituída uma comissão, composta de 25 membros, designada para estruturar o órgão proposto.

Nesta reunião, que contou também com a presença de Ismael da Rocha, Carlos Pinto Seidl, entre outros, foi lavrada uma ata sobre a fundação da Liga Brasileira contra a Tuberculose (atual Fundação Ataulpho de Paiva), e, em 4 de agosto, foi lavrada sua ata de instalação. Nela, Hilário de Gouvêa foi designado seu Secretário Perpétuo.

Foi eleito Membro Titular da Academia Nacional de Medicina, em 1899, e é Patrono da Cadeira 73. Nela apresentou um plano de estudos, que poderia fundamentar a elaboração da Lei Orgânica do Ensino Superior. Esta Lei, aprovada pelo Presidente Hermes da Fonseca, ficou conhecida como Lei Rivadávia Corrêa.

Foi médico da Santa Casa da Misericórdia e do Hospital da Sociedade Portuguesa de Beneficência, participou da Cruz Vermelha Brasileira e foi Lente Catedrático de Otorrinolaringologia e Diretor da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, entre 1910 e 1911.

Integrou instituições científicas estrangeiras, como a Société d'Ophtalmologie de Paris, foi fundador da Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro, onde ocupou, dentre outros cargos, o de Vice-Presidente (1894) e Presidente (1888, 1889 e 1893). Em 1922, foi um dos fundadores e primeiro Presidente da Sociedade Brasileira de Oftalmologia. Recebeu os títulos de Comendador da Ordem da Rosa e de Cavaleiro de Cristo de Portugal.

Faleceu no Rio de Janeiro, em 25 de outubro de 1923.

Em sua homenagem, uma rua no bairro de Copacabana, na cidade do Rio de Janeiro, foi batizada com o seu nome.

Referências

<https://dichistoriasaude.coc.fiocruz.br/iah/pt/verbetes/gouhilso.htm>

https://pt.wikipedia.org/wiki/Hil%C3%A1rio_de_Gouveia

<https://www.anm.org.br/hilario-soares-de-gouvea/>

Arnaldo de Moraes

Patrono da Cadeira 74

Membro Titular

Secção de Cirurgia

Membro Titular da Cadeira 79 – Secção de Cirurgia

Eleito: 15/09/1938 - Posse: 27/10/1938

Saudado por: Álvaro Cumplido de Sant'Anna

Antecessor: José Alves Maurity Santos



Arnaldo de Moraes nasceu em 28 de agosto de 1893, na cidade do Rio de Janeiro, filho do farmacêutico Arnaldo Augusto de Moraes e da professora D. Adelaide Cruz de Moraes.

Bacharel em Ciências e Letras pelo Externato Pedro II, em 1910, formou-se em Medicina pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, em 1915, defendendo a tese intitulada "Apresentações transversas". Foi interno efetivo de Clínica Obstétrica na mesma faculdade.

Atuou como adjunto do Hospital da Misericórdia, desde 1916, com exercício na 24ª Enfermaria (Maternidade da Faculdade), na 23ª Enfermaria (Cirurgia de Senhoras) e na 27ª Enfermaria (Maternidade), médico do Hospital Pró-Matre, assistente da Maternidade do Rio de Janeiro, assistente extranumerário de Clínica Cirúrgica da Faculdade de Medicina, no serviço do professor Brandão Filho, Inspetor sanitário, por concurso, do Departamento Nacional de Saúde Pública, com exercício na Higiene Pré-natal, em 1920.

Foi Livre Docente de Clínica Obstétrica, por concurso, da Faculdade de Medicina da Universidade do Rio de Janeiro, em 1924, e Professor Catedrático de Clínica Ginecológica da Faculdade Fluminense de Medicina, eleito pela Congregação e, por concurso, da Faculdade de Medicina da Universidade do Rio de Janeiro, em 1935.

Integrou várias instituições científicas nacionais e estrangeiras: Membro da Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro, Membro Fundador do Colégio Brasileiro de Cirurgiões, Membro da "American Public Health Association", do "American College of Surgeons", e da "Asociación Médica Argentina", Membro Correspondente da Sociedade Argentina de Ginecologia e Obstetrícia, Membro de Honra da Sociedade de Ginecologia de Bucareste e Membro efetivo da "Deutsche Gesellschaft für Gynakologie".

Comissionado pelo Departamento Nacional de Saúde Pública e sob o patrocínio da Fundação Rockefeller, em 1927 e 1928, foi estudar nos Estados Unidos a organização de Higiene Pré-natal e de Assistência Maternal. Durante a sua estada naquele país, frequentou cursos da Universidade de Johns Hopkins, na Escola de Higiene e Saúde Pública, bem como, frequentou o serviço de Higiene Pré-natal e as Clínicas de Obstetrícia e Ginecologia. Fez cursos "post graduate" em Obstetrícia e Gonorreia na mulher, na Universidade de Harvard, e cursou as aulas de Higiene Pré-natal do curso de Higiene Infantil da Escola de Saúde Pública da mesma universidade.

Ainda em comissão do Departamento Nacional de Saúde Pública, estudou as organizações de Higiene Pré-natal da Alemanha, da Áustria e da França e fez cursos de aperfeiçoamento no Hospital da Charité, em Berlim.

Regeu cursos privados de Clínica Obstétrica na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, em 1924, e os cursos de patologia do recém-nascido, no "Curso de Pediatria e Higiene Infantil" da Universidade do Rio de Janeiro, em 1931 e 1932.

Foi eleito Membro Titular da Academia Nacional de Medicina, em 1938, apresentando a memória intitulada "Orientação terapêutica no carcinoma da vulva".

Fundou e dirigiu os "Anais Brasileiros de Ginecologia", em 1936, e o Instituto de Ginecologia da Universidade do Brasil, sendo pioneiro no país

na introdução e difusão de técnicas médicas para o controle do câncer de colo de útero, tornando-se referência nas ações sobre a doença na época. Fundou, ainda, em 1938, a Casa de Saúde e Maternidade Arnaldo de Moraes, em Copacabana, atualmente o Hospital São Lucas, e foi o primeiro Presidente do Lions Clube do Rio de Janeiro, em 1952.

Destacam-se na sua imensa obra científica os seguintes trabalhos: "Tratamento do aborto incompleto" (1917), "Fisiologia patológica da infecção puerperal e deduções para a terapêutica" (1924), "Propedêutica obstétrica" (1924), "Sã maternidade – conselhos e sugestões para futuras mães", com a qual recebeu o Prêmio Madame Durocher da Academia Nacional de Medicina (1929), "Aspectos atuais da patologia do recém-nascido" (1933), "Orientação Moderna em Ginecologia" (1935), "Diagnóstico da esterilidade feminina" (1936), "Puberdade e Climatério" (1937) e "A colposcopia no Brasil: seus começos e desenvolvimento no Instituto de Ginecologia da Universidade do Brasil" (1935).

Faleceu na cidade do Rio de Janeiro, sua cidade natal, no dia 6 de abril de 1961.

Referências

https://pt.wikipedia.org/wiki/Arnaldo_de_Moraes

<https://www.anm.org.br/arnaldo-de-moraes/>

<https://materclube.org/ARNALDO%20DE%20MORAES.pdf>

https://pt.wikipedia.org/wiki/Arnaldo_Moraes

Raul David de Sanson

Patrono da Cadeira 75

Membro Emérito

Secção de Cirurgia

Membro Titular da Cadeira 76 – Secção de Cirurgia

Eleito: 26/04/1923 - Posse: 15/10/1925 – Emérito: 14/11/1957

Saudado por: Luiz do Nascimento Gurgel

Antecessor: Antonio Rodrigues Lima

Presidente da Academia Nacional de Medicina - 1947 a 1949



O Dr. Raul David de Sanson nasceu no Rio de Janeiro, no dia 16 de fevereiro de 1887, filho de Henrique Pedro David de Sanson e D. Henriqueta David de Sanson.

Doutorou-se em Medicina pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, em 1909, apresentando tese de doutoramento no ano seguinte cujo tema foi “Operação de Lagrange para prótese ocular”. Ainda estudante, foi auxiliar do Instituto Vacínico Municipal, em 1906 e 1907. Frequentou como interno, na Santa Casa de Misericórdia, as enfermarias de Domingos de Góes e Vasconcelos, Silvio Moniz, Almeida Magalhães e Miguel Pereira. Após a formatura, mudou-se para a Alemanha para frequentar aulas em clínicas de Hamburgo e da Universidade de Heidelberg.

Ao retornar ao Rio de Janeiro, especializou-se em Otorrinolaringologia e Oftalmologia junto ao Acadêmico Hilário de Gouvêa. Obteve, em 1920, após um concurso de provas e títulos, o título de Docente da Faculdade Nacional de Medicina.

Adiante fez outras especializações na Alemanha em Cirurgia Plástica e, ao retornar oficialmente ao Brasil, tornou-se chefe de vários serviços de Otorrinolaringologia no Rio de Janeiro, tais como da Policlínica de Botafogo, do Hospital São João Batista da Lagoa, Hospital de Nossa Senhora da Saúde e da Fundação Gaffrée e Guinle.

Tornou-se Membro Titular da Academia Nacional de Medicina, em 15 de outubro de 1925, apresentando Memória intitulada "Considerações sobre a técnica da intervenção de Killian", e tornou-se Emérito em 1957. Ocupou vários cargos na diretoria e foi Presidente entre 1947 e 1949. Além disso, o Dr. Sanson é Patrono da Cadeira 75 da Seção de Cirurgia da ANM. Nesta gestão, teve o encargo de conseguir a doação de terreno para a construção da atual sede da Academia.

Foi também Professor Catedrático de Otorrinolaringologia das Faculdades de Medicina das atuais UFRJ e UERJ e o pioneiro na cirurgia do câncer de laringe e grande defensor da via externa no tratamento das sinusites fronto-etmoidais.

Foi fundador e Vice-presidente na primeira diretoria da Sociedade de Otorrinolaringologia do Rio de Janeiro, Membro da Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro, da Sociedade de Dermatologia e Sifilografia, da Sociedade Brasileira de Oftalmologia, da Sociedade de Neurologia, Psiquiatria e Medicina Legal, da Sociedade Francesa de Bronco-esofagologia, Membro Titular do Colégio Brasileiro de Cirurgiões e do Colégio Internacional de Cirurgiões, Membro Correspondente da Sociedade Belga de Otorrinolaringologia e Membro Honorário da Sociedade de Medicina de Petrópolis e da Sociedade Otorrinolaringológica do Uruguai.

Escreveu diversos trabalhos científicos e foi colaborador da "Revista Brasileira de Cirurgia". Foi sócio da Academia Brasileira de Imprensa, admitido em 1943.

Em 1950, foi condecorado pelo governo francês com a Medalha da Legião de Honra da França.

O Dr. Sanson faleceu na cidade do Rio de Janeiro, no dia 10 de agosto de 1962.

Referências

<https://www.anm.org.br/raul-david-de-sanson/>

https://pt.wikipedia.org/wiki/Raul_David_de_Sanson

<https://ancestors.familysearch.org/en/MD9S-463/acad%C3%AAmico-prof.-dr.-raul-david-de-sanson-1887-1962>

<http://oldfiles.bjorl.org/conteudo/acervo/acervo.asp?id=316>

Joaquim Pinto Portella

Patrono da Cadeira 76

Membro Emérito

Secção de Cirurgia

Eleito: 14/11/1889 - Posse: 14/11/1889 – Emérito: 16/07/1925

Presidente da Academia Nacional de Medicina - 1903 a 1905



O Dr. Joaquim Pinto Portella nasceu em Pernambuco, no dia 23 de novembro de 1860, filho do Conselheiro Dr. Manoel do Nascimento Machado Portella e de Joana Francelina Pinto Portella.

Doutor em Medicina pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, em 1882, apresentou tese de doutoramento "O tratamento cirúrgico dos fibromas uterinos: aborto simulado; estudo comparativo da talha e de litotricia nos cálculos vesicais; febres perniciosas".

Foi eleito Membro Titular da Academia Imperial de Medicina, no dia 14 de novembro de 1889, apresentando a monografia "A coxalgia nas crianças". Com notável monografia intitulada "Da dispepsia nas crianças, estudo clínico" obteve, em 1899, o primeiro Prêmio Alvarenga, concedido pela Academia Nacional de Medicina, sendo sua memória laureada. O Dr. Joaquim Pinto Portella presidiu a Academia Nacional de Medicina no biênio 1903/05 e, em 16 de julho de 1925, passou a pertencer à Classe dos Membros Eméritos.

O Dr. Pinto Portella foi Cirurgião Adjunto do Hospital de Beneficência Portuguesa e, em 1890, foi nomeado Cirurgião do Hospital Geral da Santa Casa da Misericórdia do Rio de Janeiro.

Foi, ainda, nomeado Cirurgião da enfermaria de crianças do Hospital da Santa Casa da Misericórdia do Rio de Janeiro, e posteriormente, em 1914, Chefe do Serviço Cirúrgico dos meninos e meninas do Hospital São Zacharias.

Teve inúmeros trabalhos publicados nos Anais e nos Boletins da ANM, além de publicações nas Revistas Médicas do Rio de Janeiro. Dentre seus trabalhos, destacam-se: "Sobre o tratamento do noma nas crianças, pelo cloreto de zinco", "Ortopedia na Itália e na França, sob o ponto de vista da moderna ortopedia", "A patogenia e tratamento das luxações congênitas no quadril", "Dos lábios leporinos complicados (goela de lobo) e seus resultados ortopédicos", "Da operação de Kirmisson nos pés tortos" e "Necessidade da fundação de institutos ortopédicos e hospitais marítimos para crianças raquíticas no Rio de Janeiro".

Faleceu na cidade do Rio de Janeiro, em 22 de junho de 1934.

Referências

https://pt.wikipedia.org/wiki/Joaquim_Pinto_Portella

<https://www.anm.org.br/?s=pinto+portela>

Jesuíno Carlos de Albuquerque

Patrono da Cadeira 77

Membro Titular

Secção de Cirurgia

Eleito: 24/09/1931 - Posse: 27/10/1932

Saudado por: Carlos Bastos Netto

Antecessor: Jaime Basílio Silvado



Jesuíno Carlos de Albuquerque nasceu em 17 de setembro de 1889, no município do Rio de Janeiro, filho de Domingos Jesuíno de Albuquerque e D. Maria Filipa de Albuquerque.

Doutorou-se em medicina pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, em 1912, defendendo a tese intitulada "Contribuição ao diagnóstico e tratamento das fraturas do crânio". Foi interno efetivo do Hospital Nacional dos Alienados e auxiliar acadêmico efetivo da Assistência Pública Municipal.

Foi Diretor da Cruz Vermelha Brasileira e, mais tarde, Secretário Geral de Saúde e Assistência da Prefeitura do Distrito Federal, durante a administração Henrique Dodsworth. Exerceu, durante a última grande guerra, o cargo de Coordenador do Abastecimento do Distrito Federal. Foi, também, médico particular do Presidente Getúlio Vargas e de sua família e Ministro do Tribunal de Contas da Prefeitura.

Foi Chefe de Delegação Brasileira de Socorro ao Chile, na ocasião de um terremoto, e apoiou o país com remédios, roupas e auxílios da Cruz Ver-

melha e do governo brasileiro com socorros médicos. Foi, também, enviado ao Paraguai para socorrer o Adido Militar Brasileiro em Assunção.

Serviu, chegando ao posto de General Médico, no Serviço de Saúde do Exército, onde foi Chefe do Serviço de Saúde da 2ª Região Militar (São Paulo e Goiás) e recebeu a Medalha de Bronze por dez anos de bons serviços prestados. Foi, ainda, assistente efetivo da 3ª Cadeira de Clínica da Faculdade de Medicina da Universidade do Rio de Janeiro; Diretor do Hospital Militar de São Paulo, do Hospital Auxiliar da Cruz Vermelha em Barra do Piraí e da Escola de Enfermeiras Marechal Ferreira do Amaral, onde também lecionou Socorros Médicos de Urgência (Comissão de Ensino da Cruz Vermelha Brasileira); Chefe da 24ª Enfermaria do Hospital Estácio de Sá; Presidente da Comissão Técnica de Engenharia e Medicina da Prefeitura Municipal, para inspecionar os hospitais de Tuberculose da Capital Federal; e Médico da Comissão da Defesa da Borracha do então Território do Acre e do Serviço de Proteção aos índios, no Vale do Rio Purus.

Fez cursos de aperfeiçoamento e estágios em várias instituições estrangeiras, a maioria na área de Urologia, tais como: Faculdade de Medicina de Paris; Faculdade de Medicina de Viena; Urologische Station - Sofienspitals, em Viena; Hospital Lariboissier, Hospital Saint Antonie e Hospital Necker, em Paris; Post Graduate Medical School and Hospital, em Nova York; e S. Vinzens Krankenhaus, Serviço do Professor Franz Kaysser, em Berlim.

Foi eleito Membro Titular da Academia Nacional de Medicina, em 1931, apresentando a memória intitulada "Tratamento de algumas formas de hipertrofia prostática", e tomou posse em 1932.

Integrou muitas instituições acadêmicas e científicas no Brasil e no exterior. Foi Membro da Academia Internacional de História da Ciência (Grupo Brasileiro), da Sociedade Kosciuszko de Intercâmbio Intelectual Polono-Brasileiro, da Sociedade Brasileira de Urologia e da Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro; e Membro Correspondente do Instituto de Cultura Chileno Brasileiro da Universidade do Chile.

Recebeu várias condecorações no exterior e no Brasil, como Palma Acadêmica da França, Mérito de 1ª Classe da Polônia, Cruz de Ouro no grau de Comendador do Chile, Medalha de Ouro - "Honer", ofertada pela Cruz Vermelha, e o Título de Agrimensor, conferido pelo Colégio Militar do Rio de Janeiro.

É autor de vários trabalhos publicados, destacando-se: "Profilaxia da lepra" (1913), "Patologia celular, estudo das degenerações" (1922), "Estudo anatomopatológico do coração" (1922), "Tratamento das prostatites crônicas hipertróficas" (1929), "Primórdios da próstata" (Tese do concurso para Academia Nacional de Medicina, classificada em 1º lugar, 1932), "Biologia e cosmologia" (1932), "Revisão endoscópica da próstata" (1933), "Fisiologia prostática" (1933), "Sondagem das vesículas pelos canais ejaculadores" (1934), "Esclerose dos corpos cavernosos" (1936) e "Leitos d'água nos hospitais de Viena" (1936).

Seu filho, o também Acadêmico Paulo Frederico de Albuquerque, seguiu os seus passos, tendo sido Médico e Professor de Urologia.

Faleceu na cidade do Rio de Janeiro, em 9 de junho de 1960.

Referências

<http://expagcrj.rio.rj.gov.br/albuquerque-jesuino-carlos-de/>

https://pt.wikipedia.org/wiki/Jesu%C3%ADno_Carlos_de_Albuquerque

<http://jlnogueira.no.comunidades.net/albuquerque>

<https://www.anm.org.br/jesuino-carlos-de-albuquerque/>

Cândido Barata Ribeiro

Patrono da Cadeira 78

Membro Titular

Secção de Cirurgia

Eleito: 18/11/1897 - Posse: 25/11/1897

Saudado por: Antonio José Pereira da Silva Araújo



O Dr. Cândido Barata Ribeiro nasceu no dia 11 de março de 1843, em Salvador, no Estado da Bahia, filho de José Maria Cândido Ribeiro e de D. Veridiana Barata Ribeiro e neto do médico, político e jornalista Cipriano José Barata de Almeida, um dos heróis da Independência do Brasil.

Mudou-se com seus pais para o Rio de Janeiro, em 1853, e matriculou-se no Mosteiro de São Bento, onde fez os cursos preparatórios. Doutorou-se pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, em 1867, defendendo tese intitulada "Das causas e tratamento da retenção da urina". Em seu curso médico, foi interno de Clínica Médica e Cirúrgica e preparador do Gabinete Anatômico da Faculdade.

Depois de formado, passou a residir na cidade de Campinas, província de São Paulo, sendo nomeado Diretor do Serviço Médico e Cirúrgico do Hospital de Caridade da mesma cidade, onde clinicou e fundou a Escola Correia de Melo, para crianças pobres. Em decreto de 10 de janeiro de 1874, foi nomeado Comissário Vacinador da província de São Paulo.

Transferindo sua residência para a capital do Império, entrou em concurso destinado ao magistério da Faculdade de Medicina, sendo nomeado Lente Catedrático, em decreto de 25 de março de 1883. Foi, ainda, Professor na Cadeira de Clínica de Moléstia de Crianças e Médico da 22ª Enfermaria da Santa Casa da Misericórdia do Rio de Janeiro. Desenvolveu estudos sobre o pé torto congênito, a tuberculose óssea e articular e as deformidades raquíticas com a utilização combinada, ou não, de aparelhos gessados.

Foi eleito Membro Titular da Academia Nacional de Medicina, em 1897, apresentando Memória “Endireitamento forçado dos cifóticos”.

Em sua vida política, o Dr. Barata Ribeiro foi Presidente da Intendência Municipal do Distrito Federal; Ministro do Supremo Tribunal Federal, nomeado por Floriano Peixoto; Presidente do Conselho Municipal do Rio de Janeiro; Senador pelo Distrito Federal, sendo reconhecido a 25 de maio do ano seguinte e exercido o mandato até 1909; e ainda, Administrador da Prefeitura do mesmo Distrito.

Na história republicana brasileira, ao longo de 123 anos (1889 a 2023), o Senado rejeitou apenas cinco indicações presidenciais, negando aprovação a atos de nomeação para o cargo de ministro do STF.

Os vetos a Barata Ribeiro, Innocêncio Galvão de Queiroz, Ewerton Quadros, Antônio Sève Navarro e Demosthenes da Silveira Lobo se deram todos durante o governo Floriano Peixoto (1891 a 1894).

Entre os que amargaram a rejeição, Cândido Barata Ribeiro protagonizou um dos casos mais atípicos: ocupou o cargo por 10 meses (25/11/1893 - 24/09/1894) antes que a Comissão de Justiça e Legislação do Senado o considerasse desprovido de “notável saber jurídico” para exercer a função.

Com a instauração da República, foi o primeiro Prefeito do Distrito Federal, nomeado em 17 de dezembro de 1892 pelo Presidente Floriano Peixoto (1891-1894), embora, desde dezembro de 1891, já atuasse na prática como administrador da cidade, na condição de Presidente do Conselho de Intendentes Municipais. Em 26 de maio de 1893 foi vetado pelo Senado para o Supremo Tribunal Federal (STF) devido a problemas políticos relacionados às suas medidas disciplinadoras dos costumes e hábitos do comércio.

O fato mais marcante de sua gestão como prefeito talvez seja de 1893, quando decidiu fazer uma grande “operação de limpeza” demolindo estalagens anti-higiênicas e cortiços no centro do Rio de Janeiro. O maior deles, com cerca de 4 mil pessoas, chamava-se Cabeça-de-Porco, na atual Zona Portuária do Rio de Janeiro (que pode ter inspirado o romance “O Cortiço” de Aluísio de Azevedo). Como este, havia quase 600 cortiços no centro da cidade, que abrigavam cerca de 25% da população carioca. Os despejados acabaram migrando para os morros próximos, inclusive o Morro da Favella (hoje Morro da Providência), dando origem à primeira favela brasileira (e à própria expressão “favela”).

É autor de vários trabalhos, tais como “Relatório médico sobre o hospital público da cidade de São Paulo durante a epidemia de Varíola” (1874), “Medidas sanitárias que devem ser aconselhadas para impedir o desenvolvimento e a propagação da febre amarela na cidade do Rio de Janeiro” (1877), “Jurisprudência médica” (1888), “Anestesia pela injeção de cocaína no espaço subaracnoideano lombar” (1900), “Ressecção do apêndice ileocecal” (1901) e “Talha hipogástrica”.

Além disso, Barata Ribeiro foi conhecido como grande escritor literário, tendo escrito obras de drama como “O segredo do lar”, “O divórcio”, “A mucama”, “O soldado brasileiro”, “O anjo do lar”, “Mulheres que morrem”, bem como publicações mais acadêmicas, como “O crime de Campinas” e “Exposição de motivos sobre a suspensão do ato do Conselho Municipal acerca do concurso para escolas municipais”.

Ele também ficou conhecido como um forte abolicionista, que subscreveu o Manifesto de 1878 a favor da libertação total dos escravos.

O Dr. Barata Ribeiro faleceu em 10 de fevereiro de 1910, na cidade do Rio de Janeiro, aos 66 anos de idade e foi sepultado no cemitério São João Batista, em Botafogo.

Seu nome foi dado a uma das principais ruas de Copacabana pela Prefeitura do antigo Distrito Federal e ao Hospital Municipal Barata Ribeiro, referência em Ortopedia, Cirurgia Plástica e Odontologia para pacientes especiais do município do Rio de Janeiro, localizado no bairro da Mangueira.

Referências

https://pt.wikipedia.org/wiki/Barata_Ribeiro

<https://portal.stf.jus.br/ostf/ministros/verMinistro.asp?periodo=STF&id=217>

<https://revistagalileu.globo.com/sociedade/historia/noticia/2023/06/barata-ribeiro-o-medico-rejeitado-pelo-senado-para-vaga-no-stf-em-1894.ghtml>

<https://www.anm.org.br/candido-barata-ribeiro/>

<https://www.migalhas.com.br/quentes/219727/rejeitado-pelo-senado-para-ministro-do-stf--barata-ribeiro-exerceu-cargo-por-10-meses>

Olympio Arthur Ribeiro da Fonseca

Patrono da Cadeira 79

Membro Titular

Secção de Cirurgia

Eleito: 31/10/1901 - Posse: 07/11/1901



O Dr. Olympio Arthur Ribeiro da Fonseca nasceu na cidade de Niterói, no Rio de Janeiro, em 15 de setembro de 1868, filho de Antonio José Pereira da Fonseca e D. Maria Carolina Ribeiro da Fonseca. Seu pai foi botânico e naturalista, discípulo de Francisco Freire Alemão, e exerceu grande influência sobre a formação dos filhos.

Doutorou-se em Medicina pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, em 1889, defendendo a tese intitulada "Hemorragia cerebral". Tornou-se ginecologista e parteiro de grande e seleta clientela no Rio de Janeiro e fez-se um dos valores sociais e culturais da capital da República.

Em 1898, foi à Europa aperfeiçoar-se no Hospital Geral de Viena, com os assistentes Alban e Julius Neumann, no Serviço do Professor Schauta. Também visitou os países do Prata, os Estados Unidos da América e o Canadá.

Olympio Arthur Ribeiro da Fonseca foi eleito Membro Titular da Academia Nacional de Medicina, em 1901, apresentando a memória intitulada "Notas históricas das infecções puerperais, especialmente quanto a sua

etiologia e natureza". Em 1903 uma reforma da Academia Nacional de Medicina criava três cadeiras novas para uma então existente Secção de Obstetrícia e Ginecologia. Foram providas as novas cadeiras por Olympio Arthur Ribeiro da Fonseca, Antônio Rodrigues Lima e Fernando Magalhães, sendo Olympio Arthur Presidente da referida Secção. Em 1910 foi eleito Secretário Geral da Academia Nacional de Medicina, e tantas vezes reeleito que foi feito Secretário Perpétuo, honra só partilhada com dois outros Acadêmicos, De Simoni e Pereira Rego Filho. Até 1934 ocupou o cargo e tão bem que a Casa decidiu consagrá-lo em bronze na sua sede. Uma sessão solene em sua honra, a 21 de setembro de 1933, foi verdadeira consagração em que discursaram celebrando-o nada menos do que 29 oradores.

O Acadêmico Olympio Arthur Ribeiro da Fonseca deixou por volta de 300 escritos médicos, paramédicos, históricos, literários e pertenceu a numerosas associações médicas. A maior parte de sua obra versa sobre ginecologia ou obstetrícia e história médica. Foi colaborador da "Revista de Medicina", Medicina Militar (órgão do Corpo de Saúde do Exército), "Revista Brasileira de Medicina e Farmácia", "Ciência Médica" e os jornais "A Clínica" e "Jornal do Brasil", dentre outros.

Dentre seus trabalhos, destacam-se "Regras gerais do exame ginecológico" (1900), "Considerações sobre as hemorragias imediatas do secundamento por inércia uterina" (1903), "Inversão uterina puerperal" (1904), "Oftalmia purulenta dos recém-nascidos" (1909), "Infecções puerperais inevitáveis" (1914) e memórias sobre a "Doença do Imperador", e os "Médicos do Paço", bem como o estudo biográfico de Francisco Júlio Xavier, João Fernandes Tavares (Visconde da Ponte Ferreira), do Conselheiro Joaquim Candido Soares de Meirelles, do Visconde de Sa-boa e do Conselheiro Adolfo Manuel Victório da Costa.

Seus pendores de historiador levaram-no a Membro efetivo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Foi, ainda, Membro Correspondente da Academia de Ciências de Lisboa e da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo e Sócio efetivo do Colégio Americano de Cirurgiões. O Dr. Olympio da Fonseca foi condecorado pelo Governo da Venezuela com a Medalha de Ouro da Instrução Pública.

Dos seus cinco filhos, dois seguiram seus passos na medicina: o Dr. Olympio Oliveira Ribeiro da Fonseca, Presidente da Academia Nacional de Medicina em 1961-1963 e Catedrático de Parasitologia da Faculdade

Nacional de Medicina da Universidade do Brasil, e o Dr. Flávio Olympio da Fonseca, ex-Diretor do Instituto Butantã e Professor de Parasitologia da Escola Paulista de Medicina.

Faleceu na cidade do Rio de Janeiro, no dia 2 de junho de 1938.

Referências

<https://basearch.coc.fiocruz.br/index.php/olympio-da-fonseca>

https://pt.wikipedia.org/wiki/Olympio_Arthur_Ribeiro_da_Fonseca

<https://www.anm.org.br/olympio-arthur-ribeiro-da-fonseca/>

<https://basearch.coc.fiocruz.br/index.php/olympio-da-fonseca>

https://www.gov.br/mast/pt-br/imagens/publicacoes/inventarios_olimpio_da_fonseca.pdf

Júlio Oscar de Novaes Carvalho

Patrono da Cadeira 80

Membro Emérito

Secção de Cirurgia

Membro Titular da Cadeira 68 - Secção de Cirurgia

Eleito: 25/08/1910 - Posse: 22/09/1910 – Emérito: 05/10/1945

Saudado por: Luiz do Nascimento Gurgel



O Dr. Júlio Oscar de Novaes Carvalho nasceu no dia 17 de outubro de 1875, em Recife, no Estado de Pernambuco, filho do grande magistrado e Ministro do Supremo Tribunal José Novaes de Souza Carvalho e de D. Júlia Augusta Guimarães de Carvalho.

Formou-se engenheiro geógrafo pela Escola Politécnica do Rio de Janeiro em 1897 e, no ano seguinte, doutorou-se em Medicina pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, defendendo tese intitulada “Teoria filosófica do cérebro e suas localizações segundo Auguste Comte”.

Em 1903, dirigindo a Escola Correccional Quinze de Novembro, ainda estudante do 5º ano médico, superintendeu, por nomeação do governo federal, a enfermaria da dita escola, em substituição aos ilustres clínicos Azevedo Lima e Públio de Mello.

Foi Diretor da Assistência Pública no governo de Artur Bernardes e Médico Adjunto do Hospital Português de Beneficência.

Elegeu-se Deputado Federal pelo Distrito Federal na legenda do Partido Autonomista, no pleito de outubro de 1934. Iniciou seu mandato em maio de 1935 e integrou o Grupo Parlamentar Pró-Liberdades Populares, que em novembro desse ano lançou um manifesto opondo-se à Lei de Segurança Nacional aprovada pelo Congresso em abril anterior. Exerceu o mandato até a instauração do Estado Novo em, 1937, quando as câmaras legislativas do país foram suprimidas.

O Dr. Novaes Carvalho foi eleito Membro Titular da Academia Nacional de Medicina, em 1910, apresentando Memória intitulada "Identificação criminal", e tornou-se Emérito, em 1945.

Dirigiu e foi redator-chefe da "Revista da Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro", além de colaborador da "Tribuna Médica", da "Gazeta Clínica" e dos "Arquivos Brasileiros de Psiquiatria, Neurologia e Ciências Afins".

Ficou conhecido como um homem dos livros, pois colecionou diversas publicações e tinha, entre seus amigos médicos, sua biblioteca como um local ideal, de maneira que pouco antes de falecer doou seus livros para seus parceiros acadêmicos e para alunos. Além disso, escreveu diversos livros em sua vida, tanto sobre temas políticos como médico-científicos.

Dos seus trabalhos publicados, destacam-se "Em torno do beribéri e sua topografia anestésica" (1905), "De um caso de moléstia de Recklinghausen com melanoderma congênita" (1914), "Estudo-médico cirúrgico de um caso de esplenomegalia no estado hipertrófico-preatrófico de cirrose hepática ao evoluir do mal de banti" (1915), "O sigilo pericial" (1919), "Meningite cérebro espinhal" (1920) e "Em torno da luxação congênita do quadril" (1924).

O Dr. Novaes Carvalho faleceu no dia 3 de fevereiro de 1962.

Referências

https://pt.wikipedia.org/wiki/J%C3%BAlio_Oscar_de_Novaes_Carvalho
<http://expagcrj.rio.rj.gov.br/carvalho-julio-oscar-de-novaes/>
<https://www.anm.org.br/julio-oscar-de-novaes-carvalho/>

Eduardo Chapot-Prévost

Patrono da Cadeira 81

Membro Honorário Nacional

Secção de Ciências Aplicadas à Medicina

Eleito: 15/06/1905 - Posse: 23/06/1905



Eduardo Chapot-Prévost nasceu na cidade Cantagalo, no Estado do Rio de Janeiro, em 25 de junho de 1864, filho de Louis Chapot-Prévost, cirurgião dentista, de nacionalidade francesa, e de D. Louisa Lend Chapot-Prévost, de nacionalidade belga.

Fez os cursos preparatórios no Colégio Pedro II, matriculou-se no curso de medicina na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, em 1880, e, devido a atritos escolares, doutorou-se pela Faculdade de Medicina da Bahia, em 1885, defendendo a tese intitulada "Formas clínicas do puerperismo infeccioso e seu tratamento".

Na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, foi Professor Adjunto interino de Anatomia, em 1886, e de Histologia, em 1888, tendo logrado conquistar a cátedra de Histologia em 1890, com a tese "Pesquisas histológicas sobre a inervação das vias biliares extra-hepáticas".

Considerado o "iniciador da pesquisa médica no Brasil" e o "precursor da iniciação científica em nosso país", dedicava-se com entusiasmo ao ensino, fazendo que seus alunos desenhasssem as lâminas durante as aulas

de ensino prático de Histologia. Conhecedor profundo do método histológico de Cajal, foi considerado um dos melhores histologistas da época, por nomes famosos como Krause (Alemanha) e Prenant (França).

Participou de diversas comissões, entre elas a que foi a Berlim estudar o processo proposto do Doutor Robert Koch para a cura da tuberculose (1890); a que foi identificar uma suposta epidemia de cólera no Vale do Paraíba, em 1894; e outra, presidida por Domingos Freire, para debelar a febre amarela, em 1899. Ainda em 1899, chefiou a comissão da Diretoria Geral de Saúde Pública que foi a Santos investigar e combater um surto de peste bubônica, da qual fez parte Oswaldo Cruz. Dessa empreitada nasceriam o Instituto Soroterápico Federal, no Rio de Janeiro, e o Instituto Soroterápico do Estado de São Paulo.

Cirurgião experiente, ganhou notoriedade mundial ao realizar, pela primeira vez na história da Medicina, em 1900, na Casa de Saúde São Sebastião do Rio de Janeiro, uma intervenção operatória que constituiu um marco na evolução da cirurgia mundial: a separação das meninas toracoxifópagas, Maria e Rosalina, de 7 anos de idade, numa mesa cirúrgica por ele desenhada especialmente para essa operação, preparando pinças hemostáticas especiais e criando um processo próprio de hemostasia hepática. Várias cirurgias de grande vulto formaram a equipe médica encabeçada pelo Dr. Chapot-Prévost, dentre eles: Paulino Werneck, Ernani Pinto, Álvaro Rodrigues, Dias de Barros Azevedo Monteiro e Chardinal D'Arpenans. Nesta ocasião, usou, pela primeira vez, a máscara que hoje é de uso universal. Naquela época, eram limitados os processos da assepsia, entretanto, o Dr. Chapot-Prévost fez o mais rígido preparo e cuidado asséptico, que incluía desde a apurada imunização da sala, até banhos de lisol do cirurgião e seus auxiliares.

Nascidas em 21 de abril de 1893, em Cachoeiro do Itapemirim, Espírito Santo, as irmãs ao atingirem sete anos de idade foram levadas pelos pais para o Rio de Janeiro, para uma consulta médica, tendo sido encaminhadas ao dr. Álvaro Ramos. Durante um ano, as meninas ficaram em observação. A primeira tentativa de operação das irmãs toracoxifópagas fracassou quando o médico constatou que não estavam ligadas apenas por músculos ou cartilagem.

Nessa ocasião, foi consultado o médico e professor Eduardo Chapot-Prévost que acabou assumindo as pacientes. Durante mais de um ano, as irmãs ficaram novamente em observação. Foram aplicados remédios

em uma das irmãs a fim de verificar se a outra sentia os efeitos. Foi dessa forma que Chapot-Prévost concluiu que o órgão que as ligava era o fígado. Como não havia radiografia naquela época, foram necessários vários meses para descobrir se elas possuíam um único fígado ou não.

Chapot-Prévost esculpiu em gesso, no tamanho natural, o modelo das irmãs toracoxifópagas. Após realizar os mais minuciosos estudos sobre a operabilidade desse caso de toracoxifopagia, esgotando os métodos de investigação e exame possíveis, Chapot-Prévost criou processos para as várias fases da inovadora cirurgia.

Maria faleceu cinco dias após a cirurgia vitimada por um quadro infeccioso que a medicina da época não dispunha de meios para debelar. Porém, a sobrevivência de Rosalina foi suficiente para atestar o êxito da cirurgia. Eduardo Chapot-Prévost consagrou o Brasil com o caso das irmãs toracoxifópagas que serviu de tema a várias conferências médicas pelo mundo.

O sucesso da cirurgia ultrapassou as fronteiras do Brasil e o Dr. Chapot-Prévost escreveu vários artigos sobre o caso e passou a participar de conferências pelo mundo. Em 1901, partiu para a Europa, desta vez a fim de aperfeiçoar seus estudos no Instituto Pasteur.

Foi eleito Membro Honorário Nacional da Academia Nacional de Medicina, em 1905.

O Dr. Chapot-Prévost escreveu diversos trabalhos, destacando-se: "Pesquisas Histológicas" (1890), "A boubá e a sífilis" (1892), "Nota sobre uma simplificação na confecção das placas de àgar-àgar" (1894), "O carbúnculo no matadouro" (1900), "Novo xifópago vivo" (1901), "Xifo-tóracopago operado" (1902), "Cirurgie des teratopages" (1901), e "Novo teratópago brasileiro vivo" (1905).

Chapot-Prévost era casado com Laura Caminhoá e da união nasceu um único filho, falecido em tenra idade. Rosalina, a gêmea xifópaga sobrevivente, passou a morar com o médico que se tornou seu padrinho. Ela foi tratada como filha pelo casal.

Após longa enfermidade, Eduardo Chapot-Prévost faleceu precocemente em 19 de outubro de 1907, na cidade do Rio de Janeiro, aos 43 anos de idade. Nessa ocasião, Rosalina tinha 14 anos. Ela se casou, teve seis filhos e viveu por mais de 80 anos.

Referências

https://pt.wikipedia.org/wiki/Eduardo_Chapot_Pr%C3%A9vost

<https://basearch.coc.fiocruz.br/index.php/eduardo-chapot-prevost-celebre-medico-brasileiro-que-realizou-separacao-das-xifopagas-maria-e-rosalina-convem-acentuar-que-naquele-ato-de-alta-cirurgia-o-operador-usou-pela-primeira-vez-mascara-que-hoje-e-de-uso-universal>

<https://esbrasil.com.br/chapot-prevost/>

<http://www.famososquepartiram.com/2017/04/eduardo-chapot-prevost.html>

<https://jornaldaregiao.com/chapot-prevost-o-superesquecido-1-por-celso-frauches/>

<https://acervo.avozdaserra.com.br/colunas/historia-e-memoria/chapot-prevost-e-o-caso-das-meninas-toracoxifopagas>

<https://www.anm.org.br/eduardo-chapot-prevost/>

Antônio Dias de Barros

Patrono da Cadeira 82

Membro Titular

Secção de Ciências Aplicadas à Medicina

Eleito: 07/11/1907 - Posse: 21/11/1907

Saudado por: Júlio Afrânio Peixoto



O Dr. Antônio Dias de Barros nasceu no dia 19 de dezembro de 1871, em Aracaju, capital do Estado de Sergipe, filho de Manoel Dias de Barros Júnior e D. Maria Prisciliana de Carvalho.

Matriculou-se no curso de Medicina pela Faculdade de Medicina da Bahia, em 1889, e transferiu o curso para a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, sendo por ela diplomado no dia 9 de janeiro de 1895, defendendo tese intitulada "Contribuição ao estudo psico-fisiológico do delírio".

Quando estudante, foi admitido, por meio de concurso, ajudante de preparador da Cadeira de Botânica e Zoologia Médica da Faculdade de Medicina da Bahia. Foi ainda interno do Hospital Nacional e da Clínica Psiquiátrica e Moléstias Nervosas da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, bem como do Serviço de Moléstias Mentais do Sanatório de Barbacena.

Após a formatura, foi nomeado preparador do curso de Histologia Normal da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, da qual foi professor

de Bacteriologia, Anatomia Microscópica e Anatomia e Fisiologia do Sistema Nervoso. Em 1897 seguiu para a Europa, realizando estágios em hospitais da Inglaterra, França e Bélgica, onde, neste último, especializou-se em Citologia na Universidade de Louvain.

Em 1900 integrou a equipe de médicos, chefiada pelo Dr. Eduardo Chapot-Prévost, na realização da cirurgia que constituiu um marco na evolução da cirurgia mundial: a separação das meninas siamesas, Maria e Rosalina, de 7 anos de idade.

Foi diretor do Hospício Nacional (1903) e professor de sintaxe portuguesa, na capital da República (1911).

O Dr. Antônio Dias de Barros foi eleito Membro Titular da Academia Nacional de Medicina, em 1907, apresentando Memória intitulada "Um ponto de psicologia mórbida: a epilepsia de Bonaparte".

Foi eleito deputado federal e representou o estado de Sergipe na Câmara dos Deputados (1912-1914).

Pertenceu a diversas instituições culturais e científicas, tais como Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe e Sociedade de Medicina de Santiago do Chile. Foi uma das inteligências mais privilegiadas de Sergipe.

Conceituado homem de ciências e de letras, colaborou em vários periódicos, notadamente na "Revista Acadêmica da Bahia", "Revista das Revistas", "Anuário Médico" e nos "Anais da Academia Nacional de Medicina".

São de sua autoria artigos e crônicas publicados no "Jornal do Comércio", no Rio de Janeiro, e "O Paiz", "O Correio Paulistano" e "O Estado de São Paulo", em São Paulo. Publicou também estudos sobre várias personalidades, tais como Napoleão Bonaparte, Chapot-Prévost, Nuno de Andrade, Joaquim Murtinho, Ruy Barbosa e outros.

Psiquiatria, publicou vários Dos seus trabalhos científicos publicados, destacam-se: "Sobre o abuso no emprego dos sais de quinina nas febres do Rio de Janeiro" (1899), "Da hipnose dos animais" (1903), "O segredo médico e sua concepção evolutiva" (1905), "Conquistas da medicina brasileira" (1913), "Psicologia coletiva" (1917), "O médico ante o problema do livre arbítrio" (1919), "Um caso muito raro de loucura moral" (1925) e "Assistência aos tuberculosos" (1927).

O Dr. Dias de Barros faleceu na cidade do Rio de Janeiro, no dia 2 de fevereiro de 1928.

Referências

https://pt.wikipedia.org/wiki/Ant%C3%B4nio_Dias_de_Barros

<https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/BARROS,%20Ant%C3%B4nio%20Dias%20de.pdf>

<https://www.anm.org.br/antonio-dias-de-barros/>

<https://hpcs.bvsalud.org/wp-content/uploads/2018/07/Barros-Ant%C3%B4nio.pdf>

Vital Brazil Mineiro da Campanha

Patrono da Cadeira 83

Membro Honorário Nacional

Secção de Ciências Aplicadas à Medicina

Eleito: 21/06/1917 – Posse: 21/11/1917



Vital Brazil Mineiro da Campanha, nasceu na cidade de Campanha, Estado de Minas Gerais, em 28 de abril de 1865, filho de Manuel dos Santos Pereira Junior e D. Maria Carolina Pereira de Magalhães. Foi um importante médico sanitarista, cientista, imunologista e pesquisador brasileiro, de renome internacional.

Estudou medicina na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, em meio a grandes dificuldades financeiras, vindo a formar-se com brilhantismo, em 1891, defendendo a tese intitulada "Função do baço". Durante o curso médico, foi nomeado, por concurso, ajudante de preparador da Cadeira de Fisiologia. Após a formatura, foi para São Paulo e clinicou em várias cidades do interior do Estado. Nessa época, presenciou a morte de várias pessoas, principalmente lavradores, vítimas de picadas de serpentes.

Como médico sanitarista, participou das brigadas de combate à febre amarela e à peste bubônica em várias cidades no Estado de São Paulo. Em 1895, chefiou a Comissão Sanitária em Cachoeira, a fim de combater a epidemia de cólera que assolava o Vale do Paraíba.

Além do seu trabalho como médico, Vital Brazil também criou uma das primeiras escolas do Brasil que alfabetizavam crianças de dia e adultos à noite. Desenvolveu materiais de informação, especialmente voltados para a população do campo, sobre como se proteger das cobras e outros animais peçonhentos. Criou uma caixa de madeira, barata e segura, para que os fazendeiros pudessem capturar as cobras e firmou convênios com as estradas de ferro para transportá-las, pois eram essenciais à fabricação do soro.

A convite do governo estadual, Vital Brazil ingressou, em 1897, no Instituto Bacteriológico do Estado de São Paulo, dirigido por Adolfo Lutz. Foi então que tiveram início suas pesquisas. Trabalhou junto com Oswaldo Cruz e Emílio Ribas no combate à peste bubônica, ao tifo, à varíola e à febre amarela.

Recebeu do governo de Rodrigues Alves a Fazenda Butantan, às margens do Rio Pinheiros, em São Paulo, onde, posteriormente, veio a fundar e instalar o Instituto Butantan. Foi lá que desenvolveu, com escassos recursos, importantes trabalhos de pesquisa e produção de medicamentos. Os primeiros tubos de soro antipestoso começaram a ser entregues após quatro meses de trabalho.

Em 1903, após intensa pesquisa, logrou enunciar cientificamente o soro antiofídico, desenvolvido a partir do *Piroplasma vitalli*, parasita no sangue dos cães. Após este evento, outros soros foram produzidos no Instituto Butantan. Também foram produzidas vacinas contra tifo, varíola, tétano, psitacose, disenteria bacilar e BCG. As sulfuras e as penicilinas vieram mais tarde.

As picadas de aranhas venenosas, escorpião e lacraias deram origem a novos soros. Vital Brazil tornar-se-ia mundialmente conhecido pela descoberta da especificidade do soro antiofídico, do soro contra picadas de aranha, do soro antitetânico e antidiftérico e do tratamento para picada de escorpião.

Frequentou por longo tempo o Instituto Pasteur, em Paris, bem como os principais centros científicos da Europa, como em Berlim, e nos Estados Unidos.

Também é o fundador do Instituto Vital Brazil, criado em 1919 na cidade de Niterói, onde foi seu Presidente por vários anos.

A descoberta de Vital Brazil sobre a especificidade dos soros antipeçonhentos estabeleceu um novo conceito na imunologia e seu trabalho sobre a dosagem dos soros antiofídicos gerou tecnologia inédita. A criação dos soros antipeçonhentos específicos e o antiofídico polivalente ofereceu à Medicina, pela primeira vez, um produto realmente eficaz no tratamento do acidente ofídico que, sem substituto, permanece salvando centenas de vidas nos últimos cem anos.

Consagrado em congresso científico nos Estados Unidos, em 1915, o seu trabalho logo despertou o interesse da Europa, onde se encontrava a vanguarda da pesquisa médica da época, e lhe valeu o reconhecimento mundial. O Instituto Butantan representa um marco na ciência experimental brasileira. Desenvolvendo significativo número de pesquisas de elevado teor científico, educando as populações rurais na adoção do tratamento e na prevenção de acidentes ofídicos e criando aquela que foi, possivelmente, a primeira escola de alfabetização de adultos, esse Instituto desempenhou importante papel social na época e tornou-se conhecido e famoso no mundo todo.

Foi eleito Membro Honorário da Academia Nacional de Medicina, em 1917.

Colaborou com diversas revistas científicas, como a "Revista Médica de São Paulo" e o periódico "Brasil Médico"; publicou dezenas de artigos científicos, tais como: "Casos de abcesso disenterico do fígado", "A peste bubônica em Santos", Contribuição ao estudo do envenenamento pela picada do escorpião", "Das ações das peçonhentas no tratamento da epilepsia" e "Do papel dos lipoides em imunologia"; e escreveu dois livros: "A defesa contra o ofidismo" (1911, reeditado e ampliado em 1914, somente em francês), e "Memória histórica do Instituto Butantan" (1941).

O Museu Vital Brazil, criado em sua homenagem, está localizado na casa onde nasceu o cientista, em Campanha, localizada ao sul de Minas Gerais

Faleceu na cidade do Rio de Janeiro, no dia 8 de maio de 1950.

- Vital Brazil e o Eugenismo:

A Sociedade Eugênica de São Paulo teve entre seus membros ilustres Arnaldo Vieira de Carvalho (fundador da Faculdade de Medicina de São Paulo), Vital Brazil Mineiro da Campanha, Arthur Neiva, Franco da Rocha entre outros.

Referências

<https://www.vitalbrazil.rj.gov.br/historia-cientista.html>

https://www.ebiografia.com/vital_brazil/

<https://butantan.gov.br/noticias/no-aniversario-de-vital-brazil-conheca-a-historia-do-medico-sanitarista-e-cientista-que-fundou-o-butantan>

https://pt.wikipedia.org/wiki/Vital_Brazil

<https://unifei.edu.br/personalidades-do-muro/extensao/vital-brazil/>

<https://www.revistahcsm.coc.fiocruz.br/vital-brazil-150-anos/>

<http://www.ccms.saude.gov.br/revolta/personas/vital.html>

<https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2020-05/vital-brazil-que-morreu-ha-70-anos-combateu-doencas-misteriosas>

<https://www.anm.org.br/vital-brazil-mineiro-da-campanha/>

<https://super.abril.com.br/especiais/racismo-disfarcado-de-ciencia-como-foi-a-eugenia-no-brasil>

<https://books.scielo.org/id/7bzx4/pdf/hochman-9788575413111-11.pdf>

Manoel de Abreu

Patrono da Cadeira 84

Membro Titular

Secção de Ciências Aplicadas à Medicina

Membro Titular da Cadeira 90 - Secção de Ciências Aplicadas à Medicina

Eleito: 13/09/1928 - Posse: 23/09/1928



O Dr. Manoel Dias de Abreu nasceu em São Paulo, em 4 de janeiro de 1891, filho do português Júlio Antunes de Abreu e da paulista Mercedes da Rocha Dias, foi um médico, cientista e inventor brasileiro.

Em 1914, conclui a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, defendendo a tese intitulada "Natureza pobre", determinado a dedicar-se ao estudo da Radiologia.

Pouco depois de formado, mudou-se com os pais e os irmãos para a Europa – Lisboa, depois Paris. Chefiou a Santa Casa de Paris e o Laboratório Central de Radiologia do Hôtel-Dieu. No Hospital Laennec, dedicou-se à radiologia pulmonar, estudando os significados das diferenças de tons e sombras. Publicou diversos livros em francês, abordando densimetria pulmonar e radiodiagnóstico.

De volta ao Rio de Janeiro, em 1922, surpreendeu-se com a epidemia de tuberculose que castigava a cidade. Um dos problemas que logo notou era que as pessoas procuravam tratamento quando a doença já havia atingido a fase mais grave, em que o tratamento não era mais

eficaz. Graças à sua insistência, foi criado o primeiro serviço carioca de radiologia dedicado à doença. Na época, chefiou o Departamento de Raios-X da Inspetoria de Profilaxia da Tuberculose. A seriedade do quadro incentivou-o a intensificar os estudos sobre radiografia do tórax, mas sem resultados animadores.

Foi eleito Membro Titular da Academia Nacional de Medicina, em 1928, apresentando Memória intitulada "Contribuição ao estudo radiológico do mediastino na criança".

Foi o inventor da abreugrafia, que permite o diagnóstico precoce da tuberculose pulmonar e com o tempo passou a ser utilizada para a descoberta de lesões no coração, nos grandes vasos, e de tumores no pulmão.

Manoel de Abreu apresenta seu invento à Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro, em 1934. A técnica diferenciava da radiografia convencional. Era o resultado da impressão direta dos feixes de raios-X sobre o filme radiológico, após atravessarem o corpo. Na roentgenografia, o que se obtém é uma fotografia da imagem que aparece na radioscopia. O processo foi chamado de radiografia indireta do tórax.

Em 1939, o Congresso Brasileiro de Tuberculose torna oficial o nome "abreugrafia" que foi aprovado depois pela União Internacional contra a Tuberculose.

Manoel de Abreu se tornou um dos mais importantes nomes da medicina no Brasil e no mundo. Lecionou Radiologia em diversas instituições científicas no Brasil e no exterior. Foi cavaleiro da Legião de Honra na França e recebeu várias homenagens outorgadas por várias sociedades científicas, como Médico do Ano no Colégio Americano de Medicos do Tórax, do Colégio Interamericano de Radiologia do Peru e da Associação Argentina de Radiologia.

A abreugrafia foi solicitada como pré-requisito para ingresso em escolas, alistamentos e empregos diversos. Sendo muito alto o grau de radiação usado na abreugrafia, ao longo dos anos outras formas de radiografia foram surgindo. No dia 4 de janeiro é comemorado o Dia Nacional da Abreugrafia, instituído pelo Decreto nº 42.984, de 3 de janeiro de 1958.

Além da descoberta, Manoel de Abreu deixou vasta literatura científica, publicada no Brasil e no exterior, destacando-se: "Radiodiagnostic dans

la tuberculose pleuro-pulmonaire" (1921), "Novos estudos da radiologia vascular" (1925), "Cálculo e tabela de correção da mensuração da aorta pela teleradiografia" (1926), "Radiogeometria do mediastino" (1928), "Novos rumos da profilaxia da tuberculose" (1937), "Nova técnica de tomografia transversal do tórax" (1941) e "Importância da abreugrafia no diagnóstico e profilaxia da tuberculose" (1960).

Manoel de Abreu foi o primeiro presidente da Sociedade Brasileira de Radiologia e Eletrologia, em 1930, e a importância de sua obra levou à criação da Sociedade Brasileira de Abreugrafia, em 1957, e à publicação da "Revista Brasileira de Abreugrafia". Foi membro de diversas instituições acadêmicas e científicas no Brasil e no exterior.

Pelo seu invento foi indicado três vezes ao Prêmio Nobel de Medicina e Fisiologia, em 1946, 1951 e 1953, embora nunca tenha sido laureado.

Reservou tempo ainda à poesia, publicando, entre outros, o livro "Substâncias", ilustrado por Di Cavalcanti.

Manoel Dias de Abreu faleceu na cidade do Rio de Janeiro, em 30 de janeiro de 1962, de forma trágica e irônica para um pneumologista, de câncer de pulmão, provavelmente causado pelo fumo, hábito que mantinha desde longa data.

Referências

https://pt.wikipedia.org/wiki/Manuel_Dias_de_Abreu

https://www.ebiografia.com/manuel_de_abreu/

<https://brasilecola.uol.com.br/biografia/manuel-dias-de-abreu.htm>

<https://dichistoriasaude.coc.fiocruz.br/iah/pt/verbetes/abreuman.htm>

<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-62695479>

<http://conter.gov.br/site/noticia/manuel-dias-de-abreu>

https://pt.wikipedia.org/wiki/Manuel_Dias_de_Abreu

Antônio de Barros Terra

Patrono da Cadeira 85

Membro Emérito

Secção de Ciências Aplicadas à Medicina

Eleito: 25/05/1928 – Posse: 09/08/1928 – Emérito: 08/09/1955

Saudado por: Artidônio Pamplona

Antecessor: Antonio Sattamini



O Dr. Antônio Barros Terra nasceu no dia 19 de fevereiro de 1878, na cidade do Rio de Janeiro, então no Distrito Federal, filho do Promotor Público Manoel Pereira Terra e de D. Amélia de Barros Pereira Terra.

Formou-se na Faculdade Nacional de Farmácia, em 1901, e na Faculdade Nacional de Medicina, em 1904, defendendo tese de doutoramento intitulada "Da segunda bulha cardíaca".

Quando estudante, foi interno dos Professores Rocha Faria e Miguel Couto. Uma vez diplomado, exerceu a profissão em Cruzeiro, no Vale do Paraíba, tendo sido médico da Estrada de Ferro Minas e Rio.

Voltando para o Rio de Janeiro, foi preparador da cadeira de Química Médica e mais tarde Assistente de Química Orgânica e Biológica. Foi Chefe do Laboratório de Química Fisiológica da então Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e Regente da cadeira de Química Orgânica e Biológica na Faculdade de Farmácia durante vários anos.

Livre-docente da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, tendo obtido este lugar por força do concurso para Professor Substituto de

Química Médica, em que foi unanimemente habilitado pela Congregação.

Regeu o curso oficial de Química Geral e Mineral para os alunos de Farmácia no ano de 1925. No mesmo ano, regeu a Cadeira de Química Médica, na parte referente à Química Orgânica e Biológica, para os alunos do curso médico.

Fundou, em 1925, junto com os Professores Antônio Pedro, Senna Campos, Artidônio Pamplona e outros, a Faculdade Fluminense de Medicina. Foi seu Diretor, eleito sucessivamente até 1945, quando teve que se afastar por problemas de saúde. Suas contribuições para com os alunos foram tão valorizadas que o Diretório Acadêmico e a Policlínica da Escola foram batizados com o nome Dr. Barros Terra.

Antônio de Barros Terra é considerado o consolidador da Faculdade de Medicina. Seu nome é lembrado, para os alunos de hoje, por denominar, a partir de 1945, o Diretório Acadêmico da Faculdade de Medicina, que já existia, entretanto, desde 1926. A pressão política exercida pelo Diretório Acadêmico Barros Terra (DABT) junto à prefeitura de Niterói parece ter sido fundamental para a cessão do prédio da rua Visconde de Moraes à Faculdade, em 1931. Nesse mesmo ano, demonstrando o seu apreço à Faculdade e sua capacidade de mobilização, os alunos recusaram-se, orgulhosamente, a transferir-se para o Rio de Janeiro, atendendo uma solicitação do novo Governo Federal, que tencionava fundir as duas Faculdades, extinguindo a de Niterói.

Foi, ainda, Diretor da Secção de Análises Clínicas no Laboratório Clínico Silva Araújo (1920), Assistente e Chefe do Laboratório de Química Orgânica e Biológica, Professor Catedrático de Química Orgânica e Biológica na Faculdade Fluminense de Medicina, tendo regido, em 1926, a Cadeira de Química Geral e Mineral, além da Cadeira de Química Orgânica e Biológica na mesma instituição.

Foi eleito Membro Titular da Academia Nacional de Medicina, em 1928, apresentando duas memórias intituladas "Química orgânica teórica (considerações gerais e estudo dos hidrocarbonetos)" e "Uma série de corantes fixadores", tendo sido transferido para a classe de Eméritos, em 1955.

Foi eleito Membro do Conselho Nacional de Educação, em 1936.

Deixou publicadas várias obras e trabalhos científicos, destacando-se "Bioquímica normal e patológica da urina" (1921), "Sedimento urinário" (1932), "Química orgânica para cursos complementares" (1941), "Noções elementares de química orgânica para a 5ª série ginasial" (1939), "Química orgânica e noções elementares de alguns assuntos de bioquímica" (várias edições) e o livro intitulado "Bioquímica normal e patológica da urina", que recebeu elogios da imprensa médica e leiga.

O Dr. Barros Terra faleceu no Rio de Janeiro, no dia 3 de setembro de 1961.

Referências

https://medicina.uff.br/?page_id=449

<https://www.anm.org.br/antonio-de-barros-terra/>

Carlos Justiniano Ribeiro das Chagas

Patrono da Cadeira 86

Membro Titular

Secção de Ciências Aplicadas à Medicina

Eleito: 26/10/1910 - Posse: 26/10/1910

Saudado por: Miguel da Silva Pereira



Carlos Justiniano Ribeiro das Chagas nasceu no município de Oliveira, no Estado de Minas Gerais, em 9 de julho de 1879, de família tradicional de proprietários de terras, dedicados à pecuária e ao cultivo de cana-de-açúcar e café, era filho de José Justiniano Chagas e Mariana Cândida Ribeiro de Castro Chagas.

Ingressou no curso preparatório para a Escola de Minas de Ouro Preto por vontade de sua mãe, que gostaria de vê-lo formado em engenharia. Em 1896, adoentado e reprovado nos exames, voltou para Oliveira e, enquanto se recuperava, seu tio Carlos fortaleceu sua vontade de ser médico e o ajudou a vencer a barreira de sua mãe, que acabou aceitando a opção do filho. Seguiu então para São Paulo, a fim de obter os diplomas básicos exigidos para matrícula no curso médico.

Matriculou-se na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, em 1897, aos 18 anos. Ao longo do curso, dois professores exerceram grande influência em sua carreira: Miguel Couto, que lhe apresentou as noções e as práticas da clínica moderna, e com quem passaria a ter uma estreita amizade; e Francisco Fajardo, que o colocou no estudo das doenças

tropicais, especialmente da malária. Para elaborar sua tese, pré-requisito para o exercício da medicina à época, dirigiu-se ao Instituto Soroterápico Federal, na fazenda de Manguinhos, levando uma carta de apresentação de seu professor Miguel Couto a Oswaldo Cruz, diretor do Instituto. Aceito e orientado por Oswaldo Cruz, Chagas começou a trabalhar no Instituto, escolhendo como tema de sua tese o ciclo evolutivo da malária na corrente sanguínea. Doutorou-se, em 1903, com a tese intitulada "Estudo Hematológico do Impaludismo".

Em 1904, foi nomeado médico da Diretoria Geral de Saúde Pública e, em 1906, transferiu-se para o Instituto Oswaldo Cruz.

Em 1905, foi contratado por Oswaldo Cruz com a missão de controlar a epidemia da doença que assolava o município de Itatinga-SP. Sendo a primeira ação bem sucedida contra a malária no Brasil. O resultado deste trabalho serviu de base para o combate efetivo da doença no mundo inteiro.

Dois anos depois, foi para o norte de Minas Gerais para combater a malária entre os trabalhadores da Estrada de Ferro Central do Brasil. Carlos Chagas permaneceu dois anos nesta região, onde suas pesquisas o levaram a descobrir uma doença provocada por um protozoário até então desconhecido, que denominou de *Trypanosoma cruzi*, em homenagem ao seu mestre Oswaldo Cruz.

O protozoário foi encontrado no inseto conhecido como barbeiro, visto sua preferência por sugar o sangue do rosto. Carlos Chagas examinou esses insetos e descobriu que eles eram os hospedeiros da doença batizada de doença de Chagas. Pela primeira vez na história da medicina, um pesquisador conseguiu descrever por completo o ciclo da doença, tendo identificado o vetor (o besouro conhecido como barbeiro), o agente causal (o protozoário *Trypanosoma cruzi*), o reservatório doméstico (gato), a doença nos humanos e suas complicações, e essa descoberta tornou Chagas mundialmente famoso.

Essa descoberta foi levada ao conhecimento da comunidade científica através de uma nota prévia escrita por Chagas e publicada no periódico "Brasil Médico", em 22 de abril de 1909. No mesmo dia, Oswaldo Cruz anunciou formalmente à Academia Nacional de Medicina que decidiu levar a Lassance uma comissão para verificar o trabalho. Miguel Couto, Presidente da comissão, sugeriu que a nova doença se chamasse Doen-

ça de Chagas, mas o próprio Carlos Chagas preferia chamar a doença como tripanossomíase americana.

Em agosto de 1909, Chagas publicou no primeiro volume da revista do Instituto de Manguinhos – “Memórias do Instituto Oswaldo Cruz”, um estudo completo sobre a Doença de Chagas e o ciclo evolutivo do protozoário causador da doença. Esse trabalho garantiu a ascensão do cientista na instituição, sendo promovido a Chefe de Serviço, em março de 1910.

Em 26 de outubro de 1910, a Academia Nacional de Medicina reconheceu formalmente o trabalho realizado pelo cientista e o recebeu como Membro Titular Extranumerário, já que não dispunha de lugares vagos no momento. Nessa solenidade, Chagas proferiu a primeira conferência sobre a doença.

Sua obra não se restringiu à Doença de Chagas, sendo o primeiro a descrever as lesões da medula óssea na malária. Descobriu novos e importantes transmissores e revolucionou sua época ao afirmar que a malária era uma infecção domiciliar.

Entre 1912 e 1913, participou de expedição científica sobre as condições médico-sanitárias nos centros produtores de borracha na região da bacia amazônica, ao lado dos médicos Pacheco Leão e João Pedro de Albuquerque, solicitada pela Superintendência da Defesa da Borracha, fazendo um completo levantamento médico-sanitário e das condições de vida dos habitantes da região.

Com a morte de Oswaldo Cruz, em 1917, Carlos Chagas foi nomeado Diretor do Instituto. A gripe espanhola chegou ao Rio de Janeiro em 1918, um ano após a morte de Oswaldo Cruz, e de Carlos Chagas ter assumido a direção do Instituto Manguinhos. Em dois meses, a gripe matou 15 mil pessoas na cidade. Carlos Chagas foi chamado para chefiar a campanha contra a epidemia. Em uma semana, ele instalou hospitais improvisados e laboratórios de emergência e, mobilizou a parte ativa da população. No final do ano, a epidemia havia sido debelada.

Em seguida, o presidente Epitácio Pessoa o encarregou de elaborar um novo código para a Saúde Pública, cujo novo regulamento foi aprovado em 1919 e passou a vigorar em 1920, criando-se assim o Departamento Nacional de Saúde Pública (DNSP), responsável pelos serviços sanitá-

rios terrestres, marítimos e fluviais e pelos serviços de profilaxia rural. Designado Chefe do DNSP, criou diversos serviços especializados em saúde, como higiene infantil, combate às endemias rurais, tuberculose, hanseníase e doenças venéreas. Ainda foi criador de escolas de enfermagem e estabeleceu a formação de médicos sanitaristas.

Sua descoberta sobre a doença de Chagas foi questionada pelo microbiologista austríaco Rudolf Kraus, diretor do Instituto Bacteriológico de Buenos Aires (1913-1921) e por alguns pesquisadores brasileiros, polêmica que teve grande repercussão nos anos de 1922 e 1923, e seria superada somente após sua morte. Foi duas vezes indicado ao prêmio Nobel de Medicina, em 1913 e 1921, não tendo sido agraciado.

Em 1925, foi nomeado Professor da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, onde criou a Cadeira de Moléstias Tropicais e estabeleceu as bases de estudo de higiene em nosso país.

Representou o Brasil em diversos comitês internacionais, principalmente como membro permanente do Comitê de Higiene da Liga das Nações.

Carlos Chagas recebeu na Alemanha dois importantes prêmios, concedidos a cientistas de destaque: Prêmio Schaudinn em 1912 e Prêmio Krummel em 1925. Recebeu também o título de Doutor Honoris Causa pelas Universidades de Harvard, Paris e Bruxelas. Em 1920, recebeu o título de Cavaleiro da Ordem da Coroa da Itália.

Faleceu subitamente, aos 55 anos, vítima de infarto do miocárdio, em 8 de novembro de 1934, em sua casa, na rua Paissandu, na cidade do Rio de Janeiro, onde está enterrado, no cemitério São João Batista.

Seus dois filhos, Evandro Chagas (1905-1940) e Carlos Chagas Filho (1910-2000) teriam destacadas carreiras científicas.

Referências

<https://www.anm.org.br/carlos-justiniano-ribeiro-das-chagas/>

<https://brasilescola.uol.com.br/biografia/carlos-ribeiro-justiniano-da-chagas.htm>

<https://unifei.edu.br/personalidades-do-muro/extensao/carlos-chagas/>

<http://www.fiocruz.br/biosseguranca/Bis/Biograf/ilustres/carlosjustiniano.htm>

<http://mapa.an.gov.br/index.php/ultimas-noticias/1009-carlos-ribeiro-justiniano-chagas>

https://pt.wikipedia.org/wiki/Carlos_Chagas

<https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/CHAGAS,%20Carlos.pdf>

https://www.ebiografia.com/carlos_chagas/

[https://www.cremesp.org.br/?siteAcao=Revista&id=716#:~:text=Carlos%20Chagas%20\(1878%2D1934,popularmente%20conhecido%20como%20%E2%80%9Cbarbeiro%E2%80%9D.](https://www.cremesp.org.br/?siteAcao=Revista&id=716#:~:text=Carlos%20Chagas%20(1878%2D1934,popularmente%20conhecido%20como%20%E2%80%9Cbarbeiro%E2%80%9D.)

João Baptista de Lacerda

Patrono da Cadeira 87

Membro Titular

Secção de Ciências Aplicadas à Medicina

Eleito: 21/04/1885 - Posse: 21/04/1885

Presidente da Academia Nacional de Medicina – 1893 a 1895



Nasceu em 12 de julho de 1846, na cidade de Campos dos Goytacazes, estado do Rio de Janeiro, filho do médico Dr. João Baptista de Lacerda e de Maria d'Assumpção Coni de Lacerda, por vezes assinava Dr. Lacerda Filho.

Bacharel em Letras pelo Colégio Pedro II, doutorou-se pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, em 1870, defendendo a tese: "Das indicações e contraindicações da digitalis no tratamento das moléstias dos aparelhos circulatório e respiratório".

Nomeado pelo ministro da Agricultura subdiretor da seção de Antropologia, Zoologia e Paleontologia do Museu Nacional do Rio de Janeiro, em 1876, fundou, mais tarde, juntamente com Louis Couty, o primeiro laboratório de Fisiologia Experimental, tornando-se seu subdiretor. Fez estudos pioneiros com o curare (relaxante muscular de origem vegetal atualmente utilizado em anestesia) e os venenos de ofídios e anfíbios. Sobre o veneno ofídico e seus antídotos, descobriu o efeito neutralizador do permanganato de potássio sobre a peçonha da cobra; tal descoberta salvou a vida de milhares de pessoas antes dos soros antiofídicos.

Baptista de Lacerda lecionou o primeiro curso público de Antropologia do Museu Nacional, sendo promovido a Diretor, em 1895, ocupando o cargo até sua morte, vinte anos depois.

Estudou fósseis humanos provenientes das descobertas que fez nos sambaquis (depósitos arqueológicos de materiais orgânicos) das ostras de Santa Catarina, Paraná e São Paulo, e sobre as quais considerava pesquisas importantes para o conhecimento das populações pré-colombianas mais antigas do Brasil. Publicou diversos trabalhos baseados nesses estudos, que tiveram larga repercussão no exterior. Dedicou-se também à microbiologia e a estudos sobre febre amarela. Paralelamente, atuou em enfermagem do Hospital da Misericórdia, como Redator do Jornal do Commercio e Diretor da Revista Lux.

Professor Honorário da Faculdade de Santiago do Chile; Membro Correspondente da Sociedade de Antropologia de Berlim, Paris e Florença; da Sociedade de Geografia de Lisboa e da Sociedade Médica Argentina. Vice-Presidente Honorário do Congresso Médico Pan-Americano de Washington e Presidente Honorário do Congresso Médico Latino-Americano de Buenos Aires, recebeu, como prêmio, em virtude de seus trabalhos e estudos científicos acatados e respeitados nos centros mais cultos da Europa e da América, a Medalha de Bronze na Exposição Antropológica de Trocadero, em 1878, e na Exposição de Chicago.

Eleito Membro Titular da Academia Imperial de Medicina, atual Academia Nacional de Medicina, foi empossado em 21 de abril de 1885 e a presidiu no biênio 1893 - 1895.

Em sessão de 3 de outubro de 1963, foi escolhido Patrono da Cadeira 87.

Membro da Comissão Técnica que estabeleceu as bases do Convênio Sanitário Internacional entre o Brasil, o Uruguai e a República Argentina, Lacerda foi condecorado com a Comenda da Imperial Ordem da Rosa, concedida pelo Imperador Pedro II.

Era irmão do Acadêmico Álvaro de Lacerda.

João Baptista de Lacerda faleceu no dia 6 de agosto de 1915, na cidade do Rio de Janeiro.

- Tese do Embranquecimento:

Entre a segunda metade do século XIX e a primeira metade do século XX, vigoraram em várias partes do mundo as teses eugenistas, isto é, teses que defendiam um padrão genético superior para a “raça” humana. Tais teses defendiam a ideia de que o homem branco europeu tinha o padrão da melhor saúde, da maior beleza e da maior competência civilizacional em comparação às demais “raças”, como a “amarela” (asiáticos), a “vermelha” (povos indígenas) e a negra (africana).

Nesse período, alguns intelectuais brasileiros incorporaram essas teses e delas derivaram a “tese do branqueamento.” A defesa do branqueamento, ou do “embranquecimento”, tinha como ponto de partida o fato de que, dada a realidade do processo de miscigenação na história brasileira, os descendentes de negros passariam a ficar progressivamente mais brancos, a cada nova prole gerada.

João Baptista de Lacerda, foi um dos principais expoentes da “tese do embranquecimento”, e foi o cientista eleito para representar o Brasil no Congresso Universal das Raças (Londres, 1911). Esse congresso reuniu intelectuais do mundo todo para debater o tema do racismo e da relação das raças com o progresso das civilizações.

O Brasil, única nação latino-americana convidada, seria visto como exemplo de mistura de raças, e Baptista de Lacerda defenderia que políticas de imigração fariam com que mestiços embranquecessem e descendentes de negros passariam a ficar progressivamente mais brancos a cada nova prole gerada. Lacerda levou ao evento o artigo “*Sur les métis au Brésil*” (Sobre os mestiços do Brasil), em que defendia o fator da miscigenação como algo positivo, no caso brasileiro, por conta da sobreposição dos traços da raça branca sobre as outras, a negra e a indígena.

Em um trecho do referido artigo, Baptista afirma: “A população mista do Brasil deverá ter pois, no intervalo de um século, um aspecto bem diferente do atual. As correntes de imigração europeia, aumentando a cada dia mais o elemento branco desta população, acabarão, depois de certo tempo, por sufocar os elementos nos quais poderiam persistir ainda alguns traços do negro.” Percebe-se, nitidamente, nesse trecho, o teor do anseio pelo branqueamento.

Fato curioso na apresentação foi a exibição de uma cópia do quadro “A Redenção de Cam”, do pintor espanhol Modesto Brocos. A imagem do quadro transmite categoricamente a tese que Baptista defendia: o embranquecimento através das gerações. Brocos propõe a diluição da cor negra na sucessão de descendentes e insere nessa sucessão a “redenção”, a “absolvição” de uma “raça amaldiçoada”, isto é, a descendência de Cam, filho de Nóe, que, no livro do Gênesis, é amaldiçoado pelo pai. A história de Cam, a despeito de seu simbolismo bíblico, foi interpretada à revelia pelo racismo do século XIX, no qual Brocos estava envolto. O “escurecimento” dos descendentes de Cam teria desembocado na raça negra africana, que poderia ser redimida por meio da mistura com a raça branca europeia.



Quadro: “A Redenção de Cam”, autor: Modesto Brocos (Espanha), data: 1895, técnica: tinta a óleo sobre tela, dimensões: 199 centímetros x 166 centímetros

Localização: Museu Nacional de Belas Artes

Referências

- https://pt.wikipedia.org/wiki/Jo%C3%A3o_Batista_de_Lacerda
- <http://mapa.an.gov.br/index.php/ultimas-noticias/1121-joao-batista-de-lacerda>
- https://dippg.cefet-rj.br/pprer/attachments/article/81/157_Claudio%20da%20Silva%20Costa.pdf
- <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/lil-586020>
- <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/wRVg8H99n65JLwhF9BMbHpF/?lang=pt>
- <https://mundoeducacao.uol.com.br/historiadobrasil/tese-branqueamento.htm>
- <https://bdor.sibi.ufrrj.br/bitstream/doc/16/1/0023%20ocr.pdf>
- <http://mapa.an.gov.br/index.php/component/content/article?id=794>
- <https://www.anm.org.br/joao-baptista-de-lacerda/>

Amadeu da Silva Fialho

Patrono da Cadeira 88

Membro Titular

Secção de Ciências Aplicadas à Medicina

Eleito: 16/06/1943 - Posse: 21/10/1943

Saudado por: Deolindo Augusto de Nunes Couto

Antecessor: Antônio Cardoso Fontes



O Dr. Amadeu da Silva Fialho nasceu a 24 de setembro de 1889, na cidade do Rio de Janeiro, filho de Fenelon da Silva Fialho e D. Leopoldina Candida Fialho.

Após o curso ginasial, ingressou na Faculdade de Odontologia, tendo publicado seu primeiro trabalho em setembro de 1911, na Revista Acadêmica. Nessa época, já era auxiliar no Laboratório do Hospital Central do Exército. Possuía amor pela pesquisa e pelos laboratórios.

Em 1913, após sua formatura em Odontologia, que nunca exerceu, ingressou na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, onde graduou-se em Medicina, em 1918. Foi interno de Miguel Couto e se dedicou à Clínica Médica, tendo grande clientela no subúrbio da cidade. Foi interno do antigo Hospício, tendo tido grande influência de Juliano Moreira. Naquela instituição, adquiriu enorme experiência em autópsias, tornando-se primoroso técnico e conhecedor da Histologia e Embriologia.

Fez o curso de Manguinhos, do Instituto Oswaldo Cruz, por meio de solicitação pessoal a Oswaldo Cruz, que, ao final do curso, convidou

Amadeu Fialho a ser membro da instituição – honraria que infelizmente declinou.

Em 1921 inscreveu-se em concurso na Saúde Pública, para Assistente de Fiscalização da Medicina. Foi aprovado em segundo lugar e nomeado para o cargo, em 1922. No mesmo ano, convenceu as autoridades sanitárias da necessidade de ser criado o Serviço de Verificação de Óbitos. O serviço foi instalado, por convênio, na Escola de Medicina e Cirurgia.

Tornou-se Catedrático de Anatomia e Fisiologia Patológica desta escola, em 1925, tendo sido, ainda na Escola de Medicina e Cirurgia, Vice-Diretor da instituição, e Livre-docente da Faculdade de Medicina, em 1933.

Publicou numerosos trabalhos, difundindo a necessidade da Anatomia Patológica no Rio de Janeiro, como o livro "localizações pulmonares da micose de Lutz: anatomia patológica e patogenia" (1946). Outras publicações que se destacam são: "Um caso de hidrocefalia" (1915), "Diagnóstico anátomo-patológico da febre amarela" (1928), "Estudo sobre a peste bubônica no Ceará" (1935), "Estudos sobre a espiroquetose ictero-hemorrágica no Rio de Janeiro" (1936), "Estudos sobre a nosologia do nordeste brasileiro" (1936) e "Sistema linfático e câncer" (1942).

Trabalhou no Hospital São Sebastião, pertencente à Saúde Pública, que teve importância fundamental no estudo da tuberculose e de outras doenças infecciosas e parasitárias.

Por solicitação do Prof. Francisco Pinheiro Guimarães, assumiu o laboratório de diagnóstico anátomo-patológico da Faculdade de Medicina. Em seguida, tornou-se Assistente da Cátedra de Anatomia e Fisiologia Patológica.

Em 1939, tornou-se Patologista do Centro de Cancerologia, também pertencente à Assistência Hospitalar da Saúde Pública e é, por isso, considerado um dos fundadores do Instituto do Câncer, já que aquele Centro foi núcleo de formação do Instituto.

Foi eleito Membro Titular da Academia Nacional de Medicina, em 1943, apresentando a memória intitulada "Regeneração óssea da formação dos calos ósseos nas fraturas e suas complicações, particularmente nos traumatismos de guerra".

Fez o concurso para a Cátedra de Anatomia e Fisiologia Patológica da Faculdade de Medicina da então Universidade do Brasil, tomando posse em 1947. Seu discurso de posse foi transformado em publicação, intitulado "A Evolução da Patologia". Aposentou-se da Cátedra em 1959, tendo sido eleito Professor Emérito da Universidade do Brasil.

Em julho de 1954, participou, no Paraná, de memorável encontro de patologistas brasileiros, ocasião na qual foi fundada a Sociedade Brasileira de Patologia, onde foi eleito Presidente Honorário. Amadeu Fialho pertenceu, ainda a várias sociedades médicas nacionais e internacionais. Foi Membro Fundador da Liga Brasileira de Higiene Mental, Membro Honorário da Academia Brasileira de Odontologia e da Academia Brasileira de Medicina Militar, e Membro das Sociedades de Anatomia Patológica de Montevideu e da Argentina e da American Society of Tropical Medicine.

Seu filho, o Acadêmico Francisco Fialho, seguiu os seus passos na cátedra e nas atividades profissionais.

Faleceu na cidade do Rio de Janeiro, a 20 de outubro de 1961.

Referências

<https://www.anm.org.br/amadeu-da-silva-fialho/>

<https://www.sbp.org.br/quem-somos/historico-da-sbp/>

<https://www.sbp.org.br/ex-presidentes/prof-dr-amadeu-da-silva-fialho-periodo-1954/>

João Moniz Barreto de Aragão

Patrono da Cadeira 89

Membro Titular

Secção de Ciências Aplicadas à Medicina

Membro Titular da Cadeira 03 – Secção de Medicina

Eleito: 27/09/1906 - Posse: 11/10/1906

Saudado por: Henrique Autran da Motta e Albuquerque

Antecessor: João Joaquim Pizarro



O Dr. João Moniz Barreto de Aragão nasceu no dia 17 de junho de 1871, em Santo Amaro, no Estado da Bahia, filho do Barão e da Baronesa do Mataripe, Antônio Moniz Barreto de Aragão e de D. Tereza Maria Pires de Albuquerque Moniz de Aragão.

Cursou os melhores estabelecimentos secundários na cidade de Salvador e doutorou-se em Medicina pela Faculdade de Medicina da Bahia, em 1895, defendendo tese intitulada “A hérnia inguinal e sua durabilidade”.

Em 1897, contagiado pelo clamor público que se levantou após a Guerra de Canudos, no interior da Bahia, se apresentou como voluntário, juntamente com outros médicos e professores da faculdade, ao comando militar e foi incorporado aos contingentes que partiram para o atendimento aos militares do Exército Brasileiro. O horror de Canudos marcou definitivamente o médico Moniz de Aragão, surgindo dali o futuro médico militar, o educador e, especialmente, o higienista.

Em 1900, foi nomeado médico adjunto do Exército da guarnição militar de Florianópolis, e, em 1901, por meio de concurso para o Corpo de

Saúde do Exército, passou a Tenente Médico. Em 1904, foi designado para o Laboratório Militar de Microscopia Clínica e Bacteriologia, mais tarde Instituto Militar de Biologia, do qual foi Diretor. De 1904 a 1907, teve atividade exemplar no ramo da pesquisa de patologia, de forma a conseguir extinguir as enzootias e, em função disso, fundou um Centro Nacional Veterinário dentro do Exército. Foi, ainda, encarregado das enfermarias de Cirurgia do Hospital Central do Exército.

Além de sua atuação oficial no Exército, foi Adjunto do Diretor do Hospital de Santa Isabel, na Bahia e também realizou destacados serviços ao Ministério da Agricultura, na organização de serviços técnicos.

Foi eleito Membro Titular da Academia Nacional de Medicina, em 1906, apresentando a memória intitulada "A hérnia inguinal perante a cirurgia contemporânea". Foi também Segundo Secretário da ANM no biênio de 1909-1910.

No ano 1915, funda, junto com os Drs. Alvaro Tourino, Artur Lobo, Moreira Sampaio, Murillo Campos, Afonso Ferreira, Alarico Damásio, Alves Cerqueira e outros médicos militares, a Sociedade Médico-Cirúrgica Militar, da qual foi orador.

Em 1921, atuando como Inspetor de Serviço Veterinário, foi nomeado membro da comissão encarregada de fixar a composição das rações das tropas em tempo de paz.

É autor de vários trabalhos publicados, dentre eles "O mormo e a cirurgia (1905), "Radiografia e radioscopia nos exércitos em campanha" (1905), "Cirurgia de guerra" (1906) e "Estudos e crítica da organização de saúde da Rússia, Japão e Alemanha" (1907).

Dois dos seus seis filhos seguiram seus passos na Medicina: o Dr. João Maurício Moniz de Aragão, obstetra, Docente da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e Diretor do Hospital Pro Matre; e o Acadêmico Raymundo de Castro Moniz Aragão, Professor de Microbiologia na Escola de Química, o primeiro Reitor da Universidade Federal do Rio de Janeiro e Ministro da Educação, em 1966.

O Dr. Moniz Aragão faleceu de síncope cardíaca, no dia 16 de janeiro de 1922, na casa em que residiu, localizada na rua que recebeu seu nome,

Avenida Tenente Coronel Muniz de Aragão, no bairro de Jacarepaguá, no Rio de Janeiro.

Por meio do Decreto-Lei nº 2.893, de 20 de janeiro de 1940, o Tenente Coronel Médico Dr. João Moniz Barreto de Aragão foi considerado Patrono do Serviço de Veterinária do Exército, como reconhecimento aos seus esforços para a fundação e desenvolvimento daquele Serviço.

Referências

<https://www.anm.org.br/joao-moniz-barreto-de-aragao/>

<https://www.crmvrj.org.br/2022/01/crmv-rj-homenageia-muniz-de-aragao-nos-100-anos-da-morte-do-patrono-do-servico-de-veterinaria-do-exercito/>

<https://animalbusiness.com.br/medicina-veterinaria/veterinaria-militar/os-patronos-da-veterinaria-brasileira/>

<http://www.mauroblanco.com.br/atividades-profissionais/exercito/>

Oswaldo Gonçalves Cruz

Patrono da Cadeira 90

Membro Titular

Secção de Ciências Aplicadas à Medicina

Eleito: 28/06/1899 - Posse: 24/08/1899



Nascido a 5 de agosto de 1872, em São Luiz do Paraitinga, Estado de São Paulo, filho do médico Bento Gonçalves Cruz e D. Amélia Taboada Bulhões Cruz. Viveu na cidade até 1877, quando sua família se transferiu para o Rio de Janeiro.

Fez os estudos preparatórios no Colégio Pedro II e, aos 15 anos, ingressou na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Antes de concluir o curso, já publicara dois artigos sobre microbiologia na revista *Brasil Médico*. Graduou-se a 24 de dezembro de 1892, defendendo tese intitulada "A Veiculação Microbiana pelas Águas". Seu interesse pela microbiologia levou-o a montar um pequeno laboratório no porão de sua casa.

Contudo, a morte de seu pai, no mesmo ano de sua formatura, impediu o aprofundamento de seus estudos por um tempo. Somente em 1896 pôde realizar o seu sonho: especializar-se em Bacteriologia no Instituto Pasteur de Paris, dirigido pelo Dr. Émile Roux, descobridor do soro anti-diftérico. que, juntamente com o Dr. Ellie Metchnikoff, se tornaram seus principais orientadores profissionais. Oswaldo Cruz Trabalhou no Serviço de Vias Urinárias do professor Félix Guyon e fez estágio na Alemanha.

Ao voltar da Europa, em 1899, Oswaldo Cruz encontrou o Porto de Santos assolado por violenta epidemia de peste bubônica, e logo se engajou no combate à doença. Para fabricar o soro antipestoso, foi criado, em 25 de maio de 1900, o Instituto Soroterápico Federal, instalado na antiga Fazenda de Manguinhos, tendo como Diretor Geral o Barão de Pedro Affonso e Diretor Técnico o jovem bacteriologista. Em 1902, Cruz assumiu a direção geral do novo Instituto e ampliou suas atividades, dedicando-se não só à fabricação do soro antipestoso como à pesquisa básica aplicada e à formação de recursos humanos.

Foi eleito Membro Titular da Academia Nacional de Medicina em 26 de junho de 1899. Na instituição, atuou como Presidente da Secção de Ciências Aplicadas à Medicina nos anos de 1913 a 1916.

Em 15 de novembro de 1902, quando Rodrigues Alves foi eleito Presidente da República, declarou como objetivo a erradicação de doenças como a febre amarela, peste bubônica e varíola. Para tanto, nomeia Oswaldo Cruz como Diretor Geral da Saúde Pública, cargo que corresponde atualmente ao de Ministro da Saúde. Utilizando o Instituto Soroterápico Federal como base de apoio técnico-científico, deflagrou memoráveis campanhas de saneamento. Em poucos meses, a incidência de peste bubônica diminuiu com o extermínio dos ratos, cujas pulgas transmitiam a doença.

Ao combater a febre amarela, na mesma época, Oswaldo Cruz enfrentou vários problemas. Grande parte dos médicos e da população acreditava que a doença se transmitia pelo contato com as roupas, suor, sangue e secreções de doentes. No entanto, Oswaldo Cruz acreditava que o transmissor da febre amarela era um mosquito. Assim, suspendeu as desinfecções, método tradicional no combate à moléstia, e implantou medidas sanitárias com brigadas que percorreram casas, jardins, quintais e ruas, para eliminar focos de insetos. Sua atuação provocou violenta reação popular.

Em 1904, a oposição a Oswaldo Cruz atingiu seu ápice. Com o recrudescimento dos surtos de varíola, o sanitarista tentou promover a vacinação em massa da população. Os jornais lançaram uma campanha contra a medida. O congresso protestou e foi organizada a Liga Contra a Vacinação Obrigatória. No dia 13 de novembro, estourou a rebelião popular, a Revolta da Vacina, e, no dia 14, a Escola Militar da Praia Vermelha se levantou. O Governo derrotou a rebelião, mas suspendeu a obrigatoriedade da vacina.

Em 1907, a febre amarela estava erradicada do Rio de Janeiro e, em 1908, uma epidemia de varíola levou a população aos postos de vacinação. O Brasil finalmente reconhecia o valor do sanitarista, todavia, no mundo científico internacional, seu prestígio era já incontestável. Em 1907, em Berlim, recebeu a medalha de ouro pelo trabalho de saneamento do Rio de Janeiro. Oswaldo Cruz ainda reformou o Código Sanitário e reestruturou todos os órgãos de saúde e higiene do país.

Em 1909, deixou a Diretoria Geral de Saúde Pública, passando a se dedicar apenas ao Instituto de Manguinhos, que fora rebatizado com o seu nome. Lançou importantes expedições científicas que possibilitaram a ocupação do interior do país, erradicou a febre amarela no Pará, realizou a campanha de saneamento da Amazônia e permitiu o término das obras da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré, cuja construção havia sido interrompida pelo grande número de mortes entre os operários, provocadas pela malária.

Oswaldo Cruz recebeu outras honrarias e homenagens: em 1911, na Exposição Internacional de Higiene (em Dresden, Alemanha), lhe foi conferido um diploma de honra ao Instituto Oswaldo Cruz; em 1914, a França, tendo sido beneficiada em suas colônias na África pelas descobertas de Oswaldo Cruz, lhe concedeu a Legião de Honra, a mais alta distinção republicana francesa.

Oswaldo Cruz foi o segundo ocupante da cadeira número 5 na Academia Brasileira de Letras, eleito em 11 de maio de 1912, na sucessão de Raimundo Correia e recebido pelo acadêmico Afrânio Peixoto em 26 de junho de 1913.

Em 1915, por motivos de saúde, abandonou a direção do Instituto Oswaldo Cruz e mudou-se para Petrópolis. Eleito Prefeito daquela cidade, traçou vasto plano de urbanização, que não pôde ver construído, pois a piora de sua saúde o levou a renunciar ao cargo.

Sofrendo de insuficiência renal, Oswaldo Cruz morreu em casa, em Petrópolis, a 11 de fevereiro de 1917, com apenas 44 anos de idade, ao lado da esposa, dos filhos e dos amigos Salles Guerra, Ezequiel Dias, Carlos Chagas, João Pedroso e Belisário Penna. Ele foi sepultado no dia seguinte, em meio a uma comoção popular, no cemitério São João Batista, no Rio de Janeiro.

Referências

<https://www.anm.org.br/oswaldo-goncalves-cruz/>
<https://portal.fiocruz.br/trajetoria-do-medico-dedicado-ciencia>
<https://www.ioc.fiocruz.br/pages/personalidades/OswaldoGoncalvesCruz.htm>
https://pt.wikipedia.org/wiki/Oswaldo_Cruz
<https://mundoeducacao.uol.com.br/historiadobrasil/oswaldo-cruz.htm>
https://www.ebiografia.com/oswaldo_cruz/
<https://www.infoescola.com/biografias/oswaldo-cruz/>
<http://www.ccms.saude.gov.br/revolta/personas/cruz.html>
<https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/CRUZ,%20Oswaldo.pdf>

Orlando da Fonseca Rangel

Patrono da Cadeira 91

Membro Titular

Secção de Ciências Aplicadas à Medicina

Eleito: 21/03/1895 - Posse: 18/04/1895



Nascido a 29 de fevereiro de 1868, na então Freguesia de N. S. da Conceição de Cordeiros, hoje município de São Gonçalo, no Estado do Rio de Janeiro, filho de Feliciano José da Fonseca Rangel e D. Lauriana Florinda de Mattos Rangel.

Apesar do desejo de ser engenheiro, diplomou-se em Farmácia pela antiga Escola de Farmácia anexa à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, em 1888.

Foi eleito Membro Titular da Academia Nacional de Medicina, em 1895, apresentando a memória intitulada "A Noz de Cola na Terapêutica". havendo a assinalar-se o fato único nos anais da Academia, de ter sido escolhido por seus pares para diretor-secretário no mesmo dia de sua posse. Na instituição, exerceu vários cargos, dentre eles o de Presidente das Secções de Farmacologia (1901-1903) e de Farmácia (1914-1920). Foi ainda 1º Secretário (1910-1911); 2º Secretário (1895-1896); Tesoureiro (1904-1905) e Secretário da Secção de Farmácia (1896-1898).

Foi transferido para a classe de Honorários, em 1927. É o Patrono da Cadeira 91 da Academia Nacional de Medicina.

Foi a Academia seu campo predileto de atividade científica. Seu devotado amor à Pátria levou-o a setores inteiramente alheios ao próprio interesse pessoal, demonstrando o grande químico, que de fato era. Naquele momento, ao iniciar-se o século XX, quando a honorabilidade dos químicos oficiais brasileiros era desacreditada, emergiu serena, inflexível e dominadora atuação do Presidente da Secção de Farmácia da Academia Nacional de Medicina. Foi uma das mais formosas vitórias científicas de Orlando Rangel.

Trabalhou na Farmácia Silveira, na Rua Haddock Lobo, na Tijuca, e dirigiu a Farmácia Furquim Werneck, no Largo de Santa Rita. Em 1892, fundou a Farmácia e o Laboratório Industrial Farmacêutico Orlando Rangel.

Foi o primeiro, no Brasil, a fabricar produtos injetáveis, de acordo com a técnica europeia e os ensinamentos de Oswaldo Cruz que, pessoalmente, assistiu à manipulação das primeiras ampolas. Fabricou ainda outras especialidades farmacêuticas à base de plantas medicinais, entre as quais a noz de cola, a cáscara sagrada, o boldo e o pichi; sabonetes medicinais; produtos de toucador como pó de arroz, loções, brilhantinas e sabonetes perfumados; e coloides terapêuticos.

Não foi esta, aliás, a sua única contribuição cívica; sempre que solicitado, assistiu ao poder público com a sua clarividência e autoridade moral incontestável, bastando, por exemplo, o projeto de tarifas aduaneiras, que elaborou, em 1913, a pedido do então Ministro da Fazenda, projeto que os componentes consideraram digno de modelar as tarifas de outros países.

Estes trabalhos não logravam, entretanto, afastá-lo do culto à farmacologia, onde a sua passagem ficou indelével, quer no terreno prático, na criação de produtos que representaram progresso, quer no campo doutrinário em qual, sob muitos aspectos, se mostrou verdadeiro precursor.

Seu trabalho "Contribuição ao Estudo do Determinismo Terapêutico" bastaria para assegurar-lhe o posto de destaque entre os que cultivavam a ciência, tal a sua poderosa antevisão de problemas, que só depois começaram a ser elucidados. Outras obras que se destacam são: "O gaiacol cristalizado" (1895), "A salicilagem dos vinhos" (1900 a 1902),

"A esterilização das plantas medicinais" (1911) e "Nova contribuição ao estudo da eletroquimioterapia coloidal" (1918).

Foi Orlando Rangel um dos mais adiantados pregoeiros das doenças de acidose, isto em 1916, e pode-se afirmar que ninguém, no mundo, fez mais do que ele pela consolidação e conceituação da Coloidologia Terapêutica.

Mas, além da vasta obra evangelizadora, é de referir a sua contribuição pessoal, tal como a ideia de aplicar o princípio de Nernst à explicação da escolha do metal para constituir a micela, consoante à indicação terapêutica, tendo para isto que estudar profundamente, como fez, a ação oligodinâmica das aludidas substâncias. Este ponto de vista foi integralmente aceito por Lumière.

Mantém-se ainda firme, também, a hipótese sobre a natureza das oxidasas, que Orlando Rangel defendeu.

Exerceu-se esta influência benéfica não só aqui, como além-mar, cabendo mencionar a tese de Morsier, feita no Serviço do Prof. Gougerot, inteiramente próxima dos trabalhos de Orlando Rangel, e onde o nome do farmacologista brasileiro é constantemente citado, e empenhado a Levaditi e outros sábios de que a França tanto se orgulhava.

Foi Presidente de Honra da Associação Brasileira de Farmacêuticos (1924); Membro Honorário da extinta Academia Paulista de Medicina (1918); Presidente Honorário da Sociedade de Farmácia e Química de São Paulo (1926); Sócio correspondente da Sociedade Portuguesa de Química e Física (Núcleo do Porto, Portugal, 1920); Sociedade de Farmácia de Pernambuco, Membro correspondente da Sociedade Nacional de Farmácia de Buenos Aires (1928); Sócio honorário da União Farmacêutica de São Paulo (1921); Sócio efetivo da Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro (1918) e Membro da Liga de Defesa Nacional da Cruz Vermelha Brasileira.

Foi, também, Diretor da Faculdade de Farmácia da Universidade Livre do Distrito Federal (1933) e Sócio Fundador da Associação Brasileira de Imprensa; Membro da Liga de Defesa Nacional da Cruz Vermelha Brasileira. Irmão da Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro; irmão benemérito da Irmandade do Senhor Santo Cristo dos Milagres, no Rio de Janeiro; irmão da Ordem dos Mínimos de São Francisco de Paula.

Recebeu a “Cruz de Honra da Beneficência”, da República Francesa; o brevê de cavaleiro da 1ª classe do Corpo da Ordem de São Sebastião e Guilherme, da mesma Nação; e o diploma “Estrela do Dever” de 1ª classe e a Medalha Oficial comemorativa da Defesa de Verdun.

Orlando Rangel faleceu na cidade do Rio de Janeiro, a 20 de dezembro de 1934, deixando indelével passagem na Sociedade, na profissão e na Academia.

Referências

<https://www.anm.org.br/orlando-da-fonseca-rangel/>

https://pt.wikipedia.org/wiki/Orlando_da_Fonseca_Rangel

<https://www.oselo.com.br/artigo/orlando-da-fonseca-rangel/>

Isaac Werneck da Silva Santos

Patrono da Cadeira 92

Membro Titular

Secção de Ciências Aplicadas à Medicina

Eleito: 09/11/1905 – Posse: 16/11/1905

Saudado por: Antonio Austregésilo Rodrigues Lima



Isaac Werneck da Silva Santos nasceu em 25 de dezembro de 1880, na cidade de Valença, Estado do Rio de Janeiro, filho de João Barbosa dos Santos e Firmina Werneck da Silva Santos.

Graduou-se em Farmácia pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, em 1º de fevereiro de 1900. Durante seus estudos, foi Auxiliar do Laboratório Químico Farmacêutico Militar. Era o proprietário da Farmácia Werneck.

Isaac Werneck da Silva Santos foi eleito Membro Titular da Academia Nacional de Medicina, em 1905, apresentando a memória intitulada "Do exame de urina e seu valor semiológico". Foi o primeiro ocupante da Cadeira No. 92, da então "Secção de Farmácia e Ciências Aplicadas à Medicina", da qual é também o Patrono.

Como professor da Escola de Medicina e Cirurgia, ocupou, com grande brilho e admirável aproveitamento, a Cátedra de Farmácia Química. Foi integrante, como Químico, da Inspetoria de Fiscalização do Exercício da Medicina, Farmácia, Arte Dentária e Obstetrícia.

Dentre os muitos trabalhos de mérito que produziu, destaca-se o que apresentou ao VI Congresso Brasileiro de Medicina e Cirurgia, ocorrido em 1907, intitulado "Observação Urométrica", obtendo elogiosas referências.

Em 1921, foi nomeado por Carlos Chagas químico analista de Departamento Nacional de Saúde Pública, após obter primeira classificação no concurso procedido para aquele fim, função que desempenhou com honestidade e proficiência. Em 1924, fez parte da comissão que revisou a Farmacopéia Brasileira, cuja elaboração coube ao farmacêutico Rodolpho Albino Dias da Silva, e que foi aprovada pelo Decreto 17.509, de 4 de novembro de 1926, tornando obrigatória em agosto de 1929.

Fez parte de várias instituições científicas, tais como a Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro, Sociedade Brasileira de Química, Sociedade de Farmácia e Química de São Paulo e Associação Brasileira de Farmacêuticos, onde foi seu Vice-Presidente, Orador e Redator-chefe do órgão oficial.

Participou da Associação Brasileira de Farmacêuticos, tendo sido seu vice-presidente, orador e redator chefe do órgão oficial, tomando ainda parte ativa no I Congresso Brasileiro de Farmácia.

Foi, também, Vice-Presidente da Associação dos Empregados no Comércio, em 1919-1920.

O Dr. Isaac Werneck da Silva Santos faleceu na cidade do Rio de Janeiro, no dia 24 de março de 1931.

Referências

<https://www.anm.org.br/isaac-werneck-da-silva-santos/>

https://pt.wikipedia.org/wiki/Isaac_Werneck_da_Silva_Santos

Belisário Augusto de Oliveira Penna

Patrono da Cadeira 93

Membro Honorário Nacional

Secção de Ciências Aplicadas à Medicina

Eleito: 21/07/1921 - Posse: 21/07/1921



Belisário Augusto de Oliveira Penna nasceu em Barbacena (MG), a 29 de novembro de 1868, filho homônimo do primeiro e único Barão e Visconde de Carandaí, e de Lina Leopoldina Lage Duque Penna.

Ingressou, em 1886, na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, transferindo-se no último ano para a Faculdade de Medicina da Bahia, onde terminou o curso, em novembro de 1890. Retornou à Minas Gerais e clinicou por alguns anos em Barbacena e Juiz de Fora, onde foi eleito vereador.

Transferiu-se para o Rio de Janeiro em 1904, onde trabalhou na Diretoria Geral de Saúde Pública. Neste cargo, foi designado para exercer as suas funções numa área da cidade habitada por imigrantes portugueses, italianos, judeus e negros, quase todos pobres, marcando o início de seu envolvimento com as políticas de saúde. Nomeado Inspetor Sanitário, a 5 de maio de 1904, iniciou sua atividade na área compreendida entre as ruas Marquês de Sapucaí, Santana, General Pedra, Senador Eusébio, Visconde de Itaúna, São Leopoldo, Alcântara e Marquês de Pombal, zona de pequeno comércio e inúmeros cortiços. Apresentou relatório em 08 de janeiro de 1905, onde narra os serviços realizados entre 17 de maio e 31 de dezembro de 1904.

Dedicando-se à vigilância médica e vacinação, entre 17 de maio e 31 de dezembro de 1904, encontrou relutância da população, mas logo essa resistência foi vencida. Segundo Belisário Penna, o trabalho do inspetor era função educativa, além das atividades de vacinação, vigilância médica e polícia médica. Havia também um caráter coercitivo, exercido por meio das multas aos comerciantes, donos de armazéns e estalagens imundas, repletas de doenças e animais, que se negavam a cumprir as recomendações sanitárias.

Teve importante papel no combate à febre amarela, malária e outras doenças em diversos pontos do território nacional. Oswaldo Cruz o convidou a visitar os trabalhos da Estrada de Ferro Madeira Mamoré, onde existiu uma grande mortandade de trabalhadores. Fez parte da caravana chefiada por Arthur Neiva, que percorreu grande parte dos sertões do Norte, a partir da Bahia. Conheceu o norte da Bahia sudeste de Pernambuco, sul do Piauí e nordeste de Goiás, a fim de estudar as condições sanitárias destes estados. As condições miseráveis da população marcaram-no de tal forma que Belisário Penna viria a se tornar um incansável pregador da educação higiênica como caminho necessário para a superação dos problemas sociais da doença e miséria que tanto afligiam o Brasil.

Em 1913, Belisário Penna solicitou uma licença de seis meses e, por conta própria, percorreu os estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, para estudá-los, como fizera em relação aos do Nordeste. Retornando ao Rio de Janeiro, reassumiu o cargo de Inspetor Sanitário. Em Vigário Geral, instalou, em março de 1916, o primeiro posto de profilaxia rural do Brasil, que mais tarde seria transferido para as localidades de Parada de Lucas e Penha.

Em 1916, iniciou pelo jornal *O Correio da Manhã*, uma campanha pelo Saneamento do Brasil, escrevendo os artigos que constituiriam o livro publicado com este nome. De acordo com os ideais do Movimento Sanitarista (do qual fez parte Belisário Penna), caberia à educação higiênica gerar uma nova sociedade, adequada aos ideais de racionalidade e produtividade capitalistas, sendo formuladas novas normas sobre o lazer, trabalho, educação e família, visando um Brasil moderno e pacífico, que buscava civilizar o cidadão, seus espaços e relações. Desse quadro emergia a convicção de que o país só entraria no caminho da civilização a partir do momento em que princípios profiláticos básicos fossem seguidos.

Em 1918, assumiu a direção do Serviço de Profilaxia Rural, recém-criado pelo Presidente Venceslau Brás. Em 1920, foi nomeado Diretor de Saneamento Rural do Departamento Nacional de Saúde, gestão durante a qual dez postos sanitários foram instalados nos subúrbios e zonas rurais do então Distrito Federal. Na mesma época, ele seria o principal dirigente de importante associação reunindo políticos, escritores e médicos, a Liga Pró-Saneamento do Brasil, responsável por reivindicar reformas nas políticas de saúde. Dois anos depois, exonerou-se desse cargo por discordar das interferências políticas no órgão.

Em 1924, manifestou-se publicamente a favor dos levantes tenentistas deflagrados contra o governo de Artur Bernardes. Por conta disso, foi preso por seis meses. Entre 1927 e 1928, voltou a percorrer o Brasil como Chefe do Serviço de Propaganda e Educação Sanitária. Neste cargo, percorreu os estados de Minas Gerais, Alagoas, Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Norte até ser requisitado, em 1928, pelo governo do Rio Grande do Sul para organizar um centro de educação sanitária.

Em 1930, participou dos preparativos da revolução no Rio Grande do Sul. Após a vitória do movimento, foi nomeado Diretor do Departamento Nacional de Saúde Pública (DNSP). Em setembro de 1931, foi nomeado Ministro da Educação e Saúde, ficando no cargo por três meses. Em dezembro de 1932, voltaria a ocupar interinamente o ministério por alguns dias.

Foi eleito Membro Honorário da Academia Nacional de Medicina, em 1921, onde tornou-se Patrono da Cadeira 93da Secção de Ciências Aplicadas à Medicina.

Faleceu no interior do Rio de Janeiro, em sua fazenda, de infarto fulminante, em 9 de novembro de 1939.

- Ideias Políticas

Em 1935, filiou-se à Ação Integralista Brasileira, fundada por Plínio Salgado, em 1932, sob a inspiração do fascismo italiano e foi Membro da Câmara dos 40, órgão político do movimento.

Em uma das suas últimas manifestações públicas, compareceu, com uniforme integralista, cercado pelos companheiros camisas-verdes, a um encontro com Getúlio Vargas. Foram comunicar ao presidente da

República o resultado da escolha de Plínio Salgado como candidato a uma provável eleição presidencial.

Com o golpe do Estado Novo, em 10 de novembro de 1937, a Ação Integralista foi fechada e seus integrantes tentaram depor o governo, mas foram derrotados. Com a repressão do movimento, ele retirou-se da política para viver em sua fazenda, no interior do estado do Rio de Janeiro.

Participou ainda do chamado movimento eugênico, que propunha o melhoramento da raça por meio da higiene física e moral da população, cujo líder era Renato Kehl, seu genro. Foi um dos introdutores no Brasil da teoria da eugenia e membro ativo da Comissão Central Brasileira de Eugenia, da qual se originou a Liga Pró-Saneamento. No contexto da época e da América Latina, o termo “eugenia” era sinônimo da adoção de práticas preventivas para aperfeiçoamento moral e físico da hereditariedade de uma população, com um caráter de reformismo social. Defendia uma educação higiênica nos lares, escolas e cidades, valorizando questões morais, erradicando maus hábitos e modelando o trabalho e a família, de forma a assegurar a saúde e produtividade da população. Tinha visões semelhantes às do eugenista Roquette-Pinto, e opostas às de Renato Kehl.

Para ele, o verbo “sanear” ultrapassava o significado técnico-científico e se tornava ação permanente de transformação político-social.

Referências

https://pt.wikipedia.org/wiki/Belis%C3%A1rio_Augusto_de_Oliveira_Pena

<https://brasilianafotografica.bn.gov.br/?p=12777>

<https://www.anm.org.br/belisario-augusto-de-oliveira-penna/>

<http://www.fiocruz.br/biosseguranca/Bis/Biograf/ilustres/belisariopenna.htm>

<https://www.scielo.br/j/hcsm/a/tjyk3VCSbHWFpnFWDZ4Z9LF/>

<https://integralismo.org.br/biografia/belisario-penna/>

<http://mapa.an.gov.br/index.php/publicacoes/70-biografias/999-belisario-augusto-de-oliveira-pena>

Benjamin Franklin de Ramiz Galvão **(Barão de Ramiz)**

Patrono da Cadeira 94

Membro Honorário Nacional

Secção de Ciências Aplicadas à Medicina

Eleito: 22/05/1919 - Posse: 26/06/1919



O Dr. Benjamin Franklin Ramiz Galvão, primeiro e único Barão de Ramiz, médico, professor, filólogo e biógrafo, nasceu no então Passo do Couto, hoje Ramiz Galvão, município de Rio Pardo, no Rio Grande do Sul, em 16 de junho de 1846, filho de João Ramiz Galvão e de D. Maria Joana Ramiz Galvão.

Quando contava a idade de seis anos, sua família transferiu-se para o Rio de Janeiro. Após os estudos primários no Colégio Amante da Instrução, fez gratuitamente, com o apoio do Imperador, toda a instrução secundária no Colégio Pedro II, bacharelando-se em Letras, em 1861. Aos 19 anos escreveu o seu primeiro livro, "O púlpito no Brasil", publicado em 1867.

Formou-se em Medicina na Escola de Medicina do Rio de Janeiro, em 1868, defendendo a tese intitulada "Valor terapêutico do calomelano no tratamento da inflamação das moléstias serosas". Trabalhou inicialmente como cirurgião no Hospital Militar da Ponta da Armação, abraçando depois o magistério. Serviu como Cirurgião do Exército na Guerra do Paraguai.

Helenista emérito foi professor de Grego no Colégio Pedro II e de Química orgânica, Zoologia e Botânica na Escola de Medicina do Rio de Janeiro. No Concurso para a Cátedra, em 1871, apresentou a tese intitulada "O calor, a luz, o magnetismo e a eletricidade são agentes distintos?". Não foi somente um mestre que honrou aquelas cátedras, mas um educador cuja longa existência decorreu a serviço do ensino. Foi grande amigo de D. Pedro II desde os anos escolares. De 1882 a 1889 foi preceptor dos príncipes imperiais, netos de D. Pedro II e filhos do Conde d'Eu e da Princesa Isabel. Teve assim ocasião de conviver com o Imperador, que o chamou ao exercício de cargos honrosos. Realmente, Ramiz Galvão teve tanto no Império como na República, ocasião de ocupar vários cargos importantes, graças à sua capacidade de trabalho, valor intelectual e profunda cultura. Por decreto do governo imperial de 18 de junho de 1888, recebeu o título de Barão de Ramiz.

Dirigiu a Biblioteca Nacional e, por duas vezes, foi diretor-geral da Instrução Pública do Distrito Federal. Foi também o primeiro reitor da Universidade do Brasil. Nos doze anos em que dirigiu a Biblioteca Nacional, organizou a exposição camoniana de 1880 e a de História do Brasil, no ano seguinte, com os respectivos catálogos. Também promoveu a publicação dos Anais daquela repartição.

Organizou o Asilo Gonçalves de Araújo, instituição destinada a educar crianças pobres, conforme vontade expressa do seu doador, e foi seu diretor desde 1899 até 1931.

A presença de Ramiz Galvão na história da Filologia ficou marcada com o seu vocabulário etimológico, ortográfico e prosódico das palavras portuguesas derivadas da língua grega, publicado em 1909, suscitando polêmicas vivazes. A mais extremada delas foi com Cândido de Figueiredo, que produziu 22 páginas de críticas, formando quase um capítulo do seu livro "Vícios da linguagem médica", também de 1909. Em resposta, Ramiz Galvão deu a lume os "Reparos à crítica", em 1910, reunindo artigos então publicados no Jornal do Comércio.

Foi Ramiz Galvão que, em 1904, sugeriu o nome de Silogeu Brasileiro para o edifício construído na Praia da Lapa e onde o governo se propôs a reunir várias instituições culturais, inclusive o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, a Academia Brasileira de Letras e a Academia Nacional de Medicina.

Foi eleito Membro Honorário Nacional da Academia Nacional de Medicina em, 1919, onde é o Patrono da Cadeira 94.

Ainda em 1919, traduziu “A retirada da Laguna”, de Visconde de Taunay, a 3ª edição francesa, e foi eleito Sócio e Benemérito do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, do qual foi Orador Perpétuo.

Foi eleito como segundo ocupante da Cadeira 32 da Academia Brasileira de Letras em 12 de abril de 1928, na sucessão de Carlos de Laet, e recebido pelo acadêmico Fernando Magalhães em 23 de junho de 1928. Só entrou para a Academia de Letras aos 82 anos, pois, já havia concorrido em 1912 à vaga do Barão do Rio Branco, quando perdeu para Lauro Müller, motivando por isso o afastamento de José Veríssimo das atividades acadêmicas, inconformado com o resultado do pleito. Fez parte da Comissão do Dicionário (1928) e da Comissão de Gramática (1929). Foi Presidente da ABL (1933-1934).

Foi condecorado como Dignatário da Ordem da Rosa, Cavaleiro da Ordem Austríaca de Francisco José e Oficial da Instrução Pública da França.

O Dr. Benjamin Franklin de Ramiz Galvão faleceu no Rio de Janeiro, aos 92 anos, no dia 9 de março de 1938.

Referências

<https://www.anm.org.br/benjamim-franklin-de-ramiz-galvao-barao-de-ramiz/>

<https://www.academia.org.br/academicos/ramiz-galvao-barao-de-ramiz-galvao/biografia>

https://pt.wikipedia.org/wiki/Ramiz_Galv%C3%A3o

<http://mapa.an.gov.br/index.php/publicacoes2/70-biografias/641-benjamim-franklin-ramiz-galvao-barao-de-ramiz>

<http://expagcrj.rio.rj.gov.br/ramiz-galvao-benjamin-franklin/>

<https://ihgb.org.br/perfil/userprofile/bfdrgalvao.html>

<https://antigo.bn.gov.br/acontece/noticias/2020/06/personagens-biblioteca-nacional-ramiz-galvao>

Joaquim Monteiro Caminhoá

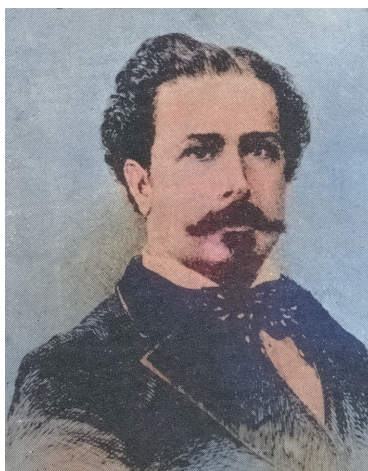
Patrono da Cadeira 95

Membro Titular

Secção de Ciências Aplicadas à Medicina

Eleito: 17/05/1869 – Posse: 02/08/1869

Saudado por: José Pereira Rego (Barão do Lavradio)



O Dr. Joaquim Monteiro Caminhoá, médico, botânico e professor, nasceu na cidade de Salvador, no Estado da Bahia, em 21 de dezembro de 1836, filho de Manuel José Caminhoá e Luiza Monteiro Caminhoá.

Doutor em Medicina, em 1858, pela Faculdade de Medicina da Bahia, com a tese intitulada "A febre amarela e o cólera-morbus serão provenientes de um envenenamento miasmático? Da medicação hydrotherápica; exame e solução das principais questões sobre a anestesia e na terapêutica cirúrgica; ozona, sua natureza, propriedades e preparação".

Iniciou sua vida profissional no Corpo de Saúde da Armada Brasileira, trabalhando em hospitais e navios. Pelos serviços prestados durante a Guerra do Paraguai (1864-1868), foi agraciado com as medalhas comemorativas da Rendição das Forças Paraguias em Uruguaiana, da Campanha do Paraguai e da Campanha Oriental de Paissandu. Reformou-se no posto de 1º Tenente Médico, após o término da Guerra.

Na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro foi da Sessão de Ciências Acessórias (1861) e Professor Catedrático de Botânica e Zoologia, até o ano de 1881, quando se jubilou da Instituição.

Prestou grande serviço durante a epidemia de cólera-morbus no ano de 1867, que devastou o Recôncavo Baiano, Alagoas e Sergipe.

Viajou pela Europa visitando jardins e hortos científicos. Suas observações foram registradas no "Relatório sobre os jardins botânicos" apresentado à Secretaria de Estado dos Negócios da Agricultura, Comércio e Obras Públicas.

Foi eleito Membro Titular da Academia Imperial de Medicina (hoje Academia Nacional de Medicina), em 1869, apresentando a memória intitulada "Sobre aparelhos anestésicos e, particularmente, sobre um inalador adjuvante para os casos operatórios em que não houver cirurgia ajudante".

Por concurso obteve a cátedra de História Natural no Internado do Imperial Colégio de Pedro II, no período de 1880 a 1889.

Pertenceu a diversas instituições científicas nacionais e estrangeiras: Membro do Conselho do Imperador D. Pedro II, da Sociedade Velosiana de Ciências Naturais, da Sociedade Abolicionista da Escravatura, da Sociedade de Botânica da França e da Sociedade de Ciências Naturais de Edimburgo, fundador da Associação Brasileira de Aclimação e da Associação Beneficente da Corporação Docente do Rio de Janeiro.

Em reconhecimento ao seu trabalho recebeu várias medalhas de mérito e condecorações: Comendador da Ordem da Rosa, Comendador da Imperial Ordem Austríaca de Francisco José, Cavaleiro da Ordem de S. Bento de Aviz e Cavaleiro da Ordem de Cristo.

Na Exposição Universal de Viena (1873) participou como membro adjunto da comissão brasileira onde apresentou seus estudos sobre botânica médica. Representou o Governo brasileiro como delegado e vice-presidente da Seção de Quarentenas no Congrès Médical Internationale de Vienne (1873) quando apresentou seu trabalho "Des quarentaines".

Durante sua vida teve inúmeros trabalhos publicados, entre eles as obras "A vegetação nos diversos períodos da formação de nosso planeta e das modificações que ela experimenta em diferentes latitudes, pela influência dos agentes" (1861), "Estudos sobre a intoxicação palúdica no Exército do Brasil" (1870), "Das plantas tóxicas do Brasil" (1871), "Des quarentaines" (1873), "Os ensaios para o estudo da flora dos pântanos

do Brasil" (1876) e "Elementos de Botânica Geral e Medicina", com a publicação do primeiro volume no ano de 1877, premiada pelo Governo Imperial.

O Dr. Joaquim Monteiro Caminhoá faleceu no dia 28 de novembro de 1896, na cidade do Rio de Janeiro.

Referências

<https://www.anm.org.br/joaquim-monteiro-caminhoa/>

https://pt.wikipedia.org/wiki/Joaquim_Monteiro_Caminho%C3%A1

<https://dichistoriasaude.coc.fiocruz.br/iah/pt/verbetes/camjoamon.htm>

<https://www.scielo.br/j/hcsm/a/KdyCdn3xB6L7rBMw7KhM36J/>

<https://ihgb.org.br/revista-eletronica/artigos-479/item/108646-um-estudo-biografico-nao-publicado-sobre-o-medico-botanico-joaquim-monteiro-caminhoa.html>

<https://rbhciencia.emnuvens.com.br/revista/article/view/3/1>

Rodolpho Albino Dias da Silva

Patrono da Cadeira 96

Membro Titular

Secção de Ciências Aplicadas à Medicina

Membro Titular da Cadeira 93 - Secção de Ciências Aplicadas à Medicina

Eleito: 17/07/1919 - Posse: 09/10/1919

Saudado por: Alfredo da Silva Moreira

Antecessor: Vicente Werneck Pereira da Silva



Rodolpho Albino Dias da Silva, filho do Dr. João Albino Dias da Silva e D. Alzira Mendonça Dias da Silva, nasceu no município de Cantagalo, no Estado do Rio de Janeiro, em 5 de agosto de 1889.

Seus estudos de humanidades foram feitos no Colégio Anchieta, em Nova Friburgo. Diplomou-se em Farmácia, em 1909, pelo antigo curso farmacêutico da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro.

Para aperfeiçoar seus estudos e conhecimentos científicos, logo após sua formatura, viajou para Paris, onde se aprofundou no estudo da química, da botânica e sobretudo da farmacognosia, com os grandes mestres franceses como, Emile Perrot, Albert Goris e outros.

De volta da Europa, ingressou no Exército como farmacêutico militar após brilhante concurso, em 11 de fevereiro de 1914, indo servir no Rio Grande do Sul, local onde casou-se. Fez parte, também, do quadro de farmacêuticos do Laboratório Químico Farmacêutico do Exército.

Foi eleito Membro Titular da Academia Nacional de Medicina em 1919, apresentando a memória intitulada "Falsas ipecas do Brasil".
É o Patrono da Cadeira 96.

Foi um dos fundadores e eleito Presidente da Associação Brasileira de Farmacêuticos (1920-1921 e 1927-1928). Fundou, também, o "Boletim da Associação Brasileira de Farmacêuticos", órgão oficial da instituição que dirigiu e foi Redator-chefe, imprimindo magnífica orientação científica e publicando seus trabalhos sobre plantas medicinais brasileiras, como "O guaicurú" e a "Caroba", e também divulgou algumas monografias de seu projeto de Farmacopeia.

Na comemoração do 1º centenário da Independência do Brasil, o Presidente Epitácio Pessoa realizou numerosos congressos, dentre eles o 1º Congresso Brasileiro de Farmácia, no qual Rodolpho Albino Dias da Silva integrou a comissão organizadora do referido certame e apresentou o seu projeto da Farmacopeia Brasileira.

Na grande reforma do Departamento Nacional de Saúde Pública feita por Carlos Chagas, em 1920, foram criados dois lugares de químicos que, em 1921, foram preenchidos por concurso, sendo um deles ocupado pelo Rodolpho Albino Dias da Silva e outro por Isaac Werneck da Silva Santos.

Deixando o Exército, assumiu o cargo de Químico da Inspeção do Serviço da Fiscalização da Medicina, a qual se dedicou com carinho e notável idoneidade científica, encontrado em seu desempenho um ambiente mais condizente com o gênero de estudos que há muito vinha se dedicando.

Em 1925, fundou e dirigiu a "Revista Brasileira de Medicina e Farmácia", mantida pela Casa Granado, onde publicou importantes trabalhos científicos, destacando-se entre eles o que escreveu sobre a "Sapucainha" *Carpotroche Brasiliensis*, o mais completo e moderno estudo sobre a planta.

O decreto de 17.509 de 4/11/1926 aprovou a 1ª Farmacopeia Brasileira, intitulada "Farmacopeia dos Estados Unidos do Brasil", o Código Nacional Farmacêutico, de autoria de Rodolpho Albino Dias da Silva, tornado obrigatória a partir de 15 de agosto de 1929. A primeira edição da Farmacopeia Brasileira equiparava-se às farmacopéias dos países

tecnologicamente desenvolvidos, porém diferenciava-se das demais por conter descrições de mais de 200 plantas medicinais, a maioria delas de origem brasileira.

A reforma do ensino de 1925 criou, no 3º ano do currículo farmacêutico, a cadeira de Farmacognosia, sendo Rodolpho Albino convidado para lecionar esta disciplina, ainda muito mal conhecida entre nós, daquela época.

Além de sua invulgar cultura científica e literária, Rodolpho Albino era grande cultor de artes, utilizando-se com maestria do lápis e do pincel, não só para ilustrar seus trabalhos científicos, como também para pintar magníficos quadros e executar apreciadas caricaturas. Pianista exímio, compunha nas horas vagas músicas que fizeram bastante sucesso. Era também poeta e tanto versejava em vernáculo como em francês, língua que conhecia profundamente.

Em sua homenagem, no município de Macuco (RJ) existe a Escola Municipal Dr. Rodolfo Albino. No Rio de Janeiro, a biblioteca da Associação Brasileira de Farmácias (ABI) recebeu o nome de Biblioteca Rodolfo Albino. Em Belém, Pará, encontra-se a Passagem Rodolfo Albino e no Leblon, Rio de Janeiro, existe a rua Rodolfo Albino..

Rodolpho Albino Dias da Silva faleceu precocemente, aos 42 anos, em 7 de outubro de 1931, na cidade do Rio de Janeiro.

Referências

<https://www.anm.org.br/rodolpho-albino-dias-da-silva/>

<http://www.ivfrj.ccsdecania.ufrj.br/biografias/rodolpho.html>

https://pt.wikipedia.org/wiki/Rodolpho_Albino

<https://jornaldaregiao.com/rodolpho-albino-por-dr-julio-carvalho/>

<https://www.trabalhosfeitos.com/ensaios/Biografia-Rodolfo-Albino/3772.html>

Augusto Cezar Diogo

Patrono da Cadeira 97

Membro Titular

Secção de Ciências Aplicadas à Medicina

Eleito: 26/10/1874 - Posse: 16/11/1874



O Dr. Augusto Cezar Diogo nasceu no dia 21 de abril de 1864, em Paramirim, no Estado da Bahia, filho de Braz Diogo das Chagas e de D. Carolina Amélia de Azevedo.

Graduou-se em Ciências Naturais pela Escola de Farmácia de Ouro Preto, em 1871, defendendo tese intitulada "Albumina e albuminóides". Ingressou no Serviço de Saúde do Exército enquanto ainda estudava, foi Alferes e pertenceu ao 2º Corpo de Exército.

Em 1873, foi promovido a Tenente Honorário por ter prestado serviços na Guerra do Paraguai. Foi, ainda, Encarregado do Laboratório do Hospital Militar.

Foi eleito Membro Titular da Academia Nacional de Medicina, em 1874, apresentando memória intitulada "Histórico e escolha do óleo de fígado de bacalhau ferruginoso". Diz-se que a sessão de sua posse foi histórica porque nela foi distribuída a Tribuna Farmacêutica, publicação do Instituto Farmacêutico, da qual foi Redator, que foi a primeira instituição profissional da classe no Brasil.

Foi Preparador de Farmácia e de Física Médica na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e escreveu o importante manual “Noções de Farmácia”, em 1871.

Em 1875, viajou para a Europa, a fim de ampliar seus conhecimentos e aplicá-los na melhoria das farmácias das repartições militares brasileiras.

Foi o primeiro Diretor do Laboratório Químico Farmacêutico do Exército, tendo o reestruturado como verdadeiro órgão industrial com ampliação da linha de produção de medicamentos. Foi considerado, na época, o grande avanço tecnológico da incipiente Indústria Farmacêutica Nacional.

Durante o período de transição do Império para a República, os farmacêuticos ficaram praticamente sem representação corporativa. Em 1893, era criado o Centro Farmacêutico Brasileiro, por iniciativa de Augusto Cezar Diogo e do também farmacêutico Antônio Silva Braga. No entanto, somente em 1916 seriam retomadas algumas reivindicações levantadas pelas associações durante o Império.

Foi membro da comissão designada pelo então Diretor Geral de Saúde Pública Nuno Ferreira de Andrade, em 1897, com o objetivo de elaborar o Código Farmacêutico Brasileiro, juntamente com os médicos Agostinho José de Souza Lima e Antonio Maria Teixeira, e o também farmacêutico Orlando da Fonseca Rangel.

O Dr. Cezar Diogo foi o primeiro Presidente de Honra da Associação Brasileira de Farmacêuticos e era Membro Titular da Sociedade Química de Londres. O Exército Brasileiro instituiu a “Medalha General Farmacêutico Cezar Diogo” em sua homenagem. É o Patrono Farmacêutico do Exército Brasileiro.

Seu filho, o Acadêmico Julio Cezar Diogo, seguiu os seus passos como farmacêutico e professor.

O Dr. Augusto Cezar Diogo faleceu na cidade do Rio de Janeiro, no dia 12 de março de 1923.

Referências

<https://www.anm.org.br/augusto-cezar-diogo/>

https://pt.wikipedia.org/wiki/Augusto_Cezar_Diogo

Adolfo Frederico Luna Freire

Patrono da Cadeira 98

Membro Titular

Secção de Ciências Aplicadas à Medicina

Membro Titular da Cadeira 42 – Secção de Medicina

Eleito: 13/12/1900 - Posse: 25/04/1901

Saudado por: Theóphilo de Almeida Torres



O Dr. Adolfo Frederico Luna Freire nasceu em Recife, Estado de Pernambuco, a 29 de agosto de 1864, filho do Desembargador Adelino Antônio de Luna Freire, que foi membro do Tribunal da Relação do Ceará, e de D. Umbelina Augusta de Melo Luna.

Médico diplomado pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, em 1887, sua tese de doutoramento, que teve por título “Estudo clínico da diátese fibrosa”, foi aprovada com distinção.

No fim do ano de 1888 e princípio de 1889, serviu de Adjunto de Clínica Médica da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, 2ª Cadeira, a cargo do Professor Martins Costa. Neste mesmo ano, foi eleito Membro Efetivo da Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro, tendo tomado parte na discussão que se travou, então, a propósito das mortes súbitas nesta Capital. Por este mesmo tempo ocupou o cargo de Secretário da redação do periódico científico “Brasil-Médico” em cujas colunas colaborou com certa assiduidade.

No final de 1889, se ausentou da capital federal, devido a problemas de saúde. Chegando à capital cearense, a 22 de março daquele ano, se entregou ao exercício da sua profissão e assumiu o cargo de Professor de Ciências Naturais da Escola Militar. Nas colunas "Gazeta do Norte" escreveu uma série de artigos intitulados "A Transfusão de Sangue", a propósito de um caso de gangrena senil, tratado pelo Dr. Meton de Alencar, com quem manteve então polêmica, servindo-se o último das páginas do "Cearense".

Trabalhou, também, nas Enfermarias São José e Santo Antônio, no Hospital Pedro II, na capital pernambucana, época em que foi colaborador dos Anais da Sociedade de Medicina de Pernambucana.

Retornando, em 1901, para o Rio de Janeiro, lá exerceu o magistério como Docente Livre de Clínica Médica da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e Professor de Higiene da Escola Normal. Foi médico da Santa Casa de Misericórdia, do Hospital da Gamboa e Sanitarista da Diretoria de Saúde Pública, colaborando com Oswaldo Cruz no combate à febre amarela.

Foi Presidente da Associação de Funcionários Públicos Civis, Membro Efetivo da Academia Cearense de Letras e Membro Correspondente da Academia Médica Italiana.

Foi eleito Membro Titular da Academia Nacional de Medicina, em 1900, apresentando a memória intitulada "A semiótica do espaço semilunar do espaço de traube", tomou posse em 1901 e foi transferido para a classe dos Honorários em 1927.

Em 1918, fez parte, no posto de coronel, da Missão Médica Militar enviada pelo Brasil à Europa em guerra, chefiada pelo coronel médico Nabuco de Gouveia, obtendo as condecorações Pro Labore e Medalha de Honra, por devotamento. Durante a epidemia da gripe, foi distinguido com convite para dirigir o Hospital de Bordeaux, demonstrando nessa chefia grande capacidade e dedicação.

Suas obras principais foram: "A Hipermegalia hepática", "Meningite secundária, consecutiva às eólicas do Recife", "Algumas considerações sobre a patologia nervosa", "Sobre um caso de hemi-espasmo facial", "Lição de clínica médica", "Filhos de alcoólatras", "Estudos sobre o câncer" e "Higiene na família e na escola".

O Dr. Adolfo Frederico Luna Freire faleceu na cidade do Rio de Janeiro, a 23 de setembro de 1953.

Referências

https://pt.wikipedia.org/wiki/Adolfo_Frederico_Luna_Freire

<https://academiacearensedeletas.org.br/membros/adolfo-f-luna-freire/>

<https://cearacultural.com.br/literatura/Adolfo-Luna-Freire.html>

Oscar Frederico de Souza

Patrono da Cadeira 99

Membro Emérito

Secção de Ciências Aplicadas à Medicina

Eleito: 27/09/1900 - Posse: 04/10/1900 – Emérito: 1933



Oscar Frederico de Souza, nascido a 6 de março de 1870, na cidade do Rio de Janeiro, era filho de João Baptista Alves de Souza e D. Delmira de Souza.

Fez seus estudos preparatórios no Colégio Pedro II e graduou-se em Medicina pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, em 1892, defendendo tese de doutoramento intitulada “Embriogenia Geral dos Invertebrados”.

Foi Professor Substituto de Fisiologia e Terapêutica, e conquistou, mediante concurso, em 1896, o cargo de Professor Substituto da 2ª Secção da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Em 1910 tornou-se Professor Catedrático de Fisiologia, se afastando da Cátedra apenas quando atingiu o limite de idade.

Era, também, Membro do Conselho Superior de Ensino.

Personalidade que se impôs não só no seio de sua classe como nos meios discentes, por ser excelente médico, renomado cientista e gran-

de didata. Divulgou amplamente seus primorosos trabalhos científicos, destacando-se no desempenho de várias comissões e participando de diversos congressos, dentre os quais: Conferência de Higiene e Demografia de Berlim (1917), na qual foi delegado do Brasil ao lado de Oswaldo Cruz.

Foi condecorado pelo rei da Itália por haver sozinho combatido um surto epidêmico de febre amarela entre os tripulantes do navio Lombardia, da frota daquele país amigo, que se encontrava no Porto do Rio de Janeiro.

Foi Fundador da Santa Casa de Misericórdia de São Lourenço, no sul do Estado de Minas Gerais, e Diretor da Policlínica Geral do Rio de Janeiro, além de Chefe da Clínica de Moléstias do Coração e dos Pulmões da mesma Policlínica.

Eleito Membro Titular da Academia Nacional de Medicina, em 1900, exerceu o cargo de Presidente da Secção de Ciências Naturais (1910-1912), Orador (1913-1915) e Presidente da Secção de Ciências Aplicadas à Medicina (1916-1925), sendo transferido para a classe de Eméritos, em 1933.

É autor de vários trabalhos, destacando-se "Os fatores da evolução" (1896), Alimentação dos europeus e trabalhadores indígenas nos países quentes" (1917), "Asma e arterioesclerose" (1917), "Lições de Clínica Terapêutica" (1918) e "Distrofia Gênito-glandular" (1918, em colaboração com o Professor Aloysio de Castro).

O Dr. Oscar Frederico de Souza faleceu a 6 de julho de 1941, aos 71 anos de idade, no Rio de Janeiro, sua cidade natal.

Referências

<https://www.anm.org.br/oscar-frederico-de-souza/>

https://pt.wikipedia.org/wiki/Oscar_Frederico_de_Souza

Ezequiel Corrêa dos Santos

Patrono da Cadeira 100

Membro Titular

Secção de Ciências Aplicadas à Medicina

Eleito: 15/10/1835 - Posse: 15/10/1835



O Dr. Ezequiel Corrêa dos Santos nasceu no dia 10 de abril de 1801, na freguesia do Pilar, hoje pertencente a cidade de Duque de Caxias, no Rio de Janeiro, filho de Ezequiel Antonio dos Santos e de D. Maria Rosa de Oliveira Santos.

Ingressou no curso de Farmácia da Academia Médico-Cirúrgica, provavelmente em 1817, após ter assistido aulas de química na Escola Militar, como previam os estatutos da instituição, matriculando-se no terceiro ano. Depois, teve de praticar por mais de um ano na botica designada pela Escola, a de José Caetano de Barros, Membro Honorário da Academia Nacional de Medicina. Aprovado nos exames finais, o Dr. Ezequiel foi diplomado Boticário (Farmacêutico) por Carta Régia, de 2 de junho de 1819 e doutorou-se adiante pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, apresentando tese intitulada "Monografia do geissospermum vellosii ("Pau Pereira)".

Era extremamente interessado nos estudos de Bromatologia e lutava pela elaboração de um novo Código Farmacêutico que levasse em conta a vasta flora medicinal.

Foi eleito Membro Titular da Academia Imperial de Medicina, em 1835, e foi Orador em 1837.

Fundou um laboratório e passou a estudar e preparar especialidades - um estabelecimento que ficava à disposição dos alunos da Faculdade - que posteriormente se chamaria UFRJ. Mais tarde, fundou a Fábrica Nacional de Produtos Químicos e Farmacêuticos Ezequiel & Filho, na atual rua Moncorvo Filho.

Em 1840, apresentou na Academia Imperial de Medicina um estudo sobre o princípio ativo que isolara da casca do "Pau Pereira", a pereirina, reconhecidamente o primeiro alcaloide isolado no Brasil, cujo preparado sob a forma de cloridrato foi amplamente empregado no combate à malária até o início do século passado XX. A ele também se atribui a síntese do primeiro composto orgânico no Brasil, o clorofórmio, em sua oficina farmacêutica e química na rua do Piolho (hoje rua da Carioca).

Em 26 de julho de 1850, um decreto imperial apontou-o Farmacêutico do Imperador D. Pedro II. Como uma das figuras mais proeminentes dentre os farmacêuticos, o Dr. Ezequiel participou de associações de classe com voz ativa em prol da melhoria do ensino de Farmácia. Ezequiel se destacou, ainda, no combate às epidemias. Durante os surtos de febre amarela e cólera no Rio de Janeiro, forneceu, sem qualquer ônus, medicamentos a postos de saúde, população carente, Hospitais dos Artífices e 4º. Batalhão de Artilharia.

Em 1851, fundou e presidiu a primeira sociedade da classe farmacêutica no Brasil do século XIX, a Sociedade Farmacêutica Brasileira, com fins de regularizar e garantir o exercício da farmácia no Brasil. Criou a "Revista Farmacêutica", que circulou entre 1851 e 1853 e, mais tarde, entre 1862 e 1864, voltou com o nome "A abelha".

O Professor Francisco de Paula Cândido, que foi presidente da Academia Imperial de Medicina, e então presidente da Junta Central de Higiene Pública, em novembro de 1851, solicitou a colaboração da Sociedade Farmacêutica Brasileira na organização das tabelas e dos materiais que uma botica deveria conter. Ezequiel Corrêa dos Santos foi nomeado para o cargo de Adjunto, em 7 de julho de 1852, passando a visitar as farmácias e procurando facilitar o papel fiscalizador da autoridade sanitária. Um dos frutos dessa participação foi o decreto de 7 de outubro de 1852, do Governo Imperial, que indicava para uso das boticas do Império, a

tabela de medicamentos, as farmacopeias, os vasilhames e instrumentos adequados. Em 1852, nomeada a Comissão de Farmacopeia da qual fazia parte o Dr. Ezequiel, com o objetivo de elaborar o Código Farmacêutico, entretanto, divergências profundas com a Central de Higiene Pública impediram a realização do grande sonho, sendo a matéria somente resolvida muitos anos depois, em 1926, com a elaboração da 1ª Farmacopeia Brasileira.

Em 1861, foi formalizado o acordo entre a congregação da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e o Dr. Ezequiel para a cessão do laboratório químico farmacêutico de sua propriedade, onde era ministrada a cadeira da Farmácia Prática. A reivindicação de criação desta cadeira nas faculdades de medicina, dirigida ao Imperador em 1852 e prevista na reforma do ensino em 1854, se concretizava, tendo à frente da Cadeira o seu filho, o Dr. Ezequiel Corrêa dos Santos Júnior.

A trajetória de Ezequiel Corrêa dos Santos nos dá uma ideia do tempo em que viveu. Primeiramente, seu engajamento político nas fileiras do liberalismo, depois como farmacêutico, lutando pelo reconhecimento profissional, pela qualidade do ensino a ser ministrado aos farmacêuticos e pelo combate ao charlatanismo, que invadia o mercado brasileiro de remédios com panaceias e elixires.

Ezequiel Correia dos Santos faleceu no dia 28 de dezembro de 1864, vítima de enterocolite, como noticiou o Diário do Rio de Janeiro, dizendo apenas que havia falecido “um químico habilitado e que era um liberal”.

Após a sua morte, a Academia Imperial de Medicina fez colocar um busto de Ezequiel na sala de suas sessões públicas em homenagem ao cientista, ao historiador de sua classe, ao jornalista e ao político. Em sua homenagem foi dada a uma rua, na Cidade do Rio de Janeiro, na área do Mangue, o nome de Dr. Ezequiel, mas esta desapareceu na reurbanização da Cidade Nova.

O Acadêmico José Messias do Carmo considerava o Dr. Ezequiel Corrêa dos Santos o pai da Farmácia brasileira e, em 29 de março de 1972, o propôs como Patrono da Cadeira 100 da Academia Nacional de Medicina.

- Ezequiel Corrêa dos Santos e o Liberalismo:

(<https://www.scielo.br/j/qn/a/HZQss9XmXrSzgvK8kBLsphL/?lang=pt>)

Ezequiel era um liberal convicto, com ampla penetração nos movimentos políticos, sendo o principal representante da classe dos boticários na época da Independência. Assinou os autos do Fico e da Aclamação e Coroação de D. Pedro I. Em 1823, após o fechamento da Assembleia Constituinte, Ezequiel ingressou na Sociedade Secreta dos Amigos Livres, onde dois traços característicos de sua trajetória política o acompanharão posteriormente: a luta pelas liberdades e o associativismo.

Nas boticas do Brasil, tanto na época colonial como na imperial, reuniam-se em determinadas horas da tarde ou da noite para discussão de natureza política ou religiosa, para conversas sobre assuntos variados, os homens de importância do lugar. Algumas boticas, como a de Ezequiel, na rua das Mangueiras, eram um espaço de sociabilidade para discussão e propagação das ideias exaltadas. Daí a quadrinha:

*"Na botica vende tudo.
Vende da purga ao sudário.
Só não vende, por cautela,
a língua do boticário..."*

A partir de 1829 com a radicalização das lutas políticas surge na Corte uma nova facção, os liberais exaltados. Seus membros não eram integrantes da elite política ou socioeconômica do Império, sendo basicamente oriundos das camadas médias urbanas. Os exaltados fazem da imprensa seu principal canal de ação. Dentre os periódicos do período editados na Corte, encontra-se a Nova Luz Brasileira (1829-1831), cujo redator era Ezequiel Corrêa dos Santos. Processado em agosto de 1831, sob a alegação de abuso da liberdade de imprensa, por comprometer a segurança pública ao fazer apologia ao regime republicano, foi absolvido em setembro do mesmo ano.

Após o processo, mudou de tática e de espaço de atuação: findou a publicação da Nova Luz Brasileira e congregou seu grupo em nova associação política, fundada em dezembro de 1831, a Sociedade Federal Fluminense²⁶, cujo principal objetivo era derrubar a Regência e proclamar o sistema federativo ou republicano.

A trajetória de “exaltado” de Ezequiel terminou com o Ato Adicional à Constituição em 12 de agosto de 1834, que consagrou a descentralização. Tornou-se membro do Partido Liberal, elegendo-se duas vezes vereador à Câmara Municipal da Corte, muito mais em função de sua ação como boticário que por suas atividades políticas.

Ezequiel era considerado um “Jacobino” na Corte do Imperador. Durante a Revolução Francesa, os jacobinos defendiam reformas sociais e, na Assembleia Nacional, sentavam-se do lado esquerdo da sala de reuniões. No Brasil, os clubes republicanos radicais do fim da monarquia se diziam jacobinos por defender as mesmas ideias dos franceses um século antes.

Referências

<https://www.anm.org.br/ezequiel-correa-dos-santos/>

<https://editora.fgv.br/produto/ezequiel-correa-dos-santos-um-jacobino-na-corte-imperial-1620>

<https://www.scielo.br/j/qn/a/HZQss9XmXrSzgvK8kBLsphL/?lang=pt>

<https://museudouniversodafarmacia.com.br/acervo/linha-do-tempo/ezequiel-correa-dos-santos/>

<http://sec.s bq.org.br/cdrom/30ra/resumos/T0079-2.pdf>

<https://www.estantevirtual.com.br/livros/basile-marcello-o-/ezequiel-correa-dos-santos-um-jacobino-na-corte-imperial>

<https://brasilecola.uol.com.br/historiag/jacobinismo-acao-politica.htm>

<https://www2.senado.leg.br/bdsf/item/id/1049>

https://www.estantevirtual.com.br/livros/luiz-edmundo/rio-de-janeiro-no-tempo-dos-vice-reis-o-cp-dura-2-vols-/4078040981?gclid=CjwKCAjwIJimBhAsEiwA1hrp5vZm9n8EKMRv27Vw7lscMHXAFyDqXc7oLdpd5I48UH3gJZ1l8f36MhoC75UQAvD_BwE

<https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/JACOBINISMO.pdf>

Acadêmico Francisco SAMPAIO



- Professor Titular, Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)
- Presidente, Academia Nacional de Medicina (ANM), 2015-2017; 2022-2023

Atividades Médicas

- MD Universidade do Estado do Rio de Janeiro (1983).
- Treinamento em Urologia – Hospital Federal de Ipanema.
- Título de Especialista em Urologia (Sociedade Brasileira de Urologia / Associação Médica Brasileira).
- Consultor de Urologia, Hospital Pró-Cardíaco (1995 – 2018).
- Consultório Privado de Urologia (1988 -).

Atividades Universitárias

- Professor da Graduação em Medicina, UERJ (1984 -).
- Professor da Pós- Graduação em Ciências, UERJ (1989 - 2005).
- Professor da Pós- Graduação em Cirurgia, UERJ (2005 -).
- Criou e Coordenou a Pós-Graduação (Mestrado e Doutorado) em Cirurgia, UERJ (2005 - 2019).
- Professor Titular e Chefe, Unidade Urogenital, UERJ (1995 -).
- Pró-Reitor de Pós-Graduação, Pesquisa e Extensão, UGB/FERP, Volta Redonda, Rio de Janeiro (2011 - 2022).
- Reitor, UGB/FERP, Volta Redonda, Rio de Janeiro (2023 -).

Atividades de Pesquisa

- MS Universidade Federal do Rio de Janeiro (1986) – período sanduíche, Université René Descartes, Paris V, 1985.
- PhD Universidade Federal de São Paulo (1989).
- Pesquisador Titular (Nível 1A), Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, CNPQ (1986 – 2025).
- Pesquisador Titular, Cientista de Nosso Estado, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro, FAPERJ (1999 -).
- Na Pós-Graduação, orientou e coorientou, desde 1990, 55 alunos de Mestrado, 40 alunos de Doutorado e 5 Supervisões de Pós-Doutorado.
- Na Graduação orientou mais de 100 alunos bolsistas de Iniciação Científica.

- Possui mais de 50 Projetos Aprovados, com verba de pesquisa concedida, por Instituições Oficiais de Fomento à Pesquisa.
- Editor Chefe, IBJ Urology (IBJU), 2000 – 2010.
- Editor Emérito, IBJ Urology (IBJU), 2019 – .
- É Membro do Corpo Editorial e Revisor ad-hoc de 12 periódicos internacionais.
- Possui mais de 250 artigos científicos completos em revistas de circulação internacional, de impacto, indexadas no PubMed/Medline (índice h=43).
- Possui mais de 30 capítulos de livro no exterior e mais de 80 capítulos de livros no Brasil.
- Publicou o primeiro livro médico de autor brasileiro nos EUA em 1993: Renal Anatomy Applied to Urology, Endourology, and Interventional Radiology, Thieme Medical Publishers, 1993.
- Teve marcante atuação no avanço da Endourologia, a nível internacional, na década de 1990, através de trabalhos pioneiros.
- Possui 3 livros médicos publicados como Editor e 2 livros como co-editor.
- Criou e Coordena a Unidade de Pesquisa Urogenital da UERJ, desde 1989, onde já foram realizadas mais de 180 teses de Mestrado e Doutorado, em Sistema Urogenital, orientadas pelo proponente e por outros professores da unidade, e produzidos mais de 300 artigos científicos publicados em revistas indexadas ISI/PubMed e mais de 100 capítulos de livros.
- Foi apontado entre os 600 Cientistas de Instituições Brasileiras, de todas as Áreas do Conhecimento, que estão elencados entre os 100 mil melhores do mundo, ou seja, os top 2% da Tabela-S6-career-2019 (Journal Plos Biology, 2020, 2021, 2022).

Atividades a Nível Nacional

- Coordenador da Área de Medicina-III (Cirurgia – Mestrado e Doutorado) para todo o Brasil, nos períodos de 2005-2007 e 2008-2011, da Coordenação de Pessoal de Nível Superior (CAPES), Ministério da Educação (MEC).
- Consultor Senior, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, CNPQ, Ministério da Ciência e Tecnologia (1986 -).
- Consultor, Coordenação de Pessoal de Nível Superior, CAPES (2000).
- Consultor, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro, FAPERJ.

Sociedades Científicas

- Sociedade Brasileira de Urologia
- European Association of Urology
- America Urological Association
- Confederação Americana de Urologia
- Société Anatomique de Paris

Academias de Medicina

- Academia Nacional de Medicina – Brasil - Membro Titular, Cadeira 92, desde 1999.
- Academia Nacional de Medicina do Brasil - Presidente: 2015-2017, 2022-2023
- Academia Brasileira de Médicos Escritores - Membro Honorário

- Academia Nacional de Medicina de Portugal - Membro Correspondente Estrangeiro
- Academia Nacional de Medicina da França - Membro Associado Estrangeiro

Alguns Prêmios e Homenagens

- 1987 - Prêmio e Medalha “Alberto Gentile”, pela Obtenção do 1o. lugar no Concurso Nacional para Título de Especialista em Urologia, Sociedade Brasileira de Urologia.
- 2001 - Título e Medalha do Mérito Pedro Ernesto, Câmara Municipal do Rio de Janeiro.
- 2002 - Título e Medalha Tiradentes, Assembleia dos Deputados do Rio de Janeiro.
- 2007 - Prêmio – “Cistoscópio de Ouro” - pela Contribuição Acadêmica e Formação de Discípulos em Urologia, Universidade de São Paulo - Divisão de Urologia da USP.
- 2008 - Prêmio Análise em Medicina 2008, Revista Análise. Médicos mais Admirados pelos Colegas - Especialidade Urologia.
- 2011 - Medalha Juscelino Kubitschek (Maior Comenda Urológica no Brasil), da Sociedade Brasileira de Urologia.
- 2019 - Editor Emérito, International Braz J Urol, Sociedade Brasileira de Urologia.
- 2022 - Ordem do Mérito Médico na Categoria de Grande Oficial - Maior Condecoração Médica no Brasil.

Outras Distinções

- 1999 - Paraninfo - Residentes de Urologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).
- 2000 - Professor Visitante, Disciplina de Urologia, Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP).
- 2002 - Professor Visitante, Disciplina de Urologia, PUC do Rio Grande do Sul.
- 2002 - Professor Visitante de Urologia, Faculdade de Ciências Médicas de Porto Alegre.
- 2003 - Professor Visitante, Disciplina de Urologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).
- 2005 - Professor Visitante, Divisão de Urologia, Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo (USP).
- 2005 - Paraninfo dos Formandos (Residentes e Pós-Graduandos - 2005) Disciplina de Urologia e Programa de Pós-Graduação em Urologia, Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP).
- 2007 - Homenagem Especial, Patrono da IIIa. Maratona Urológica do Rio de Janeiro.
- 2008 - Visiting Professor, Division of Urology, University of Minnesota, USA.
- 2008 - Visiting Professor, Faculty of Medicine Ramathibodi Hospital, Mahidol University, Bangkok, Thailand.
- 2008 - Honorary Speaker, “Phaitun Gojaseni Lecture”, 20th Thai Urological Association and Asian Congress of Urology, Pattaya, Thailand.
- 2010 - Homenagem pelo trabalho realizado como Coordenador de Área - Cirurgia, Comitê de Avaliação da Medicina III, CAPES / MEC.
- 2019 - Comenda Nacional de Excelência em Urologia, Congresso Brasileiro de Urologia, Curitiba, Paraná.
- 2023 - Homenagem do Conselho Regional de Medicina, CRM, pela Contribuição Científica à Medicina do Estado do Rio de Janeiro.

Biografia Resumida

Prof. Francisco SAMPAIO



Nasceu no Rio de Janeiro em 04 de outubro de 1954, o Professor Francisco SAMPAIO é Professor Titular na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e Presidente da Academia Nacional de Medicina (2015-2017, 2022-2023), graduou-se em Medicina pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) em 1983. Fez Mestrado em Ciências pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (com período na Université René Descartes, Paris) e Doutorado em Ciências pela Universidade Federal de São Paulo em 1989. É professor da UERJ desde 1984 e tornou-se Professor Titular do Centro Biomédico da Universidade do Estado do Rio de Janeiro em 1995, por concurso de provas e títulos. Criou e coordena desde 1989 a Unidade de Pesquisa Urogenital. É urologista praticante e possui Título de Especialista pela Sociedade Brasileira de Urologia / Associação Médica Brasileira, por concurso de Provas e Títulos, desde 1987.

Pesquisador 1A do Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq), onde é pesquisador desde 1986 com vigência até 2026, sem interrupção, e Pesquisador Cientista de Nosso Estado da Fundação de Amparo à Pesquisa do Rio de Janeiro (FAPERJ) desde 1999. Possui forte inserção internacional na Europa e nos EUA, através de diversas palestras e trabalhos apresentados, centenas de artigos, livros e capítulos de livros publicados.

Ocupou a posição de Coordenador Geral da Área de Pós-Graduação stricto-sensu em Cirurgia (Medicina-III) da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), Ministério da Educação, para todo o Brasil, nos períodos de 2005 a 2007 e de 2008 a 2011. Foi Pró-Reitor de Pós-Graduação, Pesquisa e Extensão (2011-2022) e atual Reitor na FERP/UGB, Volta Redonda, Rio de Janeiro.

Presta consultoria a diversas instituições oficiais de fomento à pesquisa no Brasil e no exterior. É revisor “ad-hoc” e membro do Corpo Editorial de diversos períodos científicos internacionais, tendo sido Editor-Chefe por 11 anos do IBJ Urology, sendo atualmente Editor Emérito. Orientou mais de 100 alunos de Mestrado e Doutorado, participou em mais de 100 Bancas Examinadoras de Pós-Graduação e Concursos, tendo sido membro de mais de 10 bancas de Professor Titular em universidades do Brasil e do Exterior.

Recebeu diversos prêmios e honrarias ao longo da carreira médica e Acadêmica. Foi eleito Membro Titular da Academia Nacional de Medicina em 1999, tendo ocupado posições em diversas Diretorias, sendo Presidente nos biênios 2015-2017 e 2022-2023.

É citado há 3 anos consecutivos entre os 2% de Cientistas mais Influentes do Mundo, entre todas as áreas do conhecimento.



ISBN: 978-65-87646-02-2

CD



9 786587 646022



Edit^ora
Academia Nacional de Medicina